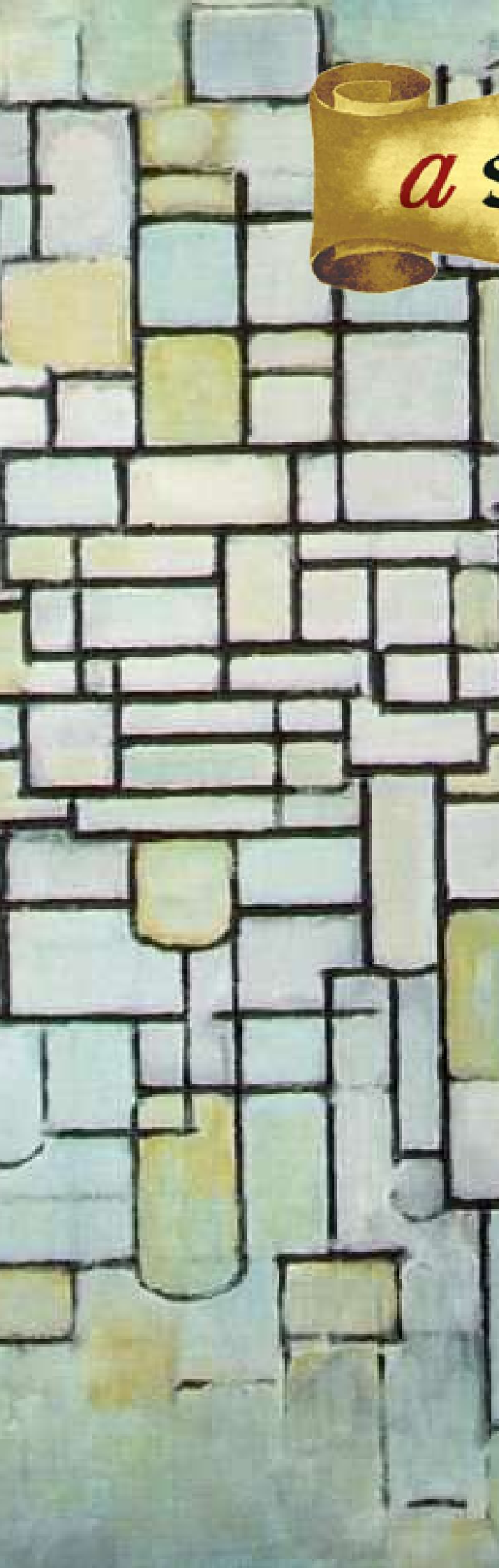




a sephallus

Volume III – Número 6
Maio a Outubro de 2008

Revista do Núcleo Sephora
de Pesquisa sobre o Moderno
e o Contemporâneo /UFRJ

ISSN 1809-709 X

EDITORIAL.....	09
O DIAGNÓSTICO E O TRATAMENTO DOS SINTOMAS OBSESSIVOS NA CONTEMPORANEIDADE	
THE DIAGNOSIS AND THE TREATMENT OF THE OBSESSIVE SYMPTOMS IN THE CONTEMPORANEOUSNESS	
Tania Coelho dos Santos	
ARTIGO 1.....	12
O PSICANALISTA FRENTE AOS SINTOMAS SOCIAIS	
EL PSICOANÁLISIS FRENTE A LOS SÍNTOMAS SOCIALES	
THE PSYCHOANALYST IN FACE OF THE SOCIAL SYMPTOMS	
Irene Beatriz Greiser	
ARTIGO 2.....	48
NOTAS SOBRE O CORPO	
NOTAS SOBRE EL CUERPO	
NOTES ABOUT THE BODY	
Vera Goralí	
ARTIGO 3.....	64
O SINTOMA COMO PROBLEMA E COMO SOLUÇÃO	
THE SYMPTOM AS A PROBLEM AND SOLUTION	
Sérgio Laia	
ARTIGO 4.....	73
COMO FORMALIZAR UM CASO CLÍNICO?	
HOW TO FORMALIZE A CLINICAL CASE?	
Lêda Guimarães	
ARTIGO 5.....	84
DAS FÓRMULAS DA SEXUAÇÃO AO EMPUXO-À-MULHER	
THE SEXUATION IN PSYCHOSES: PARANOIA, FEMININE AND FEMINILITY	
Vanessa Campbell da Gama	
ARTIGO 6.....	106
M.: O PEREGRINO	
M.: EL CAMINANTE	
M.: THE HIKER	
Suzana Amado	
ARTIGO 7.....	114
O VOYEUR E A MORTE	
EL VOYEUR Y LA MUERTE	
LE VOYEUR ET LA MORT	
THE VOYEUR AND THE DEATH	
Roger Cassin	

ARTIGO 8.....	130
DR. JEKYLL Y MR. HYDE	
DR. JEKYLL ET MR. HYDE	
DR. JEKYLL AND MR. HYDE	
Tania Coelho dos Santos	
ARTIGO 9.....	140
CONVERSAÇÃO CLÍNICA SOBRE O PARCEIRO-SINTOMA NA NEUROSE OBSESSIVA	
CONVERSACIÓN CLÍNICA ACERCA DEL PARCERO-SINTOMA EN LA NEUROSIS OBSESIVA	
CLINICAL CONVERSATION ABOUT THE SYMPTOM PARTNER IN THE OBSESSIVE NEUROSIS	
Cláudia Lázaro	
TRADUÇÃO 1.....	148
A RESPEITO DA NEUROSE OBSESSIVA FEMININA	
ABOUT THE FEMININE OBSESSIVE NEUROSIS	
Serge Cottet	
TRADUÇÃO 2.....	161
O HOMEM DOS RATOS	
THE MAN OF THE RATS	
Esthela Solano-Suarez	
ATUALIDADES.....	171
INTERVENÇÃO NO GRAND MEETING DO PALÁCIO DA MUTUALITÉ: QUE POLÍTICA PARA A CIVILIZAÇÃO?	
INTERVENTION AU GRAND MEETING DU PALAIS DE LA MUTUALITE: QUELLE POLITIQUE DE CIVILISATION?	
INTERVENTION IN THE GRAND MEETING OF THE PALACE OF THE MUTUALITÉ: WHICH POLITICS FOR THE CIVILIZATION?	
Tania Coelho dos Santos	
RESENHA.....	175
A CAUSA DO CRIME	
THE CRIME'S REASON	
Maria José Gontijo Salum	
NORMAS PARA PUBLICAÇÃO DE TRABALHOS.....	179
RELATÓRIO DE GESTÃO.....	187

EDITORA:**Tania Coelho dos Santos**

Coordenadora do Núcleo SEPHORA de pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo

EDITORES ASSOCIADOS:**Serge Maurice Cottet**Prof. Dr. Titular do Département de Psychanalyse da Universidade de Paris VIII
(Paris/França)**Ana Lydia Bezerra Santiago**Profa. Dra. Adjunta do Mestrado em Educação, da Faculdade de Educação, da
Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG (Belo Horizonte/MG)**Adriana Rubistein**Professora da Faculdade de Psicologia da Universidade de Buenos Aires (Buenos
Aires/Argentina)**CONSELHO EDITORIAL:****Alberto Murta**Prof. Dr. Adjunto da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Espírito
Santo/UFES (Vitória/ES)**Ana Beatriz Freire**Profa Dra. do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de
Psicologia, Departamento de Psicologia Geral e Experimental da Universidade
Federal do Rio de Janeiro/UFRJ (Rio de Janeiro/RJ)**Angélica Rachid Bastos Grinberg**Profa. Dra. do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de
Psicologia, Departamento de Psicologia Geral e Experimental da Universidade
Federal do Rio de Janeiro/UFRJ (Rio de Janeiro/RJ)**Daniela Sheinckman Chatelard**Profa. Dra. Adjunta da Pós-graduação em Psicologia, da Faculdade de Psicologia, da
Universidade de Brasília/UNB (Brasília/Distrito Federal)**Fernanda Costa Moura**Profa. Dra. do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de
Psicologia, Departamento de Psicologia Geral e Experimental da Universidade
Federal do Rio de Janeiro/UFRJ (Rio de Janeiro/RJ)**Hebe Tizio**Profa. Dra. da Faculdade de Educação, da Universidade de Barcelona
(Barcelona/Espanha)**Heloísa Caldas**Profa Dra. do Instituto de Psicologia, Departamento de Psicologia Clínica, da
Universidade Estadual do Rio de Janeiro/UERJ (Rio de Janeiro/RJ)**Ilka Franco Ferrari**Profa. Dra. do Mestrado em Psicologia, da Faculdade de Psicologia, da Pontifícia
Universidade Católica de Minas Gerais/PUC-MG (Belo Horizonte/MG)**Jésus Santiago**Prof. Dr. Adjunto do Mestrado em Filosofia e Psicanálise, da Faculdade de
Psicologia, da Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG (Belo Horizonte/MG)

José Luis Gaglianone

Profissional autônomo

Doutor pelo Département de Psychanalyse, da Universidade de Paris VIII
(Paris/França)

Leny Magalhães Mrech

Livre-docente do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de
Educação, da Universidade de São Paulo/USP (São Paulo/São Paulo)

Marcela Cruz de Castro Decourt

Profissional autônomo

Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de
Psicologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ (Rio de Janeiro/RJ)

Márcia Maria Rosa Vieira

Coordenadora da Especialização em Psicologia da Faculdade de Psicologia, do
Centro Universitário do Leste de Minas Gerais/UNILESTE (Belo Horizonte/MG)

Márcia Mello de Lima

Profa. Dra. Adjunta do Programa de Pós-graduação em Pesquisa e Clínica em
Psicanálise, do Instituto de Psicologia, do Departamento de Psicologia Clínica, da
Universidade Estadual do Rio de Janeiro/UERJ (Rio de Janeiro/RJ)

Marcus André Vieira

Prof. Dr. Adjunto do Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica, da
Faculdade de Psicologia, do Departamento de Psicologia Clínica, da Pontifícia
Universidade Católica do Rio de Janeiro/PUC-RJ (Rio de Janeiro/RJ)

Maria Angélica Teixeira

Profa. Dra. do Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica, da Faculdade de
Psicologia, da Universidade Federal da Bahia/UFBA (Salvador/BA)

Maria Cristina da Cunha Antunes

Profa. Dra. da Faculdade de Psicologia da Universidade Estácio de Sá/UNESA (Rio
de Janeiro/RJ)

Marie-Hélène Brousse

Profa. Dra. Maître de conférence, do Département de Psychanalyse da Universidade
de Paris VIII (Paris/França)

Ram Avraham Mandil

Prof. do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Faculdade de Letras, da
Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG (Belo Horizonte/MG)

Rosa Guedes Lopes

Profa. Dra. da Faculdade de Psicologia da Universidade Estácio de Sá/UNESA (Rio
de Janeiro/RJ).

Sérgio Chagas de Laia

Prof. Dr. Titular da Faculdade de Ciências Humanas, da Fundação Mineira de
Educação e Cultura/FUMEC (Belo Horizonte/MG)

Sílvia Elena Tendlarz

Doutora pelo Département de Psychanalyse, da Universidade de Paris VIII
(Paris/França)

COMISSÃO DE REDAÇÃO
Ana Paula Sartori
Ana Lydia Bezerra Santiago

COMISSÃO EXECUTIVA
Fabiana Mendes
Marcela Cruz de Castro Decourt
Rosa Guedes Lopes

EQUIPE DE TRADUÇÃO
Maria Luiza Caldas (espanhol)
Gisela Aragão (inglês)
Catarina Coelho dos Santos (francês)

REVISÃO DE PORTUGUÊS
Wilca Bruno

REVISÃO TÉCNICA
Tania Coelho dos Santos

REVISÃO FINAL
Rosa Guedes Lopes
Fabiana Mendes

PROJETO GRÁFICO
Vianapole Design e Comunicação Ltda.

FICHA CATALOGRÁFICA:

aSEPHallus / Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica. Núcleo Sephora de pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. - VOLUME III, n. 6, (mai. - out. 2008). – Rio de Janeiro : Ed. Sephora, 2005- .

Semestral.

Modo de acesso: http://www.nucleosephora.com/asephallus/numero_06/index.htm

ISSN 1809-662X

1. Psicanálise – Periódicos I. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica. Núcleo Sephora de pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo.

CDD 150.195

LINHA EDITORIAL

A revista aSEPHALLUS é uma publicação temática, semestral, de trabalhos originais nacionais ou estrangeiros que se enquadrem em alguma das seguintes categorias: relatos de pesquisa em psicanálise pura e aplicada, ensaios sobre a formação do psicanalista e do pesquisador em psicanálise, relatos de casos clínicos aprovados pelo comitê de ética da instituição de origem do pesquisador, resenhas e textos relativos a atualidade na área de teoria, clínica e política da psicanálise de orientação lacaniana.

PERIÓDICO INDEXADO NA BASE DE DADOS:

- QUALIS (Nacional C) – www.periodicos.capes.gov.br
- INDEX-PSI - www.bvs-psi.org.br
- LILACS/BIREME – Literatura Latino-Americana e do Caribe das Ciências da Saúde, da Organização Pan-americana da Saúde (OPAS) e da Organização Mundial da Saúde - www.bvs.br

PUBLICAÇÃO FINANCIADA COM RECURSOS DO GRANT / CNPQ.

Esta revista é encaminhada como doação para todas as bibliotecas da Rede Brasileira de Bibliotecas da Área de Psicologia – ReBAP: <http://www.bvs-psi.org.br/rebap/telas/bibliotecas.htm>

HOMEPAGE: <http://www.nucleosephora.com/asephallus>

NOMINATA:

O Conselho Editorial da REVISTA aSEPHallus agradece a contribuição dos seguintes professores doutores na qualidade de pareceristas:

Alberto Murta - UFES
Anderson de Souza Sant' Anna - FUNDAÇÃO JOÃO CABRAL-MG
Antônio Márcio Ribeiro Teixeira – UFMG
Fernanda Costa Moura - UFRJ
Fernanda Otoni de Barros - UFMG
Glacy Gorski - UFPB
Heloísa Caldas - UERJ
Ilka Franco Ferrari – PUC-MG
José Luís Gaglianone - PARIS VIII (França)
Leny Magalhães Mrech -USP
Lúcia Grossi dos Santos – FUMEC-MG
Márcia Maria Vieira Rosa – CEFEM-MG
Marcus André Vieira – PUC-RJ
Maria Cecília Galletti Ferretti - USP
Ram Avhram Mandil - Letras/UFMG
Serge Maurice Cottet - PARIS VIII (França)
Sérgio Chagas de Laia – FUMEC-UFMG

O DIAGNÓSTICO E O TRATAMENTO DOS SINTOMAS OBSESSIVOS NA CONTEMPORANEIDADE

THE DIAGNOSIS AND THE TREATMENT OF THE OBSESSIVE SYMPTOMS IN THE CONTEMPORANEOUSNESS

Tania Coelho dos Santos

Cresce, na civilização globalizada, o gosto pela descrição fenomenológica dos sintomas. Não se procura mais conhecer sua lógica, compreender o mecanismo psíquico inconsciente que lhe confere sua universalidade e sua irreduzível particularidade. Uma parte considerável da clínica psiquiátrica se reduz, hoje, à prescrição de medicamentos. O que se medica se não se sabe de que se trata? A resposta dominante é a prova terapêutica. Medica-se o fenômeno na expectativa de reduzi-lo graças ao medicamento. Quando o resultado é positivo, está concluída a prova terapêutica. E quando o medicamento não funciona? O que fazer?

A psicanálise, diferentemente dessa tendência, persegue a causa irreduzível do sintoma. A extensão de sua abordagem a novos campos tem nos levado a praticar a psicanálise aplicada nas instituições de saúde, educacionais, jurídicas e até no reduto mais refratário ao sujeito e ao inconsciente que é o mundo do trabalho, das empresas e organizações. No Campo Freudiano, graças à criação de um grande número de Centros de Atendimento, a psicanálise está cada vez mais ao alcance da população de baixa renda que não chega aos consultórios particulares. Não resta dúvida, trata-se de obter efeitos terapêuticos por meio dessas novas práticas: a aceleração dos efeitos terapêuticos da psicanálise. O que não significa, de modo algum, contornar a necessidade de saber de quê se trata. A psicanálise pura continua sendo a condição, o fundamento, a base do exercício dessa clínica psicanalítica aplicada graças a novos dispositivos terapêuticos.

O sexto número de *aSEPHallus* é dedicado à psicanálise pura, em particular, à clínica da neurose obsessiva. Em artigo inédito, baseado em sua tese de doutorado, Irene Beatriz Greiser, nos apresenta uma discussão cuidadosa da expressão sintomas sociais. Ela nos alerta para o risco que representa a redução do sintoma, no discurso da civilização contemporânea, a uma mera desregulação do funcionamento social ideal. Afinal, é essa abordagem reducionista que justifica o tratamento pela prova terapêutica. O sintoma, como ela reafirma, é o modo particular pelo qual o sujeito goza de seu inconsciente mas, quando esse gozo não passa pelo Outro do inconsciente, quando esse laço se rompe, temos o sintoma social. Há sintoma social quando o laço com o Outro do inconsciente é anulado. A psicanálise enraíza-se na sólida tradição psiquiátrica pois, como recorda Vera Goral, desde seus primeiros trabalhos sobre as paralisias orgânicas, motoras, histéricas, Freud diferencia o corpo anátomo-patológico do outro corpo, ligado ao simbólico e especialmente destinado a desvelar as verdades mais secretas do sujeito sem que este saiba nada disso. A libido inscreve mensagens codificadas no corpo simbólico que perturbam, inibem, modificam a enervação neuronal anatômica como ocorre na histeria, ou erotizando o pensamento, como na neurose obsessiva.

A leitura que propõe Esthela Solano do caso de Freud, "O homem dos ratos", incide sobre esse ponto: a neurose obsessiva comporta uma erotização do pensamento. Todo pensamento obsessivo que dê lugar a alguma construção, não importa o quão louca ela seja, será sempre ligada à sexualidade. Vivemos numa época em que os sintomas dos neuróticos obsessivos estão sendo reduzidos à terminologia do DSM IV: são TOC. Nesse sentido, convém lembrar, como esclarece Lacan, que um

sintoma obsessivo é uma frase que visa alcançar a destruição de alguma coisa por intermédio da própria articulação da forma verbal, isto é, pela via do significante. A psicanálise funda-se no campo da fala e da linguagem. Serge Cottet lembra que temos o hábito de falar da histeria no feminino e da neurose obsessiva no masculino. Uma clínica dessa diferença estrutural transcende a diferença entre os sexos? Lacan raramente faz objeção a esta dissimetria, mesmo ressalvando, ocasionalmente, que “o histérico não é obrigatoriamente mulher e o neurótico obsessivo não é obrigatoriamente homem”. Existiria, se pergunta Cottet, uma especificidade da neurose obsessiva feminina que a atualidade traria novamente à tona? Nós sabemos que são comuns, nos dias de hoje, os diagnósticos de TOC em mulheres. Freud aborda a neurose obsessiva como um dialeto da histeria. Isso nos permite localizar sintomas obsessivos (rituais, defesas, obsessões) em momentos cruciais da história da neurose em uma mulher. Vanessa Campbell, partindo do pressuposto de que na psicose não há a simbolização da lei edípica, pergunta se podemos dizer que o psicótico não se inscreveu nem do lado masculino nem do lado feminino. Como fica a posição do psicótico na partilha dos sexos? De que recursos ele pode se valer para situar-se na diferença sexual? O empuxo-à-Mulher pode ser considerado uma forma de o sujeito posicionar-se na partilha dos sexos?

Trazemos ainda, na seção clínica desse número, quatro artigos apresentados no VI Congresso Internacional da Associação Mundial de Psicanálise, que aconteceu em Buenos Aires, em abril, desse ano. Cláudia Lázaro comentou-os conforme se segue: trata-se de quatro casos de neurose obsessiva masculina. Ela levanta uma pergunta decisiva sobre a eficácia do tratamento psicanalítico do sintoma: o que é que cada sujeito ganha com o novo circuito pulsional que se constrói graças a sua análise? Suzana Amado relata que suas intervenções incidiram sobre circuito pulsional que impulsionava seu analisando a caminhadas para abordar mulheres na rua e assediá-las com palavras obscenas. Um circuito novo surge graças ao encontro com uma parceira que não se intimida com suas fantasias. Isso vai levá-lo a procurar silhuetas femininas na internet, objeto que não precisa mais ser buscado nas perigosas caminhadas pela rua. Roger Cassin fala de um caso de agorafobia que envolve um gozo voyeurista com um pênis em ereção. Ao final do tratamento, esse analisando encontrará uma nova relação amorosa que ele não trata como um pênis morto. A agorafobia desaparece e a importância de sua atividade voyeurística se reduz. Finalmente, o caso que apresentei demonstra que a drogadicção, sintoma social da contemporaneidade, não é uma estrutura clínica. Este analisando me ensina que a droga é o tratamento espontâneo que ele dá aos seus pensamentos obsessivos. Essa análise faz surgir o que foi recalcado pela neurose obsessiva. O desejo de ser um grande escritor, que lhe permitiria triunfar sobre um pai medíocre. O debate sobre esses quatro casos de neurose obsessiva masculina nos trouxe elementos clínicos indispensáveis para sustentar uma aposta numa prática orientada pelo diagnóstico do sintoma.

O sintoma para psicanálise, como desenvolve Sérgio Laia, é um problema que causa sofrimento, mas pode ser também uma solução. A psicanálise pura não é uma experiência alheia à terapêutica. O processo analítico, na orientação lacaniana, termina com a produção de um analista, entretanto, o sintoma não é eliminado como um problema nem é completamente solucionado. Acredito que os casos apresentados na seção clínica sirvam para mostrar isso muito bem. O psicanalista não é messiânico. Não promete a cura dos efeitos da linguagem sobre o corpo do se falante. Essa abordagem do sintoma no dispositivo analítico, como esclarece Lêda Guimarães, envolve um tratamento ao sofrimento que inclui produção de um saber pelo analista. A autora se pergunta: qual é o papel da formalização do caso clínico? A psicanálise é uma clínica, não é uma teoria abstrata, nem uma elucubração obsessiva. Essa clínica, entretanto, não existe sem a formalização teórica. A teoria da psicanálise é essencialmente uma teoria da clínica que consiste nessa articulação íntima entre o real da experiência e a teoria relativa a esse real. A formalização do caso clínico em psicanálise, diferentemente do que ocorre nas

práticas que dispensam o diagnóstico, é um instrumento para que o analista venha a operar por meio de seu ato.

Maria José Gontijo traz uma resenha do livro de Sílvia Tendlarz e Carlos Dante intitulado: *A quién mata o asesino?*. Os autores defendem uma posição inédita que justifica que o psicanalista se interesse pelos criminosos. Deve-se buscar, em todos os casos de homicidas, uma implicação do sujeito, sua responsabilidade em relação ao crime. O que não equivale a dizer que para todos os casos se deveria indicar um tratamento psicanalítico. Contudo, o psicanalista deve procurar localizar se depois do crime ocorreu uma mudança na posição do sujeito, verificando se haveria uma resposta subjetiva ao ato.

Na seção de Atualidades deixei registrada minha defesa pública, por ocasião do Grand Meeting no Palais de La Mutualité, quando fui surpreendida, durante esse encontro, por um convite de Jacques-Alain Miller para que falasse do sistema de avaliação das pós-graduações e da pesquisa no Brasil. O pequeno texto que se segue contém as afirmações que constaram da minha intervenção.

Muito obrigado a todos que colaboraram conosco.

O PSICANALISTA FRENTE AOS SINTOMAS SOCIAIS

Irene Beatriz Greiser

Psicóloga pela Universidade de Buenos Aires/Argentina
Professora adjunta de Psicopatologia e Docente do Curso de Especialização em
Psicologia Forense da Universidade de Ciências Sociais e Empresariais de Buenos Aires
Membro da Escuela de Orientación Lacaniana/Argentina
Membro da Associação Mundial de Psicanálise

irenegreiser@ciudad.com.ar

Resumo

O artigo orienta a intervenção analítica nos sintomas que a subjetividade atual assume. Trabalha a relação entre o sintoma e o Outro e como essa relação foi se modificando. Para a psicanálise o social não é anônimo. Ele responde ao laço entre um sujeito e o Outro. Mas a estrutura do Outro muda e os sintomas variam de acordo com o discurso do Outro. A pulsão é a-social e traça um irreduzível. Porém, cada época aloja o mais-de-gozar de modo diferente. Por isso, é necessário fazer uma abordagem dos laços familiares e situar a função específica que o primeiro Outro, ou seja, os "Complexos familiares", tem para a psicanálise. O sintoma é o modo particular pelo qual o sujeito goza de seu inconsciente, mas quando esse gozo não passa pelo Outro do inconsciente, quando esse laço se rompe, temos o sintoma social. Há sintoma social quando o laço com o Outro do inconsciente é anulado.

Palavras-clave: psicanálise, sintoma, Outro, gozo

THE PSYCHOANALYST IN FACE OF THE SOCIAL SYMPTOMS

Abstract

The article orients the analytical intervention in the symptoms that the current subjectivity assumes. It works the relation between the symptom and the Other and how this relation was modified. For psychoanalysis the social is not anonymous. It responds to the bond between a subject and the Other. But the structure of the other changes and the symptoms vary according to the discourse of the Other. The drive is non social and it traces something not reductive. Nevertheless, each time holds the more joy in a different way. That is why it is necessary to make an approach of the family bonds and situate the specific function that the first Other, which is the "family complexes", has for psychoanalysis. The symptom is the private way which the subject has joy in his unconscious but when this joy does not pass through the Other of the unconscious, when this bond is broken, we have the social symptom. There is social symptom when the bond with the Other in the unconscious is annulled.

Key words: psychoanalytical clinic, unconscious, social symptoms, Other, joy.

É um fato comprovado a extensão que a prática do psicanalista tem hoje em dia; ela não se limita ao consultório, os analistas estão nos juizados, nas escolas, nos centros de atenção ao menor, nos presídios, etc. Por isso mesmo, na hora de intervir nesses lugares, é importante saber a partir de onde intervir, para que nossa prática não fique diluída nem confundida com outros discursos, mas conserve os princípios que regem a sua ética.

O presente artigo constitui uma intenção de traçar coordenadas que orientem a intervenção analítica nos sintomas que a subjetividade da atualidade assume.

Toda intervenção analítica no campo do social requer uma operação na qual o sujeito deve ser extraído desse campo. A psicanálise como procedimento é uma experiência que opera sobre um sujeito, e é só a partir do respeito a essa singularidade que se pode esperar uma ação no social.

O conceito de sociedade não determina nenhum sujeito, é um anônimo. Para a psicanálise, porém, o social não é anônimo; ele responde ao laço que um sujeito estabelece com o Outro. Lacan definiu o sintoma social quando justamente não há laço social e, nesse sentido, foi precursor do que atualmente ocorre nas violências, abusos sexuais, toxicomanias, delitos, crimes, que dão conta, cada um ao seu modo, de uma subjetividade que prescinde do laço com o Outro.

A estrutura do Outro Social muda e os sintomas variam de acordo com o discurso vigente de cada época.

Freud traçou um eixo que divide as águas do que é e do que não é psicanálise ao redor do nó central do inconsciente e da sexualidade. A psicanálise não é um idealismo que progride em direção da eliminação da neurose e nem do sintoma.

Para pensar os sintomas sociais, seguiremos a pergunta que Freud se faz no “Mal-estar na cultura”, é ali onde se coloca a relação existente entre a neurose e o Outro Social.

I- O sujeito e o Outro Social

A cultura em Freud não foi pensada como conhecimentos ou saberes universitários e nem como obras de arte. Para a psicanálise, a cultura é laço e, tratando-se dos sintomas sociais, é necessário fazer uma leitura da época na qual a subjetividade se inscreve como resposta. Do mesmo modo, também é preciso repensar se as respostas que Freud encontrou ainda são vigentes ou se devemos inventar novas respostas para novos sintomas.

Se a subjetividade varia, o mal-estar em si mesmo é o irredutível que atravessa toda época e lugar. Freud não teve uma posição idealista. Tanto no “Mal-estar na cultura”, como no texto “Totem e tabu”, Freud situa, com a pulsão de morte, um irredutível que traça um horizonte ético que exclui toda a intenção idealista de progresso ao nível do social. Educar a pulsão é um impossível. Para Freud, Eros como força que une e faz os laços não era mais poderoso que Tântatos que os destrói.

Há um horizonte a-social que não é contingente à época, mas o irredutível da própria pulsão, que se satisfaz de um autismo que prescinde do Outro. A pulsão é a-social, mas o inconsciente não.

O inconsciente é um discurso, por isso mesmo é político e a partir desse discurso do Outro se lhe atribuem identificações que governam o sujeito. O inconsciente é esse Outro que é político¹. Daí que, se a pulsão é a-social, o inconsciente não o é. O inconsciente é social enquanto dá conta da relação do sujeito ao discurso do mestre.

Freud situa o ato parricida no coração da genealogia da cultura, como fundante da lei pela qual o sujeito se introduz no social. Não se trata só de matar o pai, mas de fundar

um pacto para a distribuição do gozo e garantir que ninguém ocupará o seu lugar. Assim, ato parricida e ato social são dois movimentos articulados.

A família como função de transmissão

A família é o primeiro Outro do sujeito e também pode ser objeto de estudo sociológico, jurídico, pedagógico. Abordá-la a partir da psicanálise, no entanto, requer delimitar a especificidade da dita abordagem.

Tanto Freud, em seu texto "O mal-estar na cultura", como Lacan em "Os complexos familiares", localizam a família mais além de sua função biológica. A família tem uma função de transmissão e é o espaço onde o sujeito faz a experiência do inconsciente. Ali interpreta o desejo do Outro encarnado nas figuras parentais. Mamãe, papai e bebê são lidos a partir dos lugares que ocupam na estrutura edípica e, a partir da metáfora paterna, trata-se do Nome-do-Pai, do Desejo da mãe e dos objetos *a*.

Os analistas abordam a família a partir do axioma lacaniano da não relação sexual. A inexistência da relação sexual entre os sexos leva cada família a inventar seu próprio mal-entendido. O mal-entendido é de estrutura, as formas de organização da família não são. É a partir das figuras parentais que essa relação sexual é captada pela criança como pai/mãe. "A família está essencialmente unida por um segredo, por um não dito [...] É um desejo não dito, é sempre um segredo: de que gozam a mãe e o pai" (MILLER, 2006, p. 341).

Sua união não depende dos laços legais, mas de um segredo (MILLER, 1997). A família é coisa do inconsciente e não uma questão de reprodução biológica.

Os analisantes falam de suas famílias porque são figuras do Outro: do pai degradado, do pai idealizado, do pai carente ou do pai tirano, falam do pai do mesmo modo que se fala do sintoma.

A partir de 1938, Lacan se referiu ao declínio da imago paterna. Em seus textos "Os complexos familiares" e "Contribuição da psicanálise à criminologia", afirma que a família não fica reduzida à sua função biológica, mas que tem um papel de transmissão de um resto.

Em 1938, Lacan situa o pai como aquele que deve encarnar a autoridade. Muito cedo adverte acerca da relação existente entre o declínio dessa autoridade e os crimes.

A mudança nos laços familiares é um fato constatável. Cada vez mais, a família passa a ser questão do Estado, que busca regular os laços cada vez mais desintegrados.

As novas configurações familiares de parcerias monoparentais, os avanços científicos tais como bancos de esperma, as provas de paternidade através do DNA, o pedido de legalização das parcerias gays bem como os pedidos de adoção fazem com que, se para a psicanálise a família é coisa do Inconsciente, a Sagrada Família seja somente coisa da Igreja.

Do mal-estar da época freudiana ao mal-estar atual

Cada época tem seu modo de viver a pulsão e se presentifica como essa exigência impossível de satisfazer. Isso traça, a partir de Freud, um irreduzível que impede a satisfação plena e a felicidade para o sujeito. Mas, na época vitoriana na qual Freud viveu, a neurose era o resultado da renúncia ao gozo e o discurso do Outro social propunha a renúncia à satisfação na compensação de uma vida com ideais mais virtuosos. A hipocrisia burguesa era a resposta a esse discurso. Essa restrição é localizada por Freud como a causa da neurose e ligada ao pai e ao social. Era uma época na qual a satisfação devia se ocultar, não era bem visto dar a ver o gozo de cada um. Não é que não se gozasse, mas que o gozo estava velado. Não era a época do Grande Irmão².

O discurso atual variou a proposta, não propõe o mesmo que na época freudiana. Já não se promove a renúncia. Ao contrário, se promove não só um empuxo a gozar, mas que este se diga e se mostre. Esse empuxo ao gozo já não encontra os diques e limites que havia antes.

Lacan chamou discurso capitalista àquele discurso que produz um sujeito insatisfeito e dividido não pelo inconsciente, mas pelo mercado do consumo.

Jacques-Alain Miller (2005) propõe para a atualidade o discurso hipermoderno, no qual não é o Ideal que governa o sujeito. O lugar de comando é ocupado pelo objeto de consumo. O sujeito está dividido não por não alcançar o Ideal, mas por não alcançar o gozo.

Para Lacan, foi Marx o inventor do sintoma, porque foi quem deu forma discursiva ao mal-estar do assalariado, enquanto o capitalista ficava com um a mais de seu trabalho. Seu idealismo o levou a pensar que essa desigualdade distributiva podia ser resolvida. Isso que Marx tematiza como mais-valia Lacan nomeia como mais-de-gozar, a recuperação de um gozo perdido inerente ao sujeito falante, seja patrão ou assalariado. Esse mais-de-gozar ilimitado é o que hoje ocupa o lugar de comando. O Outro social, por meio do consumo, promove um mais-de-gozar cada vez mais sofisticado e alijado do laço social.

Cada discurso promove um laço. Em 1969-70, Lacan estabeleceu em seu *Seminário 17* o Outro sob a modalidade de quatro discursos, como quatro modos diferentes de distribuição do gozo: o discurso histérico, o do mestre, o universitário e o discurso analítico. São maneiras diferentes de tratamento do gozo e da tentativa de sua recuperação através da função de mais-de-gozar.

Surge assim a questão acerca dos dispositivos que cada época dispõe para localizar seu mais-de-gozar. Ao sujeito insatisfeito que descobre a psicanálise lhe é oferecido uma série de objetos para sua satisfação que anulam sua divisão subjetiva. A esses objetos Lacan os chamou de *gadgets* (LACAN, 1969-70).

O discurso capitalista produz em série esses objetos *gadgets*, que cumprem a função de tamponar a castração e assim o mestre moderno deixa de estar encarnado no pai. O mestre moderno hoje triunfou sobre a autoridade do pai; é mais, está mais para o mercado que para o pai. Um novo discurso se impõe ao sujeito pela via dos meios massivos de comunicação que nos falam sob regulação, como devemos viver, quantos filhos ter, como educá-los, o que comer, são os manuais da vida. Este último produz um novo tipo de subjetividade e de sintomas. Os laços já não são estabelecidos com um pai que traça um estilo de vida de acordo com os seus ideais, mas esse pai é substituído por um manual e uma mulher pode ser substituída de forma mais satisfatória pela droga ou pelo computador. O discurso capitalista incidiu na subjetividade promovendo uma nova relação entre o sujeito e o modo de gozar. Promoveu um tipo de satisfação que não passa pelo Outro deixando ao sujeito um gozo autista, com o qual se geram mais sintomas sociais. Com os *gadgets*, o sujeito fica em um gozo autista que não faz laço com o Outro.

A que nos referimos quando falamos em sintomas sociais, uma vez que, para nós analistas, o sintoma é singular, é de um sujeito? Lacan definiu o sintoma como o modo particular que o sujeito tem de gozar de seu inconsciente, mas quando esse gozo não passa pelo Outro do inconsciente, quando se rompe o laço, temos o sintoma social, do qual surge no nosso mal-estar contemporâneo, a destruição desse laço que se traduz num fechamento do inconsciente e isso nos leva à pergunta: o que fazer? Não saber o que fazer é o que atravessa a nossa época. Miller e Eric Laurent traduzem o mal-estar na cultura como *impasse* ético (MILLER, 1996-97).

A reprodução assistida, os bancos de esperma, as clonagens produzem, a partir da ciência, a possibilidade de engendramento sem laço sexual. Fica por investigar que conseqüências produzirão nos sujeitos, e não é fácil, atualmente, fazer uma leitura dos sintomas frente a esse *impasse* ético.

O discurso contemporâneo que torna homogêneo o próprio gozo foi anulado e, com ele, a função de exceção que encarna o pai. O semblante do pai fica homogeneizado com a posição dos filhos, os filhos podem recorrer ao juiz, e à falta de ficar anulada a dimensão da causa, se pedem e se buscam responsáveis por todas as partes. Lacan denominou isso de a era da criança generalizada, já que ninguém se faz responsável pelo seu gozo.

A criança generalizada

A “criança generalizada”, expressão que Lacan utilizou para qualificar a posição de irresponsabilidade do sujeito contemporâneo, bem pode ser agregada ao título do filme *A criança*³, ao qual quero fazer uma referência. O filme trata de um casal de adolescentes que vivem na rua, são “as crianças da rua”, mas de um país desenvolvido.

O laço é o grande ausente e a segregação é quem desempenha o papel protagonista. Não se mostra qualquer laço familiar, nem o diretor oferece elementos que permitam um deslizamento até “a compreensão” de seus atos por intermédio de sua constituição familiar. O filme mostra somente um encadeamento de fatos. Ela está grávida e tem um bebê. Ele se dedica a roubar. Pode obter tudo o que quer roubando sem limite algum. O filme prossegue até localizar um limite.

O drama se desencadeia a partir do momento em que tem que registrar esse sujeito que é o seu filho e dar-lhe uma filiação por meio do registro com o seu sobrenome. Nesse momento preciso, ocorre-lhe que essa criança pode ser uma mercadoria e, outorgando ao filho um valor de troca, vende-o.

Esse episódio marca um limite para ela que se traduz na ruptura do laço entre as jovens crianças. Ele lhe diz que podem fazer outro e ela exige e obtém a restituição de seu filho.

O filme mostra claramente como é inoperante o limite proveniente dos semblantes da lei, e como esse limite chega para ambos pela via do laço amoroso. A ela, pelo laço com seu filho; a ele, pela identificação com uma criança que é detida pela polícia em um delito que ele mesmo induziu. Esse episódio o leva a se fazer responsável por seu ato e sozinho se entrega à polícia.

Como poucos, os irmãos Dardenne, diretores do filme, souberam representar a criança generalizada como posição da subjetividade contemporânea. A criança é a mãe, a criança é o pai, a criança é o bebê, a criança são os pais ausentes dessas crianças. Todos somos crianças. Só se sai do lugar de ser uma criança quando um sujeito se faz responsável pelo seu ato. E, nesse sentido, é inteligente e valioso por parte dos Dardenne o fato de não incluir aspectos familiares que levem à compreensão da vítima, via uma narratologia de sua vida, que contribua para desresponsabilizar os atos do sujeito, sejam quais forem os determinismos do Outro.

II- O declínio da autoridade paterna e sua incidência nos sintomas atuais

O declínio da autoridade paterna na atualidade é algo mais que evidente, mestres, pais, juízes e sacerdotes se unem na mesma queixa nostálgica acerca do pai. Mas, a partir das categorias analíticas, esse declínio é conseqüente e correlativo a um declínio da primazia do Nome-do-Pai enquanto significante que, no campo do Outro, articula um desejo à lei.

Lacan e Freud não tiveram a mesma posição a respeito do pai, nem ocuparam os mesmos lugares na comunidade analítica. Há em Freud uma relação entre a autoridade encarnada no pai e a crença, a qual se manifesta como figura do destino.

O pai como figura do destino é uma bússola para o sujeito e uma análise torna claras as marcas que essa autoridade deixou. A internalização dessa autoridade, perpetuada por meio do supereu, marca o consentimento por parte do sujeito à causa localizada na lei do pai.

Nos pacientes bussolados pelo pai, este aparece por onde queira e ali se escutam queixas traduzidas como “outra vez meu pai”. O neurótico está doente do pai, mas nas novas formas que o sintoma assume encontramos-nos cada vez mais com pacientes nos quais parece que nada tem a ver com o pai. Eles se surpreendem diante da pergunta insidiosa do analista por esse determinismo, pois nem recordações infantis eles têm. Seus sintomas parecem não ser respostas à autoridade encarnada no pai como causa e isso instaura um efeito de descrença.

A neurose atual, os novos sintomas, ou como quer que os chamemos são uma resposta a esse declínio da autoridade na qual já não se crê nem no pai, nem no inconsciente. O problema parece ser não tanto o declínio de sua autoridade, mas a crise enquanto descrença. A censura de Hans dirigida ao pai a respeito da falta de um limite quando ele dorme com sua mãe - “você deve ficar chateado” -, evidencia a função paterna como falida, mas o pai estava no centro de sua neurose e Hans crê no pai e na autoridade de Freud. Há uma autoridade que é garantia de boa fé e o temor de Hans em relação aos cavalos dá conta de que o sintoma fóbico é um deslocamento do temor ao pai.

Mas os diques pulsionais como vetos à satisfação que Freud localizou no pai e em seus substitutos já não se sustentam do mesmo modo. Hoje, não adianta nada invocar o nome do pai. Os mestres já não podem tocar as crianças, porque correm o risco de serem acusados de abusadores. O dito “você vai ver quando papai chegar...” tampouco serve, porque já nem há papai que venha e, em caso de ele existir, o pai tomou outra forma.

Juan Carlos Indart (2004) destaca isso de uma forma muito precisa quando alude ao pai professor, amigo, conciliador, e indica que para a psicanálise “há uma nova maneira de pensar o vínculo social e é o que se estabelece entre um que manda e outro que obedece”. Com a contribuição de Lacan, essa referência se escreve em nossas letras psicanalíticas pelo significante S_1 em relação ao S_2 . Lacan nomeou como discurso do mestre aquilo que Freud chamou de complexo de Édipo como nó patogênico da neurose. Indart nos propõe pensar as novas configurações sintomáticas a partir de uma Clínica que não tem origem no discurso do mestre, mas que parte do discurso universitário.

Um discurso define um laço social e por isso é preciso saber não só onde o sujeito está posicionado no discurso, mas também quem é o seu parceiro. Assim, os sintomas descritos por Freud respondem a um discurso no qual o pai impera como mestre.

Lacan ingressa na psicanálise pelo lado da sociologia. Em seus trabalhos “Complexos familiares” (1938) e “Introdução à função teórica da psicanálise em Criminologia” (1950), nos adverte acerca daquilo que mais tarde chamará de “os signos de uma degeneração catastrófica”, signos de um giro no discurso. O pai que manda é o pai localizado no discurso do mestre. O juiz, o mestre, ou aqueles que Freud chamou substitutos do pai são figuras que encarnam a autoridade do mestre, mas Lacan adverte acerca do declínio dessa autoridade e também sobre o aumento dos crimes no nível social quando a ordem paterna é substituída por uma outra ordem, qualificada como ordem de ferro (LACAN, 1973-74, aula 10).

“A psicanálise demonstrou que se a menina ou o menino não entram no discurso do mestre, eles não entendem o que é a lei, e nem que haja alguém que mande e alguém que obedeça” (INDART, 2004). Isso não é uma questão de tirania, mas de que ali a castração se articula como amarração do desejo com a lei.

Recentemente, no *Seminário 17, O avesso da psicanálise*, por meio dos discursos, Lacan formaliza o perfil desse novo mestre que introduz uma nova ordem, porque não está certo de que se trata de uma nova autoridade.

Cada discurso situa diferentes dominâncias que marcam distinções a respeito da autoridade em jogo e a primazia do pai se situa no discurso do mestre, que é o discurso do inconsciente. Ali se cumpre a função de interdição marcada pela barreira da impossibilidade entre o sujeito e o objeto. A autoridade a encarna no significante primeiro que comanda o saber.

O mestre moderno, Lacan o localiza no discurso universitário. No discurso universitário não é o pai o que manda, mas quem se identifica a um saber e se dirige a um objeto. Constitui uma nova autoridade? Como situar ali uma autoridade quando não se trata do laço entre dois sujeitos? A prevalência lhe dá um saber que bem pode ser anônimo, e ele se dirige a um sujeito que bem pode estar na posição de objeto para que o rigor lhe seja aplicado, não o rigor da lei, mas o do saber a ser avaliado ou estudado.

Para que a lei seja operante, ela deve estar localizada no lugar de agente de um discurso, a partir de onde comanda o laço. Juan Carlos Indart (2007) situa o lugar de inoperância no qual se localiza a lei no discurso universitário: "A lei está no lugar da verdade, quer dizer, em um lugar inoperante em relação ao qual o sujeito está separado por uma barreira infranqueável".

Essa citação de Indart é útil para entender que, como apelos à lei, as transgressões respondem a sujeitos que querem um mestre, tal como Lacan responde aos estudantes do maio francês. Mas a questão é outra, quando a lei é inoperante, nem incompreendida nem desconhecida, não se trata de sujeitos que forcluam o Nome-do-Pai, nem de perversos, nem de débeis inimputáveis, mas simplesmente do fato de que a lei não opera neles como limite.

O discurso universitário, declinado em protocolos avaliativos, propõe qualificações que não representam um sujeito.

A dominância já não é exercida por um sujeito que, em posição de mestre, encarna um desejo articulado a uma lei. Ela é exercida por um saber anônimo que não transmite nenhum desejo. Ali não se trata do amor por um mestre, nem por um substituto paterno. Tampouco se trata de um saber que possa ser lido na perversão paterna. Trata-se de um saber anônimo, que se dirige a um sujeito reduzido a um objeto a ser avaliado. Por isso, nesse seminário, Lacan usa o neologismo *astudado* para dar conta da posição de objeto do sujeito, esteja ele ou não na universidade. Não se trata da universidade, mas do discurso moderno de toda a sociedade, seja ela composta por estudantes ou não. O discurso universitário está nos meio massivos, nos dispositivos, nas pesquisas. A televisão nos informa constantemente que não há impossível. A barreira da impossibilidade que sustenta a castração não está entre o sujeito e o objeto, porque o próprio sujeito é um objeto. Essa barreira se situa entre o sujeito e o significante mestre.

O discurso universitário oferece a possibilidade de pensar a clínica dos sujeitos desbussolados, desidentificados⁴.

O declínio na autoridade do pai se deduz do declínio do discurso do mestre e produz um déficit de duas questões:

1. déficit na função do "não";
2. déficit na crença no inconsciente.

Essas duas dimensões apresentam um desafio na própria prática da psicanálise para reinstalar não o pai, mas o significante mestre, do qual Lacan nunca disse que se pode prescindir. Se, por um lado, é possível prescindir do pai, por outro, não é possível prescindir do significante mestre, porque é ele que representa o sujeito.

O declínio da autoridade do pai é acompanhado por um declínio no discurso do mestre do inconsciente. Confrontamo-nos com uma clínica que se apresenta, cada vez mais, sob a forma da angústia, da depressão, de patologias do ato e não pelo sintoma.

As novas configurações sintomáticas

O que é novo nos novos sintomas? O novo é uma preocupação permanente porque implica uma questão sobre as categorias a partir das quais é possível ler a irrupção do novo.

O pensamento de Alain Badiou, atravessado por Lacan, propõe-nos uma forma de pensar o novo. Em seu livro *El Siglo* (2006), ele sustenta que o novo deste século foi subjetivado como um imperativo e isso levou ao empuxo de romper com o velho.

Levado à sua máxima pureza, o projeto emancipador do homem novo rompe os laços porque, para que algo seja totalmente novo, é preciso a ruptura com toda a tradição que possa ligar um sujeito a uma autoridade que encarne um laço. A destruição da autoridade levou à aniquilação do sujeito detrás do homem novo.

A ciência contribuiu para isso. Se Badiou chama este século de o século do crime, é porque, findas as ideologias, o século não se apresenta por meio de promessas, mas dos cumprimentos. “É o século do ato, do presente absoluto e não o anúncio de um porvir” (BADIOUS, 2006, p. 83).

O homem novo acaba sendo um homem sem atributos, um homem tão novo que nada se pode pregar sobre ele. É a pureza absoluta, porque para pregar sobre ele devo devolvê-lo ao Outro.

Quando um sujeito em análise fala de sua família, embora fale mal, como é de se esperar, esse sujeito não é um sujeito sem predicados. Fala de seus laços com o Outro. A psicanálise requer um sujeito com atributos. O progresso que proclama um homem novo desligado da família não é um preceito da psicanálise. Não se trata de estar nem pró nem contra a família, mas dos laços de um sujeito. “Os signos do declínio do Nome-do-Pai devem ser lidos na transformação do registro do amor e não no da autoridade nem no dos ideais” (BRODSKY, 2006).

Quando um sujeito chega à análise com seus padecimentos, busca-se o seio em relação ao qual eles apareceram. Não se trata de restituir a família, mas os laços do sujeito ao Outro. O sujeito que busca por intermédio de uma análise os significantes aos quais está sujeitoado nunca será um homem sem atributos.

Jacques-Alain Miller, em uma conferência proferida em Comandatuba (MILLER, 2004), nos dá uma orientação para pensar o novo. Se, em Freud, tínhamos sintomas caracterizados pela dominância do Ideal sobre o gozo, essa dominância já não é mais exercida pelo Ideal. Ela é uma ditadura determinada pela dominância do objeto *a* sobre o ideal. Não se trata mais de uma ditadura do pai que encarna proibições. Trata-se de uma ditadura do gozo. A clínica atual nos confronta com sujeitos que se apresentam mais do lado da angústia, da depressão e das patologias do ato do que do lado do sintoma. O declínio do discurso do mestre e o giro até o discurso universitário tiveram sua incidência sobre isso.

Ao declinar a função do veto paterno, encontramos-nos com os vaticínios de Lacan: proliferação de patologias do ato, violências, sujeitos em conflito com a ordem pública. A dimensão social do sintoma, que condena cada sujeito a reger-se pela ditadura do mais-de-gozar, faz com que se rompam como nunca os laços matrimoniais e provocam a dispersão da família. A violência no seio da família é levada aos juizados, numa escala nunca vista. Confrontamo-nos assim com sujeitos agentes de sintomas sociais, nos quais não se verifica um sintoma subjetivo, no qual é preciso crer para que ele se constitua como tal.

Demissão da função paterna

Com a desagregação e a dispersão da família, o pai não só deixa de existir no discurso do sujeito, mas também na realidade ou, se ele existe, pode se demitir de sua função.

A clínica de sujeitos desbussolados, que não consentem em se fazer representar pelo significante, requer rifar certos obstáculos para o que é o clássico trabalho da análise. É assim que, no nível da configuração dos laços familiares, encontramos com duas classes de fenômenos: sujeitos descrentes do pai, mas também com pais que se demitiram de sua função.

A pergunta que surge então é: qual é essa função?

Lacan usa o termo demissão no *Seminário 23: o sinthoma*, para se referir ao pai de Joyce.

O dicionário da Real Academia Espanhola define este termo como “renúncia a um emprego ou função”. Então, não se trata ali da recusa do significante do Nome-do-Pai, como em Schreber, mas da dimensão da função de um pai encarnado que se demite da transmissão de um desejo, que certamente não é anônimo. O pai do qual se espera a transmissão de um saber ao filho é um pai vivificante e não um pai morto. Lacan define esse pai vivo como versão ou perversão paterna.

Quando o pai é tomado pelo sujeito como a lei, encontramos a entrada na psicose. Ali se dá conta do encontro com Um pai de um saber absoluto. Mas não é disso que se trata com estes sujeitos desbussolados. Com eles, encontramos pais encarnados que se demitem da transmissão, não do saber como absoluto, mas de um saber particularizado, o que também produz efeitos destrutivos. Encarnar quer dizer que alguém, um sujeito, deve emprestar um corpo a essa função e esse emprestar um corpo implica que ali há um desejo.

Hoje em dia, confrontamo-nos com uma clínica que é mais o efeito de pais que se demitem da função de transmissão do que aquela outra clínica que é efeito do pai extraordinário de Schreber. O pai da lei e o pai-versão não são opostos. O “não” que se põe em jogo com a interdição subsidiária da lei é condição necessária para a construção de uma versão do pai.

No lugar do pai como portador de uma interdição, aparece outra coisa que não é o pai. Há uma relação entre a dimensão da função paterna e algo que Lacan assinala na aula 10 do *Seminário 21: os não tolos erram*, ou *Os nomes do pai*. Ali, Lacan afirma que a anulação desse “não” é signo de uma degeneração catastrófica. Diz que o Nome-do-Pai foi substituído por outra coisa. “O desfiladeiro do significante pelo qual passa ao exercício esse algo que é o amor é muito precisamente esse Nome-do-Pai que é não só ao nível do dizer e que se emite pela voz da mãe ao dizer não para um certo número de proibições” (LACAN, 1973-74).

É interessante destacar o caráter dessa substituição, porque não se trata de um substituto paterno, mestre ou juiz, tampouco se trata do sintoma cumprindo a função do pai, mas a função do limite é substituída por outra função que encarna o social. Há ali uma função que se substitui por outra. Não se trata de substituir o pai por outro elemento que cumpra a mesma função. Trata-se da substituição da própria função da lei.

Substituir o elemento e conservar a função implica que também se conserva uma ordem. Porém, ao se substituir uma função por outra, o resultado é uma alteração na ordem. O Nome-do-Pai é substituído por uma outra função, por uma ordem que substitui o Nome-do-Pai em sua função de laço. A essa função Lacan a chama “nomear para”. Transcrevo abaixo uma citação de Lacan:

É bem estranho que aqui o social toma um predomínio de nó e que literalmente produza o argumento de tantas existências; ele detém esse poder de ‘nomear para’ ao ponto que, depois de tudo, se restitui com isso

uma ordem que é de ferro, que designa essa marca como retorno do Nome-do-Pai no real, tanto que precisamente o Nome-de-Pai foi rejeitado [...] Por acaso esse nomear para não é o signo de uma geração catastrófica? (LACAN, 1973-74, 19/03/1974).

Vemos aqui que não se trata do destino traçado pelo pai, mas pelo social. Isso que Lacan chama "os signos de uma geração catastrófica" alude a que essa nova função já não articula o desejo à lei.

No mundo atual, com as transformações no nível das novas configurações familiares, a interrogação é a seguinte: quem encarna essa função de traçar um limite que enlace o sujeito não ao pai, mas a um desejo articulado à lei?

III- Abuso sexual

No ano de 1912, Freud escreveu o texto "Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor", no qual fica explicitado que o laço ao parceiro sexuado é feito sob certas condições: para gozar dele devo degradá-lo. Diz Freud:

Esta necessidade de um objeto sexual degradado, ao qual se enlace fisiologicamente a possibilidade de uma completa satisfação, explica a frequência com que os indivíduos pertencentes às mais altas classes sociais buscam seus amantes, e às vezes suas esposas, em classes inferiores (FREUD, 1912)

Mais adiante, no mesmo texto, Freud acrescenta que "a psicanálise verá com bom grado que se utilizem suas descobertas para substituir o nocivo pelo proveitoso".

Ele nos adverte sobre uma degradação que é geral. Na época de Freud, a degradação recaía sobre a eleição do objeto amoroso numa mulher de classe inferior, porém o lugar do objeto amoroso era ocupado por um sujeito. O abuso sexual bem podia ser um dos signos dessa geração catastrófica.

Hoje em dia, que forma a degradação toma? Não estamos assistindo, por acaso, a uma degradação tal que, no lugar do objeto amoroso, o sujeito, que deveria estar ali, é substituído por uma substância química que se consome, ou pelo computador ou toma uma criança como objeto sexual?

A degradação atual chegou a tomar a forma de aniquilação do laço por meio da violência ou simplesmente por meio da solidão na qual o sujeito contemporâneo fica cada vez mais escondido.

Longe de esgotar o controvertido tema sobre o abuso sexual, faz-se necessário uma contribuição para pensá-lo a partir da psicanálise. A questão ficará aberta, em última instância, no caso a caso. Os chamados "abusos sexuais" são de diversas índoles. É difícil determinar qual ato é catalogado como abuso: encontramos-nos com uma bolsa de fenômenos na qual tudo vai parar ali. O dicionário enciclopédico *Encarta* localiza: abuso de confiança, abusos de autoridade, abuso de poder, abuso ou assédio sexual. Mas, dentro de tanta dispersão, há uma marca que é comum aos diferentes tipos colocados nesse catálogo, "trata-se de um excesso" e isso sim é conveniente à leitura que fazemos do mal-estar de nossa civilização.

O abuso sexual em crianças merece uma reflexão. Não entrarei naquilo que se dá chamar abuso de gênero.

Começemos por traçar algumas coordenadas que localizem a partir das categorias analíticas uma resposta acerca do lugar da criança para a psicanálise.

Em seu trabalho "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade", Freud deixa marcadas as bases da sexualidade infantil e rompe com a pretendida inocência da infância. Ele situa uma antecipação da libido a respeito da eleição do objeto incestuoso que, no

complexo de Édipo, logo sucumbe à repressão e continua num longo período de latência como inibidor do sexual. A latência que Freud localiza como essencialmente humana marca um tempo de espera a respeito da eleição de objeto. Para o animal, a ordem natural não está pervertida. Quando se desencadeia o instinto sexual, aparece junto a resposta na busca do objeto. Só o ser falante se antecipa ou se demora e o seu objeto não lhe é natural, mas o resultado de uma eleição. O tema é indagar sobre em que base se efetua essa dita eleição.

A psicanálise constata a antecipação do gozo sexual na criança antes de produzir-se a eleição de objeto sexual. A criança elabora sua condição erótica e suas fixações libidinais vão constituir os signos de seu gozo por intermédio dos primeiros objetos investidos libidinalmente no seio da família (MILLER, 1997).

A primeira corruptora do corpo da criança é a mãe. É ela quem marca o corpo da criança e lhe confere uma erogeneidade, e é a partir dessas marcas que a criança se separa da mãe e goza de uma parte de seu próprio corpo. Freud descobre que os primeiros objetos investidos pela libido são de caráter incestuoso.

"A relação sexual não existe, só existe na família", é uma referência de Lacan (MILLER, 1997). A família é um vínculo social baseado na proibição da relação sexual. Os objetos familiares são interditados como objetos sexuais e essa escolha deve fazer-se fora da família, mas justamente é dentro da família onde se elabora a condição amorosa que determina a eleição do objeto erótico. Esses traços imaginários organizados por um traço do ideal levam escondidas as insígnias e as marcas do gozo⁵. Freud encontra o aspecto pulsional do amor: essa é a condição amorosa e o ideal, desse modo, vela o gozo. O fantasma dá conta da posição de gozo do sujeito; a maneira pela qual cada sujeito imagina o gozo é já uma versão do gozo.

Por que o fantasma é perverso? Porque, frente ao impossível do sexual no que se refere a estabelecer uma relação ao Outro sexo a partir de uma relação sexual entre o homem e a mulher, o fantasma fundamental põe em jogo a relação ao Outro do gozo encarnado na figura dos pais. Daí se deduz que, na infância, a única relação que o sujeito pode encontrar é a relação pai-mãe.

O que é uma criança para o casal parental?

Rastreamos algumas respostas que Freud e Lacan nos deram. Em Freud, encontramos a criança situada a partir do narcisismo fálico dos pais, correlativo ao ideal, onde a criança é situada como *his majesty the baby* (sua majestade o bebê). Como diz Joan Manuel Serrat, em sua canção, "Às vezes os filhos nos aparecem e nos dão a primeira satisfação". Essa criança é amada ternamente.

Mas não é essa a corrente que se faz presente nos abusos sexuais. A corrente que se faz presente aí é a da criança degradada. Ela não tem somente um valor de uso, ela tem um valor de gozo e de troca no mercado da prostituição infantil. Tomar a criança antecipadamente como objeto sexual não é idêntico à antecipação da sexualidade pela criança.

O que ocorre com a latência, hoje em dia, como tempo que marca na estrutura esse impasse sexual? Que respostas temos hoje frente ao impossível sexual? São algumas interrogações a partir do descobrimento freudiano...

No seminário *A lógica da fantasia*, Lacan faz uma referência à criança não como resultado da união amorosa entre a mãe e o pai na qual a criança é uma majestade, mas como a própria metáfora do que não se une ao nível do gozo entre eles. Apresenta-se a criança não como metáfora do amor que une, mas como metáfora daquilo que não os une. Ele toma a criança sob as coordenadas da não relação sexual.

A verdadeira razão da referência à criança, em psicanálise, não é pois em nenhum caso a de uma germinação. Mas somente esta essência

problemática: o objeto *a*, cujos exercícios nos deixam admirados, não importa onde, é executada nos fantasmas da criança (LACAN, 1966-67, 26/04/1967).

Que a criança não seja produto de uma germinação não nos autoriza a tomá-la como produto de uma reprodução biológica. Havíamos visto dois modos de tomar a criança na parceria parental: uma pela vertente amorosa, como resultado da união e amor recíproco entre o pai e a mãe, é um véu, responde ao *his majesty the baby* como fruto e resultado de uma completude ideal de acasalamento com êxito e feliz. A criança, na vertente do Ideal que une o pai e a mãe, não é o mesmo que a criança como resto da não-relação entre pai e mãe. Por essa via, a criança é tomada como objeto *a* e ali fica localizada como metáfora da não relação sexual. Nessa perspectiva, a criança assume o valor, não de Um ideal inexistente na cópula. Como objeto *a*, ela se presta a assumir um valor de gozo, como aquilo que se separa e resta entre um e Outro dos parceiros parentais.

O que é a criança sob o horizonte de não relação sexual?

Elejo essa perspectiva, já que são várias as que podemos tomar para abordar a complexa temática, porque parto da hipótese de que o abuso sexual é a resposta sob a forma de uma colocação em ato dos fantasmas perversos, que Freud encontrou como respostas ao impossível sexual. O abuso elide a questão da castração entendida não só como o “não reintegrarás o teu produto” que pertence à lei da interdição do incesto, mas a castração entendida como não relação.

A vertente que põe em jogo os abusos sexuais obviamente não é a corrente terna. Ela abre as portas para pensar a perversão paterna, quando foraclui aquilo que Lacan nos diz do pai como pai-versão enquanto transmissão de uma versão de seu gozo a partir de ter uma mulher como sua parceira. O que ocorre quando seu parceiro é a criança? O que dizer também nos casos em que se verifica o consentimento nos dizeres do menor?

O abuso sexual é correlativo ao empuxo contemporâneo a uma satisfação não articulada à lei de interdição, e a um empuxo à denúncia de culpados quando já não há responsáveis. Fazendo-nos de seus porta-vozes, retomamos o sonho freudiano: como a psicanálise atualmente pode, com seus descobrimentos, substituir o prejudicial pelo proveitoso?

Um discurso não supre outro e dizer, a partir do discurso analítico, que posição tem uma criança na parceria parental, não substitui o lugar do que é uma criança para o discurso jurídico, definido por lei. Mesmo sendo difícil avaliar a cumplicidade da criança com seu sedutor sexual, isso não implica a absolvição do adulto, mas o que se interroga são os meios de que se valem como provas.

Lembrar que a criança é um sujeito quer dizer não só que está atravessado pela linguagem, mas que também tem um corpo erógeno, portanto goza, e se goza do seu corpo também pode envergonhar-se de seu gozo. Lacan (1969-70) situou bem a dignidade que outorga esse sentimento de vergonha.

Por acaso, se foi “vítima de um abuso”, não é outro abuso incitar-lhe a falar? O que dizer do direito de calar? Que lugar de respeito tem esse direito ao silêncio? O imperativo da denúncia encobre, muitas vezes, não só os avatares de cada família, mas também um discurso que busca culpados quando já não há responsáveis. Por acaso o imperativo da confissão, confissão que não é outra que a do gozo, não encobre a obscenidade na qual está imerso esse mundo do espetáculo do gozo?

Em seu artigo “Novas inscrições do sofrimento da criança”, Eric Laurent (2008) se ocupa desse tema e é interessante nos determos em algumas questões. Ele afirma ali que a necessidade de castigo conceituada por Freud como “ser pego pelo pai”, Lacan a localiza como pai-versão, enquanto a versão que o sujeito se faz do gozo do pai. Esse suposto gozo é inconfessável, “não se pode pôr em palavras”. Mas quero destacar o

lugar em que Eric Laurent localiza a perversão, não do lado do abusador, mas do lado do Estado. “A intenção de reintroduzir o gozo no Outro é uma das formulações que Lacan deu da perversão”. Frente à falta de gozo no Outro, o perverso a preenche com a certeza de que no Outro há gozo e ele se faz encarregado de reintroduzir essa falta. Essa certeza de gozo que o Estado espera como verdade do discurso da criança é o que localiza como perversão do Estado e localiza o “paidofílico” mais do lado do fora do sentido.

Como psicanalistas, sabemos do pudor que encerra um gozo e a criança não está isenta disso, o irresponsável é o adulto que cala seu delito. Não merece ao menos um questionamento pensar acerca da insistência posta na confissão da criança com as provas testemunhais?

Que a criança seja responsável de sua posição de sujeito é uma outra questão, é que a partir da não assunção da responsabilidade subjetiva de quem cometeu o delito e o silêncio, se inscrevem cada vez mais as provas testemunhais na criança. O sujeito é responsável pelos seus atos, mas não pelos atos do outro.

O imperativo de declarar reduplica o abuso e está se convertendo em algo inversamente proporcional à impotência dos juízes e peritos quando não obtêm a resposta de responsabilidade no abusador. Tornam-se mais implacáveis para obtê-la por parte das crianças.

Se, no estado de direito, o sujeito é livre para entrar e sair, para falar e calar, esses também são os direitos da criança. Mas, em nome da saúde mental, não só tiram os direitos do sujeito louco, como também do sujeito criança, enquanto o priva de seus direitos de escolher entre a palavra e o silêncio.

É certo que a criança tem direito a se calar e ninguém pode obrigá-la a fazer o contrário, é tão certo isso como o empuxo à denúncia a partir dos meios familiares, os meios de comunicação. Se a psicanálise entra do mesmo lado que os direitos humanos, é interessante refletir acerca do alcance desse enunciado. Recordemos umas palavras de Alain Badiou a respeito dos direitos da criança:

A questão não obstante consiste sempre em conhecer o preço que, em matéria de definição do homem, se paga por qualquer ampliação de seus direitos. Pois uma igualdade é reversível. Se a criança tem os direitos do homem, isto pode significar que é um homem, mas também tem por condição que este aceite não ser mais que uma criança (BADIOU, 2006, p. 102).

IV- A criança generalizada do mundo globalizado: a responsabilidade na época atual

Que tipo de responsabilidade cabe à psicanálise na época contemporânea?

O debate acerca da responsabilidade é crucial no mundo atual globalizado. Os acontecimentos, ao produzirem-se por uma multiplicidade de causas concatenadas em uma rede simultânea, trazem aparelhado na subjetividade a dificuldade de localizar o lugar da causa que, por sua vez, se traduz em uma dificuldade para situar o responsável. O lugar da causa e a responsabilidade estão intimamente relacionados e esse laço se vê perturbado por essa concatenação de causas. Não estamos na época do governo do Um, mas do múltiplo.

Numa época na qual se oferecem todas as condições para que ninguém se faça responsável, é lógico que todos os discursos e disciplinas falem da responsabilidade.

Sendo o gozo o campo sobre o qual a psicanálise opera, a responsabilidade na psicanálise está especificada pela relação que o sujeito tem com o gozo implicado em seus atos. Daí que Lacan, no “Discurso de encerramento das Jornadas sobre a infância

alienada”, qualifica a pessoa maior como quem se faz responsável por seu gozo. O fato de que não haja “pessoas maiores” – tal como disse Lacan – marca a entrada de um imenso número de pessoas no caminho da segregação; é a época da “criança generalizada”, aquela que não se faz responsável por seu modo de gozar nem por suas consequências.

A responsabilidade para a psicanálise é sempre em relação a um sujeito, diz respeito a uma singularidade e não a uma massa; pelo contrário, na massa, os sujeitos são irresponsáveis.

O direito distingue entre responsabilidade civil, pela qual se atribui a alguém enquanto autor de um ato prejudicial para outro sujeito a obrigação de reparar as consequências danosas que se derivem de sua ação, e responsabilidade penal, pela qual se imputa a alguém a autoria de uma ação delituosa em relação à qual é obrigado a receber uma pena.

No terreno filosófico, a responsabilidade moral localiza a perspectiva na qual o sujeito deve reconhecer-se como autor de seus atos ante a própria consciência e ante a sociedade. A afirmação da liberdade é a condição necessária para a responsabilidade. Uma pessoa é moralmente responsável do que fez somente se tivesse podido atuar de forma distinta, quer dizer, se tem a possibilidade de opção. Assim, a responsabilidade abre o debate acerca da liberdade e do determinismo do sujeito. O debate acerca da conduta moral do sujeito moderno se inicia com Kant, para quem o ato moral situa, por parte do sujeito, uma escolha entre a lei universal da razão e a renúncia aos interesses particulares em nome do imperativo moral, e isso pressupõe uma decisão por parte do sujeito. Mas em seu texto “Kant com Sade”, Lacan põe manifestadamente o reverso gozoso dessa moral.

Que perspectivas, que eixos se tomam para delimitar a responsabilidade para o sujeito da psicanálise?

Em Freud, o tema da responsabilidade aparece em seu texto “A responsabilidade moral pelo conteúdo dos sonhos” (1925). Situa ali um eixo que concerne à responsabilidade a respeito das formações do inconsciente em que, longe de eximir o sujeito de sua responsabilidade, amplia seu horizonte. Conclui que o sujeito deve se fazer responsável pelo conteúdo de seus sonhos.

Mas não é o mesmo sonhar com que se mata o pai e o ato de matá-lo. No inconsciente, aloja-se um desejo que em si mesmo é transgressor, mas outra é a questão acerca dos limites com que cada sujeito conta a respeito de seus atos.

Culpa, responsabilidade e castigo são categorias utilizadas tanto pelo discurso analítico como pelo jurídico. Entretanto, para o discurso jurídico, há uma continuidade entre elas. O sujeito, se é culpado, é responsável por um ato tipificado como delito, portanto deve receber uma sanção.

Para a psicanálise não há tal continuidade. O sujeito é culpado de um ato não cometido e pode gozar eternamente de sua culpa sem se fazer responsável, também pode cumprir uma condenação e isso não implica sua responsabilidade subjetiva ou pode se decretar inimputável e o mesmo sujeito exigir uma sanção que lhe devolva sua condição de sujeito responsável. Por isso, para a psicanálise, não existe amparo algum sob nenhuma lei de inimputabilidade. Para a psicanálise, há terrorismo da responsabilidade. Lacan, coerente com Freud, chega a situar um terrorismo da responsabilidade enquanto coloca um sujeito sempre responsável. “De nossa posição de sujeitos somos sempre responsáveis” (LACAN, 1965, p. 837). Ali o sujeito é responsável enquanto está situado como resposta do inconsciente. Isto é diferente de ser situado como determinado por um mecanismo organicista. Lacan responde ao discurso psiquiátrico organicista localizando um interjogo permanente entre causa e consentimento. A causa vem pelo determinismo do Outro, mas o sujeito fica localizado no nível da resposta que outorga como consentimento ao Outro ou como recusa

também. E daí o terrorismo da responsabilidade e a impossibilidade ética a partir da psicanálise de colocar um sujeito como vítima.

Se por intermédio da culpa o sujeito se liga ao Outro, por meio do ato ele se desliga. Só pode assumir uma responsabilidade *a posteriori* do ato religando-se ao Outro, ali se verifica a relação com as consequências de seu ato. Há sujeitos que ficam identificados ao ato e não querem falar disso, sujeitos arrependidos, sujeitos que reivindicam o ato, sujeitos que não têm uma explicação e desejam encontrá-la, outros que não a tem e tampouco a querem buscar, sujeitos que se fazem carregados das consequências e sujeitos que culpam o outro.

O supereu e as fórmulas da sexuação

Retomarei uma pergunta feita por Jorge Aleman, em seu livro “A experiência do fim”: a responsabilidade frente ao retorno do recaiado é a mesma que a que se espera do sujeito que responde ao imperativo categórico?

Com o paradoxo do supereu se deduz uma perspectiva que, no concernente à responsabilidade, traça outro horizonte. Em um caso, se trata do retorno do recaiado e, em outro, do retorno do real do gozo encarnado no imperativo categórico que ordena ao sujeito gozar.

Mas o imperativo categórico não se articula do mesmo modo quando se insere em uma lógica que conta com uma exceção que delimita e diz ‘não’ quando não existe um que diga não. Este último se aparenta com a caracterização que fazem J.-A. Miller e E. Laurent, da época atual como a do Outro que não existe como único.

Com as fórmulas da sexuação, Lacan traça um horizonte que vai mais além do posicionamento sexual de um sujeito. Com elas também podemos fazer uma leitura dos sintomas que diz respeito ao atual mal-estar contemporâneo. Seguindo a repartição traçada por Lacan a respeito da modalidade de gozo que é a masculina, regida por um limite fálico, faz a uma classificação que tem a exceção como limite e por outro lado, a repartição feminina que se rege pela lógica do não-todo fálico e não tem uma exceção que delimite o gozo. Uma se rege pelo finito e outra pelo infinito. Seguindo a Milner (2004), as democracias ilimitadas se regem por uma lógica onde não prima o reino do Um, mas ao contrário, a inexistência desse Um que diga não.

A partir disso, retomo uma observação de Juan Carlos Indart⁵ a respeito do imperativo categórico: “O imperativo universal kantiano colocado ao nível do simbólico como Ideal ou a imaginização de uma completude não é o problemático. O problemático se apresenta quando esse Universal quer ser realizado como um todo no real”.

O universal funciona como um todo de ficção no imaginário e o simbólico não traz aparelhados os problemas. A questão se torna problemática quando essa moral quer se elevar no real à categoria de constituir um ato que se articula do “todo x”. O imperativo kantiano rege a lógica masculina, mas, ao passar para o lado feminino da sexuação, o “não existe um” é lido como universal negativa, como nenhum, a consequência disso é o extermínio da diferença no real. O universal (como categoria simbólica) nunca pode ser alcançado no real.

Toda orientação na qual o Ideal se queira fazer passar ao real fará aparecer essa classe de “extermínios” que se produziram a partir da Segunda Guerra Mundial até aos fundamentalismos atuais.

A partir das *Antimemórias*, de Malraux (1968), Lacan faz uma alusão a essa posição de fazer-se de distraído, que encontrou nos sobreviventes da guerra. Essa mesma posição não tem fronteiras, na Argentina encontramos a partir da criança que rouba no colégio e diz “não fui eu”, até os crimes de Estado ocorridos na Argentina da ditadura militar. Todos crianças generalizadas.

Quando o Outro é aniquilado ou destruído no laço? Quando, no lugar do Outro, está localizada a adição? Quando o Outro é uma criança abusada? Que responsabilidade cabe ao analista frente aos novos sintomas que oferecem como solução a não relação sexual, a anulação da castração? Podemos considerar esses sintomas como arranjos de suplência da relação sexual faltante? Que responsabilidade cabe ao analista frente ao mundo no qual impera a criança generalizada? Como compensar o autismo do gozo para que o resultado seja uma posição responsável e não cínica?

O imperativo freudiano "Onde isso era um sujeito advém" não é um imperativo cínico, porque transforma a satisfação pulsional onde o sujeito goza só pelo laço ao Outro. Ao imperativo categórico kantiano, Freud, que não foi nem ingênuo nem idealista, lhe responde com o imperativo ético do supereu. Mas Freud não faz do supereu o imperativo ético da psicanálise. Ele responde com *Wo Es war, soll Ich werden*.⁷

NOTAS:

1. "La política procede por identificación, manipula los significantes amos, busca atrapar al sujeto" (MILLER, 2005, p. 21).
2. N.R.: Trata-se de uma referência ao Big Brother, o olho televisivo que tudo vê.
3. Título original do filme: "l'Enfant" (Bélgica/França, 2005). Direção Jean-Pierre e Luc Dardenne.
4. No Seminário Clínica del discurso universitario, ditado por Juan Carlos Indart na EOL, foram trabalhados vários materiais clínicos à partir desta perspectiva.
5. Recordemos que isto é antinômico ao que foi situado por Miller (2004) como discurso hiper moderno no qual o gozo já não está velado pelo ideal, é ele quem comanda.
6. Clínica da não relação sexual, "Lacan con Mencion", seminário ditado por J. C. Indart en la EOL, 2003. Notas da autora.
7. Trata-se do mesmo imperativo supracitado: "lá onde era o isso, o sujeito deve advir".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEMAN, J. (1997) **La experiencia del fin: psicoanálisis y metafísica**. Malaga: Miguel Gomez Ediciones.
- BADIOU, A. (2006) **El siglo**. Buenos Aires: Manantial.
- BRODSKY, G. (2006) La causa del padre. **Dispar**. Buenos Aires: Grama ediciones, n. 6.
- FREUD, S. **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1996.
- _____. (1912) La degradación general de la vida erótica. Vol. XI.
- _____. (1912 [1912-13]) Tótem y tabú. Vol. V.
- _____. (1914) introducción del narcisismo. Vol. XIV.

- _____. (1925) La responsabilidad moral por el contenido de los sueños. Vol. XIX.
- _____. (1930 [1929]) Malestar en la Cultura. Vol. XXI.
- INDART, J.C. (2004) El padre y el profesor. Conferencia dictada en 03/09/2004, en la Universidad de Colombia, Bogota.
- _____. (2007) Clínica del discurso universitario. **Patologías de la identificación en los lazos familiares y sociales**. EOL, Buenos Aires: Grama ediciones.
- LACAN, J. (1938) Les complexes familiaux. In : **Autres Écrits**. Paris: Seuil, 2001, p. 23-84.
- _____. (1950) Introduction théorique de la psychoanalyse à la criminology. In: **Écrits**. Paris: Seuil, 1966, p. 125-149.
- _____. (1962). Kant con Sade. In: **Escritos 2**. México: Siglo Veintiuno Ed., 1989, p. 744-770.
- _____. (1965). La ciencia y la verdad. In: **Escritos 2**. México: Siglo Veintiuno Ed., 1989, p. 834-856.
- _____. (1966-67). **El Seminario: la lógica del fantasma**. Inédito.
- _____. (1969-70) **Seminario 17: El reverso del psicoanálisis**. Buenos Aires: Paidós, 1990.
- _____. (1973-74). **El Seminario 21: los no incautos yerran**. Inédito.
- LAURENT, E. (2008) Las nuevas inscripciones del sufrimiento en el niño. **Enlaces**. Buenos Aires: Grama, n.12.
- MALRAUX, A. **Antimemórias**. São Paulo: Difel.
- MILLER, J.-A. (1996-97). **El Otro que no existe y sus comités de ética**. Buenos Aires: Paidós, 2005.
- _____. (1997) Observaciones sobre padres y causas. In: **Introducción al psicoanálisis**. Nueva Biblioteca Psicoanalítica. Buenos Aires: Paidós, 1997.
- _____. (2004). A era do homem sem qualidades. In: **aSEPHallus**, n. 1. Revista eletrônica do Núcleo Sephora de pesquisa. Ano I, nov/2005–abr/2006. Disponível em http://www.nucleosephora.com/asephallus/numero_01/traducao.htm
- _____. (2004) Una fantasía. **Revista Lacaniana de Psicoanálisis**. Buenos Aires: EOL, n. 3, p. 9-19, 2005.
- _____. (2005) **Psicoanálisis y política**. Buenos Aires: Grama Ediciones.
- _____. (2006) Cosas de familia en el inconciente. In: **Introducción a la Clínica Lacaniana**. Conferencias en España. Colección ELP. Barcelona, Cap. 21.
- MILLER, J-A & MILNER J.-C. (2004) **¿Desea ud ser evaluado?** Malaga: Miguel Gomez ediciones.

Texto recebido em: 20/07/2007

Aprovado em: 15/10/2007

EL PSICOANÁLISIS FRENTE A LOS SÍNTOMAS SOCIALES

Irene Beatriz Greiser

Licenciada en Psicología/Universidad de la Ciudad de Buenos Aires
Profesora adjunta de La cátedra de Psicopatología y Docente de la Carrera de
Especialización en Psicología Forense de la Universidad de Ciencias Sociales y
Empresariales/Buenos Aires

Miembro de la Escuela de Orientación Lacaniana/Argentina
Miembro de la Asociación Mundial de Psicoanálisis

irenegreiser@ciudad.com.ar

Resumen

El artículo delimita coordenadas que orienten la intervención analítica en los síntomas que asume la subjetividad de la actualidad. Se trabaja la relación entre el síntoma y el Otro y como esa relación va modificándose. Para el psicoanálisis lo social no es anónimo. Responde al lazo entre un sujeto y el Otro. Pero la estructura del Otro cambia y los síntomas varían de acuerdo al discurso imperante. La pulsión es a-social y traza un irreductible pero cada época aloja ese plus de gozar de modo diferente. Por eso es necesario hacer un abordaje de los lazos familiares y situar la función específica que tiene para el psicoanálisis el primer Otro, "La Familia". El síntoma es el particular modo del sujeto gozar de su inconciente, pero cuando ese goce no pasa por el Otro del inconciente cuando se rompe ese lazo, tenemos el síntoma social. Hay síntoma social cuando se anula el lazo al Otro del inconciente.

Palabras-clave: psicoanálisis, síntoma, Otro, goce

THE PSYCHOANALYST IN FACE OF THE SOCIAL SYMPTOMS

Abstract

The article orients the analytical intervention in the symptoms that the current subjectivity assumes. It works the relation between the symptom and the Other and how this relation was modified. For psychoanalysis the social is not anonymous. It responds to the bond between a subject and the Other. But the structure of the other changes and the symptoms vary according to the discourse of the Other. The drive is non social and it traces something not reductive. Nevertheless, each time holds the more joy in a different way. That is why it is necessary to make an approach of the family bonds and situate the specific function that the first Other, which is the "family complexes", has for psychoanalysis. The symptom is the private way which the subject has joy in his unconscious but when this joy does not pass

through the Other of the unconscious, when this bond is broken, we have the social symptom. There is social symptom when the bond with the Other in the unconscious is annulled.

Key words: psychoanalytical clinic, unconscious, social symptoms, Other, joy.

Es un hecho comprobable la extensión que la práctica del psicoanalista tiene hoy por hoy; ella no se limita al consultorio, los analistas están en los juzgados, en las escuelas, en los centros de atención al menor, en las cárceles etc. Por ello mismo a la hora de intervenir en dichos ámbitos es importante saber desde donde intervenir, para que nuestra práctica no quede diluida ni confundida con otros discursos sino que conserve los principios rectores que hacen a su ética.

El presente artículo constituye un intento de trazar las coordenadas que orienten la intervención analítica en los síntomas que asume la subjetividad de la actualidad.

Toda intervención analítica en el campo de lo social requiere de una operación en la cual el sujeto debe de ser extraído de ese campo. El psicoanálisis como procedimiento es una experiencia que opera sobre un sujeto, y solo a partir de respetar esa singularidad puede esperarse una acción en lo social.

El concepto de sociedad no determina ningún sujeto, es un anónimo. Pero, para el psicoanálisis, lo social no es anónimo; el responde al lazo que un sujeto establece con el Otro. Lacan definió al síntoma social justamente cuando no hay lazo social y en ese sentido fue precursor de lo que ocurre actualmente en violencias, abusos sexuales, toxicomanías, delitos, crímenes, que dan cuenta, cada uno a su manera de una subjetividad que prescinde del lazo al Otro.

La estructura del Otro Social cambia y los síntomas varían de acuerdo al discurso imperante de cada época.

Freud trazó un eje que divide las aguas de los que es y no es psicoanálisis alrededor del nudo central del inconsciente y la sexualidad. El psicoanálisis no es un idealismo que progresa hacia la eliminación de la neurosis ni del síntoma.

Para pensar los síntomas sociales seguiremos la pregunta que se formula Freud en el "Malestar en la Cultura", es allí donde se plantea la relación existente entre neurosis y el Otro Social.

I- El sujeto y el Otro social

La cultura en Freud no esta pensada como conocimientos ni saberes universitarios ni como obras de arte. Para el psicoanálisis es la cultura, es lazo, y tratándose de los síntomas sociales, es necesario hacer una lectura de la época en la cual se inscribe la subjetividad como respuesta, como también es una cuestión a repensar si las respuestas que encontró Freud siguen vigentes o debemos inventar nuevas respuestas a nuevos síntomas.

Si bien la subjetividad varia el malestar en si mismo es lo irreducible que atraviesa toda época y lugar. Freud no tuvo una posición idealista. Tanto en el "Malestar en la Cultura" como el texto de "Tótem y Tabú" Freud sitúa con la pulsión de muerte un irreducible que traza un horizonte ético que excluye todo intento idealista de

progreso a nivel de lo social. Educar a la pulsión es un imposible. Para Freud Eros, como fuerza que une y hace a los lazos, no era más poderosa que Tanatos, que los destruye.

Hay un horizonte a-social que no es contingente a la época, sino que es lo irreducible de la pulsión misma, que se satisface de un autismo que prescinde del Otro. La pulsión es a-social pero el inconciente no.

El inconciente es un discurso. Por eso mismo es político y desde ese discurso del Otro se le proponen identificaciones que gobiernan al sujeto. El inconciente es ese Otro que es político¹, de allí que si la pulsión es a-social el inconciente no lo es. El inconciente es social en tanto da cuenta de la relación del sujeto a ese discurso amo.

El acto parricida, que Freud sitúa en el corazón de la genealogía de la cultura, es fundante de la ley por la cual el sujeto se introduce en lo social. No se trata solo de matar al padre sino de fundar un pacto para la distribución del goce y garantizar que nadie ocupara su lugar. Así, acto parricida y pacto social son dos movimientos articulados.

La familia como función de transmisión

La familia es el primer Otro del sujeto y la misma puede ser objeto de estudio sociológico, jurídico, pedagógico. Pero, si es abordada desde el psicoanálisis, es necesario delimitar la especificidad de dicho abordaje.

Tanto Freud, en su texto "Malestar en La cultura", como Lacan, en "Los complejos familiares", ubican a la familia más allá de su función biológica. La familia tiene una función de transmisión y es el espacio en donde el sujeto hace la experiencia del inconciente. Allí interpreta el deseo del Otro encarnado en las figuras parentales. Mama, papa y nene son leídos desde los lugares que ocupan en la estructura edípica y, desde la metáfora paterna, se trata del Nombre del padre, el Deseo de la madre y los objetos *a*.

Los analistas abordamos a la familia a partir del axioma lacaniano de la no relación sexual. La inexistencia de la relación sexual entre los sexos lleva a que cada familia inventa su propio malentendido. El malentendido es de estructura, las formas de organización de la familia no lo son. Es a partir de las figuras parentales que esa proporción sexual es captada por el niño como padre/madre. "La familia esta esencialmente unida por un secreto, por un no dicho [...] Es un deseo no dicho, es siempre un secreto: de que gozan la madre y el padre" (MILLER, 2006, p. 341).

Su unión no depende de los lazos legales sino de un secreto (MILLER, 1997). La familia es cosa del inconciente y no una cuestión de reproducción biológica

Los analistas hablan de sus familias porque son figuras del Otro: del padre degradado, del padre idealizado, del padre carente o del padre tirano. Hablan del padre como al modo que se habla del síntoma.

Desde 1938 Lacan se refirió a la declinación del imago paterna. En sus textos "Los complejos familiares" y "Aportes del psicoanálisis a la criminología", afirma que la familia no queda reducida a su función biológica sino que tiene un papel de transmisión de un resto.

El padre, en 1938, es situado por Lacan como aquel que debe encarnar la autoridad. Tempranamente advierte la relación existente entre la declinación de esa autoridad y los crímenes.

Es un hecho constatable el cambio en los lazos familiares. La familia cada vez más pasa a ser cuestión del estado, buscando como regular los lazos cada vez mas desintegrados.

Las nuevas configuraciones familiares, parejas monoparentales, los avances científicos como bancos de espermatozoides, pruebas de la paternidad a través del ADN, el reclamo de legalidad de las parejas *gays*, como también el reclamo a la adopción hacen a que si para el psicoanálisis la familia es cosa del Inconciente, la Sagrada Familia solo es cosa de la Iglesia.

Del Malestar de la época freudiana al malestar actual

Cada época tiene su modo de vivir la pulsión y se presentifica como esa exigencia imposible de satisfacer. Eso traza a partir de Freud un irreducible que impide la satisfacción plena y la felicidad para el sujeto. Pero en la época victoriana en la cual le tocó vivir a Freud, la neurosis era el resultado de la renuncia al goce y el discurso del Otro social proponía la renuncia a la satisfacción en compensación de una vida con ideales más virtuosos. La hipocresía burguesa era la respuesta a ese discurso. Esa restricción es ubicada por Freud como la causa de la neurosis, y ligada al padre y a lo social. Era una época en la cual la satisfacción debía ocultarse, no estaba bien visto dar a ver el goce de cada cual, no es que no se gozaba sino que el goce estaba velado. No era la época de Gran Hermano.

El discurso actual ha variado la propuesta. No propone lo mismo que en la época freudiana. Ya no se promueve la renuncia sino, a la inversa, se promueve no solo un empuje a gozar sino que este se diga y se muestre. Este empuje al goce ya no encuentra los diques y límites que antes había.

Lacan llamo discurso capitalista a aquel discurso que plantea un sujeto insatisfecho y dividido pero no por el inconciente sino por el mercado del consumo.

Jaques-Alain Miller (2005) propone para la actualidad al discurso Hipermoderno en el cual no es el Ideal quien gobierna al sujeto sino que lo que comanda es el objeto de consumo. El sujeto esta dividido no por no alcanzar el Ideal sino por no alcanzar el goce.

Para Lacan, fue Marx el inventor del síntoma porque fue quien le dio forma discursiva al malestar del asalariado en tanto el capitalista se quedaba con un plus de su trabajo. Su idealismo lo llevó a pensar que esa desigualdad distributiva podía resolverse. Eso que Marx tematiza como plus-valía, Lacan lo llama plus-de-goce, la recuperación de un goce perdido, inherente al sujeto parlante: sea patrón o asalariado. Ese plus de goce ilimitado es lo que comanda hoy. El Otro social a través del consumo, promueve un plus-de-goce cada vez mas sofisticado y alejado del lazo social.

Cada discurso promueve un lazo. En 1969-70, Lacan plantea, en su seminario, al Otro bajo la modalidad de cuatro discursos como cuatro modos diferentes de distribución del goce: el discurso histérico, el del amo, el universitario y el discurso analítico. Son modos diferentes del tratamiento del goce y del alojamiento de su recuperación a través de la función del plus de gozar.

Surge así la cuestión acerca de los dispositivos que cada época dispone para ubicar su plus-de-goce. Al sujeto insatisfecho que descubre el psicoanálisis, le es ofrecido una serie de objetos para su satisfacción que anulan su división subjetiva. A esos objetos Lacan los llamo *gadgets* (LACAN, 1969-70).

El discurso capitalista produce en serie esos objetos *gadgets*, que cumplen la función de taponar la castración y, así, el amo moderno deja de estar encarnado en el padre. El amo moderno hoy ha triunfado sobre la autoridad del padre; es mas, es el mercado que el padre. Un nuevo discurso se le impone al sujeto por vía de los medios masivos de comunicación que nos dice bajo regulación como debemos de vivir, cuántos hijos tener, como educarlos, que comer. Son los manuales de vida. Esto último produce un nuevo tipo de subjetividad y de síntomas. Los lazos ya no son a un padre que traza un estilo de vida acorde a sus ideales, sino que ese padre es sustituido por un manual y una mujer puede ser sustituida más satisfactoriamente por la droga o la computadora. El discurso capitalista ha incidido en la subjetividad promoviendo una nueva relación entre el sujeto y el modo de gozar. Promueve un tipo de satisfacción que no pasa por el Otro dejando al sujeto en un goce autista, con lo cual se generan más síntomas sociales. Con el *gadgets* el sujeto queda en un goce autista que no hace lazo al Otro.

¿A que nos referimos con síntomas sociales? Porque para nosotros analistas el síntoma es singular, es de un sujeto. Lacan definió al síntoma como el particular modo que tiene el sujeto de gozar de su inconciente pero cuando ese goce no pasa por el Otro del inconciente, cuando se rompe ese lazo tenemos el síntoma social. De lo cual surge que en lo contemporáneo de nuestro malestar la destrucción de ese lazo se traduce en un cierre del inconciente y esto nos lleva a la pregunta ¿que hacer? Y no saber que hacer es lo que atraviesa a la época. Miller y Eric Laurent traducen el malestar en la cultura como *impasse* ético (MILLER, 1996-97).

La reproducción asistida, los bancos de esperma, las clonaciones plantean desde la ciencia la posibilidad de engendramiento sin lazo sexual. Queda por investigar que consecuencias devienen en los sujetos y no es fácil actualmente hacer una lectura de los síntomas frente a este *impasse* ético.

El discurso contemporáneo que *homogeniza* el mismo goce ha anulado con ello la función de excepción que encarna el padre. El semblante del padre queda homogenizado con la posición de los hijos, los hijos pueden recurrir al juez, y a falta de quedar anulada la dimensión de la causa se pide y se busca responsables por todas partes. Lacan denominó a esto la era del niño generalizado, ya nadie se hace responsable de su goce.

El niño generalizado

El “niño generalizado”, expresión que Lacan utilizó para calificar la posición de irresponsabilidad del sujeto contemporáneo, bien puede ser el agregado al título de la película *El niño*² a la cual quiero hacer una referencia. La película trata de una pareja de adolescentes que viven en la calle. Son “los niños de la calle”, pero de un país desarrollado.

El lazo es el gran ausente y la segregación es quien desempeña el papel protagónico. No se muestra lazo familiar alguno ni el director ofrece elementos que permitan un deslizamiento hacia “la comprensión” de sus actos a través de su constitución familiar. La película muestra solamente un encadenamiento de hechos. Ella esta embarazada y tiene un bebe. El se dedica a robar. Todo lo que quiere lo

puede obtener robando sin limite alguno. La película prosigue hasta ubicar un limite.

El drama se desencadena a partir del momento que tiene que inscribir a ese sujeto que es su hijo y darle una filiación a través de inscribirlo con su apellido. En ese preciso momento se le ocurre que ese niño puede ser una mercancía y otorgándole a su hijo un valor de cambio lo vende.

Este episodio marca un limite para ella que se traduce en la ruptura del lazo entre los jóvenes niños. El le dice podemos hacer otro y ella exige y obtiene la restitución de su hijo.

El film muestra claramente como el límite proveniente de los semblantes de la ley son inoperantes y como a ambos este límite les llega vía el lazo amoroso. A ella por el lazo con su hijo, a el por la identificación a un niño que es detenido por la policía en un delito al cual el mismo indujo. Este episodio lo lleva a hacerse responsable de su acto y solo se entrega a la policía.

Como pocos, los hermanos Dardenne, directores del film, supieron plasmar al niño generalizado como posición de la subjetividad contemporánea. El niño es la madre, el niño es el padre, el niño es el bebe, el niño son los padres ausentes de estos niños. Todos somos niños. Solo se sale de ser un niño cuando un sujeto se hace responsable de su acto. Y en ese sentido es inteligente y valioso por parte los Dardenne el hecho de no incluir aspectos familiares que lleven a la comprensión de la victima vía una narratología de sus vidas que contribuya a desresponsabilizar los actos del sujeto sean cuales fueren los determinismos del Otro.

II- El declive de la autoridad paterna y su incidencia en los síntomas actuales.

La declinación de la autoridad paterna en la actualidad es algo más que evidente. Maestros, padres, jueces y sacerdotes se aúnan en la misma queja nostálgica acerca del padre. Pero, desde las categorías analíticas, esa declinación es consecuente y correlativa a un declive del reino del Nombre-del-Padre en tanto significante que, en el campo del Otro, articula un deseo a la ley.

Lacan y Freud no han tenido la misma posición respecto al padre, ni han ocupado los mismos lugares en la comunidad analítica. Hay en Freud una relación entre la autoridad encarnada en el padre y la creencia, la cual se pone de manifiesto como figura del destino.

El padre como figura del destino es una brújula para el sujeto y un análisis pone de manifiesto las marcas que ha dejado esa autoridad. La internalización de esa autoridad perpetuada a través del superyo marca el consentimiento por parte del sujeto a la causa ubicada en la ley del padre.

En los pacientes brujulados por el padre, el padre aparece por doquier y allí se escuchan quejas traducidas "Otra vez mi padre". El neurótico esta enfermo del padre. Pero en las nuevas formas que asume el síntoma nos encontramos cada vez más con pacientes en los cuales parece que nada tiene que ver con el padre. Ellos se sorprenden frente a la pregunta insidiosa del analista por ese determinismo porque ni recuerdos infantiles tienen. Sus síntomas parecen no ser respuestas a la autoridad encarnada en el padre como causa y esto mismo instaura un efecto de increencia.

La neurosis actual, nuevos síntomas o como se los llame, son una respuesta a ese declive de la autoridad en la cual ya no se cree ni en el padre ni en el inconciente. El problema parece ser no tanto el declive de su autoridad sino la crisis en cuanto a la increencia. El reproche de Juanito dirigido al padre respecto a la falta de un límite cuando el duerme con su mamá, “tu debes enfadarte”, pone de manifiesto a la función paterna como fallida, pero el padre estaba en el centro de su neurosis y Juanito cree en el padre y en la autoridad de Freud. Hay una autoridad que es garante de buena fe, y su temor a los caballos da cuenta que el síntoma fóbico es un desplazamiento del temor a el padre.

Pero los diques pulsionales como vetos a la satisfacción que Freud los ubicó en el padre y sus subrogados ya no se sostienen del mismo modo. Hoy, invocar el nombre del padre no sirve de nada. Los maestros ya ni pueden tocar a los niños porque corren el riesgo de ser acusados de abusadores. El dicho “vas a ver cuando venga papa...” tampoco sirve porque ya ni hay papa que venga y, en el caso que exista, el padre ha tomado otra forma.

Juan Carlos Indart (2004) lo señala de una forma muy precisa cuando alude al padre profesor, amigo, conciliador, y refiere que para el psicoanálisis “hay una nueva manera de pensar el vínculo social y es el que se establece entre uno que manda y otro que obedece”. Esa notación en nuestras letras psicoanalíticas, aportadas por Lacan, se escribe entre el significante S_1 respecto del S_2 . A eso que Freud llamó el complejo de Edipo como nódulo patógeno de la neurosis, Lacan lo llamo discurso del amo. Indart nos propone pensar las nuevas configuraciones sintomáticas a partir de una clínica que no se deriva desde el discurso amo sino desde el discurso universitario.

Un discurso define un lazo social y, por ello, es preciso saber no solo donde esta posicionado el sujeto en el discurso sino también quien es su partenaire. Así, los síntomas descriptos por Freud responden a un discurso en el cual impera el padre como amo.

Lacan ingresa al psicoanálisis por el lado de la sociología. En sus trabajos “La familia” (1938) e “Introducción de la función teórica del psicoanálisis en criminología” (1950) se nos advierte acerca de aquello que mas tarde llamara “los signos de una degeneración catastrófica”, signos de un giro en el discurso. El padre que manda es el padre ubicado en el discurso del amo. El juez, el maestro o aquellos que Freud llamo subrogados del padre, son figuras que encarnan la autoridad del amo, pero Lacan advierte acerca del declive de esa autoridad y conjuntamente el aumento de los crímenes a nivel social, cuando el orden paterno es sustituido por otro orden, calificado como orden de hierro (LACAN, 1973-74, clase 10).

“El psicoanálisis demostró que si la niña o el niño no entran en el discurso del amo, ya no entienden que es la ley, ni que es que alguien mande y alguien obedezca” (INDART, 2004). Esto último no es una cuestión de tiranía sino que allí se articula la castración como anudamiento del deseo con la ley.

Recién, en el *Seminario 17, El revés del psicoanálisis*, a través de los discursos, Lacan formaliza el perfil de ese nuevo amo que introduce un nuevo orden porque no es seguro que se trate de una nueva autoridad.

Cada discurso sitúa diferentes dominancias que marcan distinciones respecto de la autoridad en juego, y el reino del padre se sitúa en el discurso del amo, que es el discurso del inconciente. Allí se cumple la función de interdicción marcada por la barrera de imposibilidad entre el sujeto y el objeto. La autoridad la encarna en el significante uno que comanda al saber.

Al amo moderno, Lacan lo ubica en el discurso universitario. En el discurso universitario no es el padre el que manda sino quien se identifica a un saber y se dirige a un objeto. ¿Constituye una nueva autoridad? ¿Como situar allí una autoridad cuando no se trata del lazo entre dos sujetos? La dominancia le da un saber que bien puede ser anónimo y se dirige a un sujeto que bien puede estar en posición de objeto para serle aplicado el rigor, no de la ley sino del saber a ser evaluado o estudiado.

Para que la ley sea operante debe estar ubicada en el lugar de agente de un discurso, en tanto que es desde allí que se comanda al lazo. Indart (2007) plantea el lugar de inoperancia en el cual se ubica la ley en el discurso universitario: "La ley esta en el lugar de la verdad, es decir, en un lugar inoperante, respecto de la cual el sujeto esta separado por una barrera infranqueable".

Esta cita de Indart es útil para entender que las trasgresiones como llamados a la ley responden a sujetos que quieren un amo tal como Lacan les responde a los estudiantes del mayo francés. Pero otra es la cuestión cuando la ley es inoperante, no incomprendida ni desconocida, ni se trata de sujetos que forcluyen el nombre del padre, ni de perversos, ni de débiles inimputables, sino simplemente que la ley no opera en ellos como limite.

El discurso universitario, declinado en protocolos evaluativos, propone calificaciones que no representan a un sujeto.

La dominancia ya no la ejerce un sujeto, que en posición de amo encarna un deseo articulado a una ley, sino un saber anónimo que no transmite ningún deseo. Allí no se trata del amor a un maestro, ni es un subrogado paterno. Tampoco se trata de un saber que se lea en la perversión paterna sino que es anónimo y se dirige a un sujeto reducido a un objeto a ser evaluado. Por eso en este seminario Lacan usa el neologismo del *astudado* para dar cuenta de la posición de objeto del sujeto vaya o no a la universidad. No se trata de la universidad sino del discurso moderno de toda la sociedad, sean o no estudiantes. El discurso universitario esta en los medios masivos, en los dispositivos, en las encuestas. Por la TV nos dicen constantemente que no hay imposible. La barrera de imposibilidad que sostiene la castración no esta entre el sujeto y el objeto, porque el sujeto mismo es un objeto, esa barrera se sitúa entre el sujeto y el significante amo.

El discurso universitario ofrece la posibilidad de pensar la clínica de los sujetos desbrujulados, desidentificados³.

El declive en la autoridad del padre se deduce del declive del discurso del amo y produce un déficit de dos cuestiones:

1. déficit en la función del "no".
2. déficit en la creencia en el inconciente.

Estas dos dimensiones plantean un desafío a la práctica misma del psicoanálisis para reinstalar no al padre, sino al significante amo, del cual Lacan nunca dijo que se puede prescindir. Si se podría prescindir del padre, pero no del significante amo en tanto es este el que representa al sujeto.

La declinación de la autoridad del padre va acompañada de una declinación en el discurso amo del inconciente. Nos confrontamos con una clínica que cada vez mas se presenta bajo la forma de la angustia, la depresión, las patologías del acto y no por el síntoma.

Las nuevas configuraciones sintomáticas

En los nuevos síntomas, ¿qué es lo nuevo? Lo nuevo es una preocupación permanente porque plantea la cuestión acerca de las categorías desde donde leer la irrupción de lo nuevo.

El pensamiento de Alain Badiou, atravesado por Lacan, nos propone una forma de pensar lo nuevo. En su libro *El Siglo* (2006), sostiene que el modo bajo el cual se subjetivizó lo nuevo de este siglo fue como imperativo de lo nuevo, y esto llevo al empuje de romper con lo viejo.

El proyecto emancipador del hombre nuevo llevado a su máxima pureza rompe los lazos porque para que algo sea totalmente nuevo se exige la ruptura de toda tradición que pueda ligar a un sujeto a una autoridad que encarne un lazo. La destrucción de la autoridad llevo a la aniquilación del sujeto en pos del hombre nuevo.

La ciencia ha contribuido a ello. Si Badiou denomina a este siglo el siglo del crimen, es en tanto finalizadas las ideologías el siglo no se presenta a través de promesas sino a través de los cumplimientos. "Es el siglo del acto, del presente absoluto y no el anuncio de un porvenir" (BADIOU, 2006, p. 83).

El hombre nuevo termina siendo un hombre sin atributos (MILLER, 2004), un hombre tan nuevo que nada se puede predicar acerca de el. Es la pureza absoluta, porque para predicar acerca de el debo restituir al Otro.

Cuando un sujeto en el análisis habla de su familia aunque hable mal como es de esperarse ese sujeto no es un sujeto sin predicados. Habla de sus lazos al Otro, y el psicoanálisis requiere de un sujeto con atributos. El progresismo que proclama a un hombre nuevo desligado de la familia no es un precepto del psicoanálisis. No se trata de estar ni en pro ni contra la familia sino de los lazos de un sujeto. "Los signos de la declinación del nombre del padre deben leerse en la transformación del registro del amor, y no en el de la autoridad ni en el de los ideales" (BRODSKY, 2006).

Cuando un sujeto llega a un análisis con sus padecimientos, se busca en el seno en los cuales ellos han aparecido. No es restituir a la familia, sino los lazos del sujeto al Otro. El sujeto que busca a través de un análisis los significantes a los cuales esta sujetado nunca será un hombre sin atributos.

Jaques-Alain Miller, en una conferencia dictada en Comandatuba (MILLER, 2004), nos da una orientación para pensar lo nuevo. Si en Freud teníamos síntomas caracterizados por la dominancia del Ideal sobre el goce esa dominancia ya no la ejerce el Ideal sino que esta determinado por la dominancia del objeto *a* por sobre el ideal. La dictadura ya no es del padre que encarna prohibiciones sino es una dictadura del goce. La clínica actual nos confronta con sujetos que se presentan más del lado de la angustia, depresión y patologías del acto que por el lado del síntoma. El declive del discurso del amo y el giro hacia el discurso universitario ha tenido su incidencia en ello.

Al declinar la función del veto paterno nos encontramos con los vaticinios de Lacan: cada vez más patologías del acto, violencias, sujetos en conflicto con el orden publico. La dimensión social del síntoma que condena a cada sujeto a regirse por la dictadura del plus-de-goce, hace que estallen como nunca los lazos matrimoniales y dispersión de la familia. La violencia en el seno de la familia es llevada a los

juzgados, a una escala nunca vista. Nos confrontamos así con sujetos agentes de síntomas sociales, pero que no se verifica un síntoma subjetivo, en tanto para constituirse como tal es preciso creer en el.

Dimisión de la función paterna

Con la disgregación y dispersión de la familia, el padre no solo deja de existir en el discurso del sujeto sino que no existe en la realidad, o si existe puede dimitir de su función.

La clínica de sujetos desbrujulados que no consienten en hacerse representar por el significante requiere sortear ciertos obstáculos para lo que es el clásico trabajo del análisis. Es así que al nivel de la configuración de los lazos familiares nos encontramos con dos clases de fenómenos: por un lado sujetos descreídos del padre pero también con padres que han dimitido de su función.

La pregunta que surge entonces es cual es esa función?

El termino dimisión es un termino que Lacan utiliza en el *Seminario 23: el sinthome* para referirse al padre de Joyce.

El *Diccionario de la Real Academia Española*, define al termino dimisión como "renuncia a un empleo o función", entonces no se trata allí del rechazo del significante del Nombre-del-Padre, como en Schreber, sino de la dimisión de la función de un padre encarnado, que dimite de la transmisión de un deseo, que por supuesto no es anónimo. Es un padre vivificante y no muerto, del cual se espera la transmisión de un saber al hijo. Es aquello que Lacan define como versión o perversión paterna.

Cuando el padre es tomado por el sujeto como la ley encontramos la caída en la psicosis. Allí se da cuenta del encuentro con Un padre de un saber absoluto, pero, con estos sujetos desbrujulados, no se trata de eso, sino de padres encarnados que dimiten de la transmisión, no del saber como absoluto, sino de un saber particularizado, y esto último también produce efectos estragantes. Encarnar quiere decir que alguien, un sujeto, debe prestar cuerpo a esa función y ese prestar cuerpo implica allí tener un deseo.

Hoy en día nos confrontamos con una clínica que es más el efecto de padres que dimiten de esa función de transmisión que la de aquella otra que es efecto del padre extraordinario de Schreber.

El padre de la ley y el padre-versión no son antinómicos. El "no" que se pone en juego con la interdicción subsidiaria de la ley es condición necesaria para poder construir una versión del padre.

En el lugar del padre como portador de una interdicción aparece otra cosa que no es el padre. Hay una relación entre la dimisión de la función paterna y algo que señala Lacan en la clase 10 del *Seminario 21: los no incautos yerran, o Los nombres del padre*. Allí se refiere a un signo de una degeneración catastrófica cuando se anula ese "no". Dice que el Nombre-del-padre esta sustituido por otra cosa. "El desfiladero del significante por el cual pasa al ejercicio ese algo que es el amor, es muy precisamente ese Nombre del Padre que solo es no a nivel del decir y que se amoneda por la voz de la madre en el decir no de cierto numero de prohibiciones" (LACAN, 1973-74).

Es interesante destacar el carácter de esa sustitución porque no dice que es sustituido con un subrogado paterno, maestro o juez, y tampoco se trata del síntoma cumpliendo la función del padre, sino que la función del límite es sustituida por otra función que encarna lo social. Hay allí una función que se sustituye por otra. No se trata de sustituir al padre por otro elemento que cumple la misma función sino que es la sustitución de la función misma de la ley.

Si lo que se sustituye es el elemento pero se conserva la función también se conserva un orden pero al sustituirse una función por otra, el resultado es una alteración en el orden. Al Nombre-del-Padre se le sustituye otra función, con un orden que sustituye al Nombre-del-Padre en su función de lazo. A esa función Lacan la llama "nombrar para". Transcribimos una cita de Lacan

Es bien extraño que aquí lo social toma un predominio de nudo, y que literalmente produzca la trama de tantas existencias; el detenta ese poder de 'nombrar para' al punto que después de todo, se restituye con ello un orden que es de hierro; que designa esa huella como retorno del Nombre del Padre en lo real, en tanto que precisamente el Nombre-del-Padre fue rechazado [...] ¿Acaso ese nombrar para no es el signo de una degeneración catastrófica? (LACAN, 1973-74, 19/03/1974).

Vemos aquí que no se trata del destino trazado por el padre sino por lo social, pero eso que Lacan llama "los signos de una degeneración catastrófica" alude a que esa nueva función ya no articula el deseo a la ley.

Surge como interrogante en el mundo actual, con las transformaciones a nivel de las nuevas configuraciones familiares ¿quien encarna esa función de trazar un límite que enlace al sujeto no al padre sino a un deseo articulado a la ley?

III- Abuso sexual

En el año 1912, Freud escribió el texto "La degradación general de la vida erótica", en el cual queda planteado que el lazo al partenaire sexuado es efectuado bajo ciertas condiciones: para gozar de el debo degradarlo. Dice Freud:

Esta necesidad de un objeto sexual degradado, al cual se enlace fisiológicamente la posibilidad de una completa satisfacción, explica la frecuencia con que los individuos pertenecientes a las más altas clases sociales buscan sus amantes, y a veces sus esposas, en clases inferiores (FREUD, 1912).

Mas adelante en el mismo texto Freud agrega que "el psicoanálisis verá con agrado que se utilicen sus descubrimientos para sustituir lo perjudicial por lo provechoso".

El nos advierte de una degradación es general. En la época de Freud la degradación recaía sobre la elección del objeto erótico en una mujer de clase inferior, pero el lugar del objeto erótico todavía estaba habitado por un sujeto. El abuso sexual bien podría ser uno de los signos de esa generación catastrófica.

Hoy por hoy ¿Que forma tomo la degradación? ¿No estamos asistiendo acaso a una degradación tal que en el lugar del objeto erótico el sujeto que debería estar allí es reemplazado por una sustancia química que se la consume, o por la computadora o es tomado un niño como objeto sexual?

La degradación actual ha llegado a tomar la forma de la aniquilación del lazo, a través de la violencia o simplemente a través de la soledad en la cual queda sumido cada vez más el sujeto contemporáneo.

Lejos de agotar el controvertido tema acerca del abuso sexual, se hace necesaria una contribución para pensar al mismo desde el psicoanálisis. La cuestión quedara abierta en última instancia al caso por caso. Los llamados "abusos sexuales" son de diversas índoles. Es difícil determinar que acto es catalogado como abuso: nos encontramos con una bolsa de fenómenos en la cual todo va a parar allí. El diccionario enciclopédico Encarta ubica: abuso de confianza, abusos de autoridad, abuso de poder, abuso o acoso sexual. Pero dentro de tanta dispersión hay una marca que es común a los diferentes tipos puestos en ese catalogo, "se trata de un exceso" y esto si es congruente con la lectura que hacemos del malestar actual de nuestra civilización.

El abuso sexual en niños merece una reflexión. No entraré en aquello que se da en llamar abuso de género.

Comencemos por trazar algunas coordenadas que ubiquen desde las categorías analíticas una respuesta acerca del lugar del niño para el psicoanálisis.

En su trabajo "Tres ensayos para una teoría sexual", Freud deja asentada las bases de la sexualidad infantil y rompe con pretendida inocencia de la infancia. Se sitúa en Freud una anticipación de la libido respecto de la elección del objeto incestuoso que luego del Complejo de Edipo sucumbe a la represión y le continua un largo periodo de latencia como inhibidor de lo sexual. La latencia que Freud ubica como esencialmente humana marca un tiempo de espera respecto de la elección de objeto. Para el animal el orden natural no esta pervertido cuando se desencadena el instinto sexual conjuntamente aparece la respuesta en la búsqueda del objeto. Solo el ser parlante se anticipa o se demora y su objeto no le es natural sino que es el resultado de una elección. El asunto es indagar sobre que base ella se efectúa dicha elección.

El psicoanálisis constata la anticipación del goce sexual en el niño antes de producirse la elección de objeto sexual. El niño elabora su condición erótica y sus fijaciones libidinales van a constituir los signos de su goce a través de los primeros objetos investidos libidinalmente en el seno de la familia (MILLER, 1997).

La primera corruptora del cuerpo del niño es la madre. Es ella quien marca el cuerpo del niño y le confiere una erogeneidad, y es a partir de estas marcas el niño se separa de la madre y goza de una parte de su propio cuerpo. Freud descubre que los primeros objetos investidos por la libido son de carácter incestuosos.

"La proporción sexual no existe, solo existe en la familia", es una referencia de Lacan (MILLER, 1997). La familia es un vínculo social basado en la prohibición de la relación sexual. Los objetos familiares son interdictos como objetos sexuales y esa elección debe hacerse fuera de la familia pero justamente es dentro de la familia donde se elabora la condición amorosa que determina la elección del objeto erótico. Esos rasgos imaginarios organizados por un rasgo del ideal llevan por debajo las insignias y las marcas del goce⁴. Freud encuentra el aspecto pulsional del amor: esa es la condición amorosa y el ideal, de ese modo, vela al goce. El fantasma da cuenta de la posición de goce del sujeto; de qué manera imagina el goce cada sujeto, es ya una versión del goce.

¿Por qué el fantasma es perverso? Por que frente al imposible sexual para establecer una relación al Otro sexo que arme una proporción sexual entre el hombre y la mujer, el fantasma fundamental pone en relación al Otro del goce

encarnado en la figura de los padres. De allí se deduce que en la infancia la única proporción que el sujeto puede encontrar es la proporción padre-madre.

¿Qué es un niño para la pareja parental?

Rastreamos algunas respuestas que nos han dado Freud y Lacan. En Freud (1914) encontramos al niño situado desde el narcisismo fálico de los padres, correlativo al ideal, donde el niño es situado como *his majesty de baby* (su majestad el bebe), como dice Joan Manuel Serrat en su canción "A veces los hijos se nos parecen y nos dan la primera satisfacción". A ese niño se lo ama tiernamente.

Pero, no es esta la corriente que se hace presente en los abusos sexuales. La corriente que se hace presente es del niño degradado con un valor de goce y no solo con un valor de uso, sino también de cambio en el mercado de la prostitución infantil. No es lo mismo que al niño se le anticipe la sexualidad que se lo tome anticipadamente como objeto sexual.

¿Que ocurre con la latencia, hoy por hoy, como ese tiempo que marca en la estructura ese impase sexual? ¿Que respuestas tenemos hoy frente al imposible sexual? Son algunos de los interrogantes a pensar a partir del descubrimiento freudiano...

Lacan en el *Seminario 14: La lógica del fantasma* (1966-67) hace una referencia al niño no como resultado de la unión amorosa entre la madre y el padre en el cual el niño es una majestad, sino como metáfora misma de lo que no se une a nivel del goce entre ellos. Se presenta al niño no como metáfora del amor que une, sino como metáfora de aquello que no los une. Es tomar al niño bajo las coordenadas de la no relación sexual.

La verdadera razón de la referencia al niño, en psicoanálisis no es pues en ningún caso la de una germinación. Pero solamente esta esencia problemática: el objeto *a*, cuyos ejercicios nos dejan estupefactos no importa donde, es ejecutada en los fantasmas del niño (LACAN, 1966-67, 26/04/1967).

Que el niño no sea producto de una germinación no nos autoriza a tomarlo como producto de una reproducción biológica. Habíamos visto dos modos de tomar al niño en la pareja parental: una, por la vertiente amorosa como resultado de la unión y amor recíproco entre el padre y la madre, es un velo que responde al *his majesty the baby*, como fruto y resultado de una completad ideal de acoplamiento exitoso y feliz. El niño en la vertiente del Ideal que los une al padre y la madre no es lo mismo que el niño como resto de la no-relación entre padre y madre. Es el niño tomado objeto *a* y allí queda ubicado como metáfora de la no proporción sexual. El niño en esa perspectiva asume el valor, no del Uno ideal inexistente en la copula, sino que en tanto objeto *a*, se presta a asumir un valor de goce, el del objeto *a*, como aquello que se separa y resta entre uno y Otro de los partenaire parentales.

¿Qué es el niño bajo el horizonte de la no relación sexual?

Elijo esta perspectiva, ya que son varias las que pueden tomarse para abordar la compleja temática, porque parto de la hipótesis que el abuso sexual es la respuesta como puesta en acto de los fantasmas perversos que Freud encontró como respuestas al imposible sexual. El abuso elide la cuestión de la castración entendida

no solo como el “no reintegraras tu producto” que atañe a la ley de interdicción del incesto sino a la castración entendida como no relación.

La vertiente que pone en juego los abusos sexuales obviamente no es la corriente tierna y abre las puertas a pensar la perversión paterna cuando forcluye aquello que Lacan nos dice del padre como padre-versión en tanto debe de transmitir una versión de su goce en tanto es una mujer su partenaire. ¿Qué ocurre cuando su partenaire es el niño? ¿Que decir también en los casos que se verifica en los decires del menor el consentimiento?

El abuso sexual es correlativo al empuje contemporáneo a una satisfacción no articulada a la ley de interdicción y a un empuje a la denuncia de culpables cuando ya no hay responsables. Haciéndonos sus portavoces retomamos el anhelo freudiano ¿como puede actualmente el psicoanálisis con sus descubrimientos, sustituir lo perjudicial por lo provechoso?

Un discurso no suple a otro y decir, desde el discurso analítico, que posición tiene un niño en la pareja parental no sustituye el plano de lo que es un niño para el discurso jurídico, por ley esta definido. Si bien es difícil evaluar la complicidad del niño con su seductor sexual, ello no implica la absolución del adulto, pero lo que si interrogamos son los medios de los que se valen como pruebas.

Recordar que el niño es un sujeto quiere decir no solo que esta atravesado por el lenguaje, sino que también tiene un cuerpo erógeno por lo tanto goza, y si goza de su cuerpo también pueda avergonzarse de su goce. Lacan (1969-70) bien situó la dignidad que otorga ese sentimiento de vergüenza.

Acaso si ha sido “víctima de un abuso”, ¿No es otro abuso incitarlo a hablar? ¿Que decir del derecho a callar? ¿Qué lugar de respeto tiene ese derecho al silencio? El imperativo de la denuncia encubre muchas veces no solo los avatares de cada familia sino también un discurso que busca culpables cuando ya no hay responsables. ¿Acaso el imperativo de confesión, confesión que no es otra que la del goce, no encubre la obscenidad en la cual esta inmersa este mundo del espectáculo del goce?

En su artículo “Nuevas inscripciones del sufrimiento del niño”, Eric Laurent (2008) se ocupa de este tema y es interesante detenernos en algunas cuestiones. Plantea allí que la necesidad de castigo conceptualizada por Freud como “ser pegado por el padre”, Lacan la ubica como padre-versión en tanto es la versión que el sujeto se hace del goce del padre. Ese goce supuesto es inconfesable “no puede ponerse en palabras”. Pero quiero destacar el lugar en el que Laurent ubica a la perversión no del lado del abusador sino del lado del Estado. “El intento de reintroducir el goce en el Otro es una de las formulaciones que Lacan dio de la perversión”. Frente a la falta de goce en el Otro, el perverso la colma con la certeza que en el Otro hay goce y el se hace cargo de reintroducir esa falta”. Esa certeza de goce que el estado espera como verdad del discurso del niño es lo que ubica como perversión del Estado y ubica al paidofilico mas del lado del fuera del sentido.

Como psicoanalistas sabemos del pudor que encierra un goce y el niño no esta exento de ellos el irresponsable es el adulto que calla su delito. ¿No merece al menos un cuestionamiento pensar acerca de la insistencia puesta en la confesión del niño con las pruebas testimoniales?

Que el niño sea responsable de su posición de sujeto es una cuestión otra, es que a partir de la no asunción de la responsabilidad subjetiva de quien ha cometido un delito y lo silencia, se apunte cada vez mas a las pruebas testimoniales en el niño. El sujeto es responsable de sus actos, pero no de los actos del otro.

El imperativo de declarar reduplica el abuso, y se esta convirtiendo en algo inversamente proporcional a la impotencia de los jueces y peritos cuando no obtienen la respuesta de responsabilidad en el abusador. Se tornan más implacables para obtenerla por parte de los niños.

Si en el estado de derecho el sujeto es libre de entrar y salir, de hablar y de callar estos también son los derechos del niño. Pero en nombre de la salud mental no solo se le quitan los derechos al sujeto loco sino también al sujeto niño, en tanto se lo priva de sus derechos de elegir entre la palabra y el silencio.

Es cierto que el niño tiene derecho a callar y nadie puede obligarlo a hacer lo contrario, es tan cierto esto como el empuje a la denuncia desde los medios familiares, los medios de comunicación. Si el psicoanálisis entra del mismo lado que los derechos humanos es interesante reflexionar acerca del alcance de este enunciado. Recordemos unas palabras de Alain Badiou respecto de los derechos del niño:

La cuestión no obstante consiste siempre en conocer el precio que en materia de definición del hombre se paga por cualquier ampliación de sus derechos. Pues una igualdad es reversible. Si el niño tiene los derechos del hombre esto puede significar que es un hombre, pero también tener por condición que este acepte no ser mas que un niño (BADIOU, 2006, p. 102).

IV- El niño generalizado del mundo globalizado: la responsabilidad en la época actual

¿Qué tipo de responsabilidad le cabe al psicoanálisis en la época contemporánea?

El debate acerca de la responsabilidad es crucial en el actual mundo globalizado. Los acontecimientos, al producirse por una multiplicidad de causas concatenadas en una red simultanea, traen aparejado en la subjetividad la dificultad de ubicar el lugar de la causa que a su vez se traduce en una dificultad para situar al responsable. El lugar de la causa y la responsabilidad están íntimamente relacionados y este lazo se ve perturbado por esa concatenación de causas. No estamos en la época del gobierno del Uno sino de lo múltiple.

En una época en la cual se ofrecen todas las condiciones para que nadie se haga responsable es lógico que todos los discursos y disciplinas hablen de la responsabilidad.

Siendo el goce el campo sobre el cual opera el psicoanálisis, la responsabilidad en psicoanálisis esta especificada por la relación que el sujeto tiene con el goce implicado en sus actos. De allí que Lacan en el "Discurso de Clausura a las Jornadas sobre la Infancia alienada", califica a la persona mayor como quien se hace responsable de su goce. El hecho de que no haya "personas mayores" -tal como dice Lacan- marca la entrada de un inmenso gentío en el camino de la segregación; es la época del "niño generalizado", aquél que no se hace responsable de su modo de gozar ni de sus consecuencias. La responsabilidad para el psicoanálisis es siempre de un sujeto, atañe a una singularidad y no a una masa, por el contrario, en la masa, los sujetos son irresponsables.

El derecho distingue entre responsabilidad civil, por la cual se atribuye a alguien como autor de un acto perjudicial para otro sujeto, la obligación de reparar por las consecuencias dañosas que se deriven de su acción, y responsabilidad penal, por la

que se imputa a alguien la autoría de una acción delictiva, por la que es obligado a recibir una pena.

La responsabilidad moral, en el terreno filosófico ubica la perspectiva en la cual el sujeto debe de reconocerse como autor de sus actos, ante la propia conciencia y ante la sociedad. La afirmación de la libertad es la condición necesaria para la responsabilidad. Una persona es moralmente responsable de lo que ha hecho sólo si hubiera podido actuar de forma distinta, es decir si tiene la posibilidad de opción. La responsabilidad así abre el debate acerca de la libertad y el determinismo del sujeto.

El debate acerca de la conducta moral del sujeto moderno se abre con Kant para quien el acto moral sitúa por parte del sujeto una elección entre la ley universal de la razón y la renuncia de los intereses particulares en nombre del imperativo moral, y esto presupone una decisión por parte del sujeto. Pero, en su texto "Kant con Sade", Lacan (1962) pone de manifiesto el reverso gozoso de esa moral.

¿Qué perspectivas, que ejes se toman para delimitar la responsabilidad para el sujeto del psicoanálisis?

En Freud el tema de la responsabilidad aparece planteado en su texto "La responsabilidad moral por el contenido de los sueños" (1925). Sitúa allí un eje que concierne a la responsabilidad respecto de las formaciones del inconsciente donde lejos de eximir al sujeto de su responsabilidad, amplía su horizonte. Concluye que el sujeto debe hacerse responsable del contenido de sus sueños.

Pero no es lo mismo sonar que se mata al padre que el acto de matarlo. En el inconsciente anida un deseo que en si mismo es trasgresor pero otra es la cuestión acerca de los límites con que cuenta cada sujeto respecto de sus actos.

Culpa, responsabilidad y castigo son categorías utilizadas tanto por el discurso analítico como por el jurídico, pero para el discurso jurídico hay continuidad entre ellas. El sujeto, si es culpable, es responsable de un acto tipificado como delito y por lo tanto debe recibir una sanción.

Para el psicoanálisis no hay tal continuidad. El sujeto es culpable de un acto no cometido y puede gozar eternamente de su culpa sin hacerse responsable, también puede cumplir una condena y ello no implica su responsabilidad subjetiva o se lo puede declarar inimputable y el mismo sujeto exigir una sanción que le devuelva su condición de sujeto responsable. Por eso, para el psicoanálisis, no existe amparo alguno bajo ninguna ley de inimputabilidad. Para el psicoanálisis, hay terrorismo de la responsabilidad. Lacan, consecuente con Freud, llega a situar un terrorismo de la responsabilidad en tanto plantea a un sujeto siempre responsable "De nuestra posición de sujetos somos siempre responsables" (LACAN, 1965, p. 837). Allí el sujeto es responsable en tanto esta planteado como respuesta del inconsciente a diferencia de plantearlo como determinado por un mecanismo organicista. Lacan responde al discurso psiquiátrico organicista ubicando un interjuego permanente entre causa y consentimiento. La causa viene por el determinismo del Otro pero el sujeto queda planteado a nivel de la respuesta que otorga como consentimiento al Otro o como rechazo también. Y de allí el terrorismo de la responsabilidad y la imposibilidad ética desde el psicoanálisis de plantear a un sujeto como víctima.

Si a través de la culpa el sujeto se liga al Otro, a través del acto se desliga. Solo puede asumir una responsabilidad a posteriori del acto religándose al Otro. Allí se verifica la relación con las consecuencias de su acto. Hay sujetos que quedan identificados al acto y no quieren hablar de ello, sujetos arrepentidos, sujetos que reivindican el acto, sujetos que no tienen una explicación y desean encontrarla,

otros que no la tienen y tampoco la quieren buscar, sujetos que se hacen cargo de las consecuencias y sujetos que culpan al otro.

El superyo y las formulas de la sexuación

Retomare una pregunta que se hace Jorge Aleman en su libro *La experiencia del fin* (1997): ¿La responsabilidad frente al retorno de lo reprimido es la misma que la que se espera del sujeto que responde al imperativo categórico?

Con la paradoja del superyo se deduce una perspectiva que en lo atinente a la responsabilidad traza otro horizonte. En un caso, se trata del retorno de lo reprimido y, en el otro, del retorno de lo real del goce encarnado en el imperativo categórico que le ordena gozar al sujeto.

Pero el imperativo categórico no se articula del mismo modo cuando se inserta en una lógica que cuenta con una excepción que delimita y dice no que cuando no existe uno que diga no. Esto último se emparenta con la caracterización que hacen Miller y Laurent de la época actual como la del Otro que no existe como único (M, 1996-97).

Con las formulas de la sexuación, Lacan traza un horizonte que va mas allá del posicionamiento sexual de un sujeto. Con ellas también podemos hacer una lectura de los síntomas que atañen al actual malestar contemporáneo. Siguiendo la repartición trazada por Lacan respecto de la modalidad del goce que es la masculina regida por un limite fálico hace a una clasificación que tiene a la excepción como limite y por otro lado la repartición femenina que se rige por la lógica del no-todo fálico y no tiene una excepción que delimite al goce. Una se rige por lo finito y otra, por lo infinito. Siguiendo a Milner (2004) tenemos que las democracias ilimitadas se rigen por una lógica donde no prima el reino del Uno, sino más bien por la inexistencia de ese Uno que diga no.

A partir de ello retomo un planteo de Juan Carlos Indart⁵ respecto al imperativo categórico: "El imperativo universal kantiano planteado a nivel de lo simbólico como Ideal o la imaginarización de una completud no es lo problemático. Lo problemático se presenta cuando ese Universal quiere ser realizado como un todo en lo real".

El universal funcionando como un todo de ficción en lo imaginario y lo simbólico no trae aparejado problemas. La cuestión se torna problemática, cuando esa moral se quiere elevar en lo real a la categoría de constituir un acto que se articula al "todo x". El imperativo kantiano se rige para la lógica masculina, pero cuando al pasar al lado femenino de la sexuación, el no existe uno, es leído como universal negativa, como ninguno. La consecuencia de ello es el exterminio de la diferencia en lo real. El universal (como categoría simbólica) nunca puede ser alcanzado en lo real.

Toda orientación en la cual el Ideal se quiera hacer pasar a lo real devendrá esa clase de "exterminios" que se produjeron desde la Segunda Guerra Mundial hasta los fundamentalismos actuales.

A partir de las *Antimemorias*, de Malraux (1968), Lacan hace una alusión a esa posición de hacerse el distraído que encontró en los sobrevivientes de la guerra. Esa misma posición no tiene fronteras, en la Argentina la encontramos desde el niño que roba en el colegio y dice "yo no fui", hasta los crímenes de Estado ocurridos en la Argentina de la dictadura militar. Todos niños generalizados.

¿Cuándo el Otro es aniquilado o destruido en el lazo? ¿Cuándo en el lugar del Otro esta ubicada la adicción? ¿Cuándo el Otro es un niño abusado? ¿Qué responsabilidad le cabe al analista frente a estos nuevos síntomas que ofrecen como solución a la no relación sexual la anulación de la castración? ¿Podemos a estos síntomas considerarlos como arreglos de suplencia de la relación sexual faltante?

¿Qué responsabilidad le cabe al analista frente al mundo en el cual impera el niño generalizado? ¿Cómo compensar el autismo del goce para que el resultado sea una posición responsable y no cínica?

El imperativo freudiano "Donde eso era un sujeto debe advenir" no es un imperativo cínico porque transforma la satisfacción pulsional donde el sujeto goza solo por el lazo al Otro. Al imperativo categórico kantiano, Freud, que no fue ni ingenuo ni idealista, le responde con el imperativo ético del superyo. Pero Freud no hace del superyo el imperativo ético del psicoanálisis. El responde con *Wo Es war, soll Ich werden*.

NOTAS

1. "La política procede por identificación, manipula los significantes amos, busca atrapar al sujeto" (MILLER, 2005, p. 21).
2. Título original del film: "l'Enfant" (Bélgica/Francia, 2005). Dirección Jean-Pierre y Luc Dardenne.
3. En el Seminario Clínica del discurso universitario, dictado por Juan Carlos Indart en la EOL, se han trabajado varios materiales clínicos desde esta perspectiva.
4. Recordemos que esto es antinómico a lo situado por Miller (2004) como discurso hipermoderno en el cual el goce ya no esta velado por el ideal sino que es el que comanda.
5. Clínica de la no relación sexual, "Lacan con Mencion", seminario dictado por J. C. Indart en la EOL, 2003. Notas de la autora

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEMAN, J. (1997) **La experiencia del fin: psicoanálisis y metafísica**. Malaga: Miguel Gomez Ediciones.
- BADIOU, A. (2006) **El siglo**. Buenos Aires: Manantial.
- BRODSKY, G. (2006) La causa del padre. **Dispar**. Buenos Aires: Grama ediciones, n. 6.
- FREUD, S. **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1996.
- _____. (1912) La degradación general de la vida erótica. Vol. XI.
- _____. (1912 [1912-13]) Tótem y tabú. Vol. V.
- _____. (1914) introducción del narcisismo. Vol. XIV.
- _____. (1925) La responsabilidad moral por el contenido de los sueños. Vol. XIX.
- _____. (1930 [1929]) Malestar en la Cultura. Vol. XXI.

INDART, J.C. (2004) El padre y el profesor. Conferencia dictada en 03/09/2004, en la Universidad de Colombia, Bogota.

_____. (2007) Clínica del discurso universitario. **Patologías de la identificación en los lazos familiares y sociales**. EOL, Buenos Aires: Grama ediciones.

LACAN, J. (1938) Les complexes familiaux. In: **Autres Écrits**. Paris: Seuil, 2001, p. 23-84.

_____. (1950) Introduction théorique de la psychoanalyse à la criminology. In: **Écrits**. Paris: Seuil, 1966, p. 125-149.

_____. (1962). Kant con Sade. In: **Escritos 2**. México: Siglo Veintiuno Ed., 1989, p. 744-770.

_____. (1965). La ciencia y la verdad. In: **Escritos 2**. México: Siglo Veintiuno Ed., 1989, p. 834-856.

_____. (1966-67). **El Seminario: la lógica del fantasma**. Inédito.

_____. (1969-70) **Seminario 17: El reverso del psicoanálisis**. Buenos Aires: Paidós, 1990.

_____. (1973-74). **El Seminario 21: los no incautos yerran**. Inédito.

LAURENT, E. (2008) Las nuevas inscripciones del sufrimiento en el niño. **Enlaces**. Buenos Aires: Grama, n.12.

MALRAUX, A. **Antimemórias**. São Paulo: Difel.

MILLER, J.-A. (1996-97). **El Otro que no existe y sus comités de ética**. Buenos Aires: Paidós, 2005.

_____. (1997) Observaciones sobre padres y causas. In: **Introducción al psicoanálisis**. Nueva Biblioteca Psicoanalítica. Buenos Aires: Paidós, 1997.

_____. (2004). A era do homem sem qualidades. In: **aSEPHallus**, n. 1. Revista eletrônica do Núcleo Sephora de pesquisa. Ano I, nov/2005–abr/2006. Disponível em http://www.nucleosephora.com/asephallus/numero_01/traducao.htm

_____. (2004) Una fantasía. **Revista Lacaniana de Psicoanálisis**. Buenos Aires: EOL, n. 3, p. 9-19, 2005.

_____. (2005) **Psicoanálisis y política**. Buenos Aires: Grama Ediciones.

_____. (2006) Cosas de familia en el inconciente. In: **Introducción a la Clínica Lacaniana**. Conferencias en España. Colección ELP. Barcelona, Cap. 21.

MILLER, J-A & MILNER J.-C. (2004) **¿Desea ud ser evaluado?** Malaga: Miguel Gomez ediciones.

Texto recebido em: 20/07/2007.

Aprovado em: 15/10/2007.

NOTAS SOBRE O CORPO

Vera Gorali

Licenciada em Psicologia pela Universidade de Buenos Aires (UBA)
Licenciada em Letras pela Universidade de Buenos Aires (UBA)
Docente da Cátedra de Psicossomática da Universidade John Kennedy
Docente do Instituto de Clínica de Buenos Aires (ICBA)
Psicanalista, AME da Escola de Orientação Lacaniana (EOL) e da Associação Mundial
de Psicanálise (AMP)
Diretora da Consulta Rede de Assistência de Buenos Aires

veragorali@yahoo.com.ar

Resumo

Desde seus primeiros trabalhos sobre as paralisias orgânicas, motores e histéricas, Freud diferencia o corpo anátomo-biológico de outro corpo, ligado ao simbólico e especialmente destinado a revelar as verdades mais secretas do sujeito sem que ele o saiba ou disponha as coisas de outra maneira. Por isso, a enfermidade deveria ser decifrada em um código completamente alheio ao orgânico, onde o desejo reprimido pelo próprio sujeito – e não pelos mandados paternos, como costumamos dizer – desviava a libido de seu caminho previsto. Aparece então um corpo simbólico no qual a dita libido inscreve mensagens codificadas que perturbam, inibem, modificam a inervação nervosa anatômica como ocorre na histeria ou nos pensamentos, no caso das neuroses obsessivas, que o erotizam.

Palavras-chave: psicanálise, caso clínico, corpo, histeria.

NOTES ABOUT THE BODY

Abstract

Since his first works about the organic paralysis, motor, hysterical, Freud differs the anatomic pathological body from the other body, linked to the symbolic and especially destined to reveal the most secret truths of the subject without this one knowing or deploying things in another way. That is why the sickness should be deciphered in a completely different code from the organic, where the desire that the subject himself stresses – and not thanks to the fatherly imperatives as we usually say – diverts the libido from its foreseen cause. Then a symbolic body appears in which this libido writes code messages that disturb, suppress, change the anatomical neuronal enervation like it occurs in hysteria or in thoughts, like it occurs in the obsessive neurosis that erotizes him.

Keywords: psychoanalytical clinic, body, symptom, hysteria, obsessive neurosis.

Jane tem cerca de 40 anos e dois filhos de um casamento anterior. Sua demanda de análise gira em torno de uma dificuldade: custa-lhe movimentar-se, a inércia a impede de agir, não consegue “se colocar” no exercício de sua profissão, em que pese a precária situação econômica a que se vê submetida desde a sua separação. Esta dificuldade contrasta com o que relata acerca de sua juventude, durante a qual teve uma excelente situação profissional, viajou para a Europa, tomou decisões difíceis, aí incluída a de trocar seu abastado marido por um homem com o qual, contudo, não se atreve a conviver e, portanto, a oficializar a relação.

Daniel, pelo contrário, é um jovem decidido a experimentar sua homossexualidade em todas as oportunidades que se lhe apresentam. Possuidor de um par de títulos universitários de graduação e pós-graduação, se desempenha sem problemas como docente em diversas carreiras. É uma solução transitória que lhe permite ter longas férias para escrever, sua verdadeira paixão. Contudo o afetam permanentes eclosões de *dermatitis atópicas* mal diagnosticadas, que ferem suas mãos, cotovelos, partes do peito, a parte posterior dos joelhos e com frequência lhe impedem de trabalhar, seja na universidade, seja em sua casa.

Pâmela tem 53 anos e está numa encruzilhada. A empresa que criou e dirigiu por mais de quinze anos e que lhe permitiu sustentar a criação de suas filhas quando ficou viúva, está a ponto de “afundar”. “Esgotada e doente de remar contra a maré em um meio que se tornou muito competitivo, largou o leme” e já não pode distinguir qual é a causa do quê, se as dores das dificuldades da empresa ou a empresa de seus transtornos. Diz que “o sofrimento a acompanha” por toda parte.

Pablito é um menino que tem insônia e que embora tenha 11 anos ainda faz xixi na cama à noite. Seus desenhos e breves sonhos estão povoados de monstros e malfetores armados com metralhadoras que o assediam. Interrogado acerca disso, manifesta, de forma bastante transparente, seu sentimento de culpa e necessidade de um castigo encarnado pela voz do feroz supereu materno.

A lista de exemplos poderia continuar com outras inibições, outros sintomas e outras angústias, mas sempre poderíamos encontrar na diversidade de um a um, um ponto em comum: o corpo afetado do *parlêtre*.

O que é o corpo?

Esta pergunta assim colocada é, na verdade, incompleta. Para respondê-la convém delimitar o universo no qual teorizamos e ao qual nos referimos. É o que chamamos de discurso analítico (LACAN, 1969-70).

A partir desta perspectiva tentaremos precisar um termo muito transportado por discursos como o da medicina, o da biologia, o da filosofia, quando não no discurso que chamamos de comum.

Entre todos eles e o discurso analítico há diferenças essenciais, a ponto de podermos sustentar que este último vai, em sentido contrário, ao sentido comum. Em geral nos encontramos com uma constante: o corpo, inteiro ou fracionado em partes e órgãos, é assimilado ao modo da *res-extensa* cartesiana, uma unidade substancial com um saber próprio que garanta sua nutrição, crescimento, desenvolvimento e reprodução.

Além disso, esta idéia de corpo gera a necessidade de uma estrutura diferenciada, designada como alma ou mente (por sua vez diferente do cérebro), sede das percepções, emoções, sentimentos, vontade e memória, responsáveis pelo seu bom funcionamento.

Entre ambos, extensão e pensamento, se constitui um indivíduo, a pessoa, sujeito do direito, capaz de formar uma célula maior, a família e a sociedade, como conjuntos desses ditos indivíduos.

Ambos estão estreitamente relacionados, pois o *perceptum*, ou o mundo supostamente objetivo, é exterior ao *percipiens* e este necessita de seus sentidos para incorporá-lo e utilizar suas capacidades de ser falante.

Como já forma parte do acervo cultural, não creio necessário fazer demasiada insistência na revolução conceitual provocada por Freud com relação ao corpo. Desde os seus primeiros trabalhos acerca das “Paralisias orgânicas, motrizes e histéricas” (1893 [1888-1893]), ele diferencia o corpo anátomo-biológico de outro corpo, ligado ao simbólico e especialmente destinado a por a descoberto as verdades mais secretas do sujeito, sem que este o saiba ou disponha as coisas de outro modo. Seus vários exemplos clínicos dão conta deste descobrimento, fazendo com que a própria definição da doença gire em círculos. Com frequência, Freud indicava, para perturbação e escândalo de sua comunidade, que esta doença devia ser decifrada em um código completamente alheio ao orgânico, onde o desejo reprimido pelo próprio sujeito – e não pelos mandatos paternos, como se costuma dizer – desviava a libido de seu caminho previsto.

Aparece, então, um corpo simbólico no qual a dita libido inscreve mensagens codificadas que perturbam, inibem, modificam a inervação nervosa anatômica como como ocorre na histeria ou nos pensamentos, no caso das neuroses obsessivas, que o erotizam

O mesmo ocorre com a sexualidade, pois a diferença entre os sexos parece simples. Assim, a identidade sexual não é da ordem do puro feito biológico da reprodução. Ser homem ou ser mulher não é jamais ser simplesmente macho ou fêmea da espécie humana. O pertencimento a um sexo é função do desejo e do gozo, assim como a noção de gênero é uma construção cultural que procede das variáveis pelas quais uma sociedade se faz representar.

Para o homem não há “relação naturalmente sexual”, por isso o homem se diferencia da lei da natureza. Quando se trata de dar nome, diz Lacan (1975-76), *Adam* se transforma em *Madam*, pois utilizou a língua de *Evida*, diz, jogando em francês com o equívoco entre Eva e vida (Eve,vie). Por esta via, encontra a nomeação que faz laço, o sinthoma.

Dois ensinios

Lacan deixa claro, na primeira parte do seu ensino, a emergência deste corpo, resultado do enlaçamento entre imaginário e simbólico (MILLER, 2002). O interessante é que a questão do corpo segue sustentada até o final, pois no seminário sobre Joyce, do ano de 1975-76, podemos ler elaborações acerca da consistência que o corpo outorga.

No que chamamos o segundo ensino, Lacan nos surpreende com precisões inesperadas, que são a consequência da virada de sua teoria a partir do seminário *Encore* (1972-73).

O que apresenta neste segundo período que parece revolucionar tudo o que transmitiu antes?

A linguagem, até então ferramenta privilegiada para a domesticação do gozo e a subsequente mortificação do corpo, é concebida, em troca, como uma fonte mais de satisfação. Como se deduz, este giro conceitual modifica drasticamente a prática, a direção da cura e ainda a clínica.

Uma nova topologia ocupa a cena, o nó borromeano localiza o imaginário, o simbólico e o real a respeito do necessário: o furo que assegura a possibilidade de enlaçamento dos três registros.

Novas considerações acerca da vida constroem o que J.-A. Miller (2002) denomina uma biologia lacaniana. Segundo apresenta na aula chamada “O ego de Joyce”, a

vida para a linguagem, 'quer dizer para o falasser, é muito diferente do que se chama a vida no discurso corrente.

A biologia, a medicina, a fisiologia, têm definições bastante homogêneas da vida e da morte. Para todas essas disciplinas a vida é uma propriedade dos seres organizados que evoluem desde o nascimento até a morte desempenhando funções que lhes são comuns. Implicam o crescimento, o metabolismo, a reprodução que se encontram tanto em animais como em vegetais.

Bichat elaborou sobre esta concepção sua célebre definição segundo a qual "a vida é o conjunto de funções que resistem à morte".

A morte, em oposição, é a cessação definitiva da vida para qualquer organismo biológico.

Às vezes a morte se defende cercando-se de valores simbólicos ao que a psicanálise considera uma segunda morte, como no caso de Antígona, que Lacan comenta no *Seminário 7: a ética* (1959-60). Na antiga Grécia, por exemplo, falava-se da morte civil, assim como a religião chama morte da alma à condenação eterna dos pecadores às penúrias do inferno.

Para a psicanálise não se trata disso já que ela parte da dupla vertente em que se manifesta a eficácia da linguagem como produtora de vida e também como agente de mortificação.

Como sabemos algo da vida?

Por meio de representações. Graças a elas o simbólico introduz sentido. O sentido é o que Lacan, em *RSI* (1974-75), chama "nossa debilidade mental", que a linguagem introduz nos sistemas da natureza. Mental vem de *mens* em latim, mas em francês este termo faz equívoco com a primeira pessoa do singular do verbo mentir. A debilidade é mental quando encontra suas raízes no próprio corpo. De um corpo se supõe que primeiro tem unidade, logo funções especificadas em órgãos.

Dizer unidade é dizer consistência, é o que está junto, que tem uma relação de proximidade. Uma idéia pode ter consistência, assim pensa a filosofia. Quer dizer, que uma idéia tem corpo. Por analogia dizemos que um computador ou um automóvel têm corpo. O que não quer dizer é que um corpo seja vivente, diz Lacan. Daí a necessidade do *parlêtre*. O ser falante é portador de um corpo diferente do corpo animal, para o qual as noções de vida e de morte funcionam de outro modo.

As pulsões – dito de outra forma, o percurso da libido – são resultado da vida da linguagem pois dão lugar ao que, para o suporte somático, significa a morte. E acrescenta: "Estas pulsões dizem respeito à relação com o corpo, o que, para nenhum homem, é simples." Conservemos esta afirmação e tomemos o que se destaca: o homem tem com seu corpo uma *relação*, ou seja, é algo diferente de si mesmo. O corpo é e permanece o Outro. A rigor não está nem no lugar do sujeito nem do objeto, nem é completamente exterior, nem está entre os objetos de gozo, por isso falamos do *estatuto do corpo*.

A forma do corpo

Esta primeira inferência é a base da construção psicanalítica acerca do corpo. Para a psicanálise o importante é que o corpo não está dado de saída, que não "*somos*" corpo senão que o *temos* e para isso devemos nos apropriar dele de alguma maneira.

Não é fácil ter um corpo. É uma orientação lacaniana para a clínica considerar as dificuldades do sujeito com seu corpo. Um exemplo são as experiências de despersonalização do sujeito histérico ou os fenômenos de insensibilidade, de indiferença, etc.

O mais simples é a operação que enlaça o imaginário de seu reflexo especular e o simbólico da estrutura no estádio do espelho e que nos proporciona em primeiro lugar a forma do corpo. Este corpo parece ser tão só o corpo da bolsa, esférico, que nos outorga um corpo ideal ao que imediatamente nos sentidos atraídos, nos fascina com sua completude.

Contudo Lacan não deixa de nos advertir acerca do engano desta completude pois toda bolsa, diz, necessita da corda para fechar-se. É a mesma expressão do furo. Neste caso, o simbólico faz a corda que amarra, pois esta forma ideal está sustentada por um traço significante. No estádio do espelho o corpo se volta como objeto de amor porque há um olhar exterior ao espelho para o qual o sujeito se volta. Isto lhe permite, ao mesmo tempo, separar-se da imagem fascinante, criando uma hiância para o surgimento do sujeito e a construção do corpo, já que por meio desse ponto exterior fixa a relação imaginária, e o autoriza a pensá-la como sua de fato.

É um corpo que, havendo sido inicialmente a sede de um gozo em sua totalidade, tal como é tomado e manipulado ao nascer, se transforma no corpo mortificado, atravessado somente pela vida que resta nos furos pulsionais.

Devemos inferir, então, que não há narcisismo primário, como se diz, o narcisismo é sempre secundário, depende destas operações que logo Lacan (1964) chamará de *alienação* e de *separação*, sem as quais a pulsão não tem suporte, não tem objeto ao redor do qual traçar o seu percurso e retornar ao seu ponto de partida.

Trata-se de uma boca que se beija a si mesma, como ilustra bem o mito de Narciso. Mas para isso deve contemplar-se no espelho e amar essa imagem exterior e da qual nunca pode saber com certeza se lhe pertence.

Há toda uma clínica sistematizada sobre os problemas com o corpo. Para o sujeito sempre é difícil regular-se sobre um corpo que lhe é exterior, o corpo é sempre um objeto do qual se sente separado, por isso tenta alcançá-lo e isso dá lugar a diferentes modalidades da neurose e da psicose.

O obsessivo faz de seu corpo um Eu ideal, paradigmático do masculino e se sente perturbado por um alter-ego. Em troca, do lado feminino, aparece a imagem perturbadora da Outra mulher sem cujo corpo não parece conseguir um para si. Há também experiências fora do limite próprio corporal onde a barreira do amor narcisista cai e provoca a destruição do corpo total ou parcialmente.

Por último, na psicose, o sujeito fica desprovido do corpo e deve apelar permanentemente para as imagens que se lhe outorgam transitoriamente. O tratamento do autismo está dirigido, especialmente, a proporcionar um corpo ao sujeito que está na linguagem mas não dispõe dela.

Por isso é fundamental passar pela experiência analítica, isso permite no final fazer-se um corpo, identificar-se a ele, sair dessa extraterritorialidade forçada. A pergunta é: a que corpo se identifica o sujeito ao final da cura?

Para responder a esta questão vamos entrar na segunda maneira de fazer-se um corpo: não a partir da imagem, mas do furo nela mesma, o não especular, os furos pulsionais.

O corpo vivo do gozo

Em torno de 1963, quando Lacan nos dá o *Seminário 10: a angústia*, ele desenvolve esta segunda possibilidade de fazer unidade com os fragmentos do corpo: a articulação da pulsão a suas bordas corporais, a boca, o ânus, o olho, etc. É como se, ao invés do sapato, se tomasse a fôrma com a qual ele é fabricado. Não é uma substância, mas o que lhe dá um suporte. Representa isso com o esquema dos dois espelhos que acolhem o ramalhete real das flores no vaso.

Com o decorrer dos seminários subseqüentes, Lacan avança decidido nesta direção.

O que é que circula por esses furos? O trajeto, o percurso da pulsão, que nem se desvia de seu objetivo nem a substitui e nem a metonimiza. O percurso se cumpre dando ao sujeito uma certeza acerca do seu gozo. Dita certeza é um apoio importante para dar-lhe consistência corporal.

Eric Laurent diz que o objeto *a*, que é fundamento do enforme de *a*, que chamamos fôrma, como assinala Lacan no *Seminário 20: mais, ainda* (1972-73), se representa pelo trajeto pulsional, o vazio em torno do qual se produz a repetição do circuito. Há que assinalar que assim como a imagem do espelho se articula ao significante, o objeto *a* também está ligado ao espaço entre os significantes, à hiância na cadeia, o vazio *median*.

Quer dizer que para obter um corpo por meio do vivo destes gozos pulsionais, também faz falta estar em um discurso. Esta afirmação implica que algo se deve por em jogo que faça laço entre significante e significado, entre o sujeito e o Outro.

Só que já não se trata do ponto do ideal onde o Nome-do-Pai, único, garanta a operação. Este ponto de exceção pode ser qualquer um. E, quando Lacan apela à topologia dos nós, demonstra com facilidade que qualquer dos três anéis, Imaginário, Simbólico ou Real, que compõem o nó borromeano, estão em condições de ser considerados agentes do enlaçamento e outorgar um corpo ao sujeito.

Agora vejamos, como conduzir esta operação que se parte do vazio?

Um modo de explicá-la é pelas operações de união e interseção dos círculos de Euler por meio de cuja lógica vemos constituir-se o sujeito por um lado e o objeto pelo outro.

Diferenciam-se porque no primeiro caso se tomam os elementos dos conjuntos e no segundo caso se delimitam os conjuntos vazios incluídos em cada círculo. É o objeto *a* em sua consistência real.

O que nos demonstra esta operação?

É uma maneira de dar unidade ao corpo sem passar pela identificação à forma. Como afirma Eric Laurent, é um corpo em seu saber fazer com o objeto *a*, o corpo furado no imaginário pelo objeto *a*, mas sem que o pai seja agente da castração do vazio do gozo. Deduz-se também por este feito que, conceitualmente, o Nome-do-Pai não é equivalente da castração. Podem não coexistir, como demonstra a proliferação de sintomas contemporâneos, as inibições, as passagens ao ato próprias de nossa época, a angústia que apela a todo tipo de defesa.

No lugar da imagem, o que outorga a consistência imaginária é a experiência da pulsão, mas encarnada em algum Outro, o qual dá origem ao sintoma. A relação com o sintoma dá conta de um narcisismo diferente, localizado a partir da identificação ao sintoma.

Qual é o problema neste caso?

Este corpo organizado pelo sintoma pareceria carecer do amor que introduz a dimensão do Nome-do-Pai em qualquer uma de suas versões.

Os exemplos clássicos de Lacan são Joyce, que não parece sentir apego pelo seu corpo, ao contrário, quer deixá-lo cair ao ser golpeado, e Marguerite Duras que, como Joyce, se sustenta de sua obra e não da imagem do seu próprio corpo.

Contudo, Lacan sabe que, sem algum de tipo amor, o gozo está sempre desregulado, sem limites.

O que não pode faltar

Cabe então a pergunta acerca de como, dessa forma, se organiza o corpo desta outra maneira.

E Lacan bem nos faz compreender que o significante introduz a noção de um mais além do vivente e esta idéia, por sua vez, engendra um amor pelo próprio simbólico, com certa significação de eternidade com a qual o vivo não se implica.

É o que J.-A. Miller isola muito bem quando intitula seu livro de *El lenguaje, aparato de goce* (2000). Não é o mesmo o amor ao pai como puro significante, ligado ao gozo e instrumento da *père-versión*, que o pai morto do Estádio do espelho.

Lacan se deu conta de um erro conceitual. A linguagem tem dupla função: produz satisfação pelo uso de *lalangue* e simultaneamente conserva a propriedade de significar a existência de uma dimensão que a mortifica.

É uma qualidade do simbólico em seu aspecto de pulsão de morte, e o pai a encarna quando o considera aparelhado não como o vazio de gozo e sim com o vazio do furo pulsional, o mais vivo do corpo.

Para concluir, uma reflexão acerca da identificação ao sintoma, que é o saldo ao final da análise: o que é que acontece?

Por um lado, sabemos que se opera uma passagem do sintoma como acontecimento de corpo, quer dizer, exterior ele mesmo à sua incorporação.

Por outro lado, a cura impõe um processo de desnarcizinação, quer dizer, como em Joyce, um deixar cair o corpo sustentado pela imagem para dar lugar ao que Lacan denomina *narcisismo radical*, quer dizer, ao narcisismo sustentado pela identificação ao próprio modo-de-gozar.

No final da experiência analítica todos somos como Joyce ou Duras: deixamos o sentido que emerge pela copulação do imaginário com o simbólico, pelo "sentido gozado". Ou dito de outra maneira, pelo modo singular de viver a pulsão; o que equivale à identificação ao sintoma como modo de se construir um corpo em transferência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, S. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. (1923). O Ego e o Id. Vol. XXIII.

_____. (1893 [1888-1893]) Algumas considerações para um estudo comparativo das paralisias motoras, orgânicas e histéricas. Vol. I.

LACAN, J. (1959-60). **El Seminario 7: la ética del psicoanálisis**. Buenos Aires: Paidós, 1990.

_____. (1962-63). **El Seminario 10: la angústia**. Buenos Aires: Paidós, 2006.

_____. (1964) **El Seminario 11: Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis**. Buenos Aires: Paidós, 1987. ISBN: 9789501239812

_____. (1969-70) **Seminario 17: El reverso del psicoanálisis**. Buenos Aires: Paidós, ISBN: 950-12-3987-X, febrero 1992.

_____. (1972-73). **El Seminario 20: aun**. Buenos Aires: Paidós.

_____. (1975-76) **Le Seminaire. Livre XXIII: Le Sinthome**. Paris: Seuil, 2005.

MILLER, J.-A. (2002). O último ensino de Lacan. In: **Opção Lacaniana**, n. 35. SP: Edições Eólia, janeiro, 2004, p. 6-24.

_____. (2000) **El lenguaje, aparato de goce**. Buenos Aires: Colección Diva.

_____. (2002) **Biología lacaniana y acontecimiento de cuerpo**. Buenos Aires: Colección Diva.

Texto recebido em: 15/11/2007.

Aprovado em: 21/12/2007.

NOTAS SOBRE EL CUERPO

Vera Gorali

Licenciada en Psicología por la Universidad de Buenos Aires (UBA)
Licenciada en Letras por la Universidad de Buenos Aires (UBA)
Docente de la Cátedra de Psicosomática de la Universidad John Kennedy
Docente del Instituto de Clínica de Buenos Aires (ICBA)
Psicoanalista, AME de la Escuela de Orientación Lacaniana (EOL) y de la Asociación
Mundial de Psicoanálisis (AMP)
Diretora da Consulta Rede de Assistência de Buenos Aires

veragorali@yahoo.com.ar

Resumen

Desde sus primeros trabajos acerca de las parálisis orgánicas, motrices e histéricas, Freud diferencia el cuerpo anátomo-biológico de otro cuerpo, ligado a lo simbólico y especialmente destinado a poner en descubierto las verdades más secretas del sujeto sin que este lo sepa o disponga las cosas de otra manera. Por eso, la enfermedad debía descifrarse en un código por completo ajeno a lo orgánico, donde el deseo reprimido por el sujeto mismo – y no por los mandatos paternos, como suele decirse – desviaba a la libido de su cauce previsto. Aparece entonces un cuerpo simbólico en el cual dicha libido inscribe mensajes codificados que perturban, inhiben, modifican la innervación nerviosa anatómica como ocurre en la histeria cuando no el pensamiento, como ocurre en las neurosis obsesivas, que lo erotizan

Palabras-clave: psicoanálisis, caso clínico, corpo, histeria,

NOTES ABOUT THE BODY

Abstract

Since his first works about the organic paralysis, motor, hysterical, Freud differs the anatomic pathological body from the other body, linked to the symbolic and especially destined to reveal the most secret truths of the subject without this one knowing or deploying things in another way. That is why the sickness should be deciphered in a completely different code from the organic, where the desire that the subject himself stresses – and not thanks to the fatherly imperatives as we usually say – diverts the libido from its foreseen cause. Then a symbolic body appears in which this libido writes code messages that disturb, suppress, change the anatomical neuronal enervation like it occurs in hysteria or in thoughts, like it occurs in the obsessive neurosis that erotizes him.

Keywords: psychoanalytical clinic, body, symptom, hysteria, obsessive neurosis

Jane tiene alrededor de 40 años y dos niños de un matrimonio anterior. Su demanda de análisis se teje alrededor de una dificultad: le cuesta arrancar, la inercia gana el paso sobre el movimiento, no consigue “ponerse” a ejercer su profesión, pese a las estrecheces económicas a las que se ve sometida desde su separación. Esta dificultad contrasta con lo que relata acerca de su juventud, durante la cual tuvo una excelente situación laboral, viajó a Europa, tomó decisiones difíciles, incluida la de dejar a su pudiente marido por un hombre con el que sin embargo no se atreve a convivir, a oficializar la relación.

Daniel, por el contrario, es un joven decidido a experimentar su homosexualidad en todas las facetas que se le presentan. Poseedor de un par de títulos universitarios de grado y postgrado, se desempeña sin problemas como docente en diversas carreras. Es una solución transitoria que le permite tener largas vacaciones para escribir, su verdadera pasión. Sin embargo lo aquejan permanentes eclosiones de dermatitis atópicas mal diagnosticadas que lastiman sus manos, codos, partes del pecho, el dorso de sus rodillas y con frecuencia le impiden trabajar, sea en la universidad, sea en su casa.

Pamela tiene cincuenta y tres años y se encuentra en una encrucijada. La empresa que creó y dirigió por más de quince años, que le permitió solventar la crianza de sus hijas cuando quedó viuda, está a punto de irse a pique. “Agotada y enferma de remar contra la corriente en un medio que se había vuelto muy competitivo, ha soltado el timón” y ya no puede distinguir cual es causa de qué, si los dolores de las dificultades de la empresa o la empresa de sus trastornos. Dice que “el padecer la acompaña” por doquier.

Pablito es un niño insomne y que pese a sus 11 años se orina de noche. Sus dibujos y breves sueños están poblados de monstruos y malhechores armados con ametralladoras que lo acosan. Interrogado acerca de ellos, manifiesta de forma bastante transparente su sentimiento de culpabilidad y necesidad de castigo encarnado por la voz del feroz superyo materno.

La lista de ejemplos podría continuar con otras inhibiciones, otros síntomas y otras angustias pero siempre podríamos encontrar en la diversidad del uno por uno un rasgo común: el cuerpo afectado del *parlêtre*.

¿Que es el cuerpo?

Esta pregunta así planteada es, en verdad, incompleta. Para responderla conviene delimitar el universo en el que teorizamos y al cual nos referimos. Es el que denominamos discurso analítico (LACAN, 1969-70).

Desde esta perspectiva intentaremos precisar un término muy trajinado en discursos como el de la medicina, la biología, la filosofía, cuando no en el discurso que llamamos común.

Entre todos ellos y el discurso analítico hay diferencias esenciales, al punto que podríamos sostener que este último va en sentido contrario al sentido común. Por lo general nos encontramos con una constante: el cuerpo, entero o fraccionado en partes y órganos, es asimilado a la *res extensa* cartesiana, una unidad sustancial con un saber propio que garantiza su nutrición, crecimiento, desarrollo y reproducción.

Además, esta idea de cuerpo genera la necesidad de una estructura diferenciada, designada como alma o mente (a su vez distinto del cerebro), sede de percepciones, emociones, sentimientos, voluntad y memoria responsables de su correcto funcionamiento.

Entre ambos, extensión y pensamiento, se constituye un individuo, la persona, sujeto del derecho, capaz de formar una célula mayor, la familia y la sociedad como conjuntos de dichos individuos.

Ambos están estrechamente relacionados pues el *perceptum*, o mundo supuestamente objetivo, es exterior al *percipiens* y este necesita de sus sentidos para incorporarlo y utilizar sus capacidades de ser hablante.

Como ya forma parte del acervo cultural, no creo necesario hacer demasiado hincapié en la revolución conceptual provocada por Freud con relación al cuerpo.

Desde sus primeros trabajos acerca de las "Parálisis orgánicas, motrices e histéricas" (1893 [1888-1893]), Freud diferencia el cuerpo anátomo-biológico de otro cuerpo – ligado a lo simbólico y especialmente destinado a poner en descubierto las verdades más secretas del sujeto sin que este lo sepa o disponga las cosas de otra manera. Sus varios ejemplos clínicos dan cuenta de este descubrimiento, haciendo girar en redondo la definición misma de enfermedad. A menudo, indicaba Freud para perturbación y escándalo de su comunidad, esta debía descifrarse en un código por completo ajeno a lo orgánico, donde el deseo reprimido por el sujeto mismo – y no por los mandatos paternos, como suele decirse – desviaba a la libido de su cauce previsto.

Aparece entonces un cuerpo simbólico en el cual dicha libido inscribe mensajes codificados que perturban, inhiben, modifican la innervación nerviosa anatómica como ocurre en la histeria cuando no el pensamiento, como ocurre en las neurosis obsesivas que lo erotizan.

Lo mismo ocurre con la sexualidad, pues la diferencia entre los sexos parece simple. Sin embargo la identidad sexual no es del orden del puro hecho biológico de la reproducción. Ser hombre o ser mujer no es jamás ser simplemente macho o hembra de la especie humana. La pertenencia a un sexo es función del deseo y del goce así como la noción de género es una construcción cultural que procede de las variables por las cuales una sociedad se hace representar.

Para el hombre no hay "relación naturalmente sexual", por eso el hombre se diferencia de la ley de la naturaleza.

Cuando se trata de dar nombre, Adán se transforma en Madam, dice Lacan (1975-76), pues utilizó la lengua de L'Éve, dice, jugando en francés con el equívoco entre Eva y vida (*Eve, vie*). Por esta vía encuentra la nominación que hace lazo, el *sinthome*.

Dos enseñanzas

Lacan explica bien, en la primera parte de su enseñanza, la emergencia de este cuerpo, cruza de imaginario y simbólico (MILLER, 2002). Curiosamente la cuestión del cuerpo sigue sostenida hacia el final, pues en el seminario sobre Joyce, del año 1975-76 podemos leer elaboraciones acerca de la consistencia que este otorga.

En lo que llamamos la segunda enseñanza, Lacan nos sorprende con precisiones inesperadas, que son la consecuencia del viraje de su teoría a partir del seminario *Encore* (1972-73).

¿Qué plantea en este segundo período que parece revolucionar todo lo que transmitió previamente?

El lenguaje, hasta entonces herramienta privilegiada para la domesticación del goce y la subsiguiente mortificación del cuerpo, es concebida en cambio como una fuente más de satisfacción. Como se deduce, este giro conceptual modifica drásticamente la práctica, la dirección de la cura y aún la clínica.

Una nueva topología ocupa la escena, el nudo borromeo ubica lo imaginario, lo simbólico y lo real respecto de lo necesario: el agujero que asegura la posibilidad del anudamiento de los tres registros

Nuevas consideraciones acerca de la vida construyen lo que J.-A. Miller denomina una biología lacaniana (2002). Según plantea en la clase titulada "El ego de Joyce", la vida para el lenguaje, es decir para el hablanteser, es muy distinta de lo que se llama la vida en el discurso corriente.

La biología, la medicina, la fisiología, tienen definiciones bastante homogéneas de la vida y la muerte. Para todas estas disciplinas la vida es una propiedad de los seres organizados que evolucionan desde el nacimiento hasta la muerte desempeñando funciones que les son comunes.

Implican el crecimiento, el metabolismo, la reproducción que se encuentra tanto en animales como en vegetales

Sobre esta concepción elaboró Bichat su célebre definición según la cual "la vida es el conjunto de funciones que resisten a la muerte".

La muerte, por oposición, es la cesación definitiva de la vida para cualquier organismo biológico

A veces la muerte se moraliza con valores simbólicos que la acercan a lo que el psicoanálisis considera una segunda muerte, como en el caso de Antígona, que Lacan comenta en el *Seminario 7: la ética* (1959-60). En la antigua Grecia, por ejemplo, se hablaba de muerte civil, así como la religión llama muerte del alma a la condena eterna de los pecadores a las penurias del infierno

Nada de esto para el psicoanálisis, que parte de la doble vertiente en que se manifiesta la eficacia del lenguaje como productor de vida y también como agente de mortificación.

¿Cómo sabemos algo de la vida?

Por medio de representaciones. Gracias a ellas lo simbólico introduce sentido.

El sentido es lo que Lacan, en *RSI* (1974-75), llama "nuestra debilidad mental", que el lenguaje introduce en los sistemas de la naturaleza. Mental viene de *mens* en latín. Pero en francés equivoca la mente con la primera persona singular del verbo mentir. La debilidad es mental cuando encuentra sus raíces en el cuerpo mismo.

De un cuerpo se supone que tiene primero unidad, luego funciones especificadas en órganos.

Decir unidad es decir consistencia, es lo que está junto, que tiene una relación de vecindad. Una idea puede tener consistencia, así lo piensa la filosofía. Es decir que una idea tiene cuerpo. Por analogía decimos que una computadora o un automóvil tienen cuerpo. Lo que no va de suyo es que un cuerpo sea viviente, dice Lacan. De ahí la necesidad del *parlêtre*. El ser hablante es portador de un cuerpo diferente al cuerpo animal, para el que las nociones de vida y muerte funcionan de otra manera.

Las pulsiones – dicho en otros términos el recorrido de la libido – son el resultado de la vida del lenguaje pues dan lugar a lo que para el soporte somático significa la muerte. Y agrega: "Estas pulsiones conciernen a la relación con el cuerpo, la que en ningún hombre es simple". Conservemos esta afirmación y tomemos lo que se destaca: el hombre tiene con su cuerpo una *relación*, o sea que es algo distinto de sí mismo. El cuerpo es y permanece el Otro. En rigor no está ni en el lugar del sujeto ni en el del objeto, ni es completamente exterior, ni está entre los objetos de goce. Por eso hablamos del *estatuto del cuerpo*

El cuerpo de la forma

Esta primera inferencia es la base de la construcción psicoanalítica acerca del cuerpo. Para el psicoanálisis lo importante es que el cuerpo no está dado de entrada, que no "*somos*" cuerpo sino que lo *tenemos* y para ello debemos apropiárnoslo de algún modo.

No es fácil tener un cuerpo. Es una orientación lacaniana para la clínica considerar las dificultades del sujeto con su cuerpo. Un ejemplo son las experiencias de despersonalización del sujeto histérico o los fenómenos de insensibilidad, de indiferencia, etc.

Lo más simple es la operación que anuda lo imaginario de su reflexión especular y lo simbólico de la estructura en el estadio del espejo y que nos proporciona en primer lugar el cuerpo de la forma. Este cuerpo parece ser tan solo el cuerpo de la bolsa, esférico, que nos otorga un cuerpo ideal al que inmediatamente nos sentimos atraídos, nos fascina con su completud.

Sin embargo Lacan no deja de advertirnos del engaño de esta completud pues toda bolsa, dice, para cerrarse, necesita de la cuerda. Es la mínima expresión del agujero. En este caso lo simbólico hace de cuerda que abrocha, pues esta forma ideal está soportada por un trazo significativo. En el estadio del espejo el cuerpo se vuelve objeto de amor porque hay una mirada exterior al espejo hacia la cual el sujeto se vuelve. Esto le permite al mismo tiempo despegarse de la imagen fascinante, creando la hiancia necesaria para el surgimiento del sujeto y la construcción del cuerpo ya que por medio de ese punto exterior fija la relación imaginaria y lo autoriza a pensarla como propia.

Es un cuerpo que habiendo sido inicialmente la sede de un goce en su totalidad, tal como es tomado y manipulado al nacer, se transforma en el cuerpo mortificado, atravesado solo por la vida que resta en los agujeros pulsionales.

Debemos inferir entonces que no hay narcisismo primario, como se dice, el narcisismo es siempre secundario, depende de estas operaciones que luego Lacan (1964) llamara de *alienación y separación*, sin las cuales la punción no tiene soporte, no tiene objeto alrededor del cual trazar su recorrido y retornar a su punto de partida. Se trata de una boca que se besa a sí misma, como ilustra bien el mito de Narciso. Pero para ello debe contemplarse en el espejo y amar esa imagen exterior y de la cual nunca puede saber con seguridad si le pertenece.

Hay toda una clínica sistematizada sobre los problemas con el cuerpo. Para el sujeto siempre es difícil regularse sobre un cuerpo que le es exterior, el cuerpo es siempre un objeto del que se siente separado. Por eso intenta alcanzarlo y eso da lugar a diferentes modalidades de la neurosis y la psicosis.

El obsesivo hace de su cuerpo un Yo ideal, paradigmático de lo masculino, y se siente perturbado por un alter ego. En cambio del lado femenino aparece la imagen perturbadora de la Otra mujer sin cuyo cuerpo no parece conseguirse uno.

Hay también experiencias fuera del límite corporal mismo donde la barrera del amor narcisista cae y provoca la destrucción del cuerpo total o parcialmente.

Por último en la psicosis el sujeto se queda desprovisto de cuerpo y debe apelar permanentemente a las imágenes que se lo otorgan transitoriamente. El tratamiento del autismo está especialmente dirigido a proporcionar un cuerpo al sujeto que está en el lenguaje pero que no dispone de él.

Por eso es *fundamental transitar la experiencia analítica*; ello permite al final hacerse del cuerpo, identificarse a él, salir de esa extraterritorialidad forzada.

La pregunta es ¿a que cuerpo se identifica el sujeto al final de la cura?

Para responder a esta cuestión vamos a adentrarnos en la segunda manera de hacerse un cuerpo: no a partir de la imagen sino el agujero en la misma, lo no especular, los agujeros pulsionales.

El cuerpo vivo del goce

Alrededor de 1963, cuando imparte el *Seminario X, La Angustia*, Lacan desarrolla esta segunda posibilidad de hacer unidad con los fragmentos del cuerpo: la articulación de la pulsión a los bordes corporales, la boca, el ano, el ojo, etc... Es como si en vez del zapato se tomara la horma con la que se lo fabrica. No es una sustancia sino lo que le da un soporte. Lo representa con el esquema de los dos espejos que atrapan el ramillete real de las flores en el florero.

Con el correr de los seminarios subsiguientes Lacan avanza decidido en esta dirección.

¿Que es lo que circula por estos agujeros? El trayecto, el recorrido de la pulsión, que ni se desvía de su meta ni la sustituye ni la metonimiza. El recorrido se cumple dando al sujeto una certeza acerca de su goce. Dicha certeza es un apoyo importante para darle consistencia corporal.

Eric Laurent dice que el objeto *a*, que es fundamento de la *enforma de a* que llamamos horma, como señala Lacan en el *Seminario XX, Encore* (1972-73), se representa por el trayecto pulsional, el vacío en torno al cual se produce la repetición del circuito. Hay que subrayar que así como la imagen del espejo se articula al significante, el *objeto a* también está ligado al espacio entre los significantes, la hiancia en la cadena, el vacío *median*.

Es decir que para obtener un cuerpo por medio de lo vivo de estos goces pulsionales también hace falta estar en un discurso. Esta afirmación implica que algo se debe poner en juego que haga lazo entre significante y significado, entre el sujeto y el Otro.

Solo que ya no se trata del punto del Ideal donde el Nombre-del-Padre, único, garantiza la operación. Este punto de excepción puede ser cualquiera. Y cuando Lacan apela a la topología de los nudos demuestra con facilidad que cualquiera de los tres anillos, Imaginario, Simbólico o Real que conforman el nudo borromeo están en condiciones de ser considerados agentes del anudamiento y otorgarle un cuerpo al sujeto.

Ahora bien, esta operación que se toma del vacío, ¿cómo se lleva a cabo?

Una manera de explicarlo es por las operaciones de reunión e intersección de los círculos de Euler, por medio de cuya lógica vemos constituirse el sujeto por un lado y el objeto por el otro.

Se diferencian porque en el primer caso se toman los elementos de los conjuntos y en el segundo caso se intersectan los conjuntos vacíos incluidos en cada círculo. Es el *objeto a* en su consistencia real.

¿Qué nos demuestra esta operación?

Es una manera de darle unidad al cuerpo sin pasar por la identificación a la forma

Como dice E.Laurent, es un cuerpo en su saber hacer con el *objeto a*, el cuerpo agujereado en lo imaginario por el objeto *a*, pero sin que el padre sea agente de la castración del vaciado de goce. Se deduce también por este hecho que conceptualmente el Nombre del Padre no es equivalente de la castración. Pueden no coexistir, como demuestra la proliferación de síntomas contemporáneos, las inhibiciones, los pasajes al acto propios de nuestra época, la angustia que apela a todo tipo de defensa.

En el lugar de la imagen lo que otorga la consistencia imaginaria es la experiencia de la pulsión pero encarnada en algún Otro, lo cual da nacimiento al síntoma. La relación con el síntoma da cuenta de un narcisismo diferente, ubicado a partir de la identificación al síntoma.

¿Cuál es el problema en este caso?

Este cuerpo organizado por el síntoma parecería carecer del amor que introduce la dimensión del Nombre-del-Padre en cualquiera de sus versiones.

Los ejemplos clásicos de Lacan son Joyce, quien no parece sentir apego por su cuerpo, más bien quiere dejarlo caer al ser golpeado y Marguerite Duras, quien como Joyce se sostiene de su obra y no de la imagen del cuerpo propio.

Sin embargo Lacan sabe que sin amor de algún tipo el goce está siempre desregulado, sin límites.

Lo que no puede faltar

Cabe entonces la pregunta acerca de cómo, sin embargo, se organiza el cuerpo de esta otra manera.

Y bien Lacan nos hace comprender que el significante introduce la noción de un más allá de lo viviente y esta idea, hace vez, engendra un amor por lo simbólico mismo, con cierta significación de eternidad que lo vivo no conlleva.

Es lo que J.-A. Miller aísla muy bien cuando titula su libro *El lenguaje, aparato de goce* (2000). No es lo mismo el amor al padre como puro significante, ligado al goce e instrumento de la *père-version*, que el padre muerto del Estadio del Espejo.

Lacan se ha dado cuenta de un error conceptual. El lenguaje tiene doble función: produce satisfacción por el uso de *lalengua* y simultáneamente conserva la propiedad de significar la existencia de una dimensión que la mortifica.

Es una cualidad de lo simbólico en su aspecto de pulsión de muerte, y el padre la encarna cuando se lo considera aparejado no con lo vacío de goce sino con el vacío del agujero pulsional, lo más vivo del cuerpo.

Para concluir una reflexión acerca de la identificación al síntoma ¿qué es el saldo al final del análisis, qué es lo que ocurre?

Por un lado sabemos que se opera un pasaje del síntoma como acontecimiento de cuerpo, es decir exterior al mismo a su incorporación.

Por otro lado la cura impone un proceso de desnarcisización, es decir, como en Joyce, un dejar caer el cuerpo sostenido por la imagen para dar lugar a lo que Lacan denomina *narcisismo radical*, es decir al narcisismo sostenido por la identificación al modo propio de gozar.

En el final de la experiencia analítica todos somos como Joyce o Duras: dejamos el sentido que emerge por la copulación de lo imaginario con lo simbólico por el “*sentido gozado*”. O dicho de otra manera por el modo singular de vivir la pulsión; lo que equivale a la identificación al síntoma como modo de construirse un cuerpo en transferencia.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, S. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. (1923). O Ego e o Id. Vol. XXIII.

_____. (1893 [1888-1893]) Algumas considerações para um estudo comparativo das paralisias motoras, orgânicas e histéricas. Vol. I.

LACAN, J. (1959-60). **El Seminario 7: la ética del psicoanálisis**. Buenos Aires: Paidós, 1990.

_____. (1962-63). **El Seminario 10: la angústia**. Buenos Aires: Paidós, 2006.

_____. (1964) **El Seminario 11: Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis**. Buenos Aires: Paidós, 1987. **ISBN: 9789501239812**

_____. (1969-70) **Seminario 17: El reverso del psicoanálisis**. Buenos Aires: Paidós, ISBN: 950-12-3987-X, febrero 1992.

_____. (1972-73). **El Seminario 20: aun**. Buenos Aires: Paidós.

_____. (1975-76) **Le Seminaire. Livre XXIII: Le Sinthome**. Paris: Seuil, 2005.

MILLER, J.-A. (2002). O último ensino de Lacan. In: **Opção Lacaniana**, n. 35. SP: Edições Eólia, janeiro, 2004, p. 6-24.

_____. (2000) **El lenguaje, aparato de goce**. Buenos Aires: Colección Diva.

_____. (2002) **Biología lacaniana y acontecimiento de cuerpo**. Buenos Aires: Colección Diva.

Texto recebido em: 15/11/2007.

Aprovado em: 21/12/2007.

O SINTOMA COMO PROBLEMA E COMO SOLUÇÃO*

Sérgio Laia

Psicanalista

Membro da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP) e da Associação Mundial de

Psicanálise (AMP)

Professor titular da Universidade FUMEC (Fundação Mineira de Educação e Cultura)

Mestre em Filosofia e Doutor em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais

(UFMG)

laia.bhe@terra.com.br

Resumo

A psicanálise aplicada é aplicada à terapêutica e implica intervenções sobre o sintoma. O tratamento psicanalítico exige uma eficácia sobre o sofrimento causado pelo sintoma que, neste contexto, pode ser tratado como um problema. Mas a clínica também nos mostra que este problema que causa sofrimento pode ser uma solução. A psicanálise pura não é uma experiência alheia à terapêutica, mas a inclui, podendo ser considerada, se não um efeito terapêutico, certamente um produto possível (mas não necessário) da terapia psicanalítica. Aplicar a psicanálise produz, ao fim, um analista. Mas, ainda que essa produção se faça com a depuração do terapêutico, na orientação lacaniana o sintoma não é eliminado como um problema, nem é completamente solucionado.

Palavras-chave: psicanálise, psicanálise pura, psicanálise aplicada, final de análise, sintoma.

THE SYMPTOM AS A PROBLEM AND SOLUTION

Abstract

The applied psychoanalysis is applied to therapy and it implies interventions over the symptom. The psychoanalytical treatment demands efficiency over the suffering caused by the symptom, which in this context can be treated as a problem. But the clinical also shows us that this problem that causes suffering can be a solution. The pure psychoanalysis is not an experience apart from therapy, but including it, certainly a possible product (but not necessary) of the psychoanalytical therapy. Applying psychoanalysis produces in the end, an analyst. But even if this production is not made with the depuration of the therapist, in the lacan orientation, the symptom is not eliminated as a problem nor it is completely solved.

Key words: psychoanalysis, pure psychoanalysis, applied psychoanalysis, end of analysis, symptom.

Convidado por José Vidal para falar na Seção Córdoba da Escola de Orientação Lacaniana (EOL-Córdoba) sobre “a psicanálise aplicada e suas conseqüências sobre a prática da psicanálise pura”, escolhi o tema do sintoma por três motivos:

- 1) Lacan nos ensinou que a “psicanálise aplicada” (LACAN, 2001, p. 231) é sempre aplicada à terapêutica e a terapêutica implica intervenções sobre o sintoma. Mais ainda, o tratamento psicanalítico exige uma eficácia sobre o sofrimento causado pelo sintoma que, nesse contexto, pode ser tratado como um problema. Mas a clínica psicanalítica também nos mostra que esse problema que causa sofrimento para um sujeito tem sido para ele uma solução.
- 2) O que Lacan chamou de “psicanálise pura” (ID., p. 230-231, 234-235), muito diferente do que a Associação Internacional de Psicanálise (IPA) consagrou como “psicanálise didática”, não é uma experiência clínica alheia à terapêutica, pois nós, lacanianos, não fazemos contra-indicações especiais para os que decidem começar (ou inclusive prosseguir) uma análise para se tornarem psicanalistas. Nós consideramos cada um dos que nos procuram um sujeito que sofre, ainda que esse sofredor não se apresente a nós exatamente nesses termos. Por sua vez, as indicações e contra-indicações da IPA para os candidatos a analistas são tão rígidas e ideais que me parecem tomá-los muito mais como sujeitos já praticamente curados (ou se preferem, depurados) de seus próprios sofrimentos neuróticos, portanto não necessitariam tanto de uma terapia. A psicanálise didática deveria ensinar-lhes a conhecer seus próprios inconscientes para que não fossem mais enganados, permitindo-lhes analisar os que não são propriamente normais e que, por isso, deveriam ser objetos de uma terapia psicanalítica. Na orientação lacaniana, ao contrário, a “psicanálise pura” inclui a terapêutica e pode inclusive ser considerada, se não um efeito terapêutico, certamente um produto possível (mas não necessário) da terapia psicanalítica. É a própria experiência da aplicação da psicanálise a uma terapêutica que promoveria, segundo Lacan, uma depuração do terapêutico e, nesse sentido, no final de um longo processo terapêutico (e não como uma seleção inicial baseada em indicações e contra indicações), a produção de um analista.
- 3) Ainda que a produção de um analista se faça com a depuração do terapêutico porque, quando um tratamento está chegando ao final, a vida de um analisante pode apresentar-se tão boa e tranqüila que o propósito terapêutico de uma psicanálise parece haver perdido sua razão de ser, não podemos dizer que, na orientação lacaniana, o sintoma é eliminado como um problema, que é completamente solucionado. Lacan concebeu o final de análise como “identificação ao sintoma”¹. Assim, por um lado, como vou tentar demonstrar, o que era um problema se apresenta como uma solução, mas essa solução não será mais a concepção freudiana do sintoma como “solução de compromisso”, porque esse tipo de solução tenta mascarar o problema real corporificado, nesse caso, pelo próprio sintoma. Ao contrário, para Lacan, o desafio do final de uma análise é o de tomar o sintoma como uma parte do real, uma “peça solta” (como nos fez ver Jacques-Alain Miller²) com a qual o falasser pode lidar porque, de uma maneira ou de outra, é isso que ele faz em toda a sua vida. A psicanálise se transforma, então, em um processo em que o analisante poderá depurar seu próprio *savoir faire* com o sintoma, em uma terapêutica na qual o analisante poderá se tornar analista na medida em que ele puder transpor, como nos lembrou Eric Laurent, para uma “linguagem pública” a “linguagem privada” de seu *savoir faire* com o sintoma (LAURENT, 2005, p. 57-59).

O sintoma e o objeto real da libido

Em "A terapia analítica", a última das Conferências introdutórias sobre a psicanálise, Freud afirma:

Um neurótico é incapaz de aproveitar a vida e de ser eficiente – incapaz de aproveitar a vida porque sua libido não é dirigida a nenhum objeto real, e incapaz de ser eficiente porque é obrigado a dispensar uma grande quantidade de sua valiosa energia para manter sua libido reprimida e para repelir seus sobressaltos (FREUD, 1917, p. 529).

Segundo Freud, a libido do neurótico não está relacionada com nenhum objeto real devido a seu conflito com o eu desse sujeito, porque o eu não tem mais essa energia sexual a sua disposição. Sabemos que alguns analistas pós-freudianos preferiram transformar o tratamento analítico em uma reeducação para a realidade, em um fortalecimento do eu, quando suas experiências clínicas os fizeram se confrontar com o distanciamento e o conflito entre a libido e o eu, com esse distanciamento do objeto real na economia libidinal do neurótico. De minha parte, e graças ao ensino de Lacan, me pergunto se não poderíamos ler, nessa menção freudiana ao "objeto real da libido", um vestígio antecipado do "objeto *a*" e, nesse viés, o tratamento analítico não poderá ser confundido com uma adaptação educativa à realidade. Ele é, como nos formulou Jacques-Alain Miller (1998), um trabalho de redução que permitirá ao sujeito localizar seus envolvimento com o "objeto real da libido" que – também de um modo muito lacaniano – Freud diferencia dos "objetos irrealis da libido" (1917, p. 530) investidos pelo neurótico ao longo de sua vida e do "objeto imaginário" (expressão freudiana também!) encontrado no analista. Também me pergunto se deixar a libido de novo disponível ao eu – proposta por Freud como um resultado do tratamento analítico – não pode ser considerada de uma maneira diferente de um fortalecimento do eu ou, inclusive, de uma inflação narcisista e, nessa direção, aproximaria essa nova disposição da libido ao eu e o que Lacan, na última aula do *Seminário 23*, tematiza, a partir de James Joyce, como o ego em sua função de amarrar, num mesmo nó, os registros do real, do simbólico e do imaginário (LACAN, 1975-76, p. 143-155) – voltarei a esse ponto ao final, a partir de um comentário sobre um testemunho de passe.

Se a energia sexual do neurótico não está relacionada com nenhum objeto real, se o investimento neurótico é sempre em outra coisa diferente daquela que ele supõe investir, a pergunta de Freud é: Onde se encontra, então, a libido do neurótico? Sua resposta é que essa libido "está ligada aos sintomas", pois eles proporcionam ao neurótico "uma satisfação substitutiva" (FREUD, 1917, p. 529-530). Dessa maneira, e se considerarmos a incapacidade do neurótico de extrair gozo de sua própria vida, a economia libidinal do neurótico pode ser escrita como:

<u>Sintomas (satisfação substitutiva)</u>	<	gozo da vida
Satisfação real		

Freud nos legou uma concepção do sintoma envolvido com uma satisfação inconsciente: se há uma tal satisfação, é verdadeiramente difícil para o neurótico livrar-se de seu próprio sintoma, a relação do neurótico com seu sintoma é sempre aquela de uma tensão, e de uma tensão paradoxal, porque o sintoma é uma intenção de solucionar-lhe um conflito. Assim, o sintoma é uma solução porque é a resposta a um problema, a um obstáculo que a satisfação do neurótico encontrou. Trata-se da famosa concepção freudiana do sintoma como "solução de compromisso". Uma vez que sabemos que Freud foi um leitor de Goethe, não me parece improvável definir sua concepção de sintoma como uma "solução fáustica",

ou seja, o sintoma é um pacto de um sujeito com uma força “demoníaca” e, como é comum nesse tipo de situação, no começo, não há grandes sofrimentos, a vida é mais tranqüila com a ajuda do demônio... até que ele venha exigir sua parte no pacto, até que ele cobre do sujeito neurótico seu próprio ser, sua alma – neste ponto, da cobrança desse demônio descoberto por Freud como supereu, a vida do neurótico se torna realmente um inferno.

Ainda que o sintoma seja, portanto, “solução de compromisso”, “satisfação substitutiva”, ele não deixa de ser potencialmente um problema: o termo “substituto” nos indica uma nostalgia do original, uma sensação de que há outra coisa melhor que a satisfação promovida pelo sintoma e o termo “compromisso” – em sua significação de “pacto” – não deixa de implicar a possibilidade de um arrependimento pela obrigação contraída. Então, há uma incapacidade do neurótico de aproveitar sua vida, porque a energia libidinal gasta para manter em movimento a satisfação substitutiva do sintoma torna-se maior que a satisfação extraída dessa manutenção. Assim, o início de um tratamento analítico é, muitas vezes, marcado pelo encontro de um sujeito com o que, a partir de Freud, chamaria de “desgaste libidinal do sintoma”: a máquina-sintoma não funciona mais tão bem como o que lhe havia sido prometido, pactuado, o demônio irrompe para cobrar do sujeito o próprio objeto de sua satisfação.

Diferente de uma perspectiva médica ou inclusive de uma série de orientações no campo da psicologia e no campo da psiquiatria, o sintoma em psicanálise, embora nos seja apresentado como um problema, não é tratado como algo que deva ser extirpado, silenciado. Nesse sentido, mesmo em Freud me parece já se poder encontrar uma concepção – a que Lacan nos formalizou e aperfeiçoou muito mais – do sintoma como uma solução diferente da “solução de compromisso”, do sintoma como uma solução da qual o sujeito não consegue propriamente se livrar. E será no tratamento analítico que o sujeito poderá, segundo Freud, encontrar uma solução para a solução de compromisso em jogo em seu próprio sintoma.

Sintoma e dominação

Na obra de Freud, eu diria que a solução da solução sintomática tem todo um traço das Luzes, quer dizer, do movimento iluminista. Assim, da conferência sobre a terapia analítica, extraio a seguinte citação: “devemos nos tornar senhores dos sintomas e solucioná-los” (1917, p. 530). Em outras palavras: a solução freudiana do problema-sintoma, a solução para a solução problemática que um sintoma acaba sendo para um sujeito é que esse sujeito possa se transformar, com o tratamento analítico, em um “senhor do sintoma”. Se a finalidade freudiana do tratamento analítico é o sujeito se assenhorear do próprio sintoma, então poderemos conceber que, antes e inclusive ao longo da sua análise, o neurótico é um escravo do sintoma e sua economia libidinal é desgastada, porque ele acaba perdendo muita satisfação quando investe os objetos “irreais ou imaginários” da libido como se fossem o “objeto real”. O percurso desse tratamento então seria:

O sujeito como escravo do sintoma → O sujeito como senhor do sintoma

Objetos irreais ou imaginários da libido (a') → Objeto real da libido (a)

É interessante sublinhar que, segundo Freud, a solução terapêutica para o sintoma não é sua eliminação, mas uma troca, se assim posso dizer, utilizando uma terminologia lacaniana, da posição do sujeito com relação ao seu sintoma. Assim,

para Freud, trata-se de tornar-se senhor do sintoma, saber separar o objeto real dos imaginários ou irreais que atraem sua libido.

Como Freud teoriza essa passagem? Extraio uma nova citação da mesma Conferência introdutória sobre a terapia analítica: para modificar a dominação do sintoma sobre o neurótico, devemos “voltar às origens” dos sintomas,

reconstituir o conflito de onde eles surgiram e, com a ajuda das forças motrizes que, no passado, não estavam disponíveis ao paciente, deveremos conduzir o conflito [corporificado pelo próprio sintoma] rumo a um estado diferente, em que a libido será de novo colocada a serviço do eu e não mais a serviço da satisfação substitutiva inconsciente corporificada também pelo sintoma (FREUD, 1917, p. 530).

Entre essas “forças motrizes” não disponíveis ao analisante em seu passado, Freud nos autoriza a localizar o próprio analista, porque a neurose de transferência (doença artificial que surgiu no tratamento analítico) faz com que, já como um primeiro trabalho de redução, “no lugar dos vários objetos irreais da libido”, apareça um único objeto [...], um objeto imaginário” – o analista – que incitará o analisante, com suas intervenções, “a chegar a uma nova decisão”, quando a tendência neurótica era a de “se comportar do mesmo modo como o havia feito no passado” (FREUD, 1917, p. 530).

Eu aproximaria a redução sublinhada por Freud do analista como o único objeto imaginário que passa a atrair a libido do neurótico na neurose de transferência e o ato do analista, ressaltado por Lacan, de “fazer reinar [...] o objeto *a*” localizando-o “no lugar do semblante” para estar “na posição mais conveniente de fazer o que é justo fazer, quer dizer, interrogar como saber o que é próprio da verdade” (LACAN, 1972-1973, p. 88). Assim, trata-se de extrair, da verdade corporificada no sintoma, um saber. Ou seja: no sintoma, está em jogo também um saber que, alguns anos mais tarde, Lacan vai chamar de *savoir y faire* – saber lidar com o real da satisfação libidinal, com o real do gozo.

Há, no entanto, uma diferença crucial entre Freud e Lacan, no que concerne ao destino do sintoma no tratamento analítico. Já demonstrei que Freud o concebia como uma apropriação do neurótico com relação ao seu sintoma. Por mais que a solução freudiana para o problema-sintoma seja interessante porque não o elimina, já que implica uma mudança da posição do sujeito com seu sintoma, essa mudança que leva alguém a se apropriar de seu próprio sintoma é como as transformações almejadas por um personagem do *El Gatopardo*, a novela de Lampedusa: que tudo se mude para que tudo permaneça como é³. Nessa transformação almejada por Freud – da escravidão ao sintoma em uma dominação sobre o sintoma –, há algo que não muda na economia libidinal do sujeito neurótico e que nos leva, com Lacan, a assinalar o próprio real da satisfação sintomática como o que não é modificável e como o que um psicanalista deve se confrontar em um tratamento.

Nesse contexto, para concluir por que fazer-se senhor do próprio sintoma não é exatamente uma solução na prática dos Membros da Associação Mundial de Psicanálise e dos envolvidos nas várias atividades do Campo Freudiano, eu citaria um chiste recontado por Lacan em “Kant com Sade”: se, como sabemos, o capitalismo é definido pela “exploração do homem pelo homem”, então “o socialismo [...] é o contrário” (LACAN, 1966, p. 777). Portanto, se retorno à solução freudiana do problema-sintoma, ainda que ser senhor do sintoma pareça diferente de ser seu escravo, o que permanece imutável nessa mudança é a dimensão da dominação, seja ela exercida pelo sintoma, seja ela exercida pelo neurótico. Para confrontar-se de outra maneira com o que não se muda, Lacan inventou essa solução chamada “identificação ao sintoma”: nem senhor, nem escravo, trata-se

muito mais de tomar o sintoma como um *parceiro* do sujeito em sua lida com o real impossível de suportar.

Depuração de um *savoir y faire* a propósito do sintoma

Xavier Esqué, em seu texto “Mais longe que o inconsciente”⁴, oferece-nos uma clara abordagem do que Lacan chamou de “identificação ao sintoma”. Não se trata de uma “identificação ao inconsciente”, e essa expressão me parece nomear muito bem o que Freud almejava quando concebia o tratamento analítico como um trajeto no qual o neurótico deveria se fazer senhor de seu sintoma. Apropriar-se de seu sintoma seria, então, equivalente a se identificar ao inconsciente, esse Grande Senhor do Sintoma.

Identificar-se a seu sintoma, no entanto, implica colocar-se mais longe do inconsciente sem que esse distanciamento seja confundido com uma transformação, algumas vezes pretendida pelo próprio Freud e, sobretudo, por vários pós-freudianos, do inconsciente em consciente, isto é, com um processo de “conscientização”. Na identificação ao sintoma, trata-se de estar mais além do inconsciente e Xavier Esqué nos lembra, então, a seguinte passagem de Lacan no *Seminário 24*: “o inconsciente é que [...] alguém fala sozinho [...] porque não diz nada mais do que uma única e mesma coisa”, mas, se alguém “decide dialogar com um psicanalista” (LACAN, 11/01/1977, p. 7), não está mais tão só com o gozo inconsciente e acaba dizendo alguma coisa diferente, surpreendente. Nessa diferença, nessa surpresa, a libido poderá fazer-se disponível ao ego que, na última aula do *Seminário 23*, Lacan nos ensina a conceber não mais somente como o outro imaginário com quem um sujeito se identifica, mas como um corpo vivo, surpreendentemente próximo e tomado pela substância-gozo (LACAN, 1975-76, p. 143-155). Nessa perspectiva, se, no final da análise, temos uma identificação do analisante a seu sintoma é porque, segundo nos esclarece Xavier Esqué, o sintoma “é aquilo que se conhece melhor” (ESQUÉ, 2004) ou, como eu disse antes, é o *parceiro* do sujeito em sua lida com o real impossível de suportar, é aquilo que é o mais próximo inclusive quando lhe parece muito longe, muito desconhecido.

Dessa maneira, uma análise, em seu percurso, é a depuração do sintoma como *parceiro* do sujeito e, por isso, exige um longo tempo para que essa depuração se decante e se mostre efetivamente praticável, ainda que a localização de tal *parceria* possa produzir, como também o constatamos, efeitos terapêuticos rápidos na psicanálise (MILLER, 2005).

Se Lacan nos fala, a propósito do sintoma no final de uma análise, de um *savoir y faire*, não se trata, como sublinha muito bem Esqué (2004), de “um fazer técnico”, de um “saber fazer com” porque, nesse contexto, não estaríamos longe do apropriar-se freudiano do sintoma. Trata-se, sobretudo, segundo Esqué, de “saber se desenrolar partindo não do conceito, mas do rolo”. Esse saber se desenrolar tendo o sintoma à mão, como se fosse uma ferramenta, é depurado com a redução dos objetos da economia libidinal do neurótico ao que Lacan chamou de “objeto *a*” e nos mostra como o sujeito, no que concerne ao gozo de sua vida, identifica-se a seu sintoma sem transformar-se em seu senhor e sem permanecer como seu escravo.

No final de seu testemunho pronunciado no IV Congresso da Associação Mundial de Psicanálise (AMP), Xavier Esqué assinala-nos não somente o olhar como o objeto em torno do que sua economia libidinal girava, mas também como ele passa, com o final do seu tratamento analítico, a lidar com esse objeto de uma maneira muito diferente e que não deixa de surpreendê-lo. Ele sustenta que sua “análise não

terminou com o olhar” e que “há olhares que, felizmente, ainda, lhe importam” (ESQUÉ, 2005, p. 56). Assim, por exemplo, em sua relação com a psicanálise e com a Escola, “sempre existirá um olhar”, que vai dividi-lo, mas agora é um olhar que o causa, que não o ameaça, nem o persegue porque é “como o farol para o navegante na escuridão da noite”, servindo-lhe de “orientação” (ESQUÉ, 2005, p. 56).

Essa comparação promovida por um final de análise me parece muito instigante: o olhar como um farol. Pode-se dizer que há, então, uma modulação do objeto *a* como olhar que, antes, era importante para Esqué a ponto de atraí-lo, mas também de ameaçá-lo e persegui-lo e, com o final do tratamento analítico, o olhar se apresenta como uma orientação. Nesse sentido, o olhar-farol é o que orienta não somente quanto aos pontos que devem ser seguidos, mas também quanto aos que devem ser evitados. A economia libidinal permanece girando em torno do olhar, mas não da mesma maneira, inclusive porque o final da análise permitiu a Esqué apreender a dimensão pulsional do olhar, uma vez que o compara a um farol que, como é próprio aos faróis, pisca, oscila, vacila e, neste mesmo movimento de hesitação (e por que não dizer, de “enrolação”, de “rolo”?), como no apólogo dos três prisioneiros (LACAN, 1945, p. 197-213) orienta o sujeito rumo a uma solução.

Dessa maneira, o inconsciente pode ser captado como equivocação, tropeço e, nesse contexto, Xavier Esqué nos oferece um exemplo excelente de como a identificação ao sintoma lhe permite surpreender-se com as armadilhas de seu inconsciente sem permanecer como seu escravo e sem se transformar em seu senhor. Após nos ter mostrado como, na sua vida, ele se fazia reduzir a um “melequento” (*mocozo*), um “menino grudado” (*mocozo*) no pai, vai evidenciar também um dos efeitos terapêuticos de sua análise: a cura da sua rinite e da sua sinusite. Uma vez que, nessa liberação de seus sofrimentos nasais, ele não se torna senhor de seu sintoma, ele nos diz o quanto se surpreendia, durante muito tempo, colocando ainda a mão no bolso onde, por um longo tempo da sua vida, encontrava essa espécie de “objeto transicional”⁵ no qual um lenço se havia convertido para ele. Aliás, identificado ao sintoma, ele passa a comprovar, não sem surpreender-se, que “sua vida era possível sem estar apegado a um lenço” (ESQUÉ, 2005, p. 56), acrescentaria eu, extraído desse tecido que o inconsciente é como discurso pronunciado de modo afônico pelo Outro e repetido pelo sujeito à maneira de um ventríloquo.

Nessa lida que eu qualificaria de divertida com o vazio deixado pelo lenço ao qual não necessita mais recorrer, com o furo corporificado no seu bolso, eu localizaria, por fim, outro modo de Xavier Esqué ajudar-nos, com seu passe, a apreender o que Lacan assinalou como identificação ao sintoma e a evidenciar como, para nós – analistas da Associação Mundial de Psicanálise (AMP) e do Campo Freudiano – a terapêutica não é afastada do mais puro que uma análise consegue alcançar.

NOTAS:

*Conferência apresentada originalmente em espanhol, na Escola de Orientação Lacaniana (Seção Córdoba), no dia 08 de novembro de 2007, proveniente de uma pesquisa, realizada com o apoio do Programa de Pesquisa e Iniciação Científica da Universidade FUMEC (ProPIC-FUMEC). Tradução: Maria Luiza Caldas. Revisão: Sérgio Laia.

1. Essa expressão foi utilizada por Lacan na aula de 16 de novembro de 1976, no Seminário inédito chamado *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à moure*. Essa

aula encontra-se publicada em: *Ornicar?* Bulletin périodique du Champ freudien. Paris, n. 12/13 (spécial), p. 6.

2. "Peças soltas" é o próprio título do Curso de Jacques-Alain Miller de 2004-2005, anunciado numa intervenção na Biblioteca da École de la Cause Freudienne em 15/11/2004 e começado em 17 de novembro desse mesmo ano. Essa intervenção e algumas aulas desse curso foram publicadas na *Revue de La Cause freudienne* (2005, 2006).
3. A frase literal dessa novela, pronunciada por Falconeri é a seguinte: "si vogliamo che tutto rimanga como è, bisogna che tutto cambi" ("se queremos que tudo permaneça como está, é necessário que tudo se mude") (LAMPEDUSA, 1955).
4. Publicado em *Ornicar? digital*, n. 277, e divulgado em 04/03/2004 pela lista eletrônica AMP-UQBAR. Disponível na Internet, para os inscritos na lista AMP-UQBAR:
<<http://elistas.egrupos.net/lista/ampuqbar/archivo/indice/161/msg/1268/&actn=findMsg&text=ornicar>>
5. Como sabemos, o "objeto transicional" é uma criação de Winnicott, mas aqui eu utilizei essa expressão a partir de um comentário de Eric Laurent ao testemunho de Xavier Esqué (LAURENT, 2005, p. 58; WINNICOTT, 1951, p. 316-331).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ESQUÉ, X. Mais longe que o inconsciente. In: *Ornicar? Digital*, n. 277, de 04/03/2004. Disponível na Internet, para os inscritos na lista AMP-UQBAR:
<<http://elistas.egrupos.net/lista/ampuqbar/archivo/indice/161/msg/1268/&actn=findMsg&text=ornicar>>

_____. O êxtimo empurra. **Opção Lacaniana**. São Paulo, n. 42, p. 56, fev. 2005.

FREUD, S. (1917). Terapia analítica. In: **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

LACAN, J. (1945) Le temps logique et l'assertion de certitude anticipée. In: **Écrits**. Paris: Seuil. 1966. p. 197-213.

_____. (1962). Kant avec Sade. In: **Écrits**. Paris: Seuil, 1966.

_____. (1972-73). **Le séminaire. Livre XX: encore**. Paris: Seuil, 1975.

_____. (11/01/1977). L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à moure. In: **Ornicar?** Bulletin périodique du Champ freudien. Paris, n. 14.

_____. (1964). Acte de fondation. In: **Autres écrits**. Paris: Seuil, 2001.

_____. (1975-76). **Le séminaire. Livre XXIII: le sinthome**. Paris: Seuil, 2005.

LAMPEDUSA, G.T. Di (1955). **O gattopardo**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

LAURENT, É. Da linguagem pública à linguagem privada, topologia da passagem. **Opção Lacaniana**. São Paulo: Eólia, n. 42, fev. 2005.

MILLER, J.-A. (1998) **O osso de uma análise**. Escola Brasileira de Psicanálise (Seção Bahia): Salvador.

_____. (2004-05) Peças Soltas. In: **La Cause freudienne**. Paris: Navarin Editeur, n.59, 60, 61, 62 e 63, fev. 2005 e jun. 2006.

_____. (direção). **Effets thérapeutiques rapides en psychanalyse. La Conversation de Barcelona**. Paris: Navarin, 2005.

WINNICOTT, Donald Woods. Objetos transicionais e fenômenos transicionais (1951). In: **Da pediatria à psicanálise. Obras escolhidas**: Rio de Janeiro: Imago, 2000.

Texto recebido em: 19/11/2007.

Aprovado em: 14/01/2008.

COMO FORMALIZAR UM CASO CLÍNICO?

Lêda Guimarães

Psicanalista

Membro da Escola Brasileira de Psicanálise

Membro da Associação Mundial de Psicanálise

(2000-2003)

Diretora do IPB (Instituto de Psicanálise da Bahia)

Professora do Curso de Especialização de Teoria da Psicanálise de Orientação

Lacanian, do IPB em convênio com a Universidade Baiana de Medicina

leda.guimaraes@uol.com.br

Resumo

O caso clínico vem sendo concebido de várias maneiras ao longo da história da psicanálise, desde um historial clínico até o fragmento de caso, não resultando num standard. A psicanálise é uma clínica, não é restritamente uma teoria, ainda que tenha um corpo teórico. Mas é uma clínica que não existe sem a formalização teórica. Do mesmo modo, a teoria da psicanálise é essencialmente uma teoria da clínica. Portanto, a psicanálise consiste nessa articulação íntima entre o real da experiência e a teoria relativa a esse real. Assim, a teoria da psicanálise instrumentaliza a posição analítica para que o analista venha a operar em seu ato.

Palavras chave: caso clínico, história clínica, teoria psicanalítica, formalização da experiência, ato analítico.

HOW TO FORMALIZE A CLINICAL CASE?

Abstract

The clinical case has been conceived in many ways throughout the history of psychoanalysis, from a report to a case fragment, not resulting in a standard. The psychoanalysis is a clinic, not only a theory, although it has a theoretical body. But it is a clinic that does not exist without theoretical formalization. In the same way, the theory of psychoanalysis is essentially a theory of the clinic. Therefore the psychoanalysis consists of this intimate articulation between the real experience and the theory related to this reality. This way the theory of psychoanalysis instruments the analytical position so that the analyst operates in his act.

Key words: clinical case, clinical history, psychoanalytical theory, formalization of the experience, analytical act.

A formalização de um caso clínico vem sendo concebida de várias maneiras ao longo da história da psicanálise, desde um historial clínico até um fragmento de caso, sem resultar no estabelecimento de um *standard*, nem mesmo num consenso nas Escolas da AMP para definir com precisão em que consiste um caso clínico. Para dar um tratamento a essa questão, falarei a partir do que meu percurso permanente de formação em psicanálise vem me ensinando no sentido formalizar um caso clínico. Tomarei como referências teóricas algumas articulações conceituais da primeira com a segunda clínica de Lacan¹, para formular alguns norteadores que venho utilizando no trabalho de construção do caso clínico.

Apresento algumas considerações preliminares antes de propor esses norteadores. A psicanálise é uma clínica, não é restritamente uma teoria, ainda que tenha um corpo teórico. Mas é uma clínica que não existe sem a formalização teórica, assim como a teoria da psicanálise é essencialmente uma teoria da clínica. Portanto, a psicanálise consiste nessa articulação íntima entre o real da experiência e a teoria relativa a esse real. Dizer isso não é um jogo retórico. Vejamos por quê.

No momento do ato analítico, o analista não pensa (LACAN, 1967-68), pois o ato irrompe abruptamente. Se no ato o analista não pensa, isso não quer dizer que ele seja da ordem do que poderíamos chamar de uma intuição do analista, pois não convém que esse ato seja movido pelas singularidades da subjetividade do analista; para isso, é indispensável a análise pessoal na formação psicanalítica. Porém, mais além das condições subjetivas que permitem a sustentação da posição analítica, é ainda fundamental que o analista esteja bem orientado em seu ato. Orientado em quê? Aqui entra a articulação do ato analítico com a teoria da psicanálise, não simplesmente o conhecimento do seu corpo teórico em si mesmo, mas fundamentalmente a utilização da teoria enquanto instrumento conceitual para definir a direção da cura caso a caso. Será a leitura dos dados clínicos, do que ocorre a cada sessão de análise, utilizando os instrumentos conceituais da psicanálise para efetivar esta leitura, que permitirá ao analista um trabalho constante de formulação da direção da cura para cada caso. Assim, a teoria da psicanálise instrumentaliza a posição analítica para que o analista venha a operar em seu ato. Desse modo, a posição analítica articulada à formalização teórica, constitui dois lastros indissociáveis para que a clínica psicanalítica ocorra.

A partir desse preâmbulo, podemos já dizer que a formalização do caso clínico, além de se prestar como um trabalho voltado para a transmissão da psicanálise, antes de qualquer coisa, consiste num trabalho essencial no dia-a-dia da clínica para orientar o analista na direção da cura, por meio de uma constante formalização do material bruto dos pacientes em casos clínicos.

Para traçar alguns norteadores para a formalização do caso clínico, utilizarei o caso Karine, publicado sob o título "Um modo de fazer consistir o pai" (GUIMARÃES, 2006). Para suas formulações teóricas, esse texto tomou como ponto de mira a consistência crescente que a função paterna foi alcançando na estrutura subjetiva ao longo da cura desse sujeito. É um caso que também se presta para discutirmos a temática das neuroses "histéricas" contemporâneas. Neuroses que denominei como "mal-ditas históricas" num outro texto que estou preparando para publicação. "Mal-ditas" com a duplicidade homofônica de sentido que esse termo comporta: "mal-nomeadas" como históricas, já que suas estruturas subjetivas ainda não estão bem amarradas no amor ao pai, como também "malditas" quando são tomadas pela contra-transferência do analista como "insuportáveis", exatamente quando ele não se deixar ser ensinado por elas.

Tomarei agora o caso Karine para formular teoricamente alguns elementos que já estão presentes nos dados clínicos de modo subjacente. Esses dados podem ser referidos como norteadores para a construção desse caso clínico. Norteadores que orientaram a seleção e a ordenação dos dados clínicos, os quais agora nomearei de modo explícito, contando também com algumas formalizações teóricas de Esthela Solano acerca desse caso clínico (SOLANO-SUAREZ, 2007).

Primeiro norteador: as condições de abertura para o ato analítico

O início de um atendimento psicanalítico requer a verificação da abertura subjetiva para o ato analítico. Conforme parâmetros da primeira clínica de Lacan, podemos verificar essa abertura por intermédio da demanda do sujeito: o que demanda e como formula sua demanda no campo dos ditos.

Quando Lacan conceitua que demandar é tomar a palavra dirigida ao Outro, ele indica que a demanda já situa no campo do Outro o que o sujeito quer obter com a sua demanda. Assim, a demanda do sujeito também indica a que Outro o sujeito se dirige (LACAN, 1954-55).

A importância fundamental da verificação da demanda do sujeito, para a direção da cura poderá ser articulada com as formulações da segunda clínica de Lacan acerca do parceiro-sintoma (MILLER, 1996-97). É indispensável que o analista, para a sua orientação, venha a ler no caso clínico alguns dados essenciais que indiquem o estatuto da amarração da neurose, formulando uma hipótese acerca do modo de gozo que o sujeito mantém na sua parceria sexual com o Outro, fixando o nó de amarração da estrutura.

Desse modo, a análise da demanda do sujeito dirigida ao analista na transferência já indica a posição que o sujeito ocupa na sua parceria sintomática com o Outro. Para tanto, convém perguntar: como o sujeito se impõe ao Outro na sua demanda? Como exige que o Outro o receba enquanto parceiro-sintoma?

Karine, com idade em torno de trinta anos, chegou ao consultório apresentando-se por meio de um pedido que consistia numa condição de suportabilidade, que dependia de uma ressalva em relação ao modo como a analista deveria operar. Quando interrogada sobre as razões da sua vinda, disse: “vim porque sei que preciso muito fazer análise”, “sempre precisei”. Afirmou ainda que levou muito tempo para reunir toda a coragem e se decidir a dar esse passo. Justificou esse pedido apoiada numa posição subjetiva de um certo pavor controlado, dizendo que há mais de cinco anos havia iniciado uma análise na qual só pôde suportar permanecer em torno de quatro ou cinco meses, pois se sentia encurralada com o modo de intervenção do analista e com o fato de fazer as sessões deitada no divã. Passou a sofrer de uma doença psicossomática que precipitou sua saída. Karine chegou a considerar que a doença teria alguma coisa a ver com essa experiência de análise.

O que dizer desse modo de formular uma demanda ao analista? Que Karine chega impondo uma restrição à maneira como a analista deverá operar com ela. Esses dados indicam, desde a primeira entrevista, o modo sintomático da relação dessa paciente com o Outro ao qual ela dirige uma demanda que pode ser interpretada do seguinte modo: “Peço que você me responda, mas que você responda como eu decido. Você tem que me permitir e aceitar que eu domine, quer dizer, que eu possa controlá-la para que nada do que você disser ou fizer seja imprevisível para mim. E, sobretudo, nada de surpresas”.

Na verificação das condições de abertura ao ato analítico, além de localizar na demanda do sujeito sua parceria-sintomática com o Outro, é importante também verificar uma condição estrutural fundamental: Qual foi o fator mobilizador da demanda? Em que circunstâncias esse fator emergiu? Desde quando? Isso consiste em delimitar o ponto de desestabilização da estrutura.

Karine diz: “vim porque sei que preciso muito fazer análise”, “sempre precisei”. O que esse dado clínico nos indica? Podemos levantar uma hipótese de que, para esse sujeito, a estabilização da sua estrutura não se mantinha numa homeostase de gozo bem fixada. Mas em que ponto?

Encontramos, num dado clínico, o motivo que levou esse sujeito ao analista anterior e a partir do qual verificamos que sua questão dirigida à análise foi sobre o amor. Ainda que, nesse novo pedido de análise, Karine não se ocupasse

inicialmente em falar sobre essa questão, o modo como foi traçada a direção da cura lhe permitiu retomá-la seriamente mais adiante. O que nos permitirá verificar que o ponto de desestabilização da sua estrutura situava-se no campo do amor.

Como Karine enunciou essa sua questão na análise anterior? Questionando se verdadeiramente gostava do namorado. Mas não chegou a uma resposta sobre isso, ou melhor, abandonou esse modo de enunciar sua questão quando interrompeu aquela análise. Fez um *acting out*: decidiu noivar e, a partir daí, a questão sobre o amor se inverteu, passou a enunciar que não tinha certeza se o namorado verdadeiramente a amava. Com esses dados já podemos ler algum índice acerca do modo de suplência que esse sujeito mantém para tamponar a fenda que se abre em sua estrutura. Diante da pergunta acerca do amor que quer obter do Outro, esse sujeito faz uma suplência ocupando-se com o amor que falta ao Outro.

Na verificação da demanda dirigida à analista, que elementos norteadores fundamentais já puderam ser delimitados para a direção da cura desse sujeito?

- Alguns indicadores do seu modo sintomático de parceria com o Outro.
- Se já houve na estrutura desse sujeito uma estabilização bem fixada ou não.
- O ponto de desestabilização onde a fenda na estrutura se abre para uma intervenção analítica.
- Indicadores do modo de suplência que tenta tamponar o ponto de desestabilização da estrutura.

O que requer ainda verificar: como opera a suplência na estrutura?

Segundo norteador: o modo de suplência

O modo de suplência presente no nó de amarração da estrutura opera por meio da estratégia do eu, do eu como absoluto, não aceitando a falta nem o intervalo no qual pudesse emergir o enigma do desejo do Outro. Em lugar de se interrogar acerca da falta relativa à dimensão do amor no campo do Outro, Karine desdobra seu eu numa estratégia que consiste em completar permanentemente os outros, sempre se fazendo metade do outro, a metade imprescindível. Ela diz: "Não sei dizer não" nem aos pais, nem aos amigos, nem aos colegas. Demonstra permanentemente a sua abnegação, seu zelo, seus dons, todas as virtudes do eu. Oferece presentes, socorre os amigos emprestando-lhes dinheiro, é amigável, divertida, agradável. Ela sempre satisfaz os outros.

O que quer demonstrar com essa estratégia? Por um lado, que ela tem. E por outro, que ela pode preencher todas as faltas. Com relação a seus pais, ela está sempre ocupada se dedicando a eles, principalmente, ajudando sua mãe a tomar conta do pai doente, o que a obriga a viver sempre atarefada, trabalhando em vários lugares ao mesmo tempo. Pode-se dizer que é um sujeito que está permanentemente numa dinâmica de trabalhos forçados. E é isso que sustenta seu eu.

Com esse modo de fazer sintomático, Karine tenta recobrir com o imaginário, com o eu, todo o real. Pode-se dizer que, nesse caso, a consistência imaginária do eu é o seu modo privilegiado de fazer aparecer o seu ser no campo do Outro. Quer dizer, não encontramos aqui nessa suplência um enlaçamento simbólico consistente que lhe forneça um S_1 privilegiado, identificatório, para se fazer amável ao Outro, mas fundamentalmente o Eu ideal, narcísico.

Examinar o estatuto da suplência na estrutura consiste em interrogar a consistência das identificações centrais nos três registros: Com que recursos simbólicos, imaginários e fantasmáticos o sujeito conta para sustentar o seu ser no campo do Outro, como o sujeito se faz ser para o Outro?

A prevalência do eu na parceria-sintomática de Karine nos permite verificar que esse sujeito não dispõe na estrutura de sua neurose de um lastro firme do pai. Desse modo, não dispõe de ferramentas para fixar solidamente no registro simbólico uma identificação ao Ideal do Outro – I(A), como resposta ao enigma do desejo do Outro. Isso equivale a dizer que as operações lógicas de efetuação da estrutura denominadas por Lacan, no *Seminário 11* (1964), como alienação e separação, ainda não encontraram recursos libidinais suficientes para se fixar firmemente no nó que amarra a estrutura. Para esse sujeito, lhe restou um lastro de gozo mais bem fixado na posição de objeto da demanda da mãe, que lhe fornece uma consistência de ser de gozo enquanto dejetado do Outro, recoberta pela estratégia do eu imaginário. Isso não permite assegurar que esse sujeito tenha constituído na amarração da estrutura um recurso fantasmático para a parceria sexual com o Outro, já que se mantém distante da dimensão do desejo do Outro. Desse modo, essa estrutura subjetiva pode ser situada no campo do que hoje tem sido denominado como “neuroses contemporâneas”.

A partir dessas formulações, é importante indicar que o Outro privilegiado da parceria sexual desse sujeito institui-se, de modo mais consistentemente, como Outro da demanda e não como Outro do desejo. Trata-se do Outro da demanda imperativa, intransitiva, inegociável, como Lacan conceitualiza no texto “Subversão do sujeito e dialética do desejo” (LACAN, 1960). Abre-se aqui uma questão, a qual levei muito tempo na minha formação psicanalítica para começar a conceber de modo operativo na clínica: o sujeito situa no analista, em ato na transferência, o objeto que ele é para o Outro. Pois bem, esse caso clínico nos permite ilustrar essa vertente real da transferência. Para tanto, convém retomar a questão: na demanda inicial ao analista, o sujeito situa o Outro em que posição? Exatamente como objeto da sua demanda massiva, intransitiva, sem nenhuma negociação, exigindo que o Outro aceitasse seu controle absoluto.

Terceiro norteador: a estratégia do analista na transferência

A transferência não se interpreta, como diz Lacan em “A direção do tratamento...” (1958), já que ela se apresenta em ato, portanto fora do recurso da palavra, fora do estatuto simbólico. Será, portanto, em ato que o analista também poderá traçar a sua estratégia de modo que esta venha a operar seus efeitos.

Logo na primeira entrevista, acolhi imediatamente a demanda de Karine oferecendo todas as garantias de que tudo faria para ter a delicadeza necessária para lhe deixar tranqüila. Isso significa que, imediatamente, pude ler alguns dados essenciais da singularidade sintomática dessa mulher e, diante dessa singularidade, pela via do semblante, me fiz dócil à sua demanda. Por quê? Para poder ocupar na sua subjetividade a função de parceiro-sintoma. Só desse modo é possível existir uma análise. Essa estratégia permitiu a fixação da transferência, de modo que o analista, ao se deixar aí ser incluído na economia libidinal do sujeito, venha operar pouco a pouco, desde essa inclusão, uma barradura mais efetiva no campo do Outro. Operação de incisão no Outro que não poderia ter lugar na estrutura sem essa estratégia na transferência.

Quarto norteador: a tática utilizada pelo analista

Iniciou-se um primeiro período de análise no qual logo constatei que o insuportável consistia em deixar aberta qualquer questão que tocasse, de algum modo, na posição subjetiva central que Karine mantinha com o Outro em sua vida; questões levantadas por ela mesma ao longo da sua fala. Buscava logo uma resposta que lhe fornecesse uma significação fechada, formulando ela mesma uma resposta, ou pedindo que lhe ajudasse a encontrá-la. A busca de uma significação fechada, diferentemente do efeito de sentido evanescente próprio à tática da interpretação

como enigma, indicava o quanto esse sujeito necessitava desse recurso eminentemente imaginário na sua estrutura. Recurso que tem valor de suplência, o que não poderia ser desmontado de modo abrupto.

Sempre que não se sentia segura da resposta obtida durante a sessão, utilizava o recurso da atuação. Digamos que esse período de análise consistiu no uso de uma tática que, na construção desse caso clínico, denominei de “atuação dirigida”. A direção da cura serviu-se do cálculo relativo a quais questões Karine poderia suportar fazer uma pequena pausa, sem uma resposta conclusiva imediata. Essa tática permitiu instituir um pequeno espaço de tempo entre a pergunta e a verificação da resposta por meio da atuação. Esse pequeno espaço produzia o efeito de inserir uma nova pausa entre a atuação e o dito sobre a atuação, o qual só poderia advir na próxima sessão, ocasião em que Karine tentava se assegurar de uma resposta formulada a partir do que buscou verificar em ato. Essa “atuação dirigida” foi a primeira tática da analista para começar a introduzir, de forma muito sutil, uma pequena fenda no discurso desse sujeito, dentro dos limites da sua suportabilidade, para não provocar uma desestabilização maior na estrutura.

O que é que causava o insuportável para Karine quando não obtinha uma resposta rápida? Podemos supor que a exigência de uma resposta rápida era seu modo de defesa diante da angústia, já que não contava com recursos simbólicos suficientes para fornecer um tecido que contornasse a fenda da qual emergia a angústia. Ela não suportava que uma questão fosse mantida em aberto. Portanto, não era sem razão que a resposta rápida, a significação definitiva fosse o objeto que ela esperava do Outro, que ela demandava ao Outro na transferência.

Diante dessas condições estruturais da parceria sintomática com o Outro, qual foi a manobra da analista, articulada à tática da “atuação dirigida”? Precisamente, não responder exatamente o que a paciente exigia e, ao mesmo tempo, não contrariar essa exigência. No texto “A dinâmica da transferência” (1912), Freud se orientava do mesmo modo em relação à demanda de amor do paciente dirigida ao analista. Ele propõe um jogo de cintura delicado que consiste em não atender a demanda, mas, ao mesmo tempo, não desiludir inteiramente o paciente.

Assim, a tática da “atuação dirigida” articulada à estratégia na transferência de atender a demanda sem corresponder a ela inteiramente consistiu no cálculo da pausa, no cálculo do intervalo suportável na estrutura. Pode-se dizer que existiu um cálculo da pontuação na medida em que a pausa introduzida aos poucos entre o que Karine solicitava e a resposta dada teve o mesmo valor de uma pontuação muito especial, o valor introduzido pelas vírgulas num texto escrito. Assim, um tecido simbólico passou a ser constituído, pouco a pouco, de modo mais consistente em torno da fenda na qual emergia a angústia na estrutura. Privilegiar especialmente a tática da pontuação no campo da palavra se fez necessário aqui, já que a interpretação como enigma, enquanto um x que não remete a uma significação fechada, ainda não teria lugar na condução da cura, diante da precariedade simbólica dessa neurose.

Quinto norteador: O imperativo do supereu

Rastrear as trilhas silenciosas do imperativo do supereu consiste num trabalho fundamental não apenas para a direção do tratamento, como também para a construção de um caso clínico, pois só desse modo os efeitos terapêuticos operados poderão ser concebidos como efeitos analíticos, enquanto efeitos de redução do gozo mortificante.

No caso Karine, aparece um objeto privilegiado: o dinheiro. Ela trabalha muito, ganha um salário razoável, mas nunca tem dinheiro. E então, o que acontece com o dinheiro? O dinheiro entra como objeto fundamental na relação sintomática com o Outro, desequilibrando a suplência imaginária do eu. Se, através da estratégia do

eu - sendo amigável, solícita, prestativa -, ela alcançar uma suposição muito forte de que tem aquilo que pode recobrir a falta do Outro, emerge aqui, com o objeto dinheiro, um fracasso dessa estratégia de preencher a falta, já que, no final das contas, a falta se abre diante dela. Não tem dinheiro.

Nessas condições, pede dinheiro à sua mãe. Isso quer dizer que a mãe tem o que falta a ela. Porém, dessa forma, ela entra no infernal circuito superegóico da dívida. O que a dívida implica? Implica que, no bolso da mãe, falta o dinheiro que ela deve, isto é, por meio da dívida ela introduz a falta na mãe. Vejam que esse é um modo sintomático de introduzir uma falta no campo do Outro. Isso também ocorre nas anorexias ditas contemporâneas, já que o Outro da parceria sintomática desses sujeitos não se situa no campo do dom do amor, de dar o que não se tem, portanto, trata-se de um Outro mais bem situado no campo do escamoteamento da dimensão do amor.

Mas, diferentemente do que é produzido por essa estratégia nas anorexias, a introdução forçada de uma falta no Outro não teve como efeito a emergência da angústia no Outro. Com essa estratégia, a paciente obteve essencialmente as recriminações e críticas da mãe, as quais incidiam na sua estrutura como injúrias superegóicas, que Karine alimentava se mantendo em dívida. Em outras palavras, a dívida teve por função sustentar a ferocidade sem limite do supereu, no ponto onde fracassava a suplência em tentar recobrir o real. Pode-se dizer que essa paciente não devorava, era devorada, devorada pelo Outro em seu imperativo mortífero de gozo. O que nos faz considerar que sobre essa base superegóica, de sujeição extrema aos imperativos de gozo, advém a sua compulsão de comer, a sua insuportabilidade de esperar qualquer coisa que tenha a fazer, saber, ou dizer.

Como foi introduzida, na direção da cura, uma leitura para esse seu gozo superegóico? Foi estabelecida uma nova estratégia na transferência, a qual consistiu em aceitar a dívida, aceitar que a falta se inscrevesse do lado da analista, aceitando que Karine, conforme seus próprios ditos, num esforço de não mais pedir empréstimos à sua mãe passasse a dever o pagamento das sessões à analista.

O resultado dessa estratégia no campo dos afetos foi uma aflição de não poder satisfazer a analista, mas a consequência maior foi o efeito de surpresa produzido no sujeito, pois não recebeu recriminações nem exigências como resposta. Reconhecendo a dívida, tolerando-a sem anulá-la, a analista aceitou que o sujeito descompletasse o Outro, isto é, aceitou ser para o sujeito um Outro incompleto, um Outro barrado.

Esse caso clínico nos ensina uma questão essencial acerca da incidência do imperativo superegóico no campo transferencial. A demanda imperativa inicial que esse sujeito impôs à analista situava Karine na posição de objeto do próprio imperativo, exigindo controlar o modo como deveria ser tratada pela analista. Ao fazer semblante de dócil, a analista se deixava incluir na economia subjetiva da paciente como parceiro-sintoma. Em relação ao ponto insuportável para a paciente de não obter respostas às suas questões, a analista atendeu a essa demanda sem corresponder a ela inteiramente, visando a introduzir as pontuações próprias a um tecido simbólico que começou a ser construído em torno da fenda na estrutura. Entretanto, quanto à demanda de que a analista encarnasse o imperativo de gozo do supereu, diante do qual o sujeito restaria como objeto desse imperativo, só houve uma resposta por parte da analista: não. Especifica-se, assim, nesse caso clínico, a natureza da demanda em relação à qual o analista não tem nada a conceder: a demanda de avalizar o imperativo de gozo superegóico. Seja no campo da transferência ou no campo dos ditos do sujeito, a única resposta que cabe ao analista diante desse modo de gozo é 'não'.

Essa estratégia na transferência constituiu-se como fundamental na cura, pois só assim o sujeito pôde começar a aceitar uma surpresa enigmática que pudesse advir

do Outro, resultando, depois de três anos de trabalho, numa mudança radical da posição desse sujeito diante da demanda do Outro.

Sexto norteador: o modo de defesa privilegiado

Uma frase se destacou desde o início, servindo como uma peça fundamental na direção da cura: “sou gorda, feia, nenhum homem vai me querer”. Frase sempre repetida em bloco, imutável, à qual Karine estava identificada, como uma significação fechada acerca do seu ser de mulher. Frase que sempre advinha quando pensava em terminar a relação com o seu noivo, pois passou a constatar que não sentia por ele nenhuma paixão, nem admiração, nem desejo sexual.

Trata-se de uma frase que constitui um modo de defesa ao estilo obsessivo, pois mantém na estrutura do seu argumento uma relação lógica entre dois elementos de ligação para sustentar os enunciados: “se... então...” – “se sou gorda e feia, *então* nenhum homem vai me querer”. Essa lógica aristotélica reina no cogito do eu, engendrando o estatuto de verdade nos enunciados e introduzindo desse modo a debilidade mental no campo da neurose.

A importância de localizar esse modo de defesa - “Sou gorda, feia, nenhum homem vai me querer” – consiste em verificar que essa defesa sustenta uma função de nó nos três registros:

- 1) No imaginário: sustenta a consistência ideacional do seu corpo - “gorda” e “feia”.
- 2) No simbólico: os S_1 “gorda” e “feia” fornece um nome para se fazer representada, mas não para um outro significante (S_2), já que eles não têm o estatuto de identificações simbólicas relativas ao I(A). A forte consistência imaginária articulada a esses significantes fornecem uma significação absoluta para seu ser de mulher, tamponando qualquer questão sobre o feminino.
- 3) No real: “gorda” e “feia” recobrem o real com a ideação da imagem do corpo, funcionando aqui como nome de gozo, enquanto dejetivo do Outro.

Uma forte insistência da analista foi necessária para introduzir uma escuta que permitisse romper a consistência de nó da defesa fundamental. Sempre que Karine repetia em seus ditos “sou gorda, feia, nenhum homem vai me querer”, a analista perguntava de modo insistente: “quem lhe disse isso?”. Introduzia, desse modo, uma questão acerca da frase axiomática sem jamais enunciar o nome de gozo, para que este não viesse a ser localizado como um dito do Outro na transferência, de modo a não reafirmar esta fixação de gozo. Introduzir essa pergunta implicava também enunciar, desde o lugar do Outro na transferência, que não acreditava que era ela quem o dizia, retirando da frase o verbo “sou”, deslocando para um outro o lugar da enunciação. Diante da insistência da analista, as respostas de Karine passaram por várias modulações:

“Eu sei que sou assim”
 ↓
 “Todo mundo diz”
 ↓
 “Meu irmão e minha mãe diziam”
 ↓
 “Minha mãe disse”

Depois que o lugar da enunciação dessa voz imperativa pôde ser bem localizado na mãe, a analista introduziu esse sujeito na dimensão da crença no estatuto de verdade dos ditos da mãe: “Sempre acredito que tudo que minha mãe diz é verdade”. Desse modo, abriu para o sujeito a oportunidade de passar a questionar as razões dessa crença.

Dizer que o analista adotou aqui uma posição ativa, sustentada num desejo férreo, consiste em um modo de formulação epistêmica, conforme enunciado por Eric Laurent em *A conversação de Arcachon* (MILLER et ALLI, 1977), a propósito da direção da cura na psicose. Naquela ocasião, Laurent propôs que o analista deve sustentar uma posição ativa para localizar os sinais mínimos de amarração da estrutura, sustentando um desejo férreo de se fazer destinatário desses sinais. Retomo aqui esses termos propostos por Eric Laurent para dizer que, nesse caso de neurose, a analista adotou firmemente essa posição de desejo para intervir decididamente na quebra da defesa que sustentava a amarração da estrutura. Entretanto, adotou também de modo decidido a direção de introduzir simultaneamente um novo elemento na amarração da estrutura, um gozo mais vivificante, localizando ou fazendo aparecer na fala de Karine os signos do amor ao pai. Esse trabalho de reenodamento é fundamental para a amarração da estrutura, pois não convém que uma defesa seja desmontada sem que o sujeito já tenha instalado os lastros firmes sustentação num outro lugar mais apaziguador.

Sétimo norteador: A função materna e paterna no caso clínico

Em um caso clínico, os pais não interessam enquanto pessoas acerca das quais venha a ser traçado um perfil conforme o que, nas teorias da psicologia, é denominado de personalidade. Para a psicanálise, os pais interessam enquanto funções operativas na estrutura do sujeito:

- funções imaginárias: o Outro onipotente absoluto, tanto na vertente do ideal quanto na de numa encarnação terrorífica.
- funções simbólicas: o DM (desejo da mãe) e o NP (Nome-do-Pai), operadores da significação fálica.
- funções de gozo: o pai, que se posiciona como macho, sexuado, que toma uma mulher como objeto *a* causa do seu desejo, que transmite um traço sintomático do seu gozo sexual. A mãe enquanto uma verdadeira mulher, Medéia que, enlouquecida pelo seu gozo feminino, toma seus filhos como objetos de sacrifício a esse gozo.

Quando, num relato de caso clínico, os pais são referidos em bloco – “meus pais”, ou “os pais” – passamos muito longe das funções operativas que interessam à psicanálise em cada caso. Quando o pai e a mãe permanecem referidos por meio de semblantes imutáveis ao longo do caso, verifica-se que não houve qualquer efeito analítico para aquele sujeito. Um tratamento requer que o ato analítico tenha operado as mudanças de estatuto da mãe e do pai. Tais mudanças vão sendo operadas em par, pois a modificação do estatuto de um resulta diretamente na mudança do estatuto do outro na estrutura de um sujeito.

No caso clínico de Karine, na medida em que a onipotência da mãe, enquanto Outro da demanda, foi sendo gradativamente reduzida, o estatuto do pai foi sendo modificado numa sequência que se inicia por uma forte consistência imaginária, para dar lugar gradativamente ao seu estatuto simbólico:

- Pai que nunca a apoiava diante da sua mãe porque ele assim não o queria. Pai suposto como pai ideal, que poderia abrigá-la de todo o mal, se assim o quisesse.
- Pai covarde, decaído do ideal, que não tinha coragem de enfrentar a mãe para não contrariá-la. Pai situado como homem sexuado no seu modo de fazer parceria sexual com sua mulher. Pai do qual o sujeito pode extrair um uso, operando uma identificação ao seu traço sintomático.
- Pai do amor, que apesar das suas falhas, a ama. Pai castrado porque amando o que não tem. Pai da armadura histérica, pois introduz o sujeito Karine

num novo modo de discurso, passando a supor o estatuto de verdade no saber inconsciente e não mais nos ditos da mãe.

A partir dessas mudanças operadas no estatuto do pai e da mãe, Karine pôde assentar-se na posição de sujeito dividido e, desse modo, pôde abrir uma questão acerca do enigma da feminilidade.

Oitavo norteador: foco central do caso clínico

Um caso clínico pode ser diferenciado de um historial clínico, de um relato de caso e de um fragmento de caso na medida em que é formalizado para dar tratamento epistêmico a uma questão conceitual. Nela, a seleção dos dados clínicos toma como ponto de mira a demonstração de uma hipótese, a abertura de uma questão etc.

Nesse sentido, tanto os norteadores aqui propostos como outros mais que possam ser formulados só interessam para cada caso clínico como ordenadores dos dados clínicos conforme o foco central epistêmico que foi escolhido para formalizar o caso.

Nota

1. Trata-se de uma referência ao modo como Jacques-Alain Miller se refere à clínica em Lacan como decorrência dos três tempos do seu ensino (MILLER, 2002).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COELHO DOS SANTOS, T. (2002). O analista como parceiro dos sintomas inclassificáveis. In: **Latusa**, n. 7. EBP-RJ, 2002, p. 153-168.

FREUD, S. (1912) A dinâmica da transferência. In: **Edição eletrônica das Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1977, vol. XII.

LACAN, J. (1954-55) **O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1987.

_____. (1958) A direção do tratamento e os princípios do seu poder. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p.585-652.

_____. (1960) Subversão do sujeito e dialética do desejo. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 807-842.

_____. (1964) **O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. RJ: Jorge Zahar Ed., 1988.

_____. (1967-68). **O Seminário. Livro 15: o ato psicanalítico**. Inédito.

GUIMARÃES, L. (2006). Um modo de fazer consistir o pai. In: **Correio**, Revista da Escola Brasileira de Psicanálise. Salvador (BA): EBP, n. 56, ago / 2006, p. 50-59.

MILLER, J.-A (1996-97) A teoria do parceiro. In: EBP (2000) **Os circuitos do desejo na vida e na análise**. RJ: Contra Capa, p. 153-207.

_____. (2002). Le dernier enseignement de Lacan. In: ECF (2002) **La Cause Freudienne**, n. 51. Paris: Diffusion Navarrin Seuil, maio, p. 7-32. Traduzido para o português: O último ensino de Lacan. In: **Opção Lacaniana**, n. 35. SP: Edições Eólia, janeiro, 2004, p. 6-24.

MILLER, J.-A. et ALLI. (1997). La conversation de Arcachon. In: **Los clasificables de la clínica psicoanalítica**. Buenos Aires: Paidós, 2003, p. 197-414. Traducido para o português: **A conversação de Arcachon – Os casos raros, inclassificáveis da clínica psicanalítica**. Biblioteca Freudiana Brasileira: SP, 1998.

SOLANO-SUAREZ, E. (2007) Comentários de um caso clínico, In: **Agente-digital**, revista eletrônica da Escola na Bahia, número 1, 2007. Disponível em: <http://www.ebp.org.br/bahia/agente/>

Texto recebido em: 20/08/2007

Aprovado em: 10/10/2007

DAS FÓRMULAS DA SEXUAÇÃO AO EMPUXO-À-MULHER¹

Vanessa Campbell da Gama

Graduada em psicologia/UFRJ
Mestre em Teoria Psicanalítica/UFRJ
Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica/Universidade
Federal do Rio de Janeiro

campbellgama@yahoo.com.br

Resumo

Dando continuidade ao trabalho desenvolvido anteriormente, intitulado "O paranóico e a castração: o delírio como tentativa de cura", passamos a investigar as consequências da ausência de identificações edípicas para a sexualização na psicose. Partindo-se do pressuposto de que na psicose não há a simbolização da Lei edípica, podemos dizer que o psicótico não se inscreveu nem do lado masculino nem do lado feminino. Diante disso, colocamos as seguintes questões: 1) como fica a posição do psicótico na partilha dos sexos? 2) de que recursos ele pode se valer para situar-se na diferença sexual? 3) O empuxo-à-Mulher pode ser considerado uma forma de o sujeito posicionar-se na partilha dos sexos?

Palavras-chave: psicose, diferença sexual, sexualização, delírio, empuxo-à-Mulher

THE SEXUATION IN PSYCHOSES: PARANOIA, FEMININE AND FEMINILITY

Abstract

Giving continuity to the work developed previously entitled: "The paranoiac and the castration: the delusion as an attempt of cure", we go on to investigate the consequences of the lack of Oedipal identifications for sexualization in psychosis. Parting from the presumption that in psychosis there is no symbolization of the Oedipal law, we can say that the psychotic has not inscribed either on the masculine or the feminine side. With that said, we ask ourselves the following questions: how does the position of the psychotic in the sex division stand? Which resources can he use to be situated on the sex difference? Being pulled to the woman can be considered a way for the subject to stand in the sex division?

Keywords: psychoanalysis, psychosis, sex difference, excitement, Being pulled to the woman.

1 – Introdução

De acordo com a teoria psicanalítica, a diferença anatômica entre os sexos tem consequências psíquicas, mas não se nasce psiquicamente homem ou mulher; logo,

é necessário que o sujeito se inscreva do lado masculino ou feminino das fórmulas da sexualização, formalizadas por Lacan (1972-73) em seu *Seminário 20: Mais, ainda*. Em outras palavras, constituir-se enquanto homem ou mulher requer um trabalho, um posicionamento ético do sujeito frente à castração. A condição para que a inscrição do lado masculino ou feminino ocorra é o atravessamento do Édipo. Na resolução do complexo de Édipo o sujeito simboliza a Lei edípica e se inscreve na partilha dos sexos. Dito de outro modo, ao atravessar o Édipo o sujeito simboliza a falta no Outro (registra a castração) e se insere na lógica fálica, ou seja, o falo passa a operar como regulador do gozo.

Partindo-se do pressuposto de que na psicose não há a simbolização da Lei edípica, podemos dizer que o psicótico não se inscreveu nem do lado masculino nem do lado feminino. Diante disso, colocamo-nos as seguintes questões: 1) como fica a posição do psicótico na partilha dos sexos? 2) de que recursos ele pode se valer para situar-se na diferença sexual? 3) O empuxo-à-Mulher pode ser considerado uma forma de o sujeito posicionar-se na partilha dos sexos?

Em seu *Seminário 3: as psicoses* Lacan (1955-56) afirma que, para Schreber, não há “nenhum outro meio de realizar-se, de afirmar-se como sexual, senão admitindo-se como uma mulher, como transformado em mulher” (LACAN, 1955-56, p. 286). Que consequências podemos tirar desta passagem? Como depreender o conceito lacaniano de empuxo-à-Mulher e sua importância para a clínica da psicose? Antes de darmos prosseguimento é importante dizer que o empuxo-à-Mulher pode sim desempenhar um papel crucial para a estabilização (como ocorreu no caso Schreber), mas pode também ser vivenciado pelo psicótico como um gozo altamente invasivo e colocá-lo ainda mais em posição de objeto. Portanto, na clínica da psicose, o encaminhamento a ser dado aos fenômenos de empuxo-à-Mulher deve ser pensado no caso a caso. É relevante que isto fique claro porque o empuxo-à-Mulher não é, de maneira nenhuma, uma solução estabilizante para todos os casos de paranóia. Como afirma Miller (2003), na impossibilidade de dar uma solução ao enigma colocado pela linguagem apelando para discursos estabelecidos, os psicóticos têm de inventar uma maneira inédita para dar uma resposta ao impossível inerente à linguagem. Em outras palavras, a solução dada por cada sujeito psicótico ao enigma sobre o seu sexo, que retorna no real, é inédita no sentido de que não passa pela significação fálica. É importante deixar claro também que o delírio é *uma* das formas de o psicótico alcançar a estabilização; existem outras, como a arte. Temos notícia de pacientes em que a estabilização não passa pelo delírio; por exemplo, pacientes que alcançam a estabilização através da arte ou, ainda, pela conjunção entre arte e delírio, como é o caso do Profeta Gentileza².

Este trabalho será dividido da seguinte maneira: em um primeiro momento abordaremos a sexualização feminina e apresentaremos as fórmulas da sexualização para, em seguida, investigarmos as consequências da não inscrição do psicótico na partilha dos sexos. Para tanto, desenvolveremos o fenômeno do empuxo-à-Mulher, comum em quadros de psicose, e averiguaremos se ele pode ser considerado como uma forma de o sujeito se posicionar na partilha sexual. Por fim, com o intuito de articular teoria e clínica, lançaremos mão do clássico caso de paranóia do presidente Schreber.

2 – Sexualização

De acordo com a teoria psicanalítica, a distinção anatômica entre os sexos tem consequências psíquicas, mas não se nasce psiquicamente homem ou mulher. Como afirma Lacan: “(...) ter ou não ter o pênis não são a mesma coisa” (1957-58a, p. 192). Assim sendo, para se constituir enquanto homem ou mulher é imprescindível que o sujeito simbolize a diferença sexual. Dito de outro modo, ser homem ou mulher não é algo dado, portanto, requer um trabalho por parte do

sujeito; mais do que isso, requer um posicionamento frente à castração. É importante frisar que, ao inscrever a castração, o sujeito se insere na lógica fálica. Voltaremos a este ponto.

Em seu artigo "A Organização Genital Infantil (Uma Interpolação na Teoria da Sexualidade)", Freud afirma que tanto para os meninos quanto para as meninas existe "apenas um órgão genital, ou seja, o masculino. O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do falo" (FREUD, 1923, p. 158). Em seguida, ele não só afirma como também sublinha que "o significado do complexo de castração só pode ser corretamente apreciado se sua origem na fase da primazia fálica for também levada em consideração" (Id., p. 159/160). Diante disso, podemos afirmar que tanto o homem quanto a mulher estão referidos à lógica fálica, que ambos se posicionam na partilha dos sexos a partir da primazia do falo. Em outras palavras, somente quando um significante se diferencia de todos os outros é que alguma lógica pode ser instaurada. Como nos diz Lacan, "para que alguma coisa falte é preciso que haja o contado" (1968-69, p. 290). Neste sentido, o falo é erigido a partir da inscrição de uma falta. É apenas quando se coloca para o menino a possibilidade de perder o seu pênis e para a menina o fato de que ela não o tem, isto é, que de saída ela é privada, que podemos falar do complexo de castração. Em outras palavras, quando falamos de castração é porque alguma perda já está em jogo. Em seu texto, "A significação do falo", Lacan afirma que o falo é o significante que "dá a razão do desejo" (1958, p. 270). Portanto, a inscrição de uma falta na cadeia significante é essencial para que o sujeito possa desejar.

Lacan (1957-58a), em seu *Seminário 5: as formações do inconsciente*, fala-nos da simbolização da castração do Outro, ou seja, que a inscrição do significante do Nome-do-Pai simboliza a falta no Outro. Ele assinala que o pai é uma metáfora, ou seja, aquilo que vem no lugar do desejo da mãe. Ora, se o desejo materno é caprichoso, se ela goza de forma irrestrita do corpo do bebê, o significante do Nome-do-Pai é o que limita este gozo materno. Neste seminário, a castração é a simbolização da ausência de pênis na mãe, do Outro primordial. Lacan afirma que "É no lugar onde se manifesta a castração no Outro, onde é o desejo do Outro que é marcado pela barra significante" (1957-58a, p. 181). Portanto, o que se coloca para a criança é a pergunta pelo *significado* das idas e vindas da mãe. Afinal, "O que quer essa mulher aí?" (Id., p. 181). Esta pergunta feita pela criança nos mostra que, de início, este gozo materno é enigmático, desenfreado e sem sentido. Em relação à lei da mãe, Lacan assinala o seguinte: "essa lei é, por assim dizer, uma lei não controlada" (Id., p. 195). Diante disso, podemos afirmar que o Nome-do-Pai engendra uma significação fálica, significação esta que limita, que coloca uma barra sobre o gozo materno. Deste modo, o desejo materno, até então enigmático passa, através da metáfora paterna, a ser o desejo do falo. Por conseguinte, ao simbolizar a castração do Outro o sujeito se insere na lógica fálica, ou seja, o falo passa a operar como regulador do gozo.

2.1 – A sexuação feminina

Antes de apresentar as fórmulas da sexuação falaremos sucintamente da sexuação feminina com o intuito de marcar que as mulheres registraram a castração, portanto, estão na lógica fálica, embora esta não dê conta do que é uma mulher. Este caminho se faz necessário para traçarmos uma distinção entre empuxo-à-Mulher e a posição feminina na partilha dos sexos, questão que pode dar margem a confusões. Destarte, é importante frisar que o lado feminino não coincide com a psicose.

Em seu texto "Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos", Freud afirma que, "nas meninas, o complexo de Édipo levanta um problema *a mais* que nos meninos" (1925, p. 280, grifo nosso). O que Freud estaria querendo

dizer com isto? Será que teria alguma ligação com o gozo suplementar que Lacan (1972-73) atribui às mulheres, ou seja, um gozo *a mais*, um gozo não capturado pela função fálica? Parece que Freud e Lacan estão se referindo a um resto pulsional, a algo que escapa à lógica fálica, algo que não pode ser dito. Lacan nos diz que “há um gozo dela (mulher) sobre o qual talvez ela não saiba nada a não ser que o experimenta – isto ela sabe” (1972-73, p. 100).

Em sua conferência XXXIII, intitulada “Feminilidade”, Freud afirma o seguinte: “a psicanálise não tenta descrever o que é a mulher - seria esta uma tarefa difícil de cumprir -, mas se empenha em indagar como é que a mulher se forma” (1933[1932], p. 117). A partir desta passagem podemos nos perguntar até que ponto Freud não reconhece que é impossível dizer o que é a mulher, pois ele coloca esta tarefa como um limite da teoria psicanalítica. Claro que só podemos fazer esta leitura a partir da teorização lacaniana de que *A Mulher não existe*. Desenvolveremos este ponto adiante.

Freud então se coloca a tarefa de descobrir como é que a menina se transforma em mulher. Ele afirma o seguinte: “Há muito tempo, afinal de contas, já abandonamos qualquer expectativa quanto a um paralelismo nítido entre o desenvolvimento sexual masculino e feminino” (1925, p. 234). Em outras palavras, Freud sustenta que não há simetria em relação Édipo no menino e na menina, o que aponta para o ponto central sobre o qual a psicanálise gira, ou seja, *a diferença sexual*.

Freud sublinha que a maneira pela qual a menina atravessa o Édipo é *diferente* da do menino. Dito de outro modo, homens e mulheres se posicionam de forma diferente frente à castração. Tal como nos meninos, o primeiro objeto de amor da menina é a mãe; no entanto, diferentemente dos meninos, elas têm de abandonar a mãe enquanto objeto e investir no pai. Essa reviravolta ocorre porque a menina constata a diferença sexual e se dá conta de que o menino tem e ela não - “Ela o viu (o pênis), sabe que não tem e quer tê-lo” (FREUD, 1925, p. 281). De acordo com Freud, após este episódio, as meninas se tornam vítimas da inveja do pênis. Podemos ler nessa passagem que a menina está referida ao falo, ou seja, que a sua inscrição do lado feminino passa pela norma fálica. A partir do *Penisneid*, isto é, da inveja do pênis, Freud (1933 [1932]), teoriza a sexualidade feminina. Ele afirma que, ao se deparar com o órgão genital masculino, a menina se decepçiona com a mãe porque ela não tem e não lhe deu o falo. Devido a isso, a menina abandona a mãe enquanto objeto de investimento sexual e busca alhures, o significante que lhe falta no real do corpo. De acordo com Freud (1931), a sexualidade feminina tem três saídas possíveis:

1. Renunciar ao falo e abrir mão da sexualidade.
2. Não renunciar ao falo e ficar presa ao complexo de masculinidade, isto é, querendo ser um homem.
3. Por fim, reconhecer a castração materna e a sua própria e buscar o falo no homem. Busca-o, primeiramente no pai e depois em um homem que lhe permita equivaler o desejo de ter um pênis ao desejo de ter um bebê, um “falo-bebê”. De acordo com Freud, essa terceira opção é o caminho normal em direção à feminilidade.

Para responder à questão sobre como a menina se transforma em mulher, Freud circunscreve como ponto de impossível: *descrever o que é uma mulher*. A partir da circunscrição desta limitação, ele tenta responder, pela via da lógica fálica, mais precisamente da inveja do pênis, como é que uma menina se transforma em mulher. A tentativa de Freud é um paradoxo, pois ao mesmo tempo em que só podemos elaborar algum dizer sobre a mulher a partir da lógica fálica, esta lógica não pode dizer toda a mulher. Ora, mas a mulher não pode ser dita. Como então engendrar algum saber sobre a mulher que não passe pela lógica fálica?

Em seu *Seminário 20: mais, ainda...*, Lacan (1972-73) dá um passo adiante e teoriza que a mulher é não-toda inscrita na lógica fálica. Deste modo, ele dá um lugar para o feminino enquanto radicalmente distinto do masculino, no sentido de que escapa à lógica fálica. Neste seminário, Lacan postula que as mulheres possuem um gozo suplementar ao fálico, um gozo Outro, portanto, não capturado pelo significante; um excesso de gozo não civilizado. Em relação a este gozo feminino, podemos dizer que ele é fora do discurso, que ele é impossível de ser dito. Lacan nos chama a atenção para o fato de que, sobre este gozo, “talvez ela não saiba nada a não ser que o experimenta – isto ela sabe” (1972-73, p. 100). A isto acrescenta que “Nada se pode dizer da mulher” (Id., p. 109). Não se pode dizer nada sobre a mulher, precisamente porque não há um significante que a represente. Daí o aforismo lacaniano: *A Mulher não existe*.

Dado que a lógica fálica não dá conta do que é ser uma mulher, depreendemos que, para a menina, a travessia do Édipo não lhe responde o que é ser uma mulher. No entanto, é importante deixar claro que ao final do Édipo a menina reconhece que ela e sua mãe não têm o falo. Este reconhecimento é crucial para a sua inscrição na partilha dos sexos. Como assinala Lacan, “é na medida em que o pai se torna o Ideal do eu que se produz na menina o reconhecimento de que ela não tem falo” (1957-58a, p. 179). A identificação com o pai, que Lacan chama de *Ideal do eu*, ocorre na resolução do complexo de Édipo. Não obstante, como falta um significante que a represente, algo de sua condição sexuada permanece como enigma: “o sexo da mulher não lhe diz nada” (1972-73, p. 15).

3 – As fórmulas da sexuação

Em seu texto “O Aturdido”, Lacan afirma que “não há universal que não deva ser contido por uma existência que o negue” (1973, p. 450).

Partiremos desta passagem para tentar mostrar que a condição de existência do todo é a exceção, é algo que fica de fora. Como veremos, o que funda o conjunto dos homens é a exceção. A mesma lógica pode ser aplicada à teoria, visto que ela só é consistente a partir da circunscrição de um ponto de impossível, de indecidível, portanto, de uma inconsistência. No *Seminário 16: de um Outro ao outro*, Lacan (1968-69) nos ensina que o 1 sempre vem acompanhado de *a*, isto é, que $1 = 1 + a$. Dito de outra maneira, a unidade não vem sem o resto, sem que algo fique de fora, e o que fica de fora é precisamente o real. Neste seminário, Lacan afirma o seguinte:

O objeto *a* [...] é exatamente o que vocês querem, esse branco, ou esse preto, esse *algo que falta por trás da imagem*, se se pode dizer, e que colocamos tão facilmente, por um efeito puramente logomáquico da síntese, em algum lugar numa circunvolução. É exatamente na medida em que alguma coisa falta no que dela se dá como imagem que é o ponto de força onde só há uma solução, é que, como objeto *a*, isto é precisamente enquanto que falta e, se querem enquanto mancha. A definição de mancha, é justamente aquilo que, no campo, se distingue como o buraco, como uma ausência [...]. Colocar a mancha como essencial é estruturante, a título de lugar de falta em toda visão (LACAN, [1968-69, p. 283, grifo nosso).

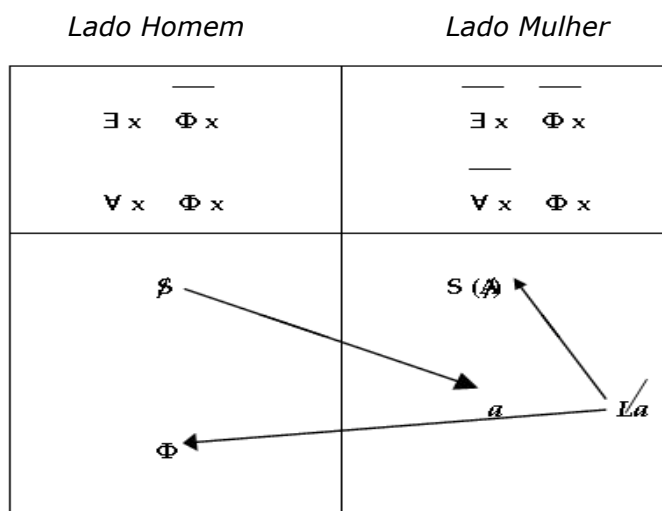
Ainda pensando a necessidade de um resto para que a unidade se constitua podemos nos remeter ao conceito de ideal do eu, cuja formação é condição para a constituição do eu. Freud nos diz que o ideal do eu se constitui como “substituto do narcisismo perdido de sua infância, onde ele era o seu próprio ideal” (1914, p. 101). Podemos depreender desta passagem que a constituição do ideal do eu se dá a partir de uma perda, de uma renúncia ao narcisismo infantil. É somente a partir da constituição do ideal do eu, portanto de uma perda, que o narcisismo infantil

torna-se o eu ideal. Assim, podemos dizer que a constituição do ideal do eu é uma maneira de o neurótico tentar reparar a ferida narcísica produzida pelo registro da castração. Por conseguinte, a constituição do ideal do eu ocorre a partir de uma perda. Vale dizer que o ideal do eu é inalcançável, portanto, um ponto de impossível. Lacan assinala que a constituição do ideal do eu se dá no terceiro tempo do Édipo³, ou seja, tempo em que há a identificação com o pai. Lacan é incisivo: “Essa identificação chama-se *Ideal do eu*” (1957-58a, p. 200).

É importante ressaltar que a constituição do ideal do eu comporta um paradoxo, pois “ser castrado é essencial na assunção do fato de ter o falo” (LACAN, 1957-58a, p. 193). Em outras palavras, para ter o falo é necessário que haja o registro de que não se pode tê-lo, é necessário que haja a inscrição da falta. Nesse sentido, o menino só tem o falo sob o fundo de não tê-lo, portanto, o registro da castração, é a condição para que o menino o tenha.

É sabido que o conceito de castração é central para a teoria e a clínica psicanalíticas. Tendo isso em vista, citarei a brilhante definição de castração formulada por Lacan em seu *Seminário 20: mais ainda...*: “para o homem, a menos que haja castração, quer dizer, alguma coisa que diga *não* à função fálica (...)” (1972-73, p. 97, grifo nosso). Esta passagem é bastante clara: a lógica fálica é instaurada por algo que a nega, por algo que fica de fora, portanto, por uma impossibilidade. Neste seminário, a castração aparece como a simbolização de um impossível, ou seja, como a fundação de um real. Este impossível, esta falha é estrutural, visto que é inerente à linguagem: “quando se trata da estrutura, eu já disse isso, deve ser tomado no sentido do que é o mais real, o próprio real” (LACAN, 1968-69, p. 26). Por conseguinte, há um fora do sentido, um irrepresentável para todo falante. Assim, a diferença entre neurose e psicose reside no fato de que o neurótico, a partir da inscrição do significante do Nome-do-Pai, simbolizou esta falha do Outro e o psicótico não. O psicótico, portanto, é aquele que não quis saber nada desta impossibilidade, desta mancha inerente à linguagem. Na neurose, há o registro deste irrepresentável e, conseqüentemente, a inserção na lógica fálica e a inscrição na partilha dos sexos. Vale frisar que a lógica fálica é fundada precisamente por este fora do sentido, por isto que lhe escapa, ou seja, por um ponto de impossível. Ora, se a condição de existência da lógica fálica é justamente algo que a negue, algo que fique de fora, ou seja, um ponto de impossível, na psicose essa lógica não é instaurada, portanto, não há uma fronteira entre o masculino e o feminino. Destarte, o psicótico não se inscreve na divisão dos sexos.

Exporemos agora o quadro das fórmulas da sexualização, frisando que o psicótico não se inscreve nem do lado do homem nem do lado da mulher.



Do lado esquerdo do quadro temos a posição masculina, onde há uma exceção que funda o conjunto dos homens, ou seja, há um que não está submetido à castração, representado pela fórmula: $\exists x \overline{\Phi x}$. Para depreendermos este lugar de exceção é crucial que nos reportemos ao texto de Freud (1913 [1912]), intitulado "Totem e tabu" onde ele descreve o mito do pai da horda. Neste recorte que estamos realizando, o importante é dizer que, nos primórdios do totemismo, havia um pai que gozava de todas as mulheres e, à medida que os filhos cresciam, expulsava-os da horda. Porém, certo dia, os filhos expulsos retornam juntos, matam e devoram o pai. É importante marcarmos que o que funda o conjunto dos homens enquanto todo inscrito na lógica fálica é o assassinato do pai, ou seja, é o pai enquanto símbolo. É o pai morto que instaura a lei de proibição do incesto. Freud é claro: "O pai morto tornou-se mais importante do que o fora vivo" (1913 [1912], p. 146). Em seguida Freud afirma o seguinte:

[...] nenhum deles tinha força tão predominante para a ponto de ser capaz de assumir o lugar do pai com êxito. Assim, os irmãos não tiveram outra alternativa, se queriam viver juntos – talvez somente depois de terem passado por crises perigosas –, do que instituir a lei contra o incesto, pela qual todos, de igual modo, renunciavam às mulheres que desejavam e que tinha sido o motivo principal para se livrarem do pai (FREUD, 1913 [1912], p. 147).

Portanto, o pai horda assassinado representa a exceção, $\forall x \Phi x$, o "ao menos um" que não está submetido à lógica fálica. Lacan (1972-73) nos ensina que, devido ao fato de haver uma exceção do lado masculino (exceção que delimita o conjunto dos homens), temos o seguinte: $\forall x \Phi x$, todos os homens estão submetidos à castração. Lacan afirma: "O todo repousa, portanto, aqui, na exceção colocada" (1972-73, p. 107).

Do lado feminino, como não há exceção, todas as mulheres estão submetidas à castração, ou seja, não há uma que não esteja submetida à castração, que é representada pela fórmula: $\overline{\exists x \overline{\Phi x}}$. Não obstante, $\forall x \Phi x$, as mulheres estão "não todas" submetidas à função fálica, dado que não existe exceção que funde o conjunto das mulheres.

Vimos com Freud que a mulher está referida ao falo, mais do que isto, que é por esta referência que ela se constitui enquanto mulher. Por conseguinte, é pela inscrição da castração que a mulher se inscreve na partilha dos sexos. Não obstante, como no lado feminino não existe exceção, o conjunto das mulheres não existe. É nesse sentido que as mulheres só podem ser contadas uma a uma, pois *A Mulher não existe*, não existe um significante que a represente. Deste modo, ao mesmo tempo em que todas as mulheres são castradas, elas estão "não toda" inscritas na lógica fálica; o que é o mesmo que dizer que a mulher está referida à lógica fálica, mas que esta lógica não recobre o que é ser uma mulher. Como vimos, Freud afirma que "a psicanálise não tenta descrever o que é a mulher" (1932 [1933], p. 117).

Vimos que é a lógica fálica que limita o gozo do Outro, portanto, podemos dizer que a relação da mulher com o Outro é mais direta que a dos homens, visto que elas são "não toda" submetidas à norma fálica. A partir desta formulação Lacan postula que as mulheres possuem um gozo suplementar, um gozo não capturado pelo falo, portanto, um gozo Outro. Não obstante, é importante ressaltarmos o seguinte: "Não é porque ela é não-toda na função fálica que ela deixe de estar nela de todo. Ela não está lá não de todo. Mas há algo a mais" (LACAN, 1972-73], p. 100). Depreendemos desta passagem que a mulher está toda referida à lógica fálica, no entanto, como esta lógica não dá conta do que é uma mulher, a mulher tem um gozo *a mais*, um gozo não capturado pelo significante, não regulado pelo falo. Acreditamos que é por isso que Lacan nos diz que "contrariamente ao que se diz,

de qualquer modo são elas que possuem os homens” (1972-73], p. 99), pois elas estão toda referidas à lógica fálica. Neste sentido, elas possuiriam os homens. Dado que as mulheres possuem um gozo Outro, isto é, um gozo que escapa à lógica fálica, podemos dizer que nenhum homem possuirá de todo uma mulher, visto que sempre ficará algo de fora. Por isso, como diz Miller (1998), no que diz respeito ao gozo feminino as mulheres estão sempre sozinhas. Cabe dizer que aquilo que, da mulher, escapa ao homem, escapa também à mulher - “o sexo da mulher não lhe diz nada” (1972-73, p. 15). É por isso que este gozo Outro, a mulher o experimenta, mas sobre ele, nada sabe. Será por isso que Lacan define como heterossexual “aquele que ama as mulheres, qualquer que seja seu sexo próprio” (Lacan, 1973, p. 467). No *Seminário 20: mais, ainda...*, Lacan (1972-73) nos diz que a mulher tem a ver com o Outro e que o Outro só pode ser o Outro sexo. Levando-se em consideração que existe exceção apenas do lado masculino e que, como afirma Freud, existe “apenas um órgão genital, ou seja, o masculino” (1923, p. 158), será que podemos afirmar que a mulher é o Outro sexo, inclusive para ela mesma?

Podemos dizer que as três saídas possíveis para a mulher teorizadas por Freud não dão conta, não totalmente, do que seja a mulher. Algo resta, escapa à norma fálica, portanto, fica de fora. Depreendemos que é por este motivo que a mulher ocupa, para o homem, a posição de objeto *a*, ou seja, de causa do seu desejo.

Do que até aqui foi exposto depreendemos que ser mulher está para além da significação fálica, para além do fato de ser mãe e/ou de desejar um homem. Como assinala Lacan:

A questão é, com efeito, saber no que consiste o gozo feminino, na medida em que ele não está todo ocupado com o homem, e mesmo, eu diria que, enquanto tal, não se ocupa dele de modo algum, a questão é saber o que é do seu saber (LACAN, 1972-73, p. 118).

Se o fato de se colocar como objeto causa do desejo de um homem não responde ao que é ser uma mulher, onde encontrar uma resposta? Uma vez que esta resposta não está toda ela na via do sentido, ou seja, da significação fálica, cabe à mulher, a cada mulher, inventar, criar uma solução para este enigma que é a sua própria feminilidade, o seu próprio sexo. Ora, se o gozo da mulher não está todo ocupado com o homem como fazer Um com o parceiro amoroso? Miller (1998) afirma que existe um gozo dela, da mulher, em que nenhum homem pode segui-la, portanto, em relação a este gozo a mulher está só. Ele ainda afirma o seguinte: “Lacan formula esta soledad como *no hay relación sexual*, a partir de lo cual se cuestiona la estructura de la comunicación, que hace creer que existe una relación entre el significante y el Outro” (MILLER, 1998, p. 374).

Miller sublinha que, ao escrever as fórmulas da sexuação, Lacan apresenta a dissimetria que há entre os sexos, mas não a relação entre eles. Dito de outro modo, o impossível é a relação sexual. As fórmulas, portanto, nos mostram que homem e mulher se posicionam frente à castração de maneira distinta. Miller (1998) pontua que o falo é, ao mesmo tempo, mediador, isto é, possibilita a relação entre homens e mulheres, e o que faz obstáculo à relação sexual. No *Seminário 16*, encontramos uma belíssima passagem:

A Mulher, em sua essência, se é alguma coisa, e não sabemos nada sobre isso, ela é recalcada – tanto para a mulher como para o homem – e o é duplamente. Inicialmente, pelo fato de que o representante de sua representação está perdido, não se sabe o que é a mulher. E, em seguida, porque, esse representante sendo recuperado, é o objeto de uma *Verneinung*, pois, que outra coisa se poderia lhe atribuir como caráter, senão o de não ter isso que precisamente jamais esteve em questão que ela tivesse? (...), ao

lado o falo e a negação de que ela o tenha, isto é, a reafirmação de sua solidariedade com esse troço que, talvez, seja mesmo o seu representante, mas que não tem com ela qualquer relação. Então, isso deveria nos dar, por si só, uma pequena lição de lógica e nos fazer ver que *o que falta ao conjunto desta lógica é precisamente o significante sexual*. (Lacan, [1968-69, p. 215, grifo nosso).

Esta passagem deixa bastante clara a dissimetria entre os sexos colocada pelo falo, o que nos remete à inexistência da relação sexual. A inexistência da relação sexual se evidencia no fato de que a mulher possui um gozo Outro, no qual homem nenhum homem pode segui-la; e o homem, por sua vez, “não chega, eu diria, a gozar do corpo da mulher, precisamente porque o de que ele goza é do gozo do órgão” (LACAN, 1972-73, p. 15). Não obstante, é importante lembrar que o falo, enquanto significante da falta, é a razão do desejo, é o que possibilita que um homem deseje sexualmente uma mulher e vice-versa. Por fim, esta passagem nos mostra que não há, para o falante, um saber sobre o sexo. Portanto, no que diz respeito ao sexo o sujeito tem de aprender a se virar aí.

Com o intuito de articular teoria e clínica, discorreremos agora sobre o caso do Presidente Schreber, clássico caso de paranóia analisado⁴ por Freud.

4 – Schreber e o empuxo-à-Mulher

A idéia germinal do delírio de Schreber é o pensamento, que teve entre o sono e a vigília, de que *'seria belo ser uma mulher e submeter-se ao ato da cópula'*. É relevante sublinhar que Schreber teve este pensamento após receber a notícia de que seria nomeado juiz presidente da Corte de Apelação de Dresden (cargo vitalício e elevado para sua idade). Freud (1911), ao analisar⁵ este caso, localiza neste pensamento a emergência de um impulso homossexual e, conseqüentemente, a causa do desencadeamento da paranóia de Schreber.

Lacan (1955-56) assinala que o desencadeamento da paranóia de Schreber foi a sua nomeação para o cargo de juiz presidente. Pois, precisamente quando foi convocado a assumir um lugar de autoridade, ou seja, quando o significante do Nome-do-Pai (forcluído na psicose) foi requerido, ele desencadeia o surto. Assim, para Lacan, o desencadeamento da psicose de Schreber é anterior ao momento em que ele teve o pensamento de que *'seria belo ser uma mulher e submeter-se ao ato da cópula'*. Apoiados em Lacan, sustentamos que este pensamento que teve Schreber já indica o empuxo-à-Mulher, ou seja, uma maneira peculiar de o psicótico se haver com o enigma sobre o seu sexo, visto que *não* se submete à castração. Dito de outra maneira, o empuxo-à-Mulher não se enquadra nem do lado masculino nem do feminino, portanto, é uma exceção à função fálica.

O delírio de Schreber passou por alterações significativas. Em um primeiro momento, a idéia de ser transformado em mulher se apresenta como inadmissível, pois como o próprio Schreber (1903) afirma, esta idéia é alheia a todo o seu modo de sentir e pensar que, em plena consciência, ele a teria rejeitado com a maior indignação. Além disso, neste momento, Schreber seria abusado sexualmente e depois “deixado de lado” (1903, p. 67). Podemos caracterizar esta etapa, em que Schreber se encontra em uma posição de objeto de abuso do Outro, como um delírio erotomaniaco persecutório. Posteriormente, ele reconcilia-se com o seu pensamento, visto que, a partir do trabalho do delírio, a sua eviração⁶ (transformação em mulher) passa a ter um honroso objetivo: tornar-se A Mulher de Deus e redimir a humanidade. Neste segundo momento, Schreber seria fecundado pelos raios divinos e daria origem a uma nova raça de homens. Assim, através do acréscimo de um delírio religioso de grandeza, Schreber dá um fim nobre à sua inevitável eviração. Nesta etapa de seu delírio, Schreber consegue certo apaziguamento, pois, para ele, ser A Mulher de Deus é uma posição possível de ser ocupada.

No caso Schreber, tornar-se A Mulher de Deus, é colocado como um ideal, pois, para ele, a concretização de sua eviração dar-se-á em um futuro assintótico. O ideal, por definição, é inalcançável; em outras palavras, demarca, circunscreve um ponto de impossível. Por conseguinte, ao inventar uma finalidade nobre para a sua transformação em mulher e, mais do que isto, transformá-la em ideal, Schreber conseguiu apaziguar o gozo avassalador que o invadia e situar-se na existência. Depreendemos então que, no caso Schreber, a construção de um ideal, a partir do trabalho do delírio, foi crucial para que ele alcançasse a estabilização.

Vale ressaltar que o lado feminino não coincide com a psicose porque as mulheres passaram pelo Édipo, logo, estão inseridas na lógica fálica. Pois, como nos diz Lacan (1972-73), a mulher é não-toda inscrita na lógica fálica, o significa dizer que ela que ela está inserida nesta lógica, porém, de forma não-toda. Deste modo, o gozo em questão na psicose não é o gozo feminino, pois este é um resto que não foi capturado pela significação fálica, e na psicose, trata-se de um gozo radicalmente fora da significação fálica, portanto, não regulado pelo falo. Em relação a Schreber, Lacan afirma que “na impossibilidade de ser o falo que falta à mãe, resta-lhe a solução de ser a mulher que falta aos homens” (LACAN, 1957-58b, p. 572). Por que ele não pode ser o falo? Schreber não pode ser o falo precisamente porque não se inseriu na lógica fálica.

Vimos que o registro da castração é a simbolização da falha do Outro. Em relação ao buraco, a falha que existe em todo discurso, ou melhor, que é a sua causa, Lacan nos diz que “nomeá-la é tapá-la com uma rolha, nada mais” (1968-69, p. 166). Ora, o que é o significante do Nome-do-Pai senão uma nomeação desta falha? A simbolização é isso: nomear a falha, a ausência de um significante que represente a mulher. Como já desenvolvemos em um trabalho anterior, falta significante para todo falante, ou seja, para todos há o irrepresentável, para todos há o indizível e o significante do Nome-do-Pai é uma suplência, ou seja, é o significante que nomeia esta falha. No *Seminário 5*, Lacan afirma o seguinte em relação aos psicóticos: “o sujeito tem de suprir a falta desse significante que é o Nome-do-Pai” (1957-58a, p. 153), lembrando que este significante foi forcluído na psicose. No *Seminário 16*, já aparece que para todo falante há o indizível. Podemos verificar isto na seguinte passagem: “esse sujeito é alguma coisa cujo saber está inteiramente determinado por outra falta mais radical, mais essencial, que é a *falta do que lhe concerne enquanto ser sexuado*” (1968-69, p. 284, grifo nosso). Neste seminário, Lacan já afirma “que não há relação sexual” e que “não se sabe o que é a mulher” (Id., p. 214 e 215, respectivamente), pois falta um significante que a represente. No entanto, é no *Seminário 20*, mais precisamente com as fórmulas da sexuação, que Lacan evidencia a inexistência da relação sexual e, por conseguinte, também a inexistência de um saber sobre o sexual. Como afirma Miller: “Cuando Lacan convierte el falo en una función – el lo que haremos con el síntoma – escribe, al mismo tiempo, dos fórmulas distintas y separadas para ambos lados de la fórmula de la sexución, y *no escribe su relación*” (MILLER, 1998, p. 373, grifo nosso). Assim, a partir da inexistência da relação sexual, a partir desta falta estrutural, Miller generaliza o conceito de forclusão, teorizado por Lacan para falar da constituição psíquica na psicose, e cunha o conceito de forclusão generalizada, ou seja, que para todo sujeito há o irrepresentável. Deste modo, o Nome-do-Pai passa a ser, ele mesmo, uma suplência, o nome desta falha no Outro. É a partir da simbolização desta falha do Outro que o sujeito se inscreve na partilha dos sexos. Em outras palavras, é a partir do registro da castração, que evidencia para o sujeito a sua falta enquanto ser sexuado, que ele pode sustentar o seu desejo enquanto homem ou mulher.

5 – Conclusão

Para finalizar, retomaremos uma das questões colocadas no início do trabalho, qual seja: o empuxo-à-Mulher pode ser considerado uma forma de o sujeito posicionar-se na partilha dos sexos?

Como vimos, para que haja a inscrição do sujeito na partilha dos sexos, é imprescindível que ele atravesse o Édipo, isto é, simbolize a falha do Outro. Na resolução do complexo de Édipo o sujeito internaliza a Lei edípica e se inscreve na lógica fálica. Vale frisar que a Lei edípica instaura a realidade da castração, que tem a função de limitar o excesso pulsional e localizar o gozo. Dado que não simbolizou a falha do Outro, o psicótico não se inseriu na lógica fálica. Em relação ao desencadeamento da psicose, Lacan nos diz que “se esse oco ou esse vazio aparece, é por ter sido evocado ao menos uma vez o Nome-do-Pai” (1957-58a, p. 160). Nesse sentido, podemos dizer que a estrutura psicótica evidencia a falha do Outro, a falta de significante inerente à linguagem. Ora, o que é “recusado na ordem simbólica ressurgir no real” (1955-56, p.22) porque o psicótico, à sua maneira, está na linguagem e, em algum momento, ao se deparar com esta mancha inerente à linguagem, ou seja, com esta impossibilidade de tudo dizer, o sujeito pode desencadear o surto. Como teorizado por Freud, o delírio é um “remendo no lugar em que originalmente uma *fenda* apareceu na relação do ego com o mundo externo” (Freud, 1924 [1923], p. 169, grifo nosso). Ora, se Freud fala na abertura de uma fenda por ocasião do desencadeamento da psicose, Lacan assinala que na psicose “é realmente a própria realidade que é em primeiro lugar provida de um *buraco*, que o mundo fantástico virá em seguida cumular” (1955-56, p.56-57, grifo nosso), isto é, a construção delirante. Portanto, o delírio seria uma tentativa de tamponar a falha do Outro.

A partir do que foi elaborado até aqui, sustentamos que o psicótico não se posiciona na partilha dos sexos, pois não inscreve a castração. No caso Schreber, a sua transformação em mulher é uma injunção, é algo que vem de fora, que lhe é imposto pelo Outro⁷, por isso sustentamos que ele não se posiciona na divisão dos sexos. Cito Lacan:

(...) o delírio começa a partir do momento em que a iniciativa vem de um Outro, com A maiúsculo, em que a iniciativa está fundada numa atividade subjetiva. *O Outro quer* isso, e ele quer sobretudo que se saiba disso, ele quer significar (LACAN, 1955-56, p. 220, grifo nosso).

Contudo, gostaríamos de salientar que, embora Schreber não se posicione na partilha sexual, ele inventa um lugar para ele no mundo a partir do empuxo-à-Mulher. Não podemos deixar de reconhecer que foi a partir de uma árdua construção delirante que Schreber inventou uma solução elegante para a sua inevitável transformação em mulher e reconciliou-se com o pensamento de que '*seria belo ser uma mulher e submeter-se ao ato da cópula*'. Assim, a solução elegante – tornar-se A Mulher de Deus (embora não seja uma posição na partilha sexual), é uma maneira, alternativa à fálica, encontrada por Schreber, de responder ao enigma sobre o seu sexo que retornou de fora e alcançar a estabilização. Cabe ressaltar que, no caso Schreber, a concretização de sua transformação em *Mulher de Deus* se dará em um futuro assintótico, ou seja, ganha o estatuto de ideal que, por definição é inalcançável. Sustentamos que o fato de Schreber ter colocado a concretização de sua eviração como um ideal foi crucial para que ele alcançasse a estabilização.

Finalizamos este trabalho com algumas respostas, mas também com uma questão: a partir da solução elegante - tornar-se A Mulher de Deus - Schreber faz existir A Mulher? Ele a faz existir ou, a partir da invenção deste ideal, faz valer a impossibilidade de existir A Mulher? Nossa hipótese é a de que Schreber, ao colocar a sua transformação em Mulher como um ideal, não faz existir A Mulher, mas

circunscreve A Mulher como um ponto de impossível⁸, o que lhe permite estabilizar e voltar à vida social⁹.

Notas

1. Optamos por grafar mulher com letra maiúscula porque entendemos que se trata de um empuxo ao lugar da Mulher que não existe, ou seja, a exceção do lado feminino. Assim, na psicose haveria uma tentativa de fazer existir A Mulher e, portanto, a relação sexual.
2. Psicótico que realizou 55 escritos murais sobre as pilastras do Viaduto do Gasômetro, situado entre a Rodoviária Novo Rio e o Cemitério do Caju (GUERRA, 2007).
3. Lacan (1957-58), em sua releitura de Freud, divide o Édipo em três tempos. No entanto, não os abordaremos no presente trabalho.
4. É importante dizer que Freud nunca se encontrou pessoalmente com Schreber, portanto, a análise do caso limitou-se ao que este relatou em sua autobiografia, intitulada: *"Memórias de um Doente dos Nervos"*, publicada em 1903.
5. Vale dizer que Freud o analisou bastante influenciado pelo modelo da neurose.
6. Quinet ressalta que o termo eviração foi "proposto por Lacan para nomear Entmanung, que significa desmasculinização, desvirilização e não emasculação, que corresponderia, antes, a uma castração" (QUINET, 2003, p. 22).
7. Cito Schreber: "Desse modo foi preparada uma conspiração dirigida contra mim (em março ou abril de 1894), que tinha como objetivo, uma vez reconhecido o caráter incurável de minha doença nervosa, confiar-me a um homem de tal modo que minha alma lhe fosse entregue, ao passo que meu corpo – numa compreensão equivocada da citada tendência inerente à Ordem do Mundo – deveria ser transformado em um corpo feminino e, como tal, entregue ao homem em questão para fins de abusos sexuais, devendo finalmente ser "deixado largado", e portanto abandonado à putrefação" (Schreber [1903], 2006, p. 67).
8. Frisando que o psicótico não simboliza este impossível, ou seja, não se insere na lógica fálica; entretanto, a partir do delírio, pode construí-lo.
9. Lembrando que Schreber surtou uma terceira vez, quando membros das Associações Schreber o procuraram para que ele os reconhecesse como herdeiros do legado de sua família, ou seja, quando ele foi convocado a responder de um lugar simbólico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, S. (1996) **Edição Standard Brasileira de Obras Completas de Sigmund Freud** Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1911) Notas Psicanalíticas sobre um Relato Autobiográfico de um Caso de Paranóia, vol. XII.

_____. (1913 [1912-13]) Totem e Tabu, vol. XIII.

_____. (1914) Sobre o Narcisismo: uma Introdução, vol. XIV.

_____. (1923) A Organização Genital Infantil (Uma Interpolação na Teoria da Sexualidade)", vol. XIX.

_____. (1924 [1923]) Neurose e Psicose, vol. XIX.

_____. (1925) Algumas Conseqüências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os Sexos, vol. XIX.

_____. (1931) Sexualidade Feminina, vol. XXI.

_____. (1933 [1932]) Feminilidade, conferência XXXIII, vol. XXII.

GUERRA, A.M.C. (2007) **A Estabilização Psicótica na Perspectiva Borromeana: criação e suplência**. Tese de Doutorado, UFRJ.

LACAN, J. (1955-56) **O Seminário. Livro 3: as Psicoses**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

_____. (1957-58a) **O Seminário. Livro 5: as Formações do Inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

_____. (1957-58b) De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. (1958) A Significação do Falo. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. (1968-69). **O Seminário. Livro 16: de um Outro ao outro**. Recife, 2004. Produção não comercial exclusiva para os membros do Centro de Estudos Freudianos do Recife.

_____. (1972-73) **O Seminário. Livro 20: mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

_____. (1973) O Aturdido. In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

MILLER, J.-A. (1998) Forclusión Generalizada. In: **Los Signos del Goce**. Argentina, 1ª edição.

_____. (2003) A Invenção Psicótica. In: **Opção Lacaniana** n. 36. São Paulo: Eólia.

QUINET, A. (2003) **Teoria e Clínica da Psicose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

SCHREBER, D.P. (1903) **Memórias de um Doente dos Nervos**. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 2006.

OUTRAS OBRAS CONSULTADAS:

ALVARENGA, E. (2001) O sujeito psicótico e a lei. In: **Curinga**, nº 17. Belo Horizonte, EBP-MG.

FREUD, S. (1924) A Dissolução do Complexo de Édipo. In: **Edição Standard Brasileira de Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HOLCK, A.L.L.R. (2004) **A Erótica e o Feminino**. Tese de Doutorado, UFRJ.

LACAN, J. (1956/1957) **O Seminário. Livro 4: a relação de objeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

LAIA, S. (2006) Declinações do Pai em Lacan. In: **Latusa**, n. 11. Rio de Janeiro, EBP-RJ.

LEMOINE, G. (1999) As Fórmulas da Sexuação. In: **Latusa**, n. 3. Rio de Janeiro: EBP-Rio.

MILLER, J.-A. (2002) A Ex-sistência. In: **Opção Lacaniana**, n. 33. São Paulo: Eólia.

_____. (2004) La Construcción de la imagen. In: **Psicoanálisis con niños: los fundamentos de la práctica** - compilado por Silvia Salman - 1ª ed. - Buenos Aires: Grama.

MUÑOZ, N.M. (2005) **Inventar o Amor: Um Desafio na Clínica das Psicoses**. Tese de Doutorado, UFRJ.

SOLER, C. (2005) **O que Lacan dizia das mulheres**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

SUAREZ, E.S. (2002) **Marilyn: Sexuação e Sutura Delirante**. Tradução: Angélica Bastos e Clarissa Ramalho. In: La clinique analytique à l' époque de la globalisation. **Mental**, n.11.

Texto recebido em: 20/06/2007.

Aprovado em: 15/08/2007.

M: O PEREGRINO**Suzana Amado**

Psicanalista
Membro da Escola de Orientação Lacaniana/Argentina
Responsável pelo Departamento de Psicanálise e Filosofia do Centro de
Investigações do Instituto Clínico de Buenos Aires
Supervisora da Equipe de violência familiar do Hospital Alvares
Supervisora do Hospital Piñero, Buenos Aires
Docente do ION - Instituto Oscar Masotta
Assessora da revista *Dispar*, publicação do Departamento de Psicanálise e Filosofia
do Centro de Investigações do Instituto Clínico de Buenos Aires
samado@ciudad.com.ar

Resumo

M. queria libertar-se da culpa e da angústia que o cercavam sem querer curar-se da compulsão devido à satisfação que obtinha. Durante suas caminhadas, ele procurava uma mulher de quem pudesse recortar o objeto, um pedaço de costas. A análise o conduz à origem da satisfação em cenas infantis. A afinidade eletiva que determina o lugar das silhuetas recortadas é suportada por uma novela que relata o primeiro encontro de seus pais. As intervenções da analista visaram recortar os circuitos pulsionais em jogo: o que traz o paciente ao analista, o circuito que é destacado pela interpretação e o circuito que produz o objeto que não precisa mais ser buscado nas caminhadas.

Palavras-chave: psicanálise, caso clínico, objeto *a*, circuito pulsional, gozo.

M.: THE HIKER**Abstract**

M. wanted to be freed from the guilt and anguish that surrounded him without getting rid of the compulsion due to the satisfaction that he obtained. In his walks he searched for a woman from whom he could cut out the object, a piece from the back. The analysis leads him to the satisfaction of childish scenes. The elective affinity that determines the place of the cut silhouette is bear by a novel, which tells his parents' first date. The interventions of the analyst viewed cutting the joy circuits at stake: which brings the patient to the analyst, the circuit which is set-apart by the interpretation and the circuit that produces the object that does not need to be searched for in his walks anymore.

Key words: psychoanalysis, clinical case, object *a*, joy circuit.

Apesar das dificuldades, ou precisamente por causa delas, era primeira vez que M. se encontrava diante de uma analista mulher. A dificuldade: um certo pudor, um certo incômodo, uma certa vergonha em relatar – quase podíamos dizer confessar – aquilo que M chamava “sua prática”.

- *O que você pratica?* Pergunto-lhe.

A transformação do substantivo em verbo é o que M. considera como a ação que permite converter sua dificuldade numa aposta em um espaço analítico. A interrogação que acentua o verbo demarca para ele uma certa prática desportiva, no sentido da substituição permanente dos corpos, ou um certo hobby, no sentido da coleção que M denomina: *as caminhadas*.

Com efeito, os primeiros anos de análise transcorrem ao longo da irrefreável compulsão daquelas caminhadas furtivas que o precipitam numa encruzilhada inapelável. O conflito de M s situava entre não querer curar-se da compulsão devido ao prazer que procurava e se liberar da culpa e da angustia que o cercavam.

O conflito também se duplica na monotonia de seus dias. Por um lado, um homem formal, trabalhador, com uma família bem constituída como se costuma dizer, e duas filhas adolescentes que completavam a harmonia da cena familiar. Sem dúvida, aquela mesma harmonia desabava num segundo, frente à insistente idéia de que suas filhas poderiam observá-lo ou talvez surpreendê-lo no momento preciso de sua prática de caminhadas.

As caminhadas consistiam num longo percurso – quase escrevo circuito – que podia consumir vários quilômetros na busca de um objeto: uma mulher. Uma vez encontrada, o esporte se converte em hobby. Recorta algo na superfície de sua silhueta, escotomiza o rosto, porém a figura deve ser esbelta e jovem. Aproxima-se por trás daquela figura sem rosto e lhe sussurra frases eróticas e obscenas. Quando atinge o alvo e consegue impactar a escolhida, a postura se rompe e ele volta para casa e se masturba.

M. localiza a origem daquela satisfação em sua tenra infância. Recorda algumas cenas. Debaixo da mesa, aproximadamente aos sete anos, brincando com soldadinhos, olha a empregada da casa – uma jovem muito bonita – recorda-se de que lhe exibiu os genitais.

A repetição do jogo revela as duas condições da cena das caminhadas: inquietude e perplexidade na jovem e uma profunda satisfação nele, em perceber sua ereção. O jogo, finalmente, é interrompido quando a mãe o surpreende na cena masturbando-se. Assim, precocemente, a masturbação se inscreve como marca de seu gozo diante da perplexidade do outro.

Esta cena abre as portas de uma recordação anterior que relata com muita dificuldade. Trata-se de um jogo incestuoso, quando menino, com sua irmã, três anos mais velha. O jogo consistia em que ele devia permanecer quieto em sua cama, enquanto sua irmã o masturbava até conseguir que ele tivesse uma ereção. Sua imobilidade deveria concluir o jogo masturbatório com o reconhecimento de que M. era, eu cito, “o cachorrinho”. É preciso acrescentar que esses jogos deveriam permanecer estritamente secretos. Sirvo-me da frase e lhe digo: *nas caminhadas, leva o cachorrinho para passear*. Responde que nunca tinha pensado que esses jogos tivessem marcado tanto seu caminho e também no fato de que nunca tivesse podido renunciar definitivamente a essa satisfação.

Em uma outra ocasião solicita uma sessão com urgência. Estava profundamente angustiado. Depois de um longo percurso, havia encontrado uma mulher. Ele desenvolveu o rito habitual, porém a mulher interrompeu o circuito, virou-se e o interpelou: “agora é a minha vez de me divertir um pouco”. Ele nunca soube que espécie de mulher era essa, fugiu apavorado da cena. Digo-lhe: *caçador, caçado*.

O circuito se completa invertendo o sentido de seu trajeto escópico. O olhar que profere obscenidades é capturado, o olho se funde num objeto. Agora, ao contrário, é o objeto que olha o olho. Como esquecer a frase de Lacan em “Kant com Sade” (1966): o perverso tira as consequências da não reciprocidade.

O gozo de capturar o olhar esconde seu avesso: produzir com a voz a divisão do outro, para fazer o olhar surgir nesse campo, para suportar os efeitos ao deixar-se ser apanhado, violentamente, pelo gozo do outro. O sujeito é mancha, é tocado desprovido do véu com que ele procura velar a falta do Outro (LACAN, 1964).

No voyeurismo o sujeito se satisfaz olhando um companheiro que é tomado como objeto de identificação. O exibicionismo, por sua vez, inclui o fato de olhar o próprio corpo, o sujeito se faz objeto para um novo sujeito a quem se mostra para ser olhado. Este é o princípio de sua satisfação.

Cumprido o trajeto pulsional, o circuito se realiza mediante a introdução de um parceiro (LACAN, 1975-76).

Esclareço que não procuro dar conta da história de M., nem desenhar sua silhueta, mas, através do circuito que atravessa sua história, perguntar: de onde provém a afinidade eletiva que determina o lugar das silhuetas recortadas? M. responde a esta questão com uma novela que relata o primeiro encontro dos pais. O pai vivia numa pensão depois de um desastre econômico. Ali chegou ao matrimônio escolhendo uma entre duas mulheres. Temos que acrescentar a isso a história do avô paterno, um homem de pouco juízo, que havia dilapidado sua fortuna em viagens e mulheres. O pai escolheu sua mulher através do buraco da fechadura. De fato, espiava enquanto se banhava o corpo daquela mulher que o fascinou. Começou a cortejá-la, até torná-la sua esposa.

Digo-lhe: *Seu pai não se deu tanto trabalho, olhou e atingiu o alvo.*

Com efeito, trabalho era a palavra-chave. Minhas intervenções sublinham e acentuam o trabalho, o esforço que dispendia na ação de fazer-se ver. A enunciação era mais ou menos assim: *Quanto esforço! Quanto trabalho!* Ou algum som que denotasse o trabalho exigido.

Esta regra determinou que a frequência das caminhadas foi se espaçando. Certa vez, diante do mal-estar e da queixa por não poder dominar este circuito, diz: *Ao fim e ao cabo sou um bobo, tanto trabalho para ser apenas um masturbador.* Faltava ainda dizer, pensei, *tenho bancado o idiota.*

Nesta época encontra aquela que ele nomeia a mulher de sua vida; como não poderia ser de outro modo, era uma companheira de trabalho. Começa entre eles um amor secreto. As caminhadas tornam-se inúteis porque ele lhe conta sobre suas práticas. Ela não apenas aceita como lhe pede para praticar o jogo, incluindo as cenas de sua fantasia. A paixão torna-se mais intensa. Ambos se divorciam de seus respectivos matrimônios e começam a viver juntos.

Tudo parece terminar numa harmonia simétrica à do começo. Mas há um resto, sem dúvida. A tecnologia não somente lhe proporciona, senão antecipa nossos gostos: já não caminha, navega pela internet. O suporte técnico da infidelidade lhe proporciona silhuetas que não o vêem. Sem que ele precise trabalhar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LACAN, J. (1962). Kant con Sade. In: **Escritos 2**. México: Siglo Veintiuno Ed., 1989, p. 744-770.

_____. (1964) **El Seminario 11: Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis**. Buenos Aires: Paidós, 1987.

_____. (1975-76). **El Seminario 23: el sinthoma**. Buenos Aires: Paídos, 2007.

MAURICIO, T. (2007) Sintoma e Nome-do-Pai. In: **Opção Lacaniana**. São Paulo: Eólia, n. 50, p. 362-365.

MERLET, A. Perversão e Nome-do-Pai. In: **Opção Lacaniana**. São Paulo: Eólia, n. 50, p. 304-306.

MILLER, J.-A. (1988) Sur le Gide de Lacan (transcription de quatre séances du séminaire de D.E.A.). In: **La Cause freudienn**. Paris: Seuil, n. 50, 1993.

_____. (1996-97) A teoria do parceiro. In: EBP (2000) **Os circuitos do desejo na vida e na análise**. RJ: Contra Capa, p. 153-207.

_____. (1997-98). Uma partilha sexual. In: **Clique**. Revista dos Institutos Brasileiros de Psicanálise do Campo Freudiano. MG: Instituto de Saúde Mental de Minas Gerais, n. 2, p. 12-29, ago. 2003.

SOLANO-SOAREZ, E. (2007). Gozo e Nome-do-Pai. In: **Opção Lacaniana**. São Paulo: Eólia, n. 50, p. 168-171.

Texto recebido em: 19/10/2007.

Aprovado em: 04/01/2008.

M: EL CAMINANTE**Suzana Amado**

Psicoanalista
Miembro de la Escuela de Orientación Lacaniana/Argentina
Responsable del Departamento de Psicoanálisis y Filosofía del Centro de
Investigaciones del Instituto Clínico de Buenos Aires
Supervisora del Equipo de violencia familiar del Hospital Alvares
Supervisora del Hospital Piñero en Buenos Aires
Docente del ION - Instituto Oscar Masotta
Asesora de la revista *Dispar*, publicación del Departamento de Psicoanálisis y
Filosofía
samado@ciudad.com.ar

Resumen

M. quería verse liberado de la culpa y de la angustia que lo cercaban, pero no quería curarse de la compulsión dado la satisfacción que obtenía. Durante sus caminatas, él procuraba una mujer de la cual podría recortar el objeto, un pedazo de sus espaldas. La análisis lo conduce a la origen de su satisfacción: escenas infantiles. La asociación más próxima que determina donde están las siluetas recortadas, es soportada por una narración que relata el primer encuentro de sus padres. Las intervenciones de la analista apuntaban recortar los circuitos pulsionales presentes: el circuito que lo trae al analista, el circuito que es recortado por la interpretación y el circuito que produce el objeto y que no más necesita ser buscado en las caminatas.

Palabras-clave: psicoanálisis, caso clínico, objeto *a*, circuito pulsional, goce.

M.: THE HIKER**Abstract**

M. wanted to be freed from the guilt and anguish that surrounded him without getting rid of the compulsion due to the satisfaction that he obtained. In his walks he searched for a woman from whom he could cut out the object, a piece from the back. The analysis leads him to the satisfaction of childish scenes. The elective affinity that determines the place of the cut silhouette is bear by a novel, which tells his parents' first date. The interventions of the analyst viewed cutting the joy circuits at stake: which brings the patient to the analyst, the circuit which is set-

apart by the interpretation and the circuit that produces the object that does not need to be searched for in his walks anymore.

Key words: psychoanalysis, clinical case, object *a*, joy circuit.

A pesar de las dificultades, o precisamente por ellas, era la primer entrevista que M tenía con una analista mujer. La dificultad: cierto pudor, cierta incomodidad, cierta vergüenza para relatar—casi podríamos decir confesar—aquello que M llamaba “su práctica”.

- *¿Qué practica Ud.?* Pregunto.

La transformación del sustantivo en verbo es lo que M considera como la acción que permite convertir su dificultad en apuesta de un espacio analítico. La interrogación que acentúa el verbo enmarca para él cierta práctica deportiva, en el sentido de la sustitución permanente de los cuerpos o un cierto hobby en el sentido de la colección que M denomina: *las caminatas*.

En efecto, los primeros años del análisis transcurren a través de la irrefrenable compulsión de aquellas caminatas furtivas que lo precipitan en una encrucijada inapelable. El conflicto de M era no querer curarse de la compulsión debido al placer que le procuraba, pero si liberarse de la culpa y la angustia que lo cercaban.

El conflicto también se duplica en la monotonía de sus días. Por un lado un hombre formal, trabajador, con una familia bien constituida como se dice, y dos hijas adolescentes que completaban la armonía de la escena familiar. Sin embargo aquella misma armonía se derrumbaba en un segundo, frente al insistente idea de que sus hijas pudieran observarlo o tal vez sorprenderlo en el instante cierto de sus prácticas caminantes.

Las caminatas consistían en un largo recorrido –casi escribo circuito- que podía consumir varios kilómetros en busca de un objeto: una mujer. Una vez hallada el deporte se convierte en hobby. Recorta algo en la espalda de su silueta, escotomiza la cara, pero la figura debe ser esbelta y joven. Se acerca por detrás a aquella figura sin cara y le susurra frases eróticas y obscenas. Cuando da en el blanco y logra impactar o incomodar a la escogida, la postura se rompe y retorna a su casa a masturbarse.

M localiza el origen de aquella satisfacción en la temprana infancia. Recuerda algunas escenas. Una, debajo de la mesa, aproximadamente a los siete años, jugando a los soldaditos, mira a la empleada de la casa -una joven muy linda- a quien recuerda haberle mostrado sus genitales. La repetición del juego despierta las dos condiciones de la escena de las caminatas: inquietud y perplejidad en la joven y una profunda satisfacción en él al percibir su erección. El juego finalmente se ve interrumpido cuando la madre lo sorprende en la escena masturbándose. Así, tempranamente la masturbación se inscribe como marca de su goce frente a la perplejidad del otro.

Esta escena abre las puertas de un recuerdo anterior que relata con mucha dificultad. Se trata de un juego incestuoso, cuando niño, con su hermana tres años mayor. El juego consistía en que él debía permanecer absolutamente quieto en su

cama mientras su hermana lo masturbaba hasta lograr una erección. Su inmovilidad debía concluir el juego masturbatorio con el reconocimiento de que M era -cito- "el perrito". Demás está decir que estos juegos permanecían en el más estricto secreto. Me sirvo de la frase y digo: "en las caminatas saca a pasear al perrito". Responde que nunca había pensado que esos juegos habían marcado tanto su camino, en cuanto nunca pudo renunciar definitivamente a aquella satisfacción.

En una ocasión solicita una sesión urgente. Estaba profundamente angustiado. Luego de un largo recorrido encuentra una mujer. Despliega el ritual habitual, pero la mujer interrumpe el circuito, se da vuelta y lo interpela: "ahora me toca a mí divertirme un poco". Nunca supo que clase de mujer era, huyó despavorido de la escena. Digo: "cazador, cazado".

El circuito se completa invirtiendo el sentido de su trayecto escópico. La mirada que profiere obscenidades es capturada, el ojo se funde en un objeto, ahora en cambio es el objeto quien mira al ojo. Como olvidar aquí la frase de "Kant con Sade" (LACAN, 1962): el perverso saca las consecuencias de la no reciprocidad.

El goce de capturar la mirada esconde su reverso. De producir con la voz la división en el otro, para hacer surgir la mirada en ese campo, a soportar los efectos al quedar violentamente atrapado por el goce del otro. El sujeto es mancha, es tocado, desprovisto del velo con el que intenta velar la falta del Otro (LACAN, 1964).

En el voyeurismo el sujeto se satisface mirando a un compañero tomado como objeto en su identificación con él. El exhibicionismo a su vez, incluye el hecho de mirar su propio cuerpo, el sujeto se hace objeto para un nuevo sujeto al que uno se muestra para ser mirado por él. Este es el principio de su satisfacción. Cumplido el trayecto pulsional el circuito se realiza mediante la introducción del partenaire (LACAN, 1975-76).

Desde luego no intento dar cuenta de la confección del historial M, menos aún dibujar su silueta, sino a través del circuito que atraviesa la historia preguntar: ¿de dónde proviene la afinidad electiva que determina el lugar de las siluetas recortadas? M responde con una novela que relata el primer encuentro de sus padres. El padre vivía en una pensión a la que arribó un matrimonio con dos hijas luego de una debacle económica. Hay que agregar la historia del abuelo paterno, un calavera que había dilapidado su fortuna en viajes y mujeres. El padre eligió a su mujer a través del ojo de una cerradura. En efecto, espiaba cuando se bañaba, el cuerpo de aquella mujer que lo fascina. Comienza a cortejarla hasta que la hace su esposa.

Digo: "Su padre no se tomó tanto trabajo, miró bien y dio en el blanco".

En efecto, trabajo era la palabra clave. Mis intervenciones subrayaban y acentuaban el trabajo o esfuerzo que destinaba a la acción de hacerse ver, la enunciación era más o menos así: "cuánto esfuerzo, que manera de trabajar o algún sonido que denotara el trabajo realizado".

Esto regla determinó que la frecuencia de las caminatas fueran espaciándose. En una oportunidad, frente al malestar y la queja por no poder dominar este circuito, dice: "al fin y al cabo soy un pelotudo, tanto trabajo para terminar haciéndome una paja". Falta que diga- pensé-: "he tenido la piel del idiota".

Por esta época encuentra a la que nombra la mujer de su vida, como no podía ser de otro modo, era una compañera de trabajo. Comienza entre ellos un amor secreto. Las caminatas se vuelven inútiles porque le confía a ella sus prácticas. Ella no sólo admite sino que le demanda practicar el juego con las escenas de sus

fantasías incluidas. La pasión se vuelve cada vez más intensa. Ambos se divorcian de sus respectivos matrimonios y comienzan a vivir juntos.

Todo parece concluir en una armonía simétrica a la del comienzo. Sin embargo hay un resto. La técnica no solo proporciona sino que anticipa nuestros gustos: ya no camina, navega por Internet. El soporte técnico de la infidelidad le provee de las siluetas que no lo ven. Sólo que hasta el momento sin trabajar.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LACAN, J. (1962). Kant con Sade. In: **Escritos 2**. México: Siglo Veintiuno Ed., 1989, p. 744-770.

_____. (1964) **El Seminario 11: Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis**. Buenos Aires: Paidós, 1987.

_____. (1975-76). **El Seminario 23: el sinthoma**. Buenos Aires: Paidós, 2007.

MAURICIO, T. (2007) Sintoma e Nome-do-Pai. In: **Opção Lacaniana**. São Paulo: Eólia, n. 50, p. 362-365.

MERLET, A. Perversão e Nome-do-Pai. In: **Opção Lacaniana**. São Paulo: Eólia, n. 50, p. 304-306.

MILLER, J.-A. (1988) Sur le Gide de Lacan (transcription de quatre séances du séminaire de D.E.A.). In: **La Cause freudienne**. Paris: Seuil, n. 50, 1993.

_____. (1996-97) A teoria do parceiro. In: EBP (2000) **Os circuitos do desejo na vida e na análise**. RJ: Contra Capa, p. 153-207.

_____. (1997-98). Uma partilha sexual. In: **Clique**. Revista dos Institutos Brasileiros de Psicanálise do Campo Freudiano. MG: Instituto de Saúde Mental de Minas Gerais, n. 2, p. 12-29, ago. 2003.

SOLANO-SOAREZ, E. (2007). Gozo e Nome-do-Pai. In: **Opção Lacaniana**. São Paulo: Eólia, n. 50, p. 168-171.

Texto recebido em: 19/10/2007.

Aprovado em: 04/01/2008.

O VOYEUR E A MORTE

Roger Cassin

Psiquiatra

Doctor en Medicina y CES en Psiquiatría por la Universidad de Rennes

Interno del Centro Hospitalar Especializado en Psiquiatría de Rennes

Director del Gabinete de auxilio Psicológico Universitario de Rennes

Psicoanalista

Miembro de la École de La Cause Freudienne/Paris

cassin.roger@wanadoo.fr

cassin@numericable.fr

Resumo

O texto apresenta um caso clínico de agorafobia em um homem. A crise apareceu quando ele se preparava para fazer uma viagem ao país natal de sua família em companhia de seu amigo. Naquele momento seu amigo atravessava uma crise e o deixa. O autor nos mostra, por meio da história do sujeito, que o rompimento da vida amorosa tem como conseqüências o aparecimento de um gozo perverso, uma atividade voyeurista: ver pênis em ereção. Mas o pênis fetichizado comporta um engano. O que Simon olha no Outro, no olho do parceiro que diz amar, é *i(a)*, olha-se a si mesmo como um ser desejável, suscetível de ser amado.

Palavras-chave: psicanálise, fetiche, objeto *a*, caso clínico, agorafobia.

THE VOYEUR AND THE DEATH

Abstract

This article presents a clinical case of agoraphobia. The crisis appeared when he was getting ready for a trip with his partner to his family's homeland. Due to a crisis in the relationship his partner decides to leave him. The rupture in his love life has as a consequence the dawn of perverse joy, a voyeur activity: stare at the ones who show their erect penis. However, the fetish penis holds a trap. What Simon sees in the Other, in the eye of the partner he says he loves is *i(a)*, sees himself as a desired being, able to be loved.

Key words: psychoanalysis, voyeurism, fetish, object *a*, agoraphobia.

Simon é agorafóbico. Seus deslocamentos são muito limitados. Quando se dirige ao trabalho, ou ao meu consultório, ele fica muito angustiado. Ele calcula seu trajeto,

balizando-se pelas farmácias em seu caminho, e evitando atravessar praças e espaços abertos.

Esta angústia que ele sente, quando anda nas ruas, apareceu no momento em que ele preparava uma viagem ao país de origem de sua família, em companhia de seu amigo. Ocorre que o casal está em crise. Seu amigo se afasta e o abandona. Ele ficará muito triste. Amava o rapaz, a relação dos dois havia durado muitos anos.

Simon teria medo de morrer na rua? Ele consulta médicos com frequência, temendo uma crise cardíaca. Ele pensa frequentemente na morte. A AIDS causou devastação entre seus amigos. Ele tem poucas aventuras, mas seu amigo era mais volúvel. O destino dos cadáveres o preocupa. Ele gostaria de ser incinerado.

Uma questão estranha aparece: "o que acontece com o membro ereto dos enforcados, também apodrece?"

Mas, aquilo que ele mais teme, é desmaiar em público. O que fariam dele, de seu corpo?

Muito mais tarde, ele evocará uma lembrança: seus colegas brincavam de perseguir um deles. A vítima foi desnudada em público. Quando chegou sua vez de ser capturado, ele simulou uma síncope, assim, escapou ao suplício.

Desde que se separou do amigo, sua vida sexual – da qual ele fala com discrição – consiste em encontros anônimos em bosques, à noite. Não nos conhecemos antes, nos afastamos depois.

Mais tarde, estas atividades vão ficar mais precisas: é voyeurismo². Ver homens em atividade sexual, ou melhor, ver pênis em ereção. Seu gozo é fixado na visão do falo, fascínio que o cativa.

Ele insiste sobre o fato de ter pouco interesse nesses homens, a única emoção que ele sente, segundo ele, é com a visão dos pênis, a pessoa do falóforo lhe é indiferente

Entretanto, o Outro está presente para este voyeur, o Outro que pode surgir, Outro que o surpreenderia em sua atividade voyeurista: Ver, mas ver furtivamente, pois isto poderia desagradar aos portadores de pênis vítimas de seu voyeurismo, e ele diz temer represálias que poderiam ser violentas.

Nas ruas, Simon está "na dependência do visível em relação àquilo que nos põe sob o olho do que vê." (LACAN, 1964, p.73).

A fixação do gozo perverso em ver o falo às escondidas, retorna como angústia, e, quando, na rua, ele se torna coisa vista, ele está sob o olhar do Outro.

Ele poderia desmaiar e então, diz-ele, "o que fariam dele, de seu corpo?".

A síncope não seria o risco de ser desnudado, de ter seu pênis nu posto a céu aberto, retorno horrível de sua pulsão em ver pênis de desconhecidos? Ele, que se fez olhar para o Outro, seria, em retorno, entregue ao olhar.

Após a conclusão de seus estudos de nível superior, ele entrou em uma administração, na qual se manteve por mais de dez anos no cargo no qual havia sido recrutado. Ele não tem, segundo ele mesmo, nenhuma ambição. Ele age com muita discrição, quer passar despercebido, e consegue. Ele cuidou para que sua orientação sexual ficasse secreta em seu local de trabalho.

Ele tem, fora do meio profissional, numerosas amizades. Gosta muito das mulheres. Agrada-lhe sua companhia, sua graça, sua beleza.

Quando criança, ele era muito próximo de sua mãe. Seu pai dizia que ele estava sempre debaixo de sua saia.

Ele traz uma lembrança de infância que lhe causa perturbação: ele viu o corpo da mãe, que contra a luz ficou visível através de um leve vestido de verão. O pai é

classificado como sendo o interditor dos prazeres da intimidade materna. Uma jovem tia também perturbou sua adolescência, lembra-se de seu decote atraente, e do mal-estar sentido durante uma permanência prolongada em sua casa. A junção do mal-estar com a perturbação fizeram do retorno à casa um alívio.

Quanto à mãe, ele tem por ela muita afeição, mas evita estar em sua presença. Ele lhe telefona e lhe escreve, mas evita os encontros. Uma amiga, vizinha de muito mais idade, tem uma função asseguradora para ele. Ela lhe franqueia sua mesa, e acalma sua ansiedade com sua acolhida calorosa.

Simon sempre soube que era homossexual. Desde seus 7 ou 8 anos, o pai o chamava de mulherzinha, dizendo que era afetado, que era uma verdadeira menina.

Ele odeia este pai que o desprezava. Ele evocará também as brigas dos pais, nelas seu pai insultava e batia na mãe, a jogava no chão e batia nela mais ainda. Ele gostaria de ter intervindo. Deveria tê-la defendido, mas temia esse pai. O casal acabou se separando. Ele não tem mais nenhuma relação com o pai.

Uma lembrança desse pai o persegue e o surpreende: eles estavam na praia, num programa familiar. Um grupo de homens, muçulmanos, estava postado na falésia olhando as mulheres. Após ordenar-lhes que se afastassem seu pai lhes mostrou o sexo, sem dúvida com o objetivo de insultá-los.

A situação evolui lentamente, seus deslocamentos na cidade são menos angustiados, mas ele não consegue se afastar, logo ele que gostava tanto de viajar. Ele tenta limitar a carga de ansiedade com a qual tem de conviver, através da presença em seu bolso de um antidepressivo prescrito em uma de suas numerosas consultas médicas. Ele nunca toma nenhum, mas é "para o caso de precisar".

Quando sobrevém a morte desse pai, que o rebaixou ao nível de dejetos e, ao mesmo tempo, lhe prescreveu sua escolha sexual não precisará conter nenhuma tristeza. Ele hesitará em ser acompanhado, ou não, ao seu funeral. Finalmente, tomará uma decisão: não irá ao funeral, não tem dever nenhum em relação a "este homem que não merece respeito."

É pouco depois, que através de um retorno do desejo, a carga de angústia será eliminada. Ele está apaixonado. De um homem formidável, belo, vivo, alegre. Um sedutor. Ele terá uma relação que irá reduzir a importância de sua atividade voyeurística. Ele sabe muito bem o que mudou, ele encontrou alguém cuja presença lhe agrada. Ele gosta de falar com o rapaz. Gosta de desejar seu desejo. Gosta de vê-lo. Portanto não é mais um pênis anônimo.

Esse relacionamento será bastante breve, mas a agorafobia não voltará. Ele retoma as viagens. "Eu sei que isto existe", isto, é o desejo do Outro. Novamente ele investiu um homem, um desejante. O que ele encontra em seus parceiros passa a ter uma atração diferente da do engodo do pênis fetichizado do traço perverso, sem dúvida sem apagar totalmente o gozo de olhar. O que ele vê no outro, no olhar do parceiro pelo qual ele se declara apaixonado, é *i(a)*, ele mesmo, como sendo amável, desejável⁴.

Ele decidirá, pouco depois, fazer os exames profissionais que lhe permitirão ser promovido na hierarquia da administração na qual é empregado.

A fixação do gozo perverso, pode ser situada na cena da praia em sua infância, a cena da exibição por seu pai do pênis, mostrado a homens. Esta cena encontra uma outra visão, aquilo que ele entreviu, contra a luz, através do vestido leve de sua mãe, e que será negado.

Esse pai do desprezo e do rebaixamento, não foi apto a transmitir a seu filho a humanização do desejo. No imaginário, em lugar do rastro do vivente, da falta - ϕ , do significante do desejo, o que se inscreveu foi o falo morto (MILLER, 1988, p. 28-31), que Simon evoca ao interrogar o destino do pênis ereto dos enforcados.

Ele presentifica este falo morto sob a forma de um pênis ereto entrevisto nos matagais, pênis este, que na rapidez do instante permanece intumescido, nunca cai. O desejo, ao contrário, seria a aceitação do caráter evanescente do olhar enquanto objeto *a*⁵.

A morte do pai e, mais do que esta morte, o ato de Simon de não homenagear este morto que “não merece seu respeito” permite um afastamento dessa presença do “falo perdido de Osiris embalsamado”. Simon pode então fazer parceria com seu semelhante.

A fixação do gozo na pulsão escópica para esse neurótico obsessivo, que faz disso um traço de perversão, é enquadrada por sua relação com a castração, isto é, que o objeto *a* é delimitado e construído a partir do modo de inscrição do Nome-do-pai.

NOTAS:

1. Proposta de apresentação de trabalho para o VI Congresso da AMP.
2. “O olho e o olhar, esta é para nós a esquizo na qual se manifesta a pulsão ao nível do campo escópico” (LACAN, 1964, p. 74).
3. “[...] O que se trata de discernir [...] é a preexistência de um olhar – eu só vejo de um ponto, mas, em minha existência, sou olhado de toda parte”. (LACAN, 1964, p. 73).
4. “[...] o olhar de minha parceira, porque esse olhar me reflete e, por me refletir, não passa de meu reflexo, vapor imaginário” (LACAN, 1962-63, p. 277).
5. “Na medida em que o olhar, enquanto objeto *a*, pode vir a simbolizar a falta central expressa no fenômeno de castração, e que ele é o objeto *a* reduzido, por sua natureza, a uma função puntiforme, evanescente – ele deixa o sujeito na ignorância do que há para além da aparência”. (LACAN, 1964, p. 77).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GOLDENBERG, M. Fobia e Nome-do-Pai. In: **Opção Lacaniana**. São Paulo: Eólia, n. 50, p. 150-152.

LACAN, J. (1962). Kant con Sade. In: **Escritos 2**. México: Siglo Veintiuno Ed., 1989, p. 744-770.

_____. (1962-63). **O Seminário. Livro 10: a angústia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

_____. (1964) **O Seminário. Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988.

_____. (1975-76). **El Seminario 23: el sinthoma**. Buenos Aires: Paídos, 2007.

MAURICIO, T. (2007) Sintoma e Nome-do-Pai. In: **Opção Lacaniana**. São Paulo: Eólia, n. 50, p. 362-365.

MERLET, A. Perversão e Nome-do-Pai. In: **Opção Lacaniana**. São Paulo: Eólia, n. 50, p. 304-306.

MILLER, J.-A. (1988) Sur le Gide de Lacan (transcription de quatre séances du séminaire de D.E.A.). In: **La Cause freudienne**. Paris: Seuil, n. 25, 1993, p. 28-31.

_____. (1996-97) A teoria do parceiro. In: EBP (2000) **Os circuitos do desejo na vida e na análise**. RJ: Contra Capa, p. 153-207.

_____. (1997-98). Uma partilha sexual. In: **Clique**. Revista dos Institutos Brasileiros de Psicanálise do Campo Freudiano. MG: Instituto de Saúde Mental de Minas Gerais, n. 2, p. 12-29, ago. 2003.

SOLANO-SOAREZ, E. (2007). Gozo e Nome-do-Pai. In: **Opção Lacaniana**. São Paulo: Eólia, n. 50, p. 168-171.

Texto recebido em: 24/10/2007.

Aprovado em: 18/12/2007.

EL VOYEUR Y LA MUERTE¹

Roger Cassin

Psiquiatra
Doctor en Medicina y CES en Psiquiatría por la Universidad de Rennes
Interno del Centro Hospitalar Especializado en Psiquiatría de Rennes
Director del Gabinete de auxilio Psicológico Universitario de Rennes
Psicoanalista
Miembro de la École de La Cause Freudienne/Paris
cassin.roger@wanadoo.fr
cassin@numericable.fr

Resumen

El texto presenta un caso clínico de agorafobia en un hombre. La crisis apareció cuando él se preparaba para hacer un viaje con su pareja al país natal de su familia. En aquel momento la pareja atravesaba por una crisis y lo deja. El autor nos muestra, por medio de la historia del sujeto, que la rotura de la vida amorosa tiene como consecuencias el surgimiento de un goce perverso, una actividad voyerista: mirar a quienes portan el pene erecto. Pero el pene fetichizado comporta una trampa. Lo que Simón mira en el Otro, en el ojo del partenaire que dice amar, es *i(a)*, se mira a sí mismo como un ser deseable, susceptible de ser amado.

Palabras-clave: psicoanálisis, fetiche, objeto *a*, caso clínico, agorafobia

THE VOYEUR AND THE DEATH

Abstract

This article presents a clinical case of agoraphobia. The crisis appeared when he was getting ready for a trip with his partner to his family country of origin. In that moment his partner who was going through a crisis decides to leave him. The rupture in his love life has as a consequence the dawn of perverse joy, a voyeur activity: stare at the ones who show their erect penis. However, the fetish penis holds a trap. What Simón sees in the Other, in the eye of the partner he says he loves is *i(a)*, sees himself as a desired being, able to be loved.

Key words: psychoanalysis, voyeurism, fetish, object *a*, agoraphobia.

Simón sufre de agorafobia. Sus trayectos son muy limitados. Cuando se dirige al trabajo o a mi consultorio se angustia mucho. Calcula su recorrido orientándose gracias a las farmacias que puntúan su circuito. Evita atravesar las plazas y demás espacios abiertos.

Esta “angustia de la calle” apareció por primera vez justo cuando Simón se preparaba para hacer un viaje con su pareja al país natal de su familia. En aquel momento la pareja atravesaba por una crisis. Su compañero lo deja. Simón se queda muy dolido. El amaba a este hombre. Su relación había durado muchos años.

¿Se trata de un miedo a morir en la calle?

Simón teme una crisis cardíaca y suele consultar a distintos médicos. Piensa con frecuencia en la muerte. El SIDA ha hecho múltiples estragos entre sus amigos. Tiene pocas aventuras, pero su ex compañero era más voluble. El devenir de los cadáveres le preocupa y preferiría ser incinerado.

Una pregunta estrafalaria le asalta: “¿Qué deviene el sexo en erección de los ahorcados... se pudre también”?

Aquello a lo que Simón teme por sobre todas las cosas es a desmayarse en público. ¿Qué sería de él, de su cuerpo?

Más adelante, Simón evocará un recuerdo de infancia: sus camaradas jugaban a perseguir y a atrapar a uno del grupo. La víctima era desvestida en público. El día que le tocó su turno, Simón simuló un desmayo, estrategia que le permitió escapar al suplicio.

Luego de su ruptura amorosa, su vida sexual (tema que aborda con discreción) consiste en encuentros anónimos que tienen lugar en ciertos bosques a horas tardías. Dichas citas obedecen a una condición: los implicados no se han visto antes y se separan justo después.

Más adelante, Simón afina esta actividad que se convierte en una práctica voyerista²: mirar, mirar a hombres en actividad sexual, o mejor dicho, mirar penes en erección. Su goce se fija en la visión del pene erecto, fascinación que lo cautiva.

Simón insiste en lo poco que esos hombres le interesan, la única emoción que siente es efecto de la visión de penes erectos. Aquel que porta el órgano le es indiferente.

Sin embargo, el Otro está presente para este voyeur; el Otro que podría surgir sorprendiéndolo en su actividad voyerista: mirar pero furtivamente puesto que ello podría disgustar a quienes portan el pene erecto, víctimas del voyerismo de Simón, quien teme la violencia de las posibles represalias a su acto.

En la calle, Simón se mantiene en “la dependencia de lo visible respecto a aquello que nos pone bajo el ojo del vidente”³.

La fijación del goce perverso: mirar el pene a hurtadillas se convierte en angustia y cuando, estando en la calle Simón accede a ser visto se encuentra bajo la mirada del Otro. Es en ese instante preciso que podría desmayarse y entonces surge la pregunta: ¿qué sería de él, de su cuerpo?

¿El desmayo es el signo del peligro que conlleva para él miedo a ser desvestido?
¿La exposición a cielo abierto de su propio pene al desnudo sería el envés horrible de la pulsión que lo lleva a mirar el pene de desconocidos?

Simón, que se había hecho mirada para el Otro podría encontrarse en posición de ser ofrecido, él, a la mirada del Otro.

Al término de sus estudios Simón comenzó a trabajar para una dependencia del Estado. Se mantuvo más de diez años en el mismo puesto. Dice no tener ambición alguna. Es discreto y desea pasar desapercibido, cosa que logra con facilidad.

Pone mucha atención en mantener secreta su orientación sexual en el ámbito laboral.

Fuera de su entorno profesional tiene una vida social satisfactoria. Valora en especial la amistad con las mujeres de quienes aprecia la compañía, la gracia y la belleza.

De niño fue muy cercano a su madre. Su padre decía de él que estaba siempre pegado a las faldas de su madre.

Simón evoca un recuerdo de infancia que lo perturba: adivina el cuerpo de su madre bajo el efecto revelador de un vestido de verano visto a contra luz.

Presenta a su padre como aquel que le prohibió el placer propio a los momentos de intimidad compartidos con su madre.

Evoca también un recuerdo de la adolescencia. De vacaciones en casa de una tía, un día descubre el atractivo escote de ésta que le causó un efecto de malestar. Ante la mezcla de incomodidad y confusión el regreso anticipado a su casa fue un alivio.

Aunque siente cariño por su madre prefiere evitar su presencia. La llama, le escribe pero elude las visitas.

Una amiga, su vecina (bastantes años mayor que él) lo recibe a comer con frecuencia. Dicha hospitalidad lo reconforta y calma su ansiedad.

Simón sabe desde siempre que es homosexual. Desde los seis o siete años su padre lo trataba de "mujercita" o de "verdadera nena" haciendo referencia a sus modales afeminados. Odia a este padre que lo despreciaba.

Hará alusión a los pleitos conyugales de sus padres: su padre insultaba y golpeaba a su madre hasta el punto de tirarla al suelo y continuar golpeándola. Simón hubiera querido intervenir, hubiera tenido que defenderla pero le tenía demasiado miedo a su padre. La pareja acabó por separarse. El hijo no tiene ninguna relación con el padre.

Un recuerdo de su padre le persigue y le asombra: la familia se encontraba de vacaciones en la playa. Algunos hombres musulmanes miran desde el acantilado a las mujeres presentes. Después de retarlos para que se vayan, el padre con un gesto violento les muestra su sexo, sin duda en señal de insulto.

El análisis de Simón avanza poco a poco. Sus trayectos urbanos son menos angustiantes. Pero algo resiste: le es imposible viajar, actividad predilecta en el pasado. Trata de limitar la carga de ansiedad mediante el hecho de traer siempre

consigo un antidepresivo prescrito por uno de los múltiples médicos en una de sus numerosas consultas. Nunca lo toma pero lo carga “por si acaso”.

La muerte de su padre, quien imputándole su elección sexual lo redujo al estatuto de deshecho, vino asociada a una cierta tristeza. Simón dudó en ir al entierro acompañado y finalmente decidió no asistir. Según dice, no tiene ninguna obligación hacia “ese hombre que no merece respeto”.

Poco tiempo después, mediante un despertar del deseo la carga de angustia se diluye. Simón se enamora de un hombre formidable: buen mozo, alegre, sociable. Un seductor. Esta relación reduce la necesidad de su actividad voyeurista. Sabe que este cambio obedece a lo que encontró en esta presencia; le gusta charlar con este hombre, le gusta desear su deseo, mirarlo a él y no a un pene anónimo.

Esta relación será bastante breve pero la desaparición de la agorafobia se mantendrá. Vuelve a viajar. “Yo sé que hay eso”, dice. “Eso” es el deseo del Otro.

Conoce a otro hombre que lo desea. Encuentra en sus partenaires algo nuevo, un punto distinto a la trampa del pene fetichizado como rasgo perverso. Sin embargo, algo del goce de la mirada se mantiene inborrable. Lo que Simón mira en el Otro, en el ojo del partenaire que dice amar es $i(a)$, se mira a sí mismo como un ser deseable, susceptible de ser amado⁴.

Poco después decidirá presentar los exámenes necesarios para subir de grado en la jerarquía de su trabajo.

La fijación del goce perverso tiene lugar en la escena de la playa; la exhibición paterna del pene a la mirada de otros hombres. Este episodio se conjuga con otra visión, la de aquello que percibió, a contra luz a través del vestido de su madre y que constituye el punto de negación.

Ese padre del desprecio y del estrago fue incapaz de transmitir la humanización del deseo. En el imaginario, en lugar de la huella de lo vivo, de la falta $-\phi$, del significante del deseo, quedó inscrito $\phi 0$, le falo muerto (MILLER, 1988, p. 28-31) que Simón evoca al interrogar el destino del pene de los ahorcados.

Simón recupera ese $\phi 0$ presentificado bajo la forma de un pene entrevisto en medio de los arbustos. Pene que, en la brevedad del instante escapa a la deshinchazón y evita la caída.

El deseo, al contrario, sería la aceptación del carácter evanescente de la mirada como objeto a ⁵.

La muerte del padre y, más allá de ésta, la decisión de Simón de no rendir homenaje a ese muerto que no merece su respeto, permite una separación de la presencia del “falo perdido de Osiris embalsamado”.

El agujero de $\phi 0$ no puede ser colmado pero Simón puede ahora hacer de un semejante su partenaire.

NOTA

1. Proposición de intervención para el VI Congreso de la AMP.
2. "L'œil et le regard, telle est pour nous la schize dans laquelle se manifeste la pulsion au niveau du champ scopique" (LACAN, 1964, p. 70).
3. "[...] Ce qu'il s'agit de cerner [...] C'est la préexistence d'un regard- je ne vois que d'un point, mais dans mon existence je suis regardé de partout" (LACAN, 1964, p. 69).
4. "[...] le regard de ma partenaire, car ce regard me reflète et, pour autant qu'il me reflète, il n'est que mon reflet, buée imaginaire" (LACAN, 1962-63, p. 293).
5. "Dans la mesure où le regard, en tant qu'objet a, peut venir à symboliser le manque central exprimé dans le phénomène de la castration et qu'il est un objet réduit, de par sa nature, à une fonction punctiforme, évanescente –il laisse le sujet dans l'ignorance de ce qu'il y a au-delà de l'apparence" (LACAN, 1964, p. 73).

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

GOLDENBERG, M. Fobia e Nome-do-Pai. In: **Opção Lacaniana**. São Paulo: Eólia, n. 50, p. 150-152.

LACAN, J. (1962). Kant con Sade. In: **Escritos 2**. México: Siglo Veintiuno Ed., 1989, p. 744-770.

_____. (1962-63). **O Seminário. Livro 10: a angústia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

_____. (1964) **O Seminário. Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988.

_____. (1975-76). **El Seminario 23: el sinthoma**. Buenos Aires: Paidós, 2007.

MAURICIO, T. (2007) Sintoma e Nome-do-Pai. In: **Opção Lacaniana**. São Paulo: Eólia, n. 50, p. 362-365.

MERLET, A. Perversão e Nome-do-Pai. In: **Opção Lacaniana**. São Paulo: Eólia, n. 50, p. 304-306.

MILLER, J.-A. (1988) Sur le Gide de Lacan (transcription de quatre séances du séminaire de D.E.A.). In: **La Cause freudienne**. Paris: Seuil, n. 25, 1993, p. 28-31.

_____. (1996-97) A teoria do parceiro. In: EBP (2000) **Os circuitos do desejo na vida e na análise**. RJ: Contra Capa, p. 153-207.

_____. (1997-98). Uma partilha sexual. In: **Clique**. Revista dos Institutos Brasileiros de Psicanálise do Campo Freudiano. MG: Instituto de Saúde Mental de Minas Gerais, n. 2, p. 12-29, ago. 2003.

SOLANO-SOAREZ, E. (2007). Gozo e Nome-do-Pai. In: **Opção Lacaniana**. São Paulo: Eólia, n. 50, p. 168-171.

Texto recebido em: 24/10/2007.

Aprovado em: 18/12/2007.

LE VOYEUR ET LA MORT¹

Roger Cassin

Psychiatre
Docteur en médecine et CES de psychiatrie Université de Rennes
Ancien interne du Centre Hospitalier Spécialisé en Psychiatrie de Rennes
Enseignant à la Section Clinique de Rennes
Directeur du Bureau d'aide Psychologique Universitaire de Rennes
Enseignant à l'Université Rennes 2
Psychanalyste
Membre de l'École de La Cause Freudienne (AME)
cassin.roger@wanadoo.fr
cassin@numericable.fr

Résumé

Il s'agit d'un homme affecté d'agoraphobie. La crise d'angoisse dans la rue est apparue alors qu'il préparait un voyage vers le pays d'origine de sa famille, en compagnie de son ami. Il apparaîtra que le couple est en crise. Le rapport de l'histoire du sujet montre comment la rupture de la vie amoureuse présente comme conséquence le surgissement d'une jouissance perverse, une activité voyeuriste: regarder ceux qui portent le pénis en erection. Ce qu'il rencontre chez ses partenaires a alors un attrait autre que le leurre du pénis fétichisé du trait pervers, sans doute sans totalement effacer la jouissance à regarder. Ce qu'il voit dans l'autre, dans l'œil du partenaire dont il se dit amoureux, c'est i(a), lui même en tant qu'aimable, désirable.

Mots clés : psychanalyse, fetiche, objet a, agoraphobie

THE VOYEUR AND THE DEATH

Abstract

This case is didactical since it teaches how interpretation propitiates the fall of the unconscious objects, promoting an articulation between the real joy and the senses. It is a case that demonstrates that the drug addiction, new symptom of contemporary is not a structure. This analisante teaches his analyst that drug abuse is a treatment to erotômana agitation, typical of hysteria, of a guilt feeling linked to his father. While, he does not hide he frequently uses drugs such as cocaine which is also associated to a great use of alcoholic drinking.

Key words: obsessive neurosis, melancholy, drug addiction, new symptom, psychoanalysis

Simon est "agoraphobe". Ses déplacements sont très limités. Quand il se rend à son travail ou à son cabinet, il est très angoissé. Il calcule son trajet, en se repérant sur les pharmacies qui bordent son parcours, et en évitant de traverser les places, les espaces dégagés.

Cette "angoisse dans la rue" est apparue alors qu'il préparait un voyage vers le pays d'origine de sa famille, en compagnie de son ami. Il apparaîtra que le couple est en crise. Son ami s'éloigne et le quittera. Il en sera très attristé. Il aimait cet ami, leur liaison avait duré plusieurs années

Simon a-t-il peur de mourir dans la rue?

Il consulte fréquemment les médecins, il craint une crise cardiaque. Il pense souvent à la mort. Le SIDA a fait des ravages parmi ses amis. Lui a peu d'aventures, mais son ami était plus volage. Le devenir des cadavres le préoccupe. Il aimerait être incinéré.

Une question saugrenue survient: "que devient le sexe en érection des pendus, pourrit-il aussi?"

Mais ce dont il a peur avant tout, c'est de s'évanouir en public. Que ferait-on de lui, de son corps?

Il évoquera bien plus tard un souvenir: ses camarades jouaient à poursuivre l'un d'entre eux. La victime était déshabillée en public. Quand ce fut à son tour d'être capturé, il simula une syncope, échappant ainsi au supplice.

Depuis qu'il est séparé de son ami, sa vie sexuelle -il en parle avec discrétion- consiste en des rencontres anonymes dans des bosquets, la nuit. On ne se connaît pas avant, on s'éloigne après.

Plus tard, ces activités vont se préciser: c'est de voyeurisme qu'il s'agit². Voir, voir des hommes en activité sexuelle ou plutôt voir des pénis en érection. Sa jouissance est fixée sur la vision du phallus, fascinum qui le captive.

Il insiste sur son peu d'intérêt pour ces hommes, la seule émotion qu'il ressent, dit-il, concerne la vue des pénis, la personne du phallophore lui est indifférente.

Cependant l'Autre est présent pour ce voyeur, l'Autre qui peut surgir, l'Autre qui le surprendrait dans son activité voyeuriste: Voir, mais furtivement, car cela pourrait déplaire aux porteurs de pénis victimes de son voyeurisme et il craint, dit-il, des représailles qui pourrait être violentes.

Dans les rues, Simon est "dans la dépendance du visible à l'égard de ce qui nous met sous l'œil du voyant" (LACAN, 1964, p 69)³.

La fixation de la jouissance perverse, voir le phallus, à la dérobée, fait retour en angoisse et quand, dans la rue, il devient chose vue, il est sous le regard de l'Autre. Il pourrait s'évanouir et alors, dit-il, "que ferait-on de lui, de son corps?"

La syncope n'est-elle pas le risque d'être déshabillé? La mise à ciel ouvert de son pénis dénudé retour alors dans l'horreur de sa pulsion à voir le pénis des inconnus?

Simon, qui s'est fait regard pour l'Autre serait en retour donné à voir.

Après des études supérieures, il est entré dans une administration, dans laquelle il s'est maintenu pendant plus de dix ans dans le poste pour lequel il a été recruté. Il n'a dit-il aucune ambition. Il se fait discret, veut passer inaperçu et y réussit.

Il a pris garde à ce que son orientation sexuelle reste secrète sur son lieu de travail.

Il a en dehors du milieu professionnel d'assez nombreuses relations amicales. Volontiers avec des femmes. Il aime leur compagnie, leur grâce, leur beauté.

Enfant, il était très proche de sa mère. Son père disait qu'il était toujours dans ses jupes.

Simón évoque un souvenir d'enfance troublant : il aperçoit le corps de sa mère que le contre jour dénude à travers une légère robe d'été.

Le père est repéré comme interdicteur des plaisirs du partage de l'intimité maternelle.

Une jeune tante aussi troubla son adolescence, il évoque son décolleté attirant et le malaise ressenti lors d'un séjour prolongé chez elle. Malaise et trouble conjoints, le retour chez lui fut un soulagement.

Sa mère, il a de l'affection pour elle, mais évite d'être en sa présence. Il lui téléphone, lui écrit, mais élude les rencontres.

Une amie, voisine nettement plus âgée a une fonction de réassurance pour lui. Elle lui ouvre sa table et calme son anxiété par son accueil chaleureux.

Simon a toujours su qu'il était homosexuel. Dès qu'il a eu 7, 8 ans, son père l'a traité de femmelette, lui disant qu'il était maniéré, qu'il était une vraie fille. Il hait ce père qui le méprisait.

Il évoquera aussi des disputes parentales pendant lesquelles son père insultait et frappait sa mère, la mettait à terre, la frappait encore. Il aurait aimé intervenir. Il aurait dû la défendre, mais il avait peur de ce père. Le couple a fini par se séparer. Il n'a plus aucune relation avec son père.

Un souvenir de ce père le poursuit et l'étonne: ils étaient à la plage, en famille. Des hommes, des musulmans, regardaient les femmes, de la falaise. Après leur avoir demandé de s'éloigner, son père leur a montré son sexe, sans doute en guise d'insulte.

La analyse de Simón évolue lentement. Ses déplacements dans la ville sont moins angoissés, mais il ne peut s'éloigner, lui qui aimait tant voyager. Il tente de limiter la charge d'anxiété qu'il essaie de contrer par la présence dans sa poche d'un antidépresseur prescrit lors d'une des nombreuses consultations qu'il demande aux médecins.. Il n'en prend jamais mais c'est "en cas".

La survenue de la mort de ce père qui l'avait ravalé au rang de déchet tout en lui prescrivant son choix sexuel ne sera pas accompagnée de tristesse. Il hésitera à se faire accompagner à la cérémonie d'enterrement. Puis prendra sa décision: il ne sera pas présent à cet enterrement. Il n'a, dit-il aucun devoir envers "cet homme qui ne mérite pas le respect".

C'est peu après que, par un éveil du désir, la charge d'angoisse sera levée. Il est amoureux. D'un type formidable, beau, vif, joyeux. Un séducteur. Il aura une liaison qui réduira la prégnance de ses activités voyeuriste. Il le sait, ce qui a changé, c'est qu'il a rencontré quelqu'un dont la présence lui plaît. Il aime lui parler. Il aime désirer son désir. Il aime le voir, lui . Pas un pénis anonyme, donc.

Cette liaison sera assez brève, mais la disparition de l'agoraphobie se maintiendra. Il reprend les voyages. "Je sais qu'il y a cela". "Cela", est-ce le désir de l'Autre.

Il a de nouveau investi un homme, un désirant. Ce qu'il rencontre chez ses partenaires a alors un attrait autre que le leurre du pénis fétichisé du trait pervers, sans doute sans totalement effacer la jouissance à regarder. Ce qu'il voit dans l'autre, dans l'œil du partenaire dont il se dit amoureux, c'est i(a), lui même en tant qu'aimable, désirable⁴.

Il se décidera peu après à passer les épreuves professionnelles lui permettant de s'élever dans la hiérarchie de son administration.

La fixation de la jouissance perverse, c'est dans la scène de plage de son enfance , la scène de l'exhibition par son père du pénis, montré à des hommes, qu'elle peut-être repérée. Cette scène rencontre une autre vision, ce qu'il a perçu, à contre jour, à travers la robe légère de sa mère, et qui sera dénié.

Ce père du mépris et du ravalement était peu apte à transmettre à son fils l'humanisation du désir. Dans l'imaginaire, au lieu de la trace du vivant, du manque - ϕ , du signifiant du désir, ce qui s'est inscrit le phallus mort (MILLER, 1988, p. 28-31) que Simon évoque en interrogeant le devenir du pénis érigé des pendus.

Ce phallus mort ($\phi 0$) il le retrouve présentifié sous la forme d'un pénis entrevu dans les buissons, pénis qui dans la brièveté de l'instant échappe à la détumescence, ne chutant pas.

Le désir, à rebours, serait l'acceptation du caractère évanescent du regard, en tant qu'objet a^5 .

La mort du père et, plus que cette mort, l'acte de Simon, sa décision de ne pas saluer ce mort qui "ne mérite pas son respect" permet un écart d'avec cette présence du "phallus perdu d'Osiris embaumé". Simon peut alors faire de son semblable partenaire.

La fixation de la jouissance à la pulsion scopique pour ce névrosé obsessionnel qui en fait trait de perversion, est cadrée, encadrée même par son rapport à la castration, c'est à dire que l'objet a est cerné et construit à partir du mode d'inscription du Nom-du-père.

NOTA

1. Proposición de intervención para el VI Congreso de la AMP.
2. "L'œil et le regard, telle est pour nous la schize dans laquelle se manifeste la pulsion au niveau du champ scopique" (LACAN, 1964, p. 70).
3. "[...] Ce qu'il s'agit de cerner [...] C'est la préexistence d'un regard- je ne vois que d'un point, mais dans mon existence je suis regardé de partout" (LACAN, 1964, p. 69).
4. "[...] le regard de ma partenaire, car ce regard me reflète et, pour autant qu'il me reflète, il n'est que mon reflet, buée imaginaire" (LACAN, 1962-63, p. 293).
5. "Dans la mesure ou le regard, en tant qu' objet a , peut venir à symboliser le manque central exprimé dans le phénomène de la castration et qu'il est un objet réduit, de par sa nature, à une fonction punctiforme, évanescente –il laisse le sujet dans l'ignorance de ce qu'il y a au-delà de l'apparence" (LACAN, 1964, p. 73).

RÉFÉRENCES BIBLIOGRAPHIQUES

GOLDENBERG, M. Fobia e Nome-do-Pai. In: **Opção Lacaniana**, n. 50. São Paulo: Eólia, p. 150-152.

LACAN, J. (1962). Kant con Sade. In: **Escritos 2**. México: Siglo Veintiuno Ed., 1989, p. 744-770.

_____. (1962-63). **Le Séminaire. Livre X: L'angoisse**. Paris: Editions du Seuil, 2004.

_____. (1964) **Le Séminaire. Livre XI: les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse**. Paris: Seuil, 1973.

_____. (1975-76). **El Seminario 23: el sinthoma**. Buenos Aires: Paídos, 2007.

MAURICIO, T. (2007) Sintoma e Nome-do-Pai. In: **Opção Lacaniana**, n. 50. São Paulo: Eólia, p. 362-365.

MERLET, A. Perversão e Nome-do-Pai. In: **Opção Lacaniana**, n. 50. São Paulo: Eólia, p. 304-306.

MILLER, J.-A. MILLER, J.-A. (1988) Sur le Gide de Lacan (transcription de quatre séances du séminaire de D.E.A.). In: **La Cause freudienne**, n. 25 . Paris: Seuil, 1993.

_____. (1996-97) "A teoria do parceiro". In: EBP (2000) **Os circuitos do desejo na vida e na análise**. RJ: Contra Capa, p. 153-207.

Texto recebido em: 24/10/2007

Aprovado em: 18/12/2007

DR. JEKYLL Y MR. HYDE***Tania Coelho dos Santos***

Posdoctorado en el Département de Psychanalyse de Paris VIII
Profesora Asociada II del Programa de Postgrado en Teoría Psicoanalítica/UFRJ
Investigadora del CNPQ nível 1C
Presidente de la Asociación Núcleo Sephora sobre el Moderno y el Contemporáneo
Psicoanalista de la Escuela Brasileña de Psicoanálisis y de la Asociación Mundial de
Psicoanálisis
taniacs@openlink.com.br

Resumen

Ese caso es didáctico pues enseña como la interpretación propicia la caída de los objetos inconscientes, promoviendo una articulación entre el goce real y lo sentido. Es un caso que demuestra que la drogadicción, nuevo síntoma de la contemporaneidad, no es una estructura. Este analizando enseña a su analista que el uso de la droga es un tratamiento por la exaltación erotómana, típica de la histeria, del sentimiento de culpa ligado a la hostilidad contra el padre. Mientras, él no esconde que hace un uso contumaz de drogas como la cocaína, que se asocia aún al consumo exorbitante de bebidas alcohólicas.

Palabras-clave: Neurosis obsesiva, melancolía, drogadicción, nuevo síntoma, psicoanálisis.

DR. JEKYLL AND MR. HYDE**Abstract**

This case is didactical since it teaches how interpretation propitiates the fall of the unconscious objects, promoting an articulation between the real joy and the senses. It is a case that demonstrates that the drug addiction, new symptom of contemporary is not a structure. This analisante teaches his analyst that drug abuse is a treatment to erotômana agitation, typical of hysteria, of a guilt feeling linked to his father. While, he does not hide he frequently uses drugs such as cocaine which is also associated to a great use of alcoholic drinking.

Key words: obsessive neurosis, melancholy, drug addiction, new symptom, psychoanalysis.

Mis intervenciones en este caso – aparentemente polisintomático – me permiten distinguir la depresión y los pasajes al acto de un neurótico obsesivo, de un posible cuadro melancólico. Una poderosa adicción al uso de drogas es un embarazo a más. Esa adicción a ese objeto oral, reduce el campo del saber al objeto nada, alimentando una anorexia mental, marca de histeria que singulariza la neurosis obsesiva de este hombre. Ese caso es didáctico pues enseña como la interpretación propicia la caída de los objetos inconscientes, promoviendo una articulación entre el goce real y lo sentido. Es un caso que demuestra que la drogadicción, nuevo síntoma de la contemporaneidad, no es una estructura. Este analizando enseña a su analista que el uso de la droga es un tratamiento por la exaltación erotómana, típica de la histeria, del sentimiento de culpa ligado a la hostilidad contra el padre. La queja principal es la depresión. Mientras, él no esconde que hace un uso contumaz de drogas como la cocaína, que se asocia aún al consumo exorbitante de bebidas alcohólicas. Sus estados de depresión se alternan con intensos conflictos en el lazo social. La excesiva agresividad se prolonga en pasajes al acto antisociales y rupturas radicales en sus vínculos amorosos, familiares y profesionales que terminan en auto acusaciones violentas. Estas últimas, por su vez, lo reconduce a la depresión.

Antonio João acepta conversar con la analista, pero avisa que será inútil pues ya sabe que es incurable. Él es un impostor y me advierte: nada de que él me va a decir es verdad. Quizá, todas las cosas que me va a decir sean apenas justificativas que él inventa para ganar mi simpatía. ¿De qué la experiencia de impostura de este paciente sería un índice? En este caso es una expresión del síntoma clásico de neurosis obsesiva: la duda. La duda es el índice de la idealización del amo. Ella demarca la distancia que el neurótico obsesivo debe guardar para no se presentar nunca como un amo. No ser el amo, lo protege de la angustia de castración. Para esclarecer ese punto yo le pregunto: - ¿cómo es posible que un sujeto tan pusilánime – tal como usted se describe – sea capaz de tan aguda autocritica? Él queda apasionado por la palabra pusilánime. En esta sesión, ha manifestado un gusto por las palabras poco usuales que ha prestado una consistencia inesperada a la suposición de un saber al analista, balanceando momentáneamente, su certeza de la inutilidad del lazo analítico. Se sigue que la queja principal no es el abuso del alcohol y de la cocaína. Al contrario, él afirma que esas sustancias son el tratamiento que él da a su depresión. Soy un deprimido. La depresión es para él un punto de certeza. Yo he contorneado la certeza del paciente cuanto a su depresión, haciendo de ella una duda, y le dije: - no sé si le puedo tratar, le pido un mes para decidir si usted es mismo un deprimido. Al final de este tiempo yo le comunico que estoy segura de que no se trata de depresión. Con esa intervención, la respuesta inmediata es postergada pues yo introduzco como hipótesis que hay otro saber sobre su estado. En el lugar del saber sabido, el saber en la experiencia analítica promete un sentido nuevo, en vías de advenir.

Hasta este momento yo aún hesitaba en diagnosticar una melancolía o una neurosis obsesiva. La respuesta del paciente, que acepta cambiar su certeza por la duda, me encoraja a pensar que se trata de una neurosis obsesiva. El síntoma central no es la depresión y si el pensamiento compulsivo. Invasado por la ferocidad del superyo (objeto voz), él se defiende por medio de un mecanismo clásico: la anulación retroactiva. Él se deshace de sus pesadas auto acusaciones, drogándose (objeto oral) o sumergirse en el sueño profundo.(objeto nada). El elemento distintivo es la naturaleza de sus auto acusaciones. La extracción enigmática del objeto a, objeto del inconsciente, en la división subjetiva, nos esclarece sobre la estructura que está en juego.

En nuestros encuentros la desesperanza impera. El analizando expone sin disfrazar su división entre un sentido del deber muy agudo y una actitud cínica y bromista, que alcanza justo los objetos de su angustia moral: su madre, su hijo, otro hijo de

una relación casual y todas las mujeres con quien se ha relacionado. Él se culpa de no estar a la altura de sus deberes para con todos ellos pero, al mismo tiempo, los desprecia cínicamente. Explica que le gusta presentarse como un grande y generoso proveedor, especialmente delante de las mujeres que, de pronto, se presentan independientes y fuertes, pero él siempre consigue las llevar a la ruina y a la devastación. Como él propio se define, él es el médico y el monstruo: Dr. Jekyll y Mr. Hyde.

Una cuestión esencial a la buena conducción del proceso analítico es distinguir la posición sexuada masculina de la neurosis obsesiva. En mi intervención destaco de sus enunciados la diferencia entre la exigencia del superyo obsesiva y la posición masculina. Entonces, yo le digo: presentarse como poderoso, generoso, un macho proveedor no es una farsa. No se puede censurar un hombre por exhibirse como tal. Le señalo con esa interpretación de su angustia, el objeto a ya en caída. Revelo la diferencia entre la impostura narcisista - falsedad moral - y la exhibición de insignias fálicas propias a la condición masculina. La interpretación analítica indica el real de la diferencia sexual y desilusiona las pretensiones del narcisismo, que fuera del sexo, es alienado en la exigencia moral desmedida de las idealizaciones. Él reacciona indignado y me dice que yo soy sexista. Tanto un hombre cuanto una mujer pueden, igualmente, comportarse como un proveedor o una proveedora! El significativo proveedor demarca para ese sujeto un punto de goce fuera de la castración, da diferencia sexual. Revela el real fantasmal del goce bisexual en juego en su síntoma. El próximo paso demuestra la articulación entre la carencia paterna y la recusa en saber sobre la castración. El significativo proveedor incluye una versión del objeto a como idealización, un tapón (objeto anal) que obtura la castración. Esa es una vicisitud de la pulsión muy común en la neurosis obsesiva. Dessexualizar la función de proveer es una maniobra para alzarla a la dignidad de la oblación, don generoso de aquel que nada espera en retorno. Mi maniobra consiste en rebajar el significativo proveedor, revelando su lado insoportable ligado al deseo sexual. Tratase de obtener la caída del objeto anal que sostiene el fantasma de la oblación.

Compulsivo en el trabajo, empresario ambicioso y auto confiado, acostumbra decepcionar los compañeros de profesión faltando a los encuentros incluso en la agenda, sin ninguna justificativa o aviso previo. En esas condiciones sumerge en un sueño profundo durante un, dos y hasta tres días. Yo le pregunto si ese comportamiento exorbitante en el trabajo no es semejante a su desempeño como proveedor delante de las mujeres. Yo quiero saber si es una identificación al padre. Él responde que su padre era un mierda, un nada, una persona sin ninguna importancia. Cuenta, entonces, que él murió durante el sueño. Él era tan insignificante que sus hermanos le acordaran para darle la noticia, pero él se ha virado para el canto y volvió a dormir. El diálogo que se sigue es decisivo:

- Ah, entonces es eso, usted duerme para no saber de nada.
- Yo tengo pena de mi padre y de mi madre. Él se murió durmiendo, ella se va morir inconsciente, del mal de Alzheimer.
- Yo le digo: ¿entonces, usted teme morir sin saber de nada como sus padres?
- Yo duermo para huir de mis pensamientos, de la culpa por ser tan guache, tan cobarde ...

Yo comento: Ah! Entonces usted es aquel que sabe demás...

Él prosigue y dice: yo me culpo por que yo sé lo que está errado, pero no tengo el coraje de tomar los pasos que se debe tomar. Ayer me ha quedado chapado, me

ha quedado esnifado por toda la noche ... Nadie puede me impedir de me drogar. Es inútil ...

Hago una intervención en un tono convicto: - ¿No mismo? Yo no puedo prohibirle pero puedo pedirle que pare de drogarse!

Interrumpo la sesión para enfatizar la sorpresa causada por mi pedido.

En otra ocasión le pregunto: ¿y o que usted hacia cuando estaba drogado?

Él responde: yo leía un romance.

¿Qué romance? Yo vuelvo a preguntar.

Él me responde: Sexus, plexus y nexus.

Yo insisto en saber: ¿de qué trata?

Él ríe y me pregunta: ¿cómo una doctora sabe de todo, usted non lo sabe? Es la historia de un escritor fracasado.

Observase que su ironía es otro modo de la presencia de la caída del objeto a. Escondido bajo la máscara de un drogado, él alimenta en el silencio de sus escapadas de la vida del cotidiano su identificación con los escritores y poetas geniales, melancólicos o simplemente locos.

Yo le demuestro toda mi sorpresa y le digo: - entonces es eso, usted es un escritor fracasado...!

Él admite: - quizá sea eso: yo soy un escritor fracasado.

Yo me río de él y le devuelvo: - ya sabemos, entonces, quien son Dr. Jeckyl y Mr Hyde! El empresario bien sucedido y el escritor fracasado.

El diagnóstico de neurosis obsesiva non nos exime de llevar en cuenta la cantidad pulsional. El síntoma en la neurosis es también una suplencia de la non relación sexual. Por esa razón, algún tiempo después, mucho emocionado, él me pide que non le cure de sus auto acusaciones porque son ellas que lo mantiene ligado a la realidad. Sin eso, él me dice que sería insano. Yo me limito a ratificar la función de interdicción y recalque que sus auto acusaciones desempeñan: usted ha inventado para si mismo un padre fuerte, más poderoso do que era el suyo cuando vivo.

En un esfuerzo de limitar los efectos devastadores del superyo, le digo: - quizá usted se equivoca acerca de la verdadera causa de su sentimiento de culpa. Él responde: - ya lo sé, usted va a me decir que yo me culpo de ser un escritor fracasado. Yo le digo: _ non lo sé ..., ¿ qué te parece? Él me dice que tiene una deuda impagable con su madre que tomó la función de proveedora de los hijos, después de la muerte del padre. Surge el fundamento de creencia fantasmal de que esa función podría ser desempeñada por cualquier uno. Tratase de un rechazo de la inexistencia de la relación sexual en el punto donde ella toca la particularidad del lazo sintomático entre su padre y su madre. Le pido que me esclarezca si su madre ya trabajaba antes de su padre morir. Él declara que non. Yo me apreso, entonces, en rectificar dos engaños. El que se refiere a la castración materna y el que se relaciona con la deuda paterna. Yo le digo: - non es esta su deuda. Eso fue lo que ella hizo por amor a los hijos de él. Es una deuda de ella con él. Y su deuda con él, cuál es?

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COELHO DOS SANTOS, T. O psicanalista é um sinthoma. In: **Latusa** n. 11. Rio de Janeiro: EBP-RJ, 2006.

_____. Versões lacanianas do amor analítico. In **Opção Lacaniana**, Revista Internacional de Psicanálise, n. 48. São Paulo: Eólia, 2007.

FREUD, S. (1923) O Ego e o Id. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago. Vol. XXIII, 1976.

LACAN, J. (1959/60) **Le Seminaire. Livre VII : L'éthique de la psychanalyse**. Paris: Seuil, 1986.

_____. (1962/63) **Le Seminaire. Livre X: L'Angoisse**. Paris: Seuil, 2004.

_____. (1968/69) **Le Seminaire. Livre XVI: D'un Autre à l'autre**. Paris: Seuil, 2006.

_____. (1975/76) **Le Seminaire. Livre XXIII: Le Sinthome**. Paris: Seuil, 2005.

MILLER, J.-A . Cours numero 5, aula do dia 13/12/2006.

LAURENT, E. De Tel Aviv à Rome. In: **Quarto**, Revue de Psychanalyse, n. 87, Belgique, junho 2006 (traduzido e publicado em **aSEPHallus** n. 3, Revista do Nucleo Sephora de Pesquisa, www.nucleosephora.com).

Texto recebido em: 15/11/2007.

Aprovado em: 21/12/2007.

DR. JEKYLL ET MR. HYDE***Tania Coelho dos Santos***

Post-doctorat au Département de Psychanalyse à Paris VIII
Professeure Associée niveau II au Troisième Cycle en Théorie Psychanalytique
Chercheuse au CNPQ niveau 1 C
Présidente de l'Association Noyau Sephora pour la recherche sur le moderne et contemporain
Psychanalyste de l'École Brésilienne de Psychanalyse et de l'Association Mondiale de Psychanalyse
taniacs@openlink.com.br

Résumé

Ceci est un cas didactique puisqu'il enseigne comment l'interprétation peut donner lieu à la chute des objets inconscients et créer une articulation entre la jouissance réelle et le sens. Cet un cas qui démontre que l'addiction à la drogue, nouveau symptôme contemporain, n'est pas une structure. Cet analysé enseigne à son analyste que l'utilisation est un traitement par l'exaltation érotomane, typique de l'hystérie, du sentiment de culpabilité lié à l'hostilité envers le phallus. Néanmoins, ne déguise-t-il pas qu'il fait répétitivement usage de drogues comme la cocaïne, qu'il associe à la consommation exorbitante de boissons alcooliques.

Mots-clé: Névrose obsessionnel, mélancholie, drogadiccion, nouveau symptôme, psychanalyse.

DR. JEKYLL AND MR. HYDE**Abstract**

This case is didactical since it teaches how interpretation propitiates the fall of the unconscious objects, promoting an articulation between the real joy and the senses. It is a case that demonstrates that the drug addiction, new symptom of contemporary is not a structure. This analisante teaches his analyst that drug abuse is a treatment to erotômana agitation, typical of hysteria, of a guilt feeling linked to his father. While, he does not hide he frequently uses drugs such as cocaine which is also associated to a great use of alcoholic drinking.

Key words: obsessive neurosis, melancholy, drug addiction, new symptom, psychoanalysis

Mes interventions dans ce cas, apparemment polysymptomatique permettent de distinguer la dépression et les passages à l'acte dans la névrose obsessionnelle, d'une possible psychose mélancolique. Une puissante addiction à la drogue est un autre embarras. Cette addiction à cet objet oral réduit le champ du savoir à l'objet rien, en nourrissant une anorexie mentale, trait d'hystérie qui singularise la névrose obsessionnelle de cet homme. Ceci est un cas didactique puisqu'il enseigne comment l'interprétation peut donner lieu à la chute des objets inconscients et créer une articulation entre la jouissance réelle et le sens. Cet un cas qui démontre que l'addiction à la drogue, nouveau symptôme contemporain, n'est pas une structure. Cet analysé enseigne à son analyste que l'utilisation est un traitement par l'exaltation érotomane, typique de l'hystérie, du sentiment de culpabilité lié à l'hostilité envers le phallus. Sa plainte principale est la dépression. Néanmoins, ne déguise-t-il pas qu'il fait répétitivement usage de drogues comme la cocaïne, qu'il associe à la consommation exorbitante de boissons alcooliques. Ses états de dépression font alternance avec des conflits intenses dans le milieu social. L'agressivité excessive se prolonge en passages à l'acte anti-sociaux et ruptures radicales de ses liaisons amoureuses, familiales et professionnelles qui se terminent par des violentes auto-accusations. Ces dernières, à leur tour, le reconduisent à la dépression.

Antônio João accepte de me parler mais il me prévient que ce sera inutile puisqu'il sait déjà qu'il est incurable. Il est un imposteur et me prévient : rien de ce qu'il me dira est la vérité. C'est possible que tout ce qu'il me dira ensuite ne seront que des mensonges et des justifications qu'il invente pour gagner ma sympathie. Qu'est-ce qu'indique l'expérience d'imposture de ce patient? Ici c'est une expression classique du symptôme de névrose obsessionnelle: le doute. Le doute est un indice de l'idéalisation du maître. Il délimite la distance que le névrotique obsessionnel doit garder pour ne se jamais présenter comme maître. Le fait de ne pas être le maître le protège de l'angoisse de castration. Pour m'en assurer, je le questionne: comment ça se fait, qu'un personnage si pusillanime, tel que vous vous décrivez, soit capable d'une auto-critique aussi puissante? Il tombe amoureux du mot pusillanime. Il manifeste dans cette séance un goût pour les mots peu usuels qui prêtent une consistance inattendue à la supposition du savoir à l'analyste et font vaciller un peu sa certitude de l'inutilité du lien analytique. Sa plainte principale n'est pas l'abus d'alcool et de cocaïne. Bien au contraire, il affirme que ces substances sont le traitement qu'il donne à sa dépression. "Je suis déprimé". La dépression est pour lui une certitude, et j'essaie de la contourner en la mettant en doute. Alors, je lui dis: je ne sais pas si je peu vous traiter, je vous demande un mois pour décider si vous êtes vraiment un déprimé. Cette intervention ajourne la réponse immédiate, puisque j'introduis l'hypothèse qu'il y a un autre savoir sur son état. À la fin du mois je lui ai communiqué que j'étais sûre qu'il ne s'agissait pas de dépression. À la place du savoir qu'il a, un savoir toujours là, prêt-à-porter, je propose un nouveau type de savoir dans l'expérience analytique dont le sens est en voie d'advenir.

Jusqu'à ce moment j'avais hésité entre diagnostiquer une mélancolie ou une névrose obsessionnelle. La réponse du patient - qui accepte d'échanger sa certitude contre un doute - m'encourage à penser qu'il s'agisse d'une névrose obsessionnelle. Le symptôme central n'est pas la dépression, mais la pensée compulsive. Envahi par la ferocité du surmoi (objet voix), il se défend par le biais d'un mécanisme classique: l'annulation rétroactive. Il s'apaisait de ses lourdes auto-accusations en se droguant (l'objet oral) ou en plongeant dans un profond sommeil (l'objet rien). L'élément distinctif est la nature de ses auto-accusations. L'extraction énigmatique de l'objet a, objet de l'inconscient, dans la division subjective nous éclaire la structure en jeu.

Pendant nos rencontres le désespoir est constant. L'analysé expose sans voile sa division entre un sens de devoir très aigu et une attitude cynique et moqueuse qui atteint justement les objets de son angoisse morale: sa mère, son fils, un autre enfant d'une liaison brève et toutes les femmes avec lesquelles il s'est déjà mis en relation. Il se reproche de ne pas être à la hauteur de ses devoirs envers eux, mais, au même temps, les méprise cyniquement. Il explique qu'il s'amuse à se présenter comme un grand et

généreux pourvoyeur aux besoins des autres, spécialement envers les femmes qui d'abord se présentent indépendantes et fortes, mais il arrive toujours à les mener à la ruine et à la dévastation. Il se définit lui-même comme le médecin et le monstre; Dr Jekyll et Mr Hyde.

Une question essentielle à la bonne conduction du processus analytique est celle de faire la distinction entre la position sexuée masculine et la névrose obsessionnelle. Dans mon intervention, je souligne dans ses énonciations la différence entre l'exigence surmoïque obsessionnelle et la position masculine. C'est pourquoi je lui dis: - se présenter comme étant puissant, généreux, un mâle, pourvoyeur aux besoins de tous, n'est pas un leurre. On ne peut pas critiquer un homme pour se présenter comme tel, porteur du phallus. Avec cette interprétation de son angoisse, je signale l'objet déjà en chute. Je révèle la différence entre l'imposture narcissique – fausseté morale – et l'exhibition d'insignes phalliques qui est propre à la condition masculine. L'interprétation analytique indique le réel de la différence sexuelle et déçoit les prétentions du narcissisme, qui en dehors du sexe est exclu dans l'exigence morale démesurée des idéalizations.

Il réagit avec indignation en me disant que je étais une sexiste. Un homme et une femme peuvent pareillement exercer la fonction de pourvoyeurs aux besoins envers n'importe qui. Ce dernier signifiant délimite pour ce sujet un point de jouissance hors de la castration, de la différence sexuelle. Il révèle le réel phantasmatique de la jouissance bissexuelle contenue dans son symptôme. Ce qui s'ensuit démontre l'articulation entre le manque paternel et le refus du savoir sur la castration. Le signifiant pourvoyeur aux besoins contient une version de l'objet idéalisé, bouchon (objet anal) qui obture la castration. Celui-ci est une vicissitude de la pulsion qui est très commune dans la névrose obsessionnelle. Dessexualiser la fonction phallique de soutenir une femme et ses enfants est une manœuvre pour l'élever à la dignité de l'oblativité, du don généreux de celui qui n'attend rien en retour. Ma manœuvre a consisté à ravalier le signifiant pourvoyeur aux besoins, en révélant sa face insupportable liée au désir sexuel. Il s'agit d'obtenir la chute de l'objet anal qui soutient le fantasme de l'oblativité.

Travailleur compulsif, entrepreneur ambitieux et confiant, il a l'habitude de repousser des partenaires de travail potentiels par des absences aux réunions auxquelles il est attendu sans prévenir ou se justifier. En ces occasions, il plonge dans un sommeil profond pendant un, deux, jusqu'à trois jours d'affilée. Je lui demande si ce comportement exorbitant au travail ne se ressemble pas au rôle de pourvoyeur qu'il joue envers les femmes. Je lui demande s'il s'agit d'une identification à son père. Il me répond que son père était un merdeux, un rien, une personne sans aucune importance. Il me raconte ensuite que le père est mort pendant le sommeil. L'insignifiance du personnage était telle, que quand ses frères sont venus le réveiller pour lui apprendre la mort de leur père il s'est retourné sur le lit et s'est endormi. Le dialogue qui s'ensuit est décisif:

- Ah! Alors c'est ça, vous dormez parce que vous ne voulez rien savoir
- J'ai pitié de mon père et de ma mère, lui, mort dans son sommeil, elle, va mourir inconsciente de la maladie d'Alzheimer. Je lui dis: - Avez-vous peur de mourir sans rien savoir comme vos parents?
- Je dors pour échapper à mes pensées, au sentiment de culpabilité d'être une canaille, un couard...
- Donc vous êtes celui qui sait un peu trop...
- Je me sens coupable parce que je sais ce qui n'est pas correct mais je n'ai pas le courage de me rectifier. Hier, je me suis encore drogué, j'ai passé toute la nuit sous l'effet de la cocaïne...Personne ne peut m'empêcher de me droguer, c'est inutile...

A cela j'interviens d'un ton rempli de conviction: - Ah bon? Je ne peux pas vous interdire, mais je peux vous demander d'arrêter de vous droguer!

Là j'interromps la séance pour accentuer la surprise causée par ma requête. Dans une autre occasion je lui demande: - Que faisiez-vous pendant que vous vous droguiez?

- Je lisais un livre.
- Lequel?
- **Sexus, plexus et nexus.**
- J'insiste: - De quoi s'agit-il?

Avec un rire il me demande: - Mme le docteur, la grande savante ne le sait pas? Comment ça se fait? C'est l'histoire d'un écrivain en échec.

Observons que son ironie est une autre façon de présentifier la chute de l'objet a . Caché sous le masque d'un drogué, il alimente dans le silence de ses échappées à la vie quotidienne, son identification avec les écrivains et poètes géniaux, mélancoliques, ou tout simplement fous. Je lui démontre toute ma surprise en lui disant:

- Voilà ce que vous êtes! Vous êtes un écrivain qui a échoué!

C'est ou il finalement admet: - Peut-être que je suis ça, un écrivain qui a échoué.

Je lui retourne, amusée: - Voilà donc Dr Jekyll et Mr Hyde! L'entrepreneur accompli et l'écrivain en échec.

Le diagnostic de névrose obsessionnelle ne nous exempte pas de prendre en compte la quantité pulsionnelle. Le symptôme dans la névrose est aussi une suppléance du non rapport sexuel. Pour cette raison, quelque temps après, très ému, me demande-t-il de ne pas le guérir de ses auto-accusations, parce que ce sont elles qui le maintiennent lié à la réalité. Sans cela, selon lui, il serait dément. Je me limite à ratifier la fonction d'interdiction et de refoulement que ses accusations exercent:

- Vous avez inventé pour vous-même un père fort, beaucoup plus puissant que le vôtre lorsqu'il vivait.

Dans un effort de limiter les effets dévastateurs du surmoi, j'ajoute:

- Peut-être que vous vous trompez au sujet de la vraie cause de votre sentiment de culpabilité.
- Je sais, vous allez me dire que je me sens coupable d'être un écrivain en échec
- Je ne sais pas... qu'en pensez-vous?

Il me répond qu'il a une dette impayable envers sa mère pour avoir pris en charge les enfants après le décès de son père. C'est là que surgit le fondement de sa croyance phantasmatique de que cette fonction pourrait être exercée par n'importe qui. Il s'agit d'un rejet de la relation sexuelle dans le point où elle se rapporte au lien symptomatique entre son père et sa mère. Je lui demande si sa mère travaillait avant la mort de son père, il me déclare que non, elle était au foyer. Je m'empresse alors de corriger deux erreurs, celle qui a rapport à la castration maternelle, et celle qui a rapport à la dette paternelle. Je lui dis:

- Non, ce n'est pas votre dette. C'est ce qu'elle a fait par amour aux enfants de son mari. C'est sa dette envers lui. Quelle est la votre?

RÉFÉRENCES BIBLIOGRAPHIQUES

COELHO DOS SANTOS, T. O psicanalista é um sinthoma. In: **Latusa** n. 11. Rio de Janeiro: EBP-RJ, 2006.

_____. Versões lacanianas do amor analítico. In **Opção Lacaniana**, Revista Internacional de Psicanálise, n. 48. São Paulo: Eólia, 2007.

FREUD, S. (1923) O Ego e o Id. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago. Vol. XXIII, 1976.

LACAN, J. (1959/60) **Le Seminaire. Livre VII : L'éthique de la psychanalyse**. Paris: Seuil, 1986.

_____. (1962/63) **Le Seminaire. Livre X: L'Angoisse**. Paris: Seuil, 2004.

_____. (1968/69) **Le Seminaire. Livre XVI: D'un Autre à l'autre**. Paris: Seuil, 2006.

_____. (1975/76) **Le Seminaire. Livre XXIII: Le Sinthome**. Paris: Seuil, 2005.

MILLER, J.-A . Cours numero 5, aula do dia 13/12/2006.

LAURENT, E. De Tel Aviv à Rome. In: **Quarto**, Revue de Psychanalyse, n. 87, Belgique, junho 2006 (traduzido e publicado em **aSEPHallus** n. 3, Revista do Nucleo Sephora de Pesquisa, www.nucleosephora.com).

Réçue: 15/11/2007.

Approuvé: 21/12/2007.

CONVERSAÇÃO CLÍNICA SOBRE O PARCEIRO-SINTOMA NA NEUROSE OBSESSIVA

Claudia Lázaro

Psicóloga - Universidade de Buenos Aires/Argentina

Psicanalista

Membro de la Escuela de Orientación Lacaniana

Graduada do ICBA – Instituto Clínico de Buenos Aires

Colaboradora docente en presentación de enfermos con niños y adolescentes en el

Hospital Carolina Tobar García

Colaboradora docente de casuística do ICBA (2002-2005)

clazaro@speedy.com.ar

Resumo

Trata-se do comentário de quatro casos de neurose obsessiva, apresentados na Conversação clínica do VI na mesa intitulada: o parceiro sintoma. Em dois destes casos, o paciente pede à sua analista que não lhe tire a satisfação obtida no sintoma. Estes pensamentos acusatórios são o seu parceiro-sintoma, razão pela qual não quer deixá-los. Os analisandos não sabem que os sintomas acarretam uma satisfação pulsional. O verbo é o que se desdobra no circuito pulsional. A pulsão presentifica-se no verbo. Levantamos a seguinte pergunta: qual é o ganho para cada sujeito do novo circuito pulsional que ele arma a partir de sua análise?

Palavras-chave: psicanálise, caso clínico, neurose obsessiva, pulsão, sintoma, parceiro-sintoma.

CLINICAL CONVERSATION ABOUT THE SYMPTOM PARTNER IN THE OBSESSIVE NEUROSIS

Abstract

This is about commenting four cases of obsessive neurosis, presented in the clinical Conversation of VI in the table entitled: the symptom partner. In two of these cases, the patient asks his analyst not to take away his satisfaction obtained in the symptom. These accusatory thoughts are his symptom partners which is the reason why he does not want to let them go. The subjects in analysis do not know that the symptoms carry a joy satisfaction. The verb is what expands in the joy circuit. The joy is present in the verb. We raise the following question: What is the gain for each subject of the new joy circuit that he arms from his analysis?

Key words: psychoanalytical clinic, case relate, symptom, obsessive neurosis, symptom partner

Caso 1: O caminhante ou o circuito pulsional de um sujeito

No deslizamento que produz a intervenção da analista, a partir “da prática” à pergunta: “O que você pratica?”, o verbo destaca a satisfação implicada no assunto: o trabalho, o gozo desenvolvido na ação de ir em busca do objeto. O verbo é o que se desdobra no circuito pulsional. A pulsão, então, se presentifica no verbo. Às vezes, também no adjetivo, como, por exemplo, “abelhudo” no caso. Os efeitos que teve é um traço notável dessa intervenção.

Dois desses casos que discutimos pedem a sua analista que não lhes tire a satisfação obtida no sintoma: “não me tire minhas caminhadas, somente a culpa e a angústia de que minhas filhas possam me ver”.

No caso da Tania, também o sujeito pede claramente: “não me cure de minhas auto-acusações, são elas que me mantêm ligado à realidade.” Esse sintoma dos pensamentos acusatórios é de tal modo o seu parceiro que não quer deixá-los. O que ele não sabe é a satisfação que acarretam. E essa é a verdadeira dificuldade que tem o analista com um obsessivo: vir a ser seu parceiro, competindo por esse posto com seus pensamentos.

Mas voltemos ao caminhante. Cada vez que leio o caso, não posso evitar me perguntar: Qual é o ganho para o sujeito do novo circuito pulsional, que ele arma a partir de sua análise? Acho que vale a pena dar uma explicação.

Chamaremos primeiro o circuito de estado bruto, aquele que traz o paciente ao aproximar-se do analista: procura a mulher de quem pode recortar o objeto, um pedaço de costas – na mulher esbelta e jovem. A analista rastreia depois essas condições, que estão inscritas na transmissão paterna – o pai que encontra a sua mulher por intermédio do “olho da fechadura”.

O segundo circuito é aquele que a analista interpreta como o “caçador – caçado”. Uma mulher dá voltas e o reduz à função de mancha: o objeto o vê, como a lata de sardinhas vê o jovem Lacan, no quadro dos pescadores, e o incomoda. O resultado é a angústia.

O circuito três é o circuito final, em certa medida, o produto da análise: o objeto, ele já não tem que sair para buscá-lo nas caminhadas. Há uma, a quem ama, que o leva. E, mais ainda, lhe sustenta o fantasma, já que lhe demanda “praticar” sob a forma de jogo erótico. Certamente a analista nos adverte do resto – não caminha, mas navega, por internet.

Minha questão aponta para isso: Como justificamos nossa intervenção? Ao nível da satisfação o sujeito vem com seu gozo debaixo do braço. O que muda é que já não sai para buscar diferentes portadoras desse objeto, portadoras furtivas. Agora esse gozo está enredado com o amor, há uma mulher que leva a sério a causa do seu gozo. Qual é então a vantagem disso?

Caso 2: Dr. Jeckil e Mr. Hide ou a introdução de uma nova cura

Pode-se dizer que esse sujeito vem não somente com seu gozo debaixo do braço – como todos nós vamos – senão vem também com sua solução. Se as auto-acusações são seu parceiro – como para solicitar a sua analista que não as tire – a droga é sua tentativa de cura: com ela, por um momento, ele adormece as autocensuras.

O sintoma tem, pois, sua filtragem, suas falhas e se relança no circuito infernal: com a droga vêm as ações violentas, a ruptura dos laços e se redobram as auto-acusações. O mínimo, porém, que podemos dizer é que se trata de uma estrutura consistente, sólida. Se o caminhante desdobra seu circuito pulsional, Dr. Jeckil – Mr. Hide mostra ademais seu sintoma e sua solução (sintomática). Tudo fecha.

Salvo que uma analista se interpõe no seu caminho. Tânia não dá detalhes de como chega, se é um caso que vê em seu consultório ou em uma instituição.

Parece que cada vez que ele quer dar uma “batida violenta de porta”, ela põe um pé, uma trava, a porta que está sempre pronta para se fechar, ela não o deixa fazer um pouco mais de análise – há que colocá-lo a dar conta do desejo do analista.

É muito interessante a forma como a analista o escreveu, como ela mostra suas intervenções. Nenhum caso é sem elas, certamente, mas Tania teve uma generosidade especial em desdobrá-las, inclusive, às vezes, em detalhar o que a levou a intervir de tal ou qual maneira. É um traço marcante de sua apresentação. Isso me agradou muito. Por exemplo, nos escreve que lhe pergunta isso ou aquilo porque quer saber se é de uma identificação ao pai que se trata. Separa, diz, o semblante masculino, a mascarada masculina – que aponta a posição sexuada – da neurose obsessiva.

Creio que esse caso responde em parte à minha pergunta de há pouco. Como resolver o problema da direção da cura na neurose obsessiva, de competir com as auto-acusações, como “arrancá-lo à força” desse lugar? Como vir ao lugar do pensamento do paciente, sempre tão erotizado e que tantas satisfações lhe dá, como vir a entabular uma relação nova, um laço com o analista? Esse é um problema que cada um resolve todos os dias em seu consultório, mas é uma particularidade na cura dos obsessivos. É uma transferência que tem a modalidade da mosca na orelha: importuna. Quer dormir, ela o desperta, quer drogar-se... bom, ela não o proíbe, mas lhe pede que não o faça. Quer ser provedor, ok... à condição de que seja um semblante masculino e para isso há que separá-lo da dívida com o pai.

Caso 3: O voyeur e a morte ou do circuito da angústia ao porto do amor

Novamente outro circuito. Agora, trata-se de um que tem como motor a angústia, está armado para pôr a angústia na linha, quase ao modo do pequeno Hans, de um fóbico. Evitar os espaços abertos, tal como num mapa, marcar no percurso a presença das farmácias que o orientam e o tranquilizam.

Mais adiante, já avançado na análise, percorre as ruas com um comprimido no bolso, não para tomá-lo, mas para pôr uma escansão no trajeto. É um circuito da angústia e sua solução. Digo quase à maneira de um fóbico, porque o diagnóstico é um ponto problemático do caso. Sobre isso quero pedir opinião ao Roger. Mas já temos nas poucas linhas do começo do caso uma pergunta “extravagante” – diz dela, o analista: “O que acontece ao sexo em ereção dos enforcados... apodrece também?”

Este paciente, chamado Simón, tem um ponto em comum com o caminhante de Susana Amado. É o traço de perversão que será recortado pela análise, o objeto do corpo do outro está recortado: ao sujeito não lhe importam esses homens, o que conta é o objeto que porta, o pênis em ereção.

Há que fazer uma exceção – havia um ponto zero do caso, o ponto de chegada – estes encontros vêm depois de uma ruptura amorosa, uma perda, aquela que dispara a angústia.

Um traço precioso: estão afastados das recordações que mostram o momento da insondável decisão do sujeito na orientação de seu gozo sexual. Aqueles que apontam o mal-estar do sujeito ao ver/entrever o corpo da mãe e o decote da tia. Se nos ativermos ao pé da letra do paciente, seu pai não merece o respeito. É quase textual a citação de Lacan: um pai que não está perversamente orientado pela mãe não merece o amor, nem o respeito do filho. Não há amor ao pai: Quais são as conseqüências disso para o sujeito? Dois casos, esse e o do ilustre

advogado, doutor em Direito de Família e Filiação, nos fazem duvidar dos instrumentos que possuem para valer-se do pai, nem falar de servir-se dele... parece. Não há ali por onde buscar. No caso do Simón, porém, a dimensão do amor não está ausente. Há uma estabilização pela via do parceiro que o reflete como um ser amável, desejável, passível de ser amado. Como o caminhante, o amor se enreda agora com o gozo, dando outra dignidade à vida do sujeito.

Texto recebido em: 30/10/2007.

Aprovado em: 15/01/2008.

CONVERSACIÓN CLÍNICA ACERCA DEL PARCERO-SINTOMA EN LA NEUROSIS OBSESIVA

Claudia Lázaro

Psicóloga - Universidad de Buenos Aires/Argentina

Psicoanalista

Miembro de la Escuela de Orientación Lacaniana

Graduada del ICBA – Instituto Clínico de Buenos Aires

Colaboradora docente en presentación de enfermos con niños y adolescentes en el

Hospital Carolina Tobar García

Colaboradora docente de casuística del ICBA (2002-2005)

clazaro@speedy.com.ar

Resumen

Tratase del comentario de cuatro casos de neurosis obsesiva, presentados en la Conversación Clínica del VI Congreso de la AMP 2008, en la mesa titulada: El partenaire síntoma. En dos de los casos, el paciente pide a su analista que no le saque su satisfacción con el síntoma. Estos pensamientos de culpación son su partenaire-síntoma, razón por la cual no quiere dejarlos. Los analizantes no saben que los síntomas les traen una satisfacción pulsional. El verbo es lo que se desdobra en el recorrido pulsional. La pulsión se queda evidente en el verbo. Presentamos la pregunta que se sigue: ¿Cuál es la ganancia para cada sujeto del nuevo recorrido pulsional, que él construye a partir de su análisis?

Palabras-clave: psicoanálisis, caso clínico, neurosis obsesiva, pulsión, síntoma, partenaire-síntoma.

CLINICAL CONVERSATION ABOUT THE SYMPTOM PARTNER IN THE OBSESSIVE NEUROSIS

Abstract

This is about commenting four cases of obsessive neurosis, presented in the clinical Conversation of VI in the table entitled: the symptom partner. In two of these cases, the patient asks his analyst not to take away his satisfaction obtained in the symptom. These accusatory thoughts are his symptom partners which is the reason why he does not want to let them go. The subjects in analysis do not know that the symptoms carry a joy satisfaction. The verb is what expands in the joy circuit. The joy is present in the verb. We raise the following question: What is the gain for each subject of the new joy circuit that he arms from his analysis?

Key words: psychoanalytical clinic, case relate, symptom, obsessive neurosis, symptom partner

Caso 1: El caminante o el circuito pulsional de un sujeto

En el deslizamiento que produce la intervención de la analista desde “la práctica” a la pregunta: ¿qué practica Ud.?, el verbo destaca la satisfacción implicada en el asunto. El trabajo, el goce desarrollado en la acción de ir en busca del objeto. El verbo es lo que se despliega en el circuito pulsional. La pulsión entonces, se presentifica en el verbo. A veces también en el adjetivo, como por ejemplo “mirón” en el caso.

Es un rasgo notable de esa intervención, los efectos que tuvo.

Dos de estos casos que discutimos piden a su a analista que no le quite la satisfacción obtenida en el síntoma: “no me quite mis caminatas, sólo la culpa y la angustia de que puedan verme mis hijas”.

En el caso de Tania también el sujeto pide expresamente: “no me cure de mis auto acusaciones, son las que me mantienen ligado a la realidad”. Tanto son su partenaire, este síntoma de los pensamientos acusatorios, que no quiere dejarlos. Lo que no sabe, es la satisfacción que conllevan. Y esa es la verdadera dificultad que tiene el analista con un obsesivo: venir a ser su partenaire, compitiéndole el puesto a los pensamientos.

Pero volvamos al caminante: cada vez que leo el caso no puedo evitar preguntarme: ¿cuál es la ganancia para el sujeto del nuevo circuito pulsional que arma a partir de su análisis?. Pienso que vale la pena hacerse el planteo.

Llamaremos primero al circuito en bruto, el que trae el paciente al acercarse al analista: busca a la mujer de la que puede recortar el objeto, un pedazo de espalda -en la mujer esbelta y joven. La analista rastrea después esas condiciones, inscriptas en la transmisión paterna: el padre que encuentra a su mujer a través del ojo de la cerradura.

El circuito 2 es el circuito que la analista interpreta como el “cazador- cazado”. Una mujer se da vuelta y lo reduce a la función de la mancha: el objeto lo mira, como la lata de sardinas mira a Lacan joven, en el cuadro de los pescadores, y lo incomoda. El resultado es la angustia.

El circuito 3: es el circuito final, producto del análisis, en cierta medida: el objeto ya no tiene que salir a buscarlo en las caminatas. Hay una a la que ama, que lo lleva. Y más aún, le sostiene el fantasma, ya que le demanda “practicar” bajo la forma de juego erótico. Por supuesto la analista nos advierte del resto: no camina, pero navega, por Internet.

Mi cuestión apunta a eso: ¿cómo justificamos nuestra intervención?. A nivel de la satisfacción el sujeto viene con su goce bajo el brazo. Lo que cambia es que ya no sale a buscar distintas portadoras de ese objeto, portadoras furtivas. Ahora ese goce está enredado con el amor, hay una que lleva puesto la causa de su goce. ¿Cuál es pues la ventaja en esto?.

Caso 2: Dr. Jeckil y Mr. Hide, o la introducción de una nueva curación

Se puede decir que este sujeto viene no sólo con su goce bajo el brazo – como todos vamos...- sino viene también con su solución. Si las auto-acusaciones son su partenaire – como para solicitarle a su analista que no se las quite- la droga es su intento de curación: con ella adormece los auto reproches por un rato. Luego, el síntoma tiene sus filtraciones, sus fallas y se relanza el circuito infernal: con la droga vienen las acciones violentas, la ruptura de los lazos y se redoblan las auto-acusaciones. Pero lo menos que podemos decir es que es una estructura

consistente, sólida. Si el caminante despliega su circuito pulsional, Dr. Jeckil- Mr. Hide muestra además su síntoma y su solución (sintomática). Todo cierra. Salvo que una analista se le interpone en el camino. Tania no da detalles de cómo llega, si es un caso que ve en su consultorio o en una institución. Parece que cada vez que él quiere dar un portazo, ella pone un pie, una traba, la puerta que está siempre presta a cerrarse, no lo hace, un poco más de análisis: hay que ponerlo a la cuenta del deseo del analista.

Es muy interesante la forma en que la analista lo escribió, como ella muestra sus intervenciones. Ningún caso es sin ellas por supuesto, pero Tania tuvo una generosidad especial en desplegarlas, incluso a veces en detallar qué la movió a intervenir de tal o cual manera. Es un rasgo distintivo de su presentación. Eso me gustó mucho. Por ejemplo nos escribe que le pregunta esto o aquello porque quiere saber si se trata de una identificación al padre. Separa – dice- el semblante masculino, la mascarada masculina – que apunta a la posición sexuada- de la neurosis obsesiva.

Creo que este caso responde en parte, a mi pregunta de hace un rato. Cómo resolver el problema de la dirección de la cura en la neurosis obsesiva, de competir con las auto-acusaciones, como serrucharles el piso¹. Cómo venir al lugar del pensamiento del paciente, tan erotizado siempre y que tantas satisfacciones le da, cómo venir a entablar una relación nueva, un lazo con el analista. Es un problema este que cada uno resuelve todos los días en su consultorio, pero es una particularidad en la cura de los obsesivos.

Esta es una transferencia que tiene la modalidad de la mosca en la oreja: molesta. Quiere dormir, ella lo despierta, quiere drogarse... bueno, no se lo prohíbe, pero le pide que no lo haga. Quiere ser proveedor, ok... a condición de que sea un semblante masculino y para eso hay que separarlo de la deuda con el padre.

Caso 3: El voyeur y la muerte o del circuito de la angustia al puerto del amor.

Otra vez otro circuito. Ahora, uno que tiene como motor a la angustia, está armado para poner a raya la angustia. Casi a la manera del pequeño Hans, de un fóbico. Evitar los espacios abiertos. Como en un mapa, marcar en el recorrido la presencia de las farmacias, que lo orientan, lo tranquilizan.

Más adelante, ya avanzado el análisis, recorre las calles con una pastilla en el bolsillo, no para tomarla... más bien para poner una escansión al trayecto. Es un circuito de la angustia y su solución. Digo casi a la manera de un fóbico, porque es un punto problemático del caso, el diagnóstico. Sobre eso quiero pedir su opinión a Roger.

Pero ya tenemos a las pocas líneas del comienzo del caso una pregunta "estrafalaria" – dice de ella el analista- ¿"qué deviene el sexo en erección de los ahorcados... se pudre también?".

En este paciente llamado Simón hay un punto en común con el caminante de Susana Amado. Es el rasgo de perversión que será recortado por el análisis, el objeto del cuerpo del otro está recortado: al sujeto no le importan esos hombres, lo que cuenta es el objeto que porta, el pene en erección.

Hay que hacer una salvedad - Habría un punto cero del caso, el punto de llegada- estos encuentros vienen después de una ruptura amorosa, una pérdida, aquella que desata la angustia.

Un rasgo precioso: están aislados dos recuerdos que muestran el momento de la insondable decisión del sujeto en la orientación de su goce sexual. Aquellos que señalan el malestar del sujeto al ver- entrever el cuerpo de la madre y el escote de la tía.

Si nos atenemos al pie de la letra del paciente, su padre no merece el respeto: es casi textual la cita de Lacan. Un padre que no está perversamente orientado por la madre, no merece el amor ni el respeto del hijo. No hay amor al padre: ¿Qué consecuencias tiene esto para el sujeto? Dos casos, este y el del ilustre abogado, doctor en Derecho de Familia y Filiación, nos hacen dudar de los instrumentos que poseen para valerse del padre, ni hablar de servirse de él... parece. No hay allí por dónde buscar. Pero en el caso de Simón la dimensión del amor no está ausente. Hay una estabilización por la vía del partenaire que lo refleja como un ser amable, deseable, posible de ser amado.

Como el caminante, el amor se enreda ahora con el goce, dándole otra dignidad a la vida del sujeto.

Nota

1. Es una expresión coloquial para decir que se le arrebató el lugar, por la fuerza.

Texto recebido em: 30/10/2007

Aprovado em: 15/01/2008

A RESPEITO DA NEUROSE OBSESSIVA FEMININA

Serge Cottet

Doutorado de Estado pelo Département de Psychanalyse/Paris VIII
Professor e orientador do 3^{ème}. Cycle do Département de Psychanalyse/Paris VIII
Responsável pela Seção Clínica do Hospital de Gennevilliers
Analista Mestre da Escola na École de La Cause Freudienne
Paris - França
scottet@freesurf.com.fr

Resumo

É verdade que pegamos o hábito de falar da histeria no feminino e da neurose obsessiva no masculino. Poderíamos pensar, ao contrário, que uma clínica estrutural transcende os gêneros. Lacan raramente faz objeção a esta dissimetria, mesmo assinalando que “o histérico não é obrigatoriamente mulher e o neurótico obsessivo não é obrigatoriamente homem”. Existe uma especificidade da neurose obsessiva feminina que a atualidade faz reaparecer? A partir do momento em que Freud faz da neurose obsessiva um dialeto da histeria, devemos poder colocar em função da história de uma neurose feminina, sintomas obsessivos tais como rituais, defesas, obsessões, em momentos cruciais da história da neurose em uma mulher.

Palavras-chave: neurose obsessiva, neurose obsessiva feminina, sintomas obsessivos contemporâneos, diagnóstico, tratamento

ABOUT THE FEMININE OBSESSIVE NEUROSIS

Abstract

It is true that we have the habit of talking about hysteria in the feminine and of the obsessive neurosis in the masculine. We could think as opposed that a structural clinic transcends gender. Lacan rarely objects this dissymmetry even marking that “the hysterical is not necessarily a woman and the neurotic is not necessarily a man.” Is there is a specificity of the female obsessive neurosis that the present time makes it reappearing? From the moment when Freud makes the obsessive neurosis a dialect of hysteria we should be able to put in history of a feminine neurosis symptoms like rituals, defenses, obsessions, in crucial times of the history of a woman’s neurosis.

Key words: psychoanalytical crises, female obsessive neurosis, contemporary obsessive symptoms, diagnosis, treatment.

Este título parece considerar que um tipo clínico pode ser descrito a partir da divisão entre masculino e feminino. Poderíamos pensar, ao contrário, que uma clínica estrutural transcende os gêneros. É verdade que pegamos o hábito de falar da histeria no feminino e da neurose obsessiva no masculino. Lacan raramente faz objeção a esta dissimetria, mesmo assinalando que “o histérico não é obrigatoriamente mulher e o neurótico obsessivo não é obrigatoriamente homem” (1968-69, p. 386). Dora permanece o paradigma da histeria e o Homem dos ratos, o do obsessivo. Nada disso impede que Sócrates seja considerado histérico, não somente devido a seus sintomas, mas também devido ao questionamento do mestre. Existe uma especificidade da neurose obsessiva feminina que a atualidade faz reaparecer? A clínica dos TOCs estimula uma reflexão contemporânea sobre a obsessão.

Problemas de diagnóstico

Uma primeira observação diz respeito aos sintomas obsessivos (ou considerados como tal) que podem ser observados em sujeitos femininos, mas que não comprovam a estrutura. É o caso dos mecanismos de defesa e de ritualização descritos por Anna Freud em *Le moi et les mécanismes de défense* (1936) ou segundo as premissas da *Ego psychology*, ou, então, nos exercícios de interpretação das defesas de Otto Fenichel (1953).

Não basta a mania de arrumação, nem de arrumar a cama perfeitamente todas as manhãs, ou de organizar meticulosamente sua biblioteca para ser obsessivo. É quando se teme que os livros mal arrumados caiam na cabeça de alguém próximo que algo vai mal (inclusive porque o risco aumenta ao arrumar). Também não é suficiente que haja uma clivagem entre o objeto de amor e o objeto de desejo numa mulher para que faça parte do tipo clínico em questão. Freud tornou célebre o rebaixamento do sujeito como condição para o desejo no homem, mas este rebaixamento não sofre discriminação na repartição entre os sexos, a prova é que existe um rebaixamento histérico. Karen Horney (1922-37) descreveu muito bem esta antítese da estrutura e do sintoma em “A feminilidade inibida”, que é um clássico da clínica. Sintomas como a idéia fixa em sujeitos femininos, descritos por Janet, atravessam todas as estruturas clínicas e devem ser opostos à estrutura da obsessão, que implica em um pensamento e uma verbalização muito precisos, em formações reativas, etc. (o vimos com o Homem dos ratos). É o fato de não distinguir essa estrutura significativa com o comportamento ritualizado que explica o sucesso dos TOC, entidade trans-clínica e, mais exatamente, trans-estrutural, que pode designar tanto um sujeito esquizofrênico, quanto um autista, quanto um neurótico.

Na literatura analítica clássica, uma questão diagnóstica se coloca concernindo à melancolia e à obsessão. É o caso de uma jovem paciente de Abraham com um ritual para dormir: toda noite ela se vestia impecavelmente arrumada como se esperasse a morte. Sua identificação com o pai morto não afastava a melancolia (ABRAHAM, 1965, p. 16-122). O doente de Daniel Lagache, em seu “*Deuil pathologique*” (1965), realiza um suicídio melancólico no exato momento em que o tratamento se direcionava para a elucidação de um luto impossível de fazer: o de seu filho, morto por acidente na casa de uma mulher que não o queria lá, pois achava que ele atrapalhava e demonstrava seu ódio de diversas maneiras.

Esta superposição de uma estrutura qualquer e um sintoma obsessivo se verifica também na psicose. Um caso de Hanna Segal (1974), comentado há pouco na seção clínica, dava a ilustração da suplência pela dúvida de uma estrutura paranóica em um homem. O sujeito passava duas horas por dia tentando resolver

um dilema: deveria ele tomar um banho de banheira ou digitar na máquina de escrever? Uma mulher, notoriamente paranóica, descreve um ritual imutável no momento do aperitivo: pistaches e amendoins sempre antes das nozes ou nada.

Vale lembrarmos do comentário sobre o *Retrato do artista*, de Joyce, feito por Jacques-Alain Miller (1977, p. 16); o ego de Joyce, construído “como um retrato”, dá forma a um imaginário de segurança, é um eu obsessivo. Se ficarmos atentos à ideologia da personalidade na qual “se construir” se torna o trabalho de uma vida, percebemos que o sintoma tem um belo futuro pela frente. Nossa teoria da psicose não se opõe ao fato de que um sintoma obsessivo possa permitir a estabilização de uma psicose ordinária. Vimos, no CPCT, um indivíduo sem documentos, instalado na ambivalência entre a identificação com um pai idealizado e a rejeição das insígnias de sucesso social, se revelar um megalomaníaco delirante.

Lembremos ainda que o episódio obsessivo da neurose infantil do Homem dos lobos, de Freud, deve ser reconsiderado à luz de sua crise paranóica de 1926. Isto é, são o sentido e a função do sintoma que determinam sua estrutura e não a observação de um comportamento. Existe um mundo entre a defesa contra impulsos sádicos ou perversos, em um ritual de conjuração, e bater com a cabeça na parede dez vezes ao dia para resistir a um impulso suicida.

Lacan nos apontou esta distinção entre o sentido e a estrutura em seu “Introduction à l’édition allemande d’un premier volumes des Écrits” (2001), particularmente no caso da neurose obsessiva, pois afirma que um caso de neurose obsessiva não ensina nada sobre outro do mesmo tipo. Isto para dizer a que ponto o sentido e a função do sintoma não seriam, a priori, legíveis a partir de padrões e parâmetros que, de hábito, se ligam à obsessão. É um assunto importante, pois serve para saber se devemos dar ocasião ao sujeito de superar suas defesas, derrubá-las, como se diz, para fazer advir um desejo recalcado, ou se, ao contrário, as estabilizamos e até mesmo encorajamos, na medida em que elas fazem objeção, como no caso de uma dúvida permanente, a uma passagem ao ato.

O sintoma no feminino em Freud

Não é que falem na clínica freudiana, os exemplos de sintomas obsessivos. Entretanto, eles são mais comumente implantados na histeria como a própria estrutura da neurose. A partir do momento em que Freud faz da neurose obsessiva um dialeto da histeria, devemos poder colocar em função da história de uma neurose feminina, sintomas obsessivos tais como rituais, defesas, obsessões, em momentos cruciais da história da neurose em uma mulher. É o caso do exemplo escolhido por Freud em suas *Conférences d’introduction à la psychanalyse* (1916-17 [1915-17], p. 329-348), o caso da “mulher dos tapetes”, que foi comentado por Esthela Solano-Suarez (1993).

Ainda nos lembramos deste ritual vaudevillesco, por meio do qual uma mulher frustrada por um marido impotente, repete, incansavelmente, diante de sua arrumadeira, uma cena que desmente a falha das relações sexuais durante a noite de núpcias: a prova é uma mancha vermelha no tapete, simples deslocamento dos sinais da defloração, que uma “ausência eterna de leito”, como diria Mallarmé, não pode mais fornecer. Nos dois casos, Freud recorre a um clichê que demonstra que as perturbações de caráter e as manias de arrumação procedem de uma frustração pela qual o homem é responsável no casal. O esquema parece ser o das neuroses ditas atuais, distinguidas por Freud das psiconeuroses em torno de 1895. Esthela Solano recolocou o eixo deste caso na função do olhar do Outro, notadamente o da Outra mulher, para acentuar o fantasma irrelevante do homem.

Entretanto, os exemplos deste tipo estão longe da análise de uma neurose infantil e de seus avatares na vida adulta, como é o caso da neurose do Homem dos ratos. Em 1913, Freud descreve um caso pelo qual se interessou em 1911, como o testemunha uma carta a Ferenczi (1914-19, p. 263). Nestes casos, os sintomas obsessivos descritos são imputados a uma regressão da libido a uma etapa do desenvolvimento da sexualidade. A percepção não é, de forma alguma, estrutural. É questão de uma mulher frustrada das alegrias da maternidade em razão de uma esterilidade do marido. As relações sexuais se fazem mais raras, a mulher desidealiza o marido. Ela se abstém de relações sexuais e sua libido regride ao estado sádico-anal isolado por Freud em seguida ao artigo de Jung: "Haine et érotisme anal" (1973).

Freud ressalta, sobretudo, o fato de que os sintomas obsessivos apareçam tardiamente durante o casamento. A neurose é precedida de um trauma, seguido de uma histeria de angústia. Freud questiona, neste caso, sua tese segundo a qual a neurose obsessiva é um dialeto da histeria, isto é, um documento escrito em duas línguas distintas, mas de conteúdo idêntico. No presente caso, a neurose obsessiva é uma segunda experiência que desvaloriza completamente a primeira, no lugar de ser uma reação nova ao trauma da histeria. Aqui também é a impotência do marido que dá início à série de sintomas. Uma esterilidade do marido a priva de filhos, o que reativa sua insatisfação; as relações conjugais se deterioram, o homem que já é estéril se torna impotente; a vida sexual regride pela desvalorização da vida genital a um estágio anterior: a organização dita sádico-anal.

Na época, Freud fazia questão de trazer à luz a existência de pulsões parciais, isto é, um modo de gozo que exclui o genital. Resulta deste mecanismo uma neurose de caráter que Freud imputa a uma frustração de gozo sem grande originalidade, em vista dos clichês sobre mulheres briguentas, mesquinhas, fofoqueiras e problemáticas. Apenas o traço de avareza aponta uma relação ao objeto correlacionado com o erotismo sádico-anal. Entretanto, é a reação a esta pulsão, isto é, sua recusa que, sob a forma de dúvida e de formação reativa, é o osso da neurose: encontramos o conflito entre a hiper-moralidade do lado da defesa do amor de objeto e o ódio dele. Freud trata, então, em termos de desenvolvimento de estágios e de regressão, uma posição subjetiva que era, até então, articulada de uma maneira mais estrutural, a saber, a partir de significantes religiosos. É o caso, notadamente, no artigo fundamental "Actions compulsives et exercices religieux", que contém numerosos exemplos de rituais femininos todos relativos ao impossível da relação sexual (FREUD, 1907, p. 137). Parece que no período de 1907 a 1914 muitas observações surgem sobre os sintomas femininos, como testemunham as cartas a Jung. Entretanto, sua descrição continua fragmentária e não atinge o paradigma do Homem dos ratos.

É o momento de aprofundar as afinidades da neurose feminina com a religião. Um caso de Hélène Deutsch dá a idéia disso. É uma professora de escola católica que, "no momento de sua análise, tinha tentado fugir do mundo, tornando-se noviça em um convento" (1970, p. 105). Ela parecia apresentar um quadro de estupor catatônico. De fato, seu corpo não podia ser tocado por medo de ser sujado pelo contato de outro. Um grave delírio do toque gera uma série de rituais de conjuração, de anulação, de inibição, de interdição, muito característico da defesa obsessiva contra rituais onanísticos e sádicos.

H. Deutsch desdobra as características em uso nos anos trinta relativas ao desenvolvimento da libido, à regressão sádico-anal e à autopunição. Entre o onanismo e as pulsões assassinas ordena-se toda uma gama de sintomas pela severidade implacável do superego. As tendências destrutivas da pessoa sofrem a inversão característica dos avatares do sentimento de culpa: o masoquismo interior e as tendências ascéticas superam o sadismo exterior. Recorrer a um vocabulário

emprestado do energético em termos de conflito de forças não traz, entretanto, nada de feminino.

É verdade que alguns anos mais tarde, H. Deutsch verá no masoquismo uma característica da libido feminina, um ponto de vista muito controverso, além do fato de que a culpabilidade e as pulsões pré-genitais deixam muito pouco espaço para o inconsciente. É o inconveniente de uma teoria dos estágios da libido. O gozo pulsional oculta toda referência ao desejo, termo maior na decifração da obsessão no *Seminário V*, de Lacan (1957-58, cap. XXIII). A equivalência do erro sexual e da contaminação faz certamente parte da sintomatologia obsessiva nas crianças. Na paciente, a origem da obsessão remonta ao episódio de jogos sexuais com o irmão, morto, desde então, de sífilis; a paciente, criança, se atribui responsabilidade: “seus dedos sujos, contaminados pelo onanismo, contaminariam o mundo inteiro com a sífilis” (DEUTSCH, 1970, p. 111), uma extrapolação que autoriza todas as especulações sobre o que Lacan condensou no matema Φ_0 .

Mais convincente em relação à especificidade feminina é o final deste tratamento com resultado terapêutico mínimo. A paciente toma as rédeas. Ela se livra de seu sentimento de culpa graças à religião: “Une sublimation réussie [...]. Prières et pénitences devenaient le substitut pour les rites obsessionnels apparemment absurdes” (IBID, p. 113). Será a pobreza da doutrina da feminilidade que explica este resultado ou a gravidade do caso que, fora do discurso, só acha solução no laço social à igreja?

Temos dificuldade em acreditar que uma tal sintomatologia seja produto do recalque. Em todo caso, um ódio tão grande da sexualidade e uma tal intensidade na necessidade de expiação restam impossíveis de tratar pela psicanálise. O caso é uma incitação a unir, mais ainda, a afinidade do gozo feminino com o Nome de Deus; mas, sabemos que é mais a experiência mística que convida a isto (LACAN, 1972-73).

Lacan mostrará, nos anos 55-60, a insuficiência de uma teoria da fixação e do desenvolvimento, em sua crítica dos conceitos de ambivalência e de agressividade pré-edipiana, que alguns promoverão, incessantemente, depois de Melanie Klein, nos anos cinquenta. Lacan vai ao contrário desta orientação. Como, para a histeria, é o schéma L (LACAN, 1966, p. 904) que vai servir de quadro conceitual à decifração do desejo obsessivo, pois coloca em função a estratégia do sujeito em relação ao Outro: não sustentar o desejo, mas visar sua destruição e sua anulação. Nos anos 1957-58, Lacan precisará esta função do grande Outro na neurose obsessiva feminina (1957-58, p. 388)

O caso de M. Bouvet

É a partir do artigo de Bouvet (1950) que Lacan elaborou o essencial de sua reflexão sobre a obsessão feminina. A decifração deste caso, se faz primeiramente no *Seminário V*, e mais especialmente no capítulo XXV do *Seminário V*, “La fonction du phallus dans la cure”, em seguida, Lacan retorna ao assunto no *Seminário VIII*, tratando agora de manejo da transferência (1960-61, p. 290-303). De fato, qualquer correlação entre um tipo neurótico e a feminilidade passa, necessariamente, pelo complexo de castração e a dissimetria que ele induz na menina em relação ao menino. Para Bouvet, é a inveja do pênis que parece fazer apelo à neurose obsessiva.

O sujeito em questão é uma mulher de cinquenta anos, casada e mãe de dois filhos. Os sintomas da paciente colocam claramente em evidência um tipo de

agressividade especialmente obsessivo, caracterizado por obsessões de tema religioso, que têm um ar compulsivo, isto é, que se impõem a ela de maneira incoercível em contradição formal com suas convicções. É a hiper-moralidade e a luta contra tendências perversas, que caracterizam a neurose obsessiva, conforme a definição de Freud: “a moral se desenvolve às custas das perversões, que ela reprime” (1906-1908). Por esta razão, as obsessões sozinhas não caracterizam a neurose obsessiva: é necessário o conflito moral.

Esta mulher é cativa de pensamentos que assediam a alma, “desarmônicos quanto à alma”, segundo a fórmula de “Télévision” (1973, p. 512). A lista das obsessões: pavor obsessivo de ter contraído sífilis, obsessões infanticidas que motivam a interdição do casamento de seu filho mais velho.

Estas obsessões começaram com seu casamento e, foram se agravando à medida em que ela começou a procurar diminuir suas possibilidades de gravidez. Mas, com apenas sete anos, a menina era parasitada pela idéia de envenenar seus familiares; como resposta a isto, ela tinha que dar três batidas no chão e repetir três vezes: “eu não pensei nisso”. Na puberdade, ela desenvolve a obsessão de estrangular seu pai e jogar alfinetes na cama dos pais para espetar a mãe.

Nesta época a paciente tem vergonha de seu pai e vivencia, dolorosamente, a educação religiosa imposta pela mãe. São, sobretudo, obsessões de tema religioso que interessam a Lacan, notadamente, frases injuriosas ou escatológicas, blasfêmias e pensamentos sacrílegos. Ela insulta tanto Deus quanto a Virgem e, adiciona: “Eu odeio a imposição de onde quer que ela venha, seja de um homem ou de uma mulher. As injúrias que eu direciono à Virgem Maria, com certeza, já as pensei a respeito de minha mãe” (BOUVET, 1950, p. 51).

Lacan retém especialmente uma imagem imposta: a imagem dos órgãos genitais masculinos no lugar da hóstia. O medo da danação que se seguiria, dá às suas defesas este aspecto de “armadura de ferro-velho” comparável àquela que é assinalada por Lacan à respeito do Homem dos ratos (1959-60, p. 239).

As coordenadas edipianas da paciente não dão inteiramente conta da intensidade de suas obsessões, nem da ambivalência em relação à mãe, nem das recriminações direcionadas ao pai em razão da submissão deste último à sua mulher. Notamos, sobretudo, a transferência desta agressividade para a pessoa do analista. “Sonhei que esmagava a pontapés a cabeça do Cristo, e esta cabeça parecia-se com a sua” (BOUVET, 1950, p. 58). Através de associações, ela entrega a seguinte lembrança: “Eu passo, todas as manhãs, a caminho do trabalho, diante de uma funerária onde estão expostos quatro Cristos. Ao olhar para eles, tenho a sensação de andar sobre seus pênis. Sinto um prazer agudo e angústia” (IBID., p. 58). Todas as insígnias da potência de um homem são objeto de agressivo rebaixamento. A menina ataca os pênis: por um lado, como o que ela não tem, e por outro, como símbolo da potência que lhe falta, para assegurar sua independência em relação ao desejo de sua mãe. Esta última, a tiranizou por toda a sua vida.

Bouvet resume este fantasma à oposição kleiniana da agressividade oral. Por exemplo, a respeito de um sonho em que seus próprios seios são transformados em pênis: “não está ela a reportar sobre o pênis do homem, a agressividade oral dirigida, primitivamente, contra o seio materno?” (IBID, p. 55). Entretanto, a observação põe muito pouco em relevo a pulsão oral, salvo em dois pontos correlacionados à palavra: primeiramente, ela se cala em análise; em seguida, ela sonha estrangular seu pai. Lacan se aplicará a distinguir esta onipotência da palavra como objeto parcial, seio ou pênis (1962-63, p. 311). No mesmo contexto, Lacan desqualifica uma análise fundada no ter e na frustração, opondo o ser do sujeito e suas identificações.

A regressão ao pré-genital não explica nada: a afirmação pela paciente da onipotência do falo é completamente correlacionada à sua insurreição contra o saber suposto do analista. Ela o faz calar-se. A intolerância ao significante do Outro, notadamente à vontade materna, mascara um ódio do pai que não tem nada de pré-genital. Bouvet acredita ler nesses afetos transferenciais, como num livro aberto, o que foi a relação da paciente com seu pai. Entretanto, é a intolerância à interpretação e à transferência negativa que estão no cerne da observação.

A análise de Bouvet somente repousa sobre o imaginário da inveja do pênis e da castração masculina. Todavia, este clichê não discrimina em nada quanto à questão da escolha da neurose. Ao invés disso, Lacan faz girar a cura, não em torno da inveja do pênis e do desejo de um homem, mas sobre o desejo da mãe e do falo como significante do desejo. Na infância, a pessoa foi objeto do desejo da mãe: numerosas cenas descrevem sua dependência ao mesmo tempo vital e passional. O que ela destrói é esta dependência da imagem fálica desejada pela mãe. De fato, ela rivaliza, não com o pai nem com a mãe, mas com um desejo do falo, mais além dela mesma. Lacan aplica a lei geral do desejo obsessivo: “destruir os sinais do desejo do Outro”; neste caso, é ela mesma que ela destrói, no sentido em que está identificada com estes signos. “É a ti mesmo que estás destruindo; é isso que seria necessário lhe fazer reconhecer” (LACAN, 1957-58, p. 454)

O problema então, não é ter este falo, é sê-lo. Assim, ela está em rivalidade com seu marido, na medida em que seu marido é o falo. Na época, Lacan maneja a dialética do ser e do ter e do desejo de reconhecimento, dialética esta, que vale tanto para o homem quanto para a mulher. De fato, o neurótico, em geral, quer sê-lo, é o caso da paciente.

Na provocação que ela manifesta em relação aos homens, ao vestir-se de forma sexy, ao fetichizar seu corpo, notadamente com os sapatos de salto alto cujo preço concorre com o das seções, ela é o falo. Lacan se refere à análise do espetáculo de máscaras descrito por Joan Rivière (1964, p. 261). Uma variante da fuga assimilada a uma coqueteria caracteriza uma paciente que vela diante dos homens sua traição e sua agressão imaginária:

Ela procurava sobretudo, ao assumir a máscara da inocência, assegurar sua impunidade. Era verdadeiramente uma anulação obsessiva de sua proeza intelectual, os dois aspectos formando a ‘dupla ação’ de seu ato obsessivo, sua vida inteira tendo sido uma alternância de atividades masculinas e femininas (RIVIÈRE, 1964, p. 261).

Joan Rivière torna assim compatíveis, um semblante de sedução com a denegação de um fantasma de onipotência fálica.

A paciente de Bouvet também se apresenta como “tendo o que ela sabe exatamente não ter” (LACAN, 1957-58, p. 453). Neste caso, é o ódio ao homem e a destruição das insígnias de potência que estão em primeiro plano, é possível que o termo destruição, tão freqüentemente utilizado por Bouvet, tenha sido utilizado pela própria paciente.

De fato, há duas máscaras: numa ela é o falo, fetichizando seu corpo para enganar o desejo masculino, esquivando-se, a outra que nega que ela tem o falo, numa concorrência rivalitária, roubado por meio do contrabando, numa agressiva provocação. Esta última destrói a imagem fálica por meio de uma desvalorização obscena: ela apaga o próprio apagamento da coisa através desta crueldade. Este apagamento duplo dos rastros é a tradução que Lacan dá para o *Ungeschehenmachen* de Freud (tradução literal: fazer com que não tenha ocorrido).

Este modo de apagamento, é do que trata a lição de 14 de março de 1962 em “Le Séminaire, livre IX: L’identification”. É necessário ainda dizer que o afeto do ódio por si só não discrimina quanto ao tipo clínico. Aliás, a passagem de um teatro de máscaras agressivo ao outro é sempre possível na história do sujeito, como testemunha a história amorosa das adolescentes.(COTTET, 2006, p. 67-75). Faremos a mesma observação em relação à identificação ao falo, que vale para a neurose em geral e não para a neurose obsessiva em particular; é a estratégia em relação ao desejo do Outro que é determinante.

A neurose obsessiva se caracteriza pelo desvanecimento e a afânise do desejo, porque, ao destruir o desejo do Outro, é o próprio desejo que o sujeito atinge. Dado que Lacan faz tudo se relacionar ao ser, em detrimento de um imaginário da possessão, a estratégia de Bouvet lhe parece incoerente. Bouvet dá à sua paciente o falo que, de fato, lhe falta como uma mãe bem-intencionada. Ela responde a este presente enviando-lhe seu próprio filho à análise. Esta generosidade reduz a angústia, enquanto os sintomas não regridem.

O interesse da observação de Bouvet, reside no fato de que ele acredita fundar uma especificidade na neurose obsessiva feminina; o pré-genital e a inveja do pênis são grandes estrelas na época. Lacan acredita ser mais fundamental a relação com a palavra e, notadamente, o status do verbo e do reservatório de significantes que é o Cristo-rei. É esta onipotência que é objeto da destruição.

O pequeno phi da blasfêmia.

Obviamente, a estrutura significativa do gozo está em primeiro plano na observação. Podemos comparar os intervalos significantes a um buraco, um espaço aberto que encontramos na fobia. É a presença real do gozo. O significante religioso enquadra a utilização obscena da palavra. Na missa, a paciente de Bouvet ouve “abram seus corações” ao que ela adiciona: “abra seu ânus”.

É essa degradação do falo, designado por phi minúsculo (ϕ), que Lacan formalizará quatro anos mais tarde em seu *Seminário VIII* através da escrita: $A \diamond \phi (a, a', a'', a''')$ (LACAN, 1960-61, p. 299). A fórmula convém ao rebaixamento do falo simbólico na paciente: ela se oferece à demanda obscena do Outro, conservando-se todavia fechada ao amor: o significante da falta no Outro é trazido à pulsão anal, como encarnação exatamente da demanda.

Aliás, esse rebaixamento do objeto dá seu acento de perversão à obsessão. Podemos ler sob este ângulo os romances eróticos de Georges Bataille, que acumulam as cenas de degradação do objeto feminino entre missa negra e sacrilégio. Em *Minha mãe* e *Madame Edwarda* fica revelada notadamente a equivalência do sexo exposto e de Deus. Mas é, sobretudo em *História do olho*, que encontramos o maior número de analogias com a obsessão da paciente. Bataille se compraz nos cenários de profanação da hóstia: “justamente, continuou o inglês, estas hóstias que vês são o esperma do Cristo em forma de bolinhos.” (BATAILLE, 1928, p. 112)

Uma nota biográfica fornece uma das chaves do romance: Bataille conta a degradação real de seu pai cego e doente. As palavras obscenas do pai delirante, misturadas às cenas de decadência, sofrem uma conversão erotizada, formando um nó de gozo transgressivo sobre um fundo de teologia.

Nos absteremos aqui dos debates sobre o mistério da transubstanciação, que eram muito conhecidos por Bataille e também por Lacan, a saber, que a hóstia seja, de

fato, o corpo real do Cristo e não seu símbolo; pão e vinho se convertem em carne do Cristo: discussões infinitas resultaram disso após o concílio de Latrão em 1215, em seguida no Concílio de Trento em 1551. Os Cristãos do Oriente e os Ortodoxos inquietaram-se com este “metabolismo”, e em seguida, também os Protestantes. A paciente fez eco disso, em sua religião particular. Será que o excremento pode ser assimilado a uma parte do corpo de Cristo? (as especulações do Homem dos lobos sobre o traseiro do Cristo atualizam estas polêmicas).

Resta, que a vestimenta perversa do fantasma no obsessivo favorece uma frequência maior da obsessão sexual no homem, pois ele é o sexo frágil com relação à perversão. Em Freud, é a assimetria do complexo de castração, o recalque da sexualidade em uma, o supereu no outro, o trauma da sedução passiva na menina, oposto à atividade sexual precoce do menino. A paciente de Bouvet, justamente apresenta uma exceção: quando era uma criança pequena, ela teve uma atividade sexual precoce com meninas, um esquema “ativo” muito mais determinante do que os traumas anteriores.

Podemos também aventar outras razões: a partir do *Seminário XVI: D'un autre à l'autre*, Lacan introduz a variável do saber, sua relação com o gozo e sua assimetria nos dois sexos: não estamos mais na dialética do desejo do Outro que resume uma passagem de “Subversion du sujet et dialectique du désir...” (LACAN, 1960, p. 813-814). Os dois termos do fantasma são implodidos. (IBID, p. 824) É certo que Lacan põe a mulher do lado da insatisfação e da intriga infundada. Ocorre que encontramos o mesmo binômio no *Seminário XVI*, mas articulado nos termos dos quatro discursos: particularmente S_1 e S_2 como termos do saber. (1968-69, p. 335). Em resposta aos impasses do gozo, o obsessivo negocia um tratado com o Outro, excluindo-se como mestre (contrariamente ao que acreditamos). Sua relação com o saber permanece marcada pela interdição. Ele só se autoriza a tê-lo, mediante um pagamento sempre renovado. É a dívida interminável. A forma histérica está no espectro oposto e se encontra mais especialmente nas mulheres, justamente, pois ela não se toma por A Mulher. Esta definição da mulher como uma “dentre outras”, será a grande inovação do *Seminário XX*; a mulher não existe como A; seu gozo não é totalmente barrado pelo Um fálico.

A operação matemática que “subtrai o *a* ao Um absoluto do Outro” projeta a relação sexual rumo a um ponto infinito. O argumento matemático é difícil; ele especula sobre a sequência Fibonacci (LACAN, 1968-69, p. 335-336). Lacan ainda não avança ainda a hipótese do gozo suplementar, mas já não se contenta com os clichês clássicos sobre o recalque de seu desejo. É muito mais o caso de que a histérica “promova o ponto infinito do gozo como absoluto”. O que é uma razão para que ela “recuse qualquer outro” (IBID., p. 335).

Em contraste, a estratégia obsessiva tem a estrutura repetitiva do batimento anulação-restituição que coloca mais o pequeno a em série. Poderíamos, para simplificar, procurar um enlace especificamente obsessivo de RSI, teríamos então, como especificidade do real, o osso de um gozo impossível de atingir e contra o qual o sujeito se protege como numa fortaleza de Vauban. Para o simbólico, é a inflamação do grande Outro e do mestre. O obsessivo não quer se tomar por mestre, mas “supõe que o mestre saiba o que ele quer saber” (LACAN, 1968-69, p. 385). E ele o anula perpetuamente. Para o imaginário, a fortaleza narcísica do obsessivo coincide com sua mortificação: assim, ele está na procrastinação.

Quanto ao objeto *a*, Lacan retém menos as características do objeto anal, que aquelas do olhar e da pulsão de “se exhibir”, onde se concentra a oblatividade obsessiva: mostrar uma imagem de si mesmo. Os diferentes seminários acentuam respectivamente o eu, o significante, o objeto olhar. O caso de Bouvet seria paradigmático nesse sentido.

Para retornar aos exemplos, podemos achar o quadro clínico precedente muito restritivo de tão marcado que ele é pela educação religiosa e outros significantes obsoletos; não podemos exigir do sujeito contemporâneo que tenha obsessões religiosas estruturadas como as elucubrações do Concílio de Latrão.

A mãe e a criança

No que tange às obsessões femininas, é freqüentemente sobre o objeto criança que os sintomas se cristalizam: ambivalência e idéias de morte. Freud, ele próprio, mostra que defesas especificamente obsessivas do tipo formação reativa, isolamento e anulação da agressividade não são específicas. Também funciona assim com a ambivalência na histeria. “La haine contre [...] choix d’objet.” (FREUD, 1925, p. 86). Uma mãe que não quer tê-lo e que deixa cair seu filho, é o que Lacan chama de mãe fálica, como Clitemnestra na Electra de Giraudoux (LACAN, 1962-63, p. 144). A categoria de obsessiva ou histérica aqui é secundária.

Um exemplo: uma mulher de uns quarenta anos, mãe de dois filhos, é paralisada por uma inibição. Ela é jornalista, mas não consegue assinar seu trabalho: ela só escreve para que outra pessoa recolha os frutos do sucesso e o dinheiro no seu lugar. Essa dependência, que a aliena dos frutos de seu trabalho, a revolta; ela suscita essa raiva feminina, onde é frustrado seu desejo por reconhecimento. Ela se escraviza, seu nome nunca aparece em seu trabalho. De repente, ela não escreve mais para o autor e também, ao jogar seu bebê fora junto com a água do banho, não escreve mais para ela. Ela se apaga em sentido estrito, ao apagar seu nome, que é o de seu pai, não o de seu marido.

Ao mesmo tempo, ela pensa em um acidente que poderia acontecer com sua filha mais velha. As condições do nascimento desta lhe provocaram um sentimento de estranheza, como se sua filha não lhe pertencesse, como se não fosse seu prolongamento ou sua imagem. A paciente fica à distância de sua própria imagem; em sua divisão, ela se construiu uma imagem de mãe totalmente artificial.

Ela é a mais velha de uma família, na qual os meninos demoraram a chegar para o pai, e ela passou muito tempo aterrada pelos gritos deste quando criança. “Todas umas idiotas”, dizia o pai, do gênero feminino em geral. Uma fórmula significativa foi particularmente isolada e decifrada: o equívoco: os gritos do pai, o “escrito do pai”¹. Ela teve de trabalhar duro para superar suas limitações, estudar e ganhar títulos pelo seu saber.

O sucesso profissional, considerado como uma realização viril, geraria uma inflação, que parece verificar o paradigma obsessivo; o sentido gozado que ela atribui ao nome do autor contém uma inflação fálica impossível de suportar. Ela se auto-anula e se retira da cena literária, o que torna seu frenesi narcísico compatível com sua modéstia. O enlace de uma inibição intelectual, no lugar de ideais superegóicos contrariados pelo veredito paterno, e o embaraço que causa a presença de uma criança vai no sentido do sintoma. Ela duvida; e procura tudo no pensamento. Entretanto, não há nenhum rebaixamento do falo neste caso.

Diríamos muito bem, que para ela, ter sucesso é imitar um homem; este paradigma dá, muito bem, conta da inibição do pensamento pelo conflito que grassa entre maternidade e feminilidade; auto-punição e pulsão mortificante? Apostaremos mais nas confusões contemporâneas da identificação...

Não tentamos, em todo caso analisar “a defesa antes da pulsão”, segundo o clichê consagrado, procuramos questionar a insatisfação do desejo de nossa escritora,

como consequência do parasitismo de seu pensamento, muito mais do que das dificuldades relativas à criança.

O que parasita a paciente é muito mais seu nome próprio. Esta denominação tomada ao pé da letra a incomoda: ela contém o significante de um excesso, de uma quantidade supernumerária; este significante a sobrecarrega. Ela sacrifica muita energia para carregá-lo. Acontece que ela se serve dos significantes de seu nome como de uma blasfêmia para se aliviar. A despeito desses sintomas “obsessivos”, a paciente não é ritualizada, não tem impulsões, nem culpabilidade: não confundamos a inibição do amor pelo ódio na neurose obsessiva com uma demanda de amor desapontada... Aqui, a ambivalência é relativa ao desejo do pai que ela apóia, e não à sua destruição.

As apostas para a direção do tratamento

No que tange às apostas da direção da análise, vemos o interesse que existe em distinguir uma estratégia da reivindicação fálica e da insatisfação, de uma estratégia de usura na qual o sujeito se consome ao se mortificar: “nada mais difícil do que colocar o obsessivo ao pé do muro de seu desejo”.(1960-61, p. 300) De fato, é como impossível que ela o apóia.

É, sobretudo, no caso da obsessão que a resposta à demanda é a menos apropriada. É nesses casos que medimos até que ponto uma análise, conduzida a partir do dom da palavra ou de reparação, é caduca; ela transforma a psicanálise em religião, o que é o cúmulo para um sujeito obsessivo; fazer de uma religião duas. Também nas advertências relativas à demanda de falo - à qual não é aconselhável ceder para não fixar o sujeito em sua cólica (LACAN, 1966, p. 261-281). Lacan ainda faz, certamente, uma alusão à Bouvet e à sua ausência de distinção entre desejo e demanda.

Não é impossível pensar que, haja vistas à polêmica política que havia à época na SPP, Lacan tenha se servido do caso Renée como um paradigma do que não deve ser feito: reparar, satisfazer uma demanda de reconhecimento, propor uma nomeação (ao contrário da vacilação calculada para a histérica), tantos problemas que o passe tornou sensíveis e aos quais Esthela Solano consagrou alguns artigos. Há, então, provavelmente, uma incidência da decifração lacaniana da neurose obsessiva feminina sobre os princípios gerais da direção da cura, e é uma boa razão para enriquecer a clínica. No que concerne à atualidade do tipo clínico, podemos pensar que os parâmetros da neurose obsessiva habitualmente utilizados, envelheceram: uma atmosfera de religião e de convento envolve os casos da literatura clássica. A ideologia feminista, a luta dos sexos e o ar do tempo vêm embaralhar as diferenças estruturais estritas e dar mais amplitude à reivindicação fálica ordinária do que à blasfêmia. A destruição das insígnias do Um fálico não milita obrigatoriamente em favor da obsessão: tanto a paranóia quanto a histeria podem se expressar assim. É verdade que a destruição do significante Deus na questão do gozo feminino a partir do *Seminário XX: Encore* poderia relançar o debate.(1972-73, cap. V).

NOTA

1. N.T.: Em francês, existe uma homofonia entre *les cris* (os gritos) e *l'écrit*, o escrito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHAM, K. (1965) **Oeuvre Complète**. Paris: Payot, Tome I.

- BATAILLE, G. (1928) **Histoire de l'oeil**, Paris: Gallimard, 10 18 Domaine Francais, 2004.
- BOUVET, M. (1950) Incidences thérapeutiques de la prise de conscience de l'envie du pénis dans la névrose obsessionnelle féminine, in **La relation d'objet, Névrose obsessionnelle, Dépersonnalisation**. Euvres psychanalytiques. Tome I. Paris: Payot.
- COTTET, S. Le sexe faible des ados: sexe- machine et mythologie du coeur, in **La cause freudienne**. Paris: Seuil, n. 64, 2006, p. 67-75.
- DEUTSCH, H. (1970) **La psychanalyse des névroses**. Paris: Payot.
- FENICHEL, O. (1953) **Problèmes de technique psychanalytique**. Paris: Puff.
- FREUD, Anna. (1936) **Le moi et les mécanismes de défense**. Paris: Puff, 1967.
- FREUD, S. (1906-08) **Les premiers psychanalystes**. Minutes de la Société Psychanalytique de Vienne. Paris: Gallimard, Tome I, 1976.
- _____. (1907) **Actions compulsives et exercices religieux**. Nevrose, psychose et perversion. Paris: Seuil, 1973.
- _____. (1913) **La disposition à la névrose obsessionnelle**. Nevrose, psychose et perversion. Paris: Puf, 1973.
- _____. (1925) **Inhibition, symptôme et angoisse**. Paris: Puf. 2005.
- _____. (1916-17 [1915-17]) Conférences d'introduction à la psychanalyse. Dix-septième conférence: Le sens des symptômes. Paris: Gallimard, 1999, p. 329-348.
- FREUD, S. et FERENCZI, S. (1914-19). **Correspondance**. Paris: Calmann-Levy, Tome 2, 1996.
- HORNEY, K. (1922-37) **La psychologie de la femme**. Paris: Payot, 1969.
- LACAN, J. (1966) **Écrits**. Paris: Seuil.
- _____. (1960) Subversion du sujet et dialectique du désir dans l'inconscient freudien. **Écrits**, 1961, p. 793-854.
- _____. (1957-58). **Le séminaire, livre V: Les formations de l'inconscient**. Paris: Le Seuil, mai. 1998. Le chapitre XXIII.
- _____. (1959-60). **Le séminaire, livre VII: L'éthique de la psychanalyse**. Paris: Seuil, 1986.
- _____. (1960-61). **Le séminaire, livre VIII: La transferte**. Paris: Seuil, 1991.
- _____. (1961-62). **Le séminaire, livre IX: L'identification**. Lição de 14 de março de 1962, inédito.
- _____. (1962-63). **Le séminaire, livre X: L'angoisse**. Paris: Seuil, 2004.
- _____. (1966). **Écrits**. Paris: Seuil.
- _____. (1967) Discours à l'EFP. **Autres Écrits**. Paris: Le Seuil, 2001, p. 261-281.
- _____. (1968-69) **Le séminaire livre XVI: D'un Autre à l'autre**. Paris: Seuil, 2006.
- _____. (1972-73). **Le séminaire livre XX: Encore**. Paris: Seuil, 1975.
- _____. (1973). Télévision, in **Autres Écrits**. Paris: Le Seuil, 2001, p. 509-545.
- _____. (1973) Introduction à l'édition allemande d'un premier volume des Écrits, in **Autres Écrits**. Paris: Le Seuil, 2001, p. 553-559.
- LAGACHE, D. (1956) Deuil pathologique, in **La psychanalyse**, n. 2, p. 45-74.

MILLER, J.-A. Conférence - débat transcrit, in: AUBERT, J. Sur James Joyce, supplément Analytica, n.4., au **Ornicar?**, n. 9, 1977.

RIVIERE, J. (1929) La féminité en tant que mascarade, in **La psychanalyse**. Tome 7: La sexualité féminine. Paris: Puf, 1964.

SEGAL, H. D'un système délirant comme défense contre la résurgence d'une situation catastrophique, in **Nouvelle Revue de Psychanalyse**, n. 10, p. 89-106, 1974.

SOLANO-SUAREZ, E. Névrose obsessionnelle et féminité, in **Revue la cause freudienne**, n. 24, juin 1993, p. 16-20.

Texto recebido em: 13/08/2007.

Aprovado em: 20/09/2007.

O HOMEM DOS RATOS

Esthela Solano-Suarez

Psicanalista

AME

Membro da École de la Cause Freudienne/França

Membro da Escuela de Orientación Lacaniana/Argentina

Membro da New Lacanian School

Membro da Associação Mundial de Psicanálise

SOLANO-SUAREZ@wanadoo.fr

Resumo

Venho lhes propor uma leitura do caso de Freud, "O homem dos ratos". Todo pensamento obsessivo que dê lugar a alguma construção, não importando o quão louca ela seja, será sempre ligada à sexualidade, a neurose obsessiva comporta uma erotização do pensamento. Lacan expõe que um sintoma obsessivo consiste em uma forma verbal, tendo por objeto uma destruição que se cumpre por intermédio da própria articulação da forma verbal, isto é, pela via do significante. O obcecado está solidamente instalado no significante. Não se deve nunca temer, nos informa Lacan, que uma neurose obsessiva possa escorregar na direção da psicose.

Palavras-chave: clínica psicanalítica, neurose obsessiva masculina, o caso do Homem dos ratos, diagnóstico diferencial, tratamento.

THE MAN OF THE RATS

Abstract

I come to propose a reading of Freud's case "The man of the rats". All obsessive thought that gives place to some construction, no matter how crazy it is, will always be linked to sexuality. The obsessive neurosis holds an eroticism of the thought. Lacan exposes that an obsessive symptom consists of a verbal form, having as object a destruction that performs through the own articulation of the verbal form. That is, through the way of the significant. The obsessed is solidly installed in the significant. One should never fear, informs us Lacan, that an obsessive neurosis can slip in the direction of psychosis.

Key words: Psychoanalytical clinic, male obsessive neurosis, the case of the man of the rats, differential diagnosis, treatment.

Venho lhes propor uma leitura do caso de Freud, "O homem dos ratos". Eu penso que consegui apreender bem os ratos e posso lhes demonstrar sua consistência. Vou me referir ao caso publicado nas *Cinq Psychanalyses* e no *Journal d'une analyse*, que compila as anotações feitas por Freud ao final das sessões. Ao final não, durante! De fato, não é Freud quem dizia que: "Eu não aconselho aos psicanalistas que tomem notas do que dizem os pacientes durante o tempo da sessão; a distração da atenção do médico faz tão mal aos pacientes que não compensa ter uma exposição tão mais detalhada das observações" (FREUD, 1979, p. 202, n.1). Este tratamento durou onze meses; pode-se dizer que produziu efeitos terapêuticos rápidos.

É possível também referir-se aos aportes teóricos de Freud sobre a neurose obsessiva posteriores a 1896 no "Manuscrit K" (1956) e no texto "Nouvelles observations sur les psychonévroses de défense" (1973).

Observações sobre um caso de neurose obsessiva: o Homem dos ratos

O paciente teme que coisas terríveis aconteçam com seu pai e uma dama venerada. Ele está sujeito a impulsos obsessivos, tais como fazer mal à dama, que lhe acometem quando ela não está presente; mas estar longe dela lhe faz bem. Ele se impõe interditos e se atrasa em seus estudos de direito, pois sofre de inibições ligadas ao combate contra seus sintomas. Ele vem se consultar com Freud após ler a *Psychopathologie de la vie quotidienne*. Pode-se afirmar que foi seu encontro com o sujeito suposto saber, que desembocou na hipótese de que seus sintomas querem dizer alguma coisa.

A neurose infantil

Primeira sessão:

O paciente fala desde a primeira vez de sua vida sexual. Seus primeiros impulsos remontam aos quatro ou cinco anos de idade quando tocou a Senhorita Robert. Ela tinha "órgãos genitais curiosos", segundo ele. Esta experiência deixou nele um rastro indelével: a curiosidade de ver mulheres nuas. Mais tarde, a mesma coisa lhe aconteceu com a Senhorita Rosa. Suas lembranças remontam à idade de seis anos e são muito nítidas: "eu sofria de ereções", ele nota. Podemos supor com Lacan que até aí ele ainda não tinha subjetivado suas primeiras experiências sexuais. Estas primeiras ereções fazem furo no nível do sentido e ele se queixa à mãe, pois alguma coisa, vivida como estranha, lhe escapa. É o encontro com a realidade sexual que se mostra traumático. Lacan, em sua "Conférence sur le symptôme" (1985), proferida em Genebra, diz que o encontro com a ereção não é auto-erótico, é tudo o que há de mais hétero, é traumático. Em uma de suas *Conférences Américaines* (1976), ele diz a respeito de Hans que seu pênis parece-lhe pertencer ao exterior, pois ele o experimenta como sendo estranho a seu próprio corpo.

Ernst Lehrs suspeitava de que o fenômeno bizarro das ereções teria uma relação com seus pensamentos e sua curiosidade sexual, isto é, com sua fantasia de ver mulheres nuas, fantasia que sustentava seu desejo de *voyeur*, mas também seu desejo de saber. Ele temia que seu pai morresse se pensasse em coisas sexuais, portanto procurava afastar estes pensamentos. Ele supunha que pronunciava seus pensamentos em voz alta, pois tinha a impressão de que seus pais os conheciam,

sensação esta, que se origina no sentimento de exterioridade à linguagem que todos nós conhecemos muito bem.

Freud considera que tudo isso não é o início da doença e, sim, a doença propriamente dita. Toda a neurose obsessiva está aí na neurose infantil, que comporta, a título de sintoma, o eixo da neurose posterior:

- A pulsão escópica na criança traz ao primeiro plano o gozo do olhar tomado na fantasia de ver mulheres nuas, fantasia que sustenta o desejo.
- Uma apreensão vem se opor ao desejo sob a forma de uma construção lógica: “se... então”, “se eu tenho o desejo de ver uma mulher nua, então meu pai deverá morrer”.
- Do registro da inquietante estranheza, a angústia se impõe ao sujeito como afeto que causa sofrimento. Emerge então, em defesa, a necessidade de cometer atos que se opõem à idéia geradora de obsessão. Freud deduz daí que podemos encontrar em um garotinho de seis anos todos os elementos da neurose. Ele assinala que, quando a neurose obsessiva começa em tão tenra idade, convém, quando se recebe alguém que apresenta obsessões, que se procure o núcleo infantil da neurose para assegurar-se que é de fato questão de um sintoma obsessivo.

Uma outra característica seria uma atividade sexual precoce e infalível. Esta não falta na histérica, mas cai no esquecimento devido ao recalque.

A grande apreensão causadora de obsessão

A segunda sessão é dedicada à elucidação do sintoma obsessivo tal qual ele se manifestou na idade adulta.

Ernst chega dizendo a Freud que vai lhe relatar o evento que o estimulou a procurá-lo, acontecido dois meses antes de sua vinda, no mês de agosto, num momento em que ele deveria cumprir obrigações militares. Dois eventos de pura contingência ocorreram: de um lado, a perda de seus óculos durante uma manobra, e a comunicação por telégrafo ao seu oculista, em Viena, solicitando a reposição; de outro, o encontro com o “capitão cruel”. Quando ele chega ao momento em que de fato deve relatar a história que ouviu, seu discurso se torna confuso, se expressa de forma muito obscura e guarda no rosto uma expressão complexa que Freud define como o testemunho do “horror de um gozo por ele mesmo ignorado”. Ele não consegue pronunciar o termo “ânus” e é Freud que o nomeia em seu lugar. Ele explica também que, quando escutou a história, um pensamento lhe veio, que ele refutou com violência como lhe sendo estrangeiro: “isto vai acontecer com uma pessoa que me é querida”. Simultaneamente ao pensamento, emerge a sanção: para que o pensamento não se realize, ele deve realizar alguma coisa.

A partir daí, ele trava um combate sem trégua contra o pensamento e é submetido à sanção. Ele se apóia em duas fórmulas de defesa: uma palavra – *aber* (“mais”, em alemão) – que ele pronuncia ao mesmo tempo em que faz um gesto de rejeição, e palavras que se dirigem a ele mesmo: “Ora vejam, o que você vai imaginar!” As pessoas às quais o suplício deve ser infligido são o pai, que está morto há muito tempo, e a dama por quem é apaixonado. Não é ele quem suplicia; o suplício é impessoalmente infringido (vai acontecer com...).

Ao mesmo tempo, encena-se o “drama do sintoma obsessivo”: o cenário da dívida impagável.

De fato, em seguida à encomenda dos óculos, no dia seguinte, o capitão cruel lhe remete o pacote. Ele lhe indica que deve reembolsar o tenente A. Isto tem sobre Ernst um efeito devastador: ele acredita que não deve devolver o dinheiro senão o suplício dos ratos acontecerá. A isto se soma um comando: deve devolver o dinheiro ao tenente A. Portanto, não pode se mexer!

A história é confusa, vaga, contraditória e imprecisa. Ernst está em um estado de estupor e de confusão tal que, em dado momento, chama Freud de: “Meu capitão”.

Isto demonstra que um neurótico obsessivo, preso em um transe obsessivo grave, pode parecer confuso sem que todavia possamos concluir que é um caso de psicose.

Freud fica imbuído do desejo de saber e estuda o caso evitando entendê-lo precipitadamente. O que importa, do ponto de vista de um diagnóstico diferencial, são os detalhes: de fato, o capitão cruel se enganou. Foi a agente dos correios quem pagou a encomenda e não o tenente A. Ernst, todavia, promete restituir o dinheiro a A: começa aí a comédia da impossível restituição do dinheiro.

A falsa conexão afeto/pensamento

Seguem duas sessões sobre o pai, morto quando Ernst tinha vinte e um anos, em relação ao qual ele se sente culpado de negligência. Após sua morte, ele se sente invadido por um sentimento de descrença: ele imagina constantemente que seu pai está vivo. Um ano e meio mais tarde, em seguida à morte de uma tia, ele se lembra de sua negligência e esta se torna uma fonte infundável de culpabilidade e de recriminações: ele se toma por um criminoso. A consequência é uma grave inibição intelectual. Freud emite a hipótese de um fantasma em relação com a morte do pai que se prolonga no além, mas encontra os afetos ligados às recriminações desproporcionais em relação ao conteúdo: estas recriminações e esta culpabilidade não combinam. Existe um desacordo entre as representações e os afetos; o afeto deve corresponder a um outro conteúdo; é necessário supor uma falsa conexão afeto/pensamento. Não se trata de desculpabilizá-lo, mas, isto sim, de encontrar a verdadeira razão. Em toda neurose obsessiva ocorre este tipo de má conexão lógica.

Freud pesquisa então um desejo infantil: o desejo da morte do pai. O Homem dos ratos se insurge, se defende, afirma que adora seu pai, que o ama acima de tudo. Freud lhe explica que este amor tão intenso é a condição de recalque do ódio, cuja fonte reside nestes desejos sexuais infantis para os quais o pai era um obstáculo. A despeito de sua recusa da hipótese de Freud, Ernst reconhece que, mesmo depois da morte do pai, ele vai muito mal. Freud tenta então reconstituir a causa contingente do desencadeamento da neurose. Enquanto na histérica, a causa ocasional cai no esquecimento, no obsessivo ela é conservada na memória, mas destituída de sua carga afetiva. A contingência veio movimentar os significantes de sua história e, em particular, antes de seu nascimento, aqueles relativos à escolha de parceiras de seu pai. Este era apaixonado pela filha de um açougueiro, à qual renunciou para casar-se com a filha de um industrial do qual se tornou empregado, o que lhe permitiu constituir fortuna. Isto coloca para seu filho a questão da causa do desejo que une um homem a uma mulher, dos antecedentes lógicos do objeto a naquilo que uniu sua mãe e seu pai. Após a morte de seu pai, sua mãe, um pouco alcoviteira, procura fazê-lo se casar com uma mulher rica, mesmo ele amando uma

mulher pobre, a dama à qual seu pai não gostaria de que ele se associasse de forma duradoura. Se ele persistir em seu amor, Ernst desagradará ao pai; a questão para ele é, então, a de contrariar ou não a vontade paterna.

O ódio inconsciente do pai

Foi então que a transferência veio ajudar a decifrar o enigma: na escada que leva ao consultório de Freud, o homem dos ratos cruza com uma jovem; ele imagina que é a filha de Freud e que este quer obrigá-lo a casar-se com ela. Segue um sonho, no qual uma jovem tem fezes no lugar dos olhos: é questão de se casar com uma jovem não pelos seus belos olhos, mas pelo seu dinheiro. Temos aí dois objetos causa do desejo: o olhar e o dinheiro. A causa do desejo do pai é o dinheiro.

No momento em que Freud lhe faz esta interpretação, Ernst se enfurece: em um acesso de intenso desespero, ele lança injúrias a Freud. Tomado de assustadora angústia, ele protege sua cabeça contra os golpes que Freud deveria lhe dar. Foi então que ele elucidou um ritual do qual nunca tinha falado. Na época em que fez seus exames, ele gostava de imaginar que seu pai estava vivo. Ele estudava até tarde da noite. Entre meia noite e uma da manhã, ele abria a porta de entrada e se contemplava diante do espelho com o pênis ereto, sob o olhar do pai morto. Ele satisfazia seu pai ao estudar até tarde, mas ao mesmo tempo se entregava a um ato de subversão fálica diante desse.

Freud insiste com ele no fato de que ele provavelmente se masturbava quando tinha seus seis anos e que provavelmente foi severamente castigado pelo seu pai.

Nesse momento, Ernst encontra a seguinte lembrança: muito pequeno, no momento da morte de sua irmã, ele cometeu um ato grave pelo qual seu pai lhe bateu. Em resposta, ficou furioso e resolveu injuriar seu pai. Por não conhecer nenhuma palavra ofensiva, ele lhe deu todos os nomes de objetos que lhe passavam pela cabeça: "Você lâmpada! Você toalha! Você prato!" Ao que o pai declara: "Esse pequeno ou se tornará um grande homem ou um grande criminoso." É neste momento que seu caráter se modifica: de colérico que era, ele se torna covarde.

As ofensas sujas dirigidas a Freud assim como o ritual fazem o sujeito admitir seu ódio inconsciente do pai; se esclarece o enigma da obsessão pelos ratos.

O neurótico obsessivo quer a destruição do desejo do Outro

O que é este ódio inconsciente? No *Seminário V, As formações do inconsciente* (lições XXVI, XXVII, XXVIII), Lacan expõe que um sintoma obsessivo consiste em uma forma verbal, tendo por objeto uma destruição que se cumpre por intermédio da própria articulação da forma verbal, isto é, pela via do significante.

A destruição, para o obsessivo, se cumpre de fato pela via da anulação. O obsessivo quer anular o desejo do Outro. Seu desejo se encontra na dependência do desejo do Outro e quer destruí-lo pois, para ele, representa um desejo de gozo. Ele quer destruir tudo em seu entorno e o faz através de "um ataque silencioso, uma usura permanente, que tende a resultar no Outro" (1957-58, p. 468). Destruindo o desejo, ele se protege dele e o mantém em um horizonte de impossibilidade. Esta anulação do desejo por intermédio do significante supõe, para

ele, uma inscrição no quadro do simbólico, pois não se pode anular nada que não esteja inscrito no simbólico. Ela é a presa do significante dentro de um parêntesis, para dizer o que está dentro do parêntesis, não é, como na fórmula de negação: “não é a minha mãe”.

É sempre dessa forma que o obsessivo anula o desejo e ele anula também tudo o que se conecta em volta, o que circunda este desejo. Por fim, ele acaba por anular a própria palavra; isto vai até a anulação da demanda que comporta toda palavra.

Por que ele é forçado a anular toda a palavra?

Isto é ligado a uma singularidade de uma relação com a demanda, que comporta sempre, no horizonte, uma demanda de morte. Uma relação como tal com a demanda comporta a necessária destruição do local onde toda a demanda pode ser formulada, o local do Outro. É questão de destruir o local onde se articula toda enunciação possível mas ele, como sujeito, é um efeito deste lugar. Ao destruir a articulação significante, ele vai apagar o local de onde ele poderia se sustentar como sujeito; donde, o sentimento de despersonalização, de desarticulação da cadeia significante que o acomete às vezes. Como ele não saberia se manter como sujeito se o Outro fosse efetivamente anulado, o obsessivo é levado a exercer a ação contrária: proteger o Outro, preservá-lo. O trabalho intelectual, o exercício de bem dizer, testemunham esta preservação da articulação significante.

No tangente ao tema da blasfêmia e da injúria, Lacan expõe que é questão de rebaixar um significante eminente ao nível de um objeto comum: Deus, o pai, o analista. É um ataque ao *Phi*, signo o desejo do Outro, insígnia do Outro; é necessário depreciá-lo, trazê-lo ao nível de objeto de uso e de troca, transformar a insígnia do Outro em dejetos.

A obsessão pelos ratos

Freud sublinha a função eminente da contingência no gatilho da neurose obsessiva. O tratamento permite encontrar o erro do pai, um pecado de juventude ocorrido quando este estava no serviço militar. Era um jogador, um *Spielrat*. Tinha perdido no jogo os fundos de seu regimento, só foi salvo porque um de seus colegas emprestou-lhe a soma a ser reembolsada. Quando tornou-se rico, foi procurar, em vão, aquele que lhe emprestou o dinheiro; não tendo podido encontrá-lo, nunca reembolsou a dívida. Aos dois jogadores, o paciente substitui o tenente A e o tenente B. A contingência que dá início à obsessão pelos ratos reside nas palavras do capitão cruel, que constituem uma alusão à dívida de jogo não paga do pai, ao erro do pai.

O significante *Rat* (rato), condensa em alemão diversas significações. Assim, jogador em alemão, é *Spielrat*. Existe uma homofonia entre *Raten* (rateamento, pagamento parcial) e *Ratten* (ratos), a partir da qual o paciente constituiu para si um verdadeiro lema sob a forma de rato, um escalonamento monetário em ratos: ele mantém uma contabilidade em ratos. O erro do pai se articula com a questão de sua sexualidade. As conseqüências da sífilis lembram a ação do rato no suplicio descrito pelo capitão cruel. Ernst acredita que seu pai tinha sífilis. O sujeito toma partido no gozo do pai e, em seu erro, deixa-se nomear através do rato.

O pai era um homem sociável, agradável, mas colérico e muito severo com seus filhos. Era também vulgar e muito desvalorizado pela mãe neste ponto. Quando criança, Ernst era solidário à mãe sobre este ponto em que ela criticava o marido.

A equivalência entre o rato e o dinheiro é reforçada pelo fato de que o pequeno Ernst tinha uma infecção por vermes. Por outro lado, o rabo do rato designa o pênis em alemão. O rato lembra sujeira, prostituição. Ademais, o rato morde, Ernst, quando menino mordia também. Devido a essas associações significantes, o rato vem nomear o inominável do gozo sexual.

Convém lembrar da morte de sua irmã Helga quando ele tinha três anos e meio. Freud salienta no *Journal* que ele havia esquecido este encontro precoce com a morte devido a seus próprios complexos. Foi sobre o corpo de sua irmã que ele notou pela primeira vez a diferença entre os sexos. Há, então, um nó entre a morte de Helga e o desejo de ver uma mulher indefesa e inerte. A morte da irmã faz surgir uma recriminação fundamental em relação ao pai à qual se adiciona uma identificação à crítica da mãe ao pai. O erro deste foi ter se casado com a mãe por dinheiro e a recriminação se articula com a morte da irmã mais velha: “é você quem deveria ter morrido, e não Helga.” A solução trazida para o enigma da obsessão pelos ratos faz a mesma desaparecer. O sintoma, depois de decifrado, some.

Teoria da obsessão

Freud estuda a formação do sintoma obsessivo. É necessário perceber a importância dada aos elementos pulsionais, dentre os quais o ódio infantil vem em primeiro plano.

Uma doença do pensamento

Lacan dá uma definição do sintoma obsessivo: a obsessão é um pensamento, “une pensée dont l’âme s’embarrasse, ne sait que faire” (LACAN, 2001, p. 512). O neurótico obsessivo é um doente do pensamento, que sofre de seus pensamentos. Na neurose obsessiva, contrariamente à histeria, o recalque não se dá pela amnésia e pelo esquecimento, mas sim por uma disjunção da relação de causalidade que ocorre devido a um deslocamento do afeto. O sintoma obsessivo é o resultado de deformações destinadas a mascarar o pensamento que provém da recriminação primária. O pensamento obsedante se torna estrangeiro ao sujeito. A técnica mais freqüente de deformação é a elipse: se eu me casar com a dama // algo de ruim acontecerá com meu pai no além.

É necessário rearrumar os encadeamentos do raciocínio: se meu pai fosse vivo, ficaria furioso e me puniria novamente; eu me revoltaria contra ele e, graças ao meu pensamento todo-poderoso, ele morreria disso. A estrutura lógica é a da implicação: causa - consequência, pois é necessário afastar ao máximo possível a consequência da causa através de substituições e deslocamentos metonímicos, criando consequências cada vez mais absurdas. Se isso não funcionar, o sujeito pode recorrer a fórmulas de defesa tais como o *aber* do homem dos ratos, pronunciado de tal maneira que o *e* se torna sonoro, criando um equívoco com *Abwehr* (defesa). Há também uma outra forma de proteção, destinada a defendê-lo do risco de prejudicar uma prima amada em consequência da prática da masturbação: *Glejisamen* (anagrama do nome da amada + *amen*), mas, graças a essa fórmula, ao mesmo tempo ele se une com ela (*Samen* = semente).

Clínica diferencial neurose/psicose

O obcecado está solidamente instalado no significante. Não se deve nunca temer, nos informa Lacan, que uma neurose obsessiva possa escorregar na direção da psicose (1957-58, p. 472). O sintoma obsessivo oferece uma base muito sólida ao sujeito.

As fórmulas de anulação não devem ser confundidas com a forclusão. O obsessivo, apesar de se apresentar confuso e perdido, não está fora do discurso. As fórmulas de defesa não são erráticas, o que significa que elas não provêm de um real sem lei. Elas são ligadas ao fato de que “isto quer dizer alguma coisa”, portanto não estão fora do laço, mesmo se estiverem fora do sentido.

A fórmula verbal, sob transferência, é submetida à articulação S_1 - S_2 . O obsessivo em análise pode restabelecer o texto da fórmula absurda. As fórmulas tomam formas de histórias e são decifráveis a partir de significantes da história do sujeito. O inconsciente no obsessivo é, portanto, um inconsciente transferencial se levarmos em conta a distinção estabelecida por Jacques-Alain Miller (2006-2007). As fórmulas são cacos de *lalangue* – que se servem da língua como se fossem algo ouvido, onde a linguagem comporta um ordenamento.

O obsessivo se serve de *lalangue* para introduzir uma confusão na linguagem. Era assim com uma criança de sete anos que apresentava uma perturbação da linguagem importante, pois não introduzia nenhum corte entre os fonemas e as palavras. Era difícil entendê-lo e tomavam-no por louco. Um dia ele me disse que entre as palavras não deveria haver buracos, pois balas poderiam entrar neles e poderíamos morrer.

Uma tentativa de redução do buraco

O obsessivo se dedica a pensar na paternidade, na duração da vida, na morte, isto é, o impensável tal qual Lacan o define em seu seminário *Le sinthome*: “A pulsão... ser pensado” (1975-76, p. 25). É questão, então, de um combate de pensamento com o impossível. O obsessivo pretende dominar o real com seu pensamento, donde sua impotência. Ele é sujeito a um pensamento segundo o qual, se ele conseguir pensar o impensável, ele poderá escapar, fugir dele.

Para o obsessivo, a morte é um dos nomes da castração. Ele sabe que ela é introduzida na linguagem pelo S_1 , que convoca o outro significante, o S_2 . Havendo S_1 e, em seguida, S_2 , há o intervalo, o escancaramento. Este buraco não é nada além de $S(\mathbb{A})$, a inconsistência do Outro, a impossibilidade de dizer a verdade sobre a verdade, com um efeito de perda de gozo na posição de a .

O obsessivo procura reduzir o intervalo S_1 - S_2 a Um Só, reduzir o buraco de $S(\mathbb{A})$ ao Um, a fim de preencher o intervalo através de fórmulas fora do sentido; assim, o Homem dos ratos importa no intervalo entre relâmpago e trovão. São defesas contra a inconsistência do Outro, contra o real como impossível. Questionar o Outro o tempo todo e fazê-lo repetir para tentar captar, no equívoco, o sentido do sentido... isto é reduzir $S(\mathbb{A})$ ao Um.

Esta compulsão de entender tudo, de procurar o sentido do sentido no equívoco, o verdadeiro do verdadeiro, demonstra uma vontade de anular o x enigmático do desejo do Outro. Para fazer isso, o obsessivo dará antes que lhe seja pedido. Através de respostas que antecipam toda demanda, ele opera o esmagamento do desejo do Outro, vivido como um comando: ele crê que deve se dedicar a satisfazer

toda demanda e a ela sacrificar seu corpo e seu ser, donde sua oblatividade. Ele efetua a anulação e a mortificação do desejo enquanto turbilhão que pode aspirá-lo. Ele luta sem cessar para escapar à aspiração no buraco turbilhonante de S(Λ).

Uma voz que comanda

Este sintoma não é desprovido de Outro. O obsessivo está em relação permanente com o Outro do amor e do ideal, que se impõe a ele por intermédio de um comando, de um imperativo, de uma ordem: ele é submetido à ação de uma voz, mas não é uma voz exterior. Não há, como na psicose, uma autonomia na função do comando. É dentro dele que isso fala com efeito de divisão subjetiva, de dúvida.

O comando é velado: ele não aparece maciçamente, mas sim sob a forma de fragmentos. Ele é ligado à culpabilidade, ao pudor, à vergonha, às recriminações que podem se transformar em angústia social. São os afetos do sujeito dividido. O temor permanente de um castigo social pode aproximar-se de um delírio de estar sendo observado, mas sem nenhum elemento de certeza. Assim, o Homem dos ratos acreditou ver ratos duas vezes mas, para Freud, é uma ilusão, e não uma alucinação. Em defesa, instalam-se rituais, até mesmo o alcoolismo, para aliviar o peso do pensamento. É necessário procurar sempre o pensamento recalcado que se associa à sexualidade infantil (o que não se encontra nunca num sujeito esquizofrênico).

Gozar de um pensamento secretado pelo corpo

Todo pensamento obsessivo que dê lugar a alguma construção, não importando o quão louca ela seja, será sempre ligada à sexualidade; a neurose obsessiva comporta uma erotização do pensamento.

A fórmula no obsessivo comporta sempre uma equivalência que introduz um valor fálico. O falo imaginário é a verdadeira unidade de medida. O obsessivo demonstra que o pensamento é um parasita, uma trava, um câncer que aflige o ser humano; a palavra parasita o corpo a título de pensamento, o pensamento afeta o corpo. É o que diz Lacan no *Séminaire XVII: L'envers de la psychanalyse*: "O pensamento... afeto" (1969-70, p. 176).

Na neurose obsessiva, os pensamentos são o efeito de afetos no corpo ligados ao entrelaçamento do corpo no discurso. Os pensamentos que afetam o corpo fazem sofrer o obsessivo. Eles não estão fora do discurso, eles vêm condensar um sentido gozado: o pensamento é erotizado, o obsessivo goza de seu pensamento no sentido de uma secreção do corpo. É necessário então tratar o sintoma obsessivo como um evento de corpo, o que implica tomá-lo no sentido de significante e no sentido de gozo que se satisfaz no pensamento obsessivo, que Lacan denomina "a tripa causal" (1962-63, p. 250).

É necessário fazer cortes no texto do obsessivo para isolar pelo equívoco o uso do gozo condensado em seu sintoma. É assim que o obsessivo pode deixar o *pathos* de seu pensamento e fazer de suas fórmulas um *Witz*. Ele pode conseguir decifrar o que seu pensamento articula de sentido gozado e é possível ouvi-lo rir de seus pensamentos ao final de uma sessão em que o *pathos* foi derrubado.

O tratamento do sintoma obsessivo comporta uma dimensão ética no local em que uma terapia cognitivo-comportamentalista teria exercido no homem dos ratos uma

vontade de gozar realizando a fantasia do capitão cruel. Teríamos dado consistência ao sintoma, levando o sujeito a contar quantas vezes a obsessão se apresentou. Na vertente cognitiva, querendo consertar as representações do sujeito, lhe teríamos explicado que o pai não poderia mais sofrer o suplício, pois estava morto e que os ratos nada mais são do que pequenos roedores que nunca irão para o céu!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREUD, S. Manuscrit K. In: **La naissance de la psychanalyse**. Paris: PUF, 1956, p. 129-137.
- _____. Nouvelles observations sur les psychonévroses de défense. In: **Névrose, psychose et perversion**. Paris: PUF, 1973, p. 61-81.
- _____. Remarques sur un cas de névrose obsessionnelle. In: **Cinq Psychanalyses**. Paris: PUF, 1979.
- LACAN J. Conférences et entretiens dans les universités nord-américaines. In: **Scilicet 6/7**. Paris: Le Seuil, 1976, p. 7-63.
- _____. Conférence à Genève sur 'le symptôme. In: **Le bloc.notes de la psychanalyse**. Paris: Gallimard, 1985, n. 5, p. 5-23.
- _____. (1957-58). **Le Séminaire, livre V, Les formations de l'inconscient**. Paris: Le Seuil, 1998.
- _____. (1962-63). **Le Séminaire, Livre X, L'angoisse**. Paris: Le Seuil, 2004.
- _____. (1969-70). **Le Séminaire, Livre XVII, L'envers de la psychanalyse**. Paris: Le Seuil, 1991.
- _____. (1975-76). **Le Séminaire, Livre XXIII, Le sinthome**. Paris: Le seuil, 2005.
- _____. (1973).Television. In: **Autres Écrits**. Paris: Le Seuil, 2001.
- MILLER, J.-A. L'orientation Lacanienne, "Le tout dernier Lacan" (2006-2007), enseignement prononcé dans le cadre du Département de Psychanalyse de Paris VIII, inédito.

Texto recebido em: 13/06/2007.

Aprovado em: 20/07/2007.

INTERVENÇÃO NO GRAND MEETING DO PALÁCIO DA MUTUALITÉ: QUE POLÍTICA PARA A CIVILIZAÇÃO?

INTERVENTION IN THE GRAND MEETING OF THE PALACE OF THE MUTUALITÉ: WHICH POLITICS FOR THE CIVILIZATION?

Tania Coelho dos Santos

Pós-doutorado no Departamento de Psicanálise de Paris VIII
Professor Associado, nível II no Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica/UFRJ
Pesquisadora do CNPQ nível 1 C
Presidente da Associação Núcleo Sephora de pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo
Psicanalista da Escola Brasileira de Psicanálise e da Associação Mundial de Psicanálise
taniacs@openlink.com.br

Mais uma vez, um movimento enérgico e surpreendente cresce sob a batuta de Jacques Alain Miller. Como se não bastasse o fôlego demonstrado ao longo do oitavo número do *Le Nouvel l'Âne*, um evento multidisciplinar atraiu 1300 pessoas ao Palácio da Mutualité. Um esforço gigantesco para reagir à política avaliadora que cresce e devora um grande numero de segmentos sociais. A distribuição de verbas para a saúde e a educação dependem cada vez menos da qualidade dos programas nessas áreas e cada vez mais da produtividade, avaliada quantitativamente, dos serviços públicos.

Que política é essa e que civilização estamos construindo? Um debate corajoso reuniu psicanalistas, sociólogos, historiadores, políticos, poetas e filósofos. Não tardaremos a ouvir os ecos desse grande encontro.

Fui surpreendida, de improviso, durante esse encontro por um convite de Jacques-Alain Miller para que falasse do sistema de avaliação das pós-graduações e da pesquisa no Brasil. O pequeno texto que se segue contém as afirmações que constaram da minha intervenção. Acredito que os colegas da EBP possam ter interesse em conhecê-las.

A avaliação da produtividade das pós-graduações e dos professores - que nelas dirigem as pesquisas de nível de mestrado e de doutorado - caiu sobre nós, há quase vinte anos, como um pesadelo.

A mentalidade avaliacionista nascente nos transformou, do dia para a noite, em objetos de observação permanente, regulada, distintiva e quantificadora. Quem nos avalia? O Estado? As autoridades? Não. No Brasil nos somos avaliados por nós mesmos, na qualidade de professores de pós-graduação e de pesquisadores. Como já havia dito Jacques-Alain Miller, em seu artigo "O homem sem qualidades"¹, nós somos convidados a funcionar como indivíduos coletivos. Ensinamos, pesquisamos, nos organizamos em grupos, verdadeiras comunidades de auto-avaliação como: refferees, peer groups, em comitês de ética e outros comitês ditos científicos, onde

participam a maior parte, senão todos e cada um de nós. Sobretudo, somos submetidos à nossa própria *expertise*. Antes que seja questão de qualidade ou de valor científico, é preciso que nos coloquemos de acordo sobre os padrões válidos para cada área do conhecimento.

As agências de avaliação no Brasil – Coordenação de Aperfeiçoamento de Professores do Ensino Superior e Conselho Nacional de Pesquisa – e também, muitos professores e pesquisadores, acreditam que o sistema de avaliação é a realização de uma utopia democrática. Avalie-se, você mesmo!

Por quê? Fomos submetidos, em nosso passado recente às privações de liberdade da ditadura. O medo do autoritarismo empurrou a comunidade universitária na direção de constituir comitês de avaliação. Graças ao fantasma do autoritarismo, a mentalidade avaliacionista se impôs, não sem resistência mas, principalmente, porque não encontramos outra saída entre a mentalidade autoritária e o Outro que não existe.

Não existe mais, entre nós, um Grande Pai. Recaiu sobre nós a responsabilidade de distribuir o investimento do Estado na educação e na pesquisa científica. Não há um critério único imposto de cima para baixo.

Quanto a nós, psicanalistas, professores e pesquisadores, que exercemos nosso ofício em programas de pós-graduação *stricto sensu*, tivemos muita dificuldade de acompanhar esse longo processo. Tardamos em compreender e em aprender a viver nesse universo administrativo.

Em contrapartida, nós somos muito numerosos na universidade. Para preservar nosso espaço e aumentá-lo um pouco mais, nos dobramos à regra fundamental do sistema: não deve haver professor na universidade sem mestrado e doutorado.

Muitos dentre nós obtiveram seus diplomas no Departamento de Psicanálise de Paris, fundado por Jacques Lacan e dirigido por Jacques-Alain Miller. Atualmente estamos reunidos em torno de uma proposta para fazer parte da Associação de pós-graduação e pesquisa em psicologia. Trata-se, nessa associação, de defender nossa disciplina para que ela não seja avaliada com critérios desenvolvidos no campo das ciências duras. A orientação lacaniana se fará representar por um grupo de trabalho que desenvolverá o seguinte tema: "Inovações no ensino e na pesquisa em psicanálise pura e aplicada". Nós desejamos incluir os significantes lacanianos no Outro da avaliação no Brasil.

NOTA:

1. Originalmente publicado na *Revue de La Cause Freudienne* com o título de "L'ère de l'homme sans qualités". Tradução publicada na Revista *aSEPHallus*, Ano I, n. 1. Disponível na Web em <http://www.nucleosephora.com/asephallus/numero_01/traducao.htm>.

Texto recebido em: 11/02/2008.

Aprovado em: 18/04/2008.

INTERVENTION AU GRAND MEETING DU PALAIS DE LA MUTUALITE: QUELLE POLITIQUE DE CIVILISATION?**INTERVENTION IN THE GRAND MEETING OF THE PALACE OF THE MUTUALITÉ: WHICH POLITICS FOR THE CIVILIZATION?**

Tania Coelho dos Santos

Post-doctorat au Département de Psychanalyse à Paris VIII
Professeure Associée niveau II au Troisième Cycle en Théorie Psychanalytique
Chercheuse au CNPQ niveau 1 C
Présidente de l'Association Noyau Sephora pour la recherche sur le moderne et contemporain
Psychanalyste de l'École Brésilienne de Psychanalyse et de l'Association Mondiale de Psychanalyse
taniacs@openlink.com.br

Encore une fois, sous la direction de Jacques-Alain Miller, croît un mouvement énergique et surprenant. En addition au souffle démontré au long de l'huitième numéro du *Le Nouvel Âne*, une rencontre multidisciplinaire a reçu 1300 personnes au Palais de la Mutualité. Un effort intense pour tenter de réagir à la politique évaluationniste qui grandit et dévore plusieurs groupes sociaux. La distribution de morceaux de budget pour la santé et l'éducation dépend de moins en moins de la qualité de ceux-ci, et de plus en plus de la productivité en termes quantitatifs des services publics.

Quelle est cette politique que nous construisons? Un débat courageux a réuni psychanalystes, sociologues, historiens, politiciens, poètes et philosophes. Nous ne tarderons pas à entendre les échos de cette grande rencontre.

J' ai été surprise pendant cette rencontre, par une demande de Jacques-Alain Miller, que je parle, à l'improviste, du système d' évaluation des troisièmes cycles et de la recherche au Brésil. Le petit texte qui se suit, contient le contenu de mon intervention. Je crois que les collègues de l' EBP s'y intéresseront peut-être.

L' évaluation de la productivité des troisièmes cycles et de celle des enseignants qu'y dirigent la recherche niveau Diplôme d' études approfondies et doctorat est un vrai cauchemar que nous est tombé dessus il y a, environs 20 ans.

La mentalité évaluationniste nous a transformés, de jour à nuit, en objets d'observation permanente, régulée, distinguée, quantifiée. Qui nous évalue? L' État? Les autorités? Non. Au Brésil nous sommes évalués par nous mêmes en tant qu' enseignants et chercheurs. Comme le disait Jacques Alain Miller, dans son article publié à La Revue de la Cause numero 57 : "L'ère de l'homme sans qualités" – nous sommes invités à devenir des individus collectifs. Nous enseignons, nous

cherchons et nous nous organisons en groupes d'autoévaluation. Refferees, peer groups, comités d'éthique, comités scientifiques où participent la plupart de nous.

Avant tout, nous sommes expertisés par nous mêmes. Avant qu'il soit question de qualité ou de valeur scientifique, il faut qu'on se mette d'accord, qu'on se mette au pas des standards valables pour tout un chacun.

Les agences d'évaluation au Brésil – Coordination pour le perfectionnement des enseignants du niveau supérieur et et Conseil National pour la recherche scientifique – croient que tout ça c'est l'utopie démocratique accomplie. Pas d'évaluation extérieure! Évalue-toi, toi même!

Nous avons subi, dans notre passé récent, les horreurs de la dictature. La peur de l'autoritarisme pousse la communauté universitaire à la constitution de comités d'évaluation. Grâce au phantasme de l'autoritarisme, la mentalité évaluacioniste s'est imposée, non sans résistance mais, plutôt parce qu'on n'a pas trouvé une issue entre la mentalité autoritaire et l'Autre qui n'existe pas.

Il n'y a plus, chez nous, un grand père. Á nous, est revenue la responsabilité de distribuer l'investissement de l'état dans l'éducation et dans la recherche scientifique. Il n'y a pas de critère unique imposé de haut en bas.

Quanto á nous, psychanalystes, enseignants et chercheurs aux troisièmes cycles, nous avons du mal à accompagner ce long processus. Nous avons tardé à le comprendre et à apprendre à vivre dans cet univers administratif.

Par contre nous y sommes nombreux. Pour préserver notre espace et encore gagner un peu plus nous nous sommes pliés à la règle majeure du système: pas d'enseignant à l'université qui ne soit diplômé en DEA et doctorat.

Beaucoup d'entre nous l'on obtenu au Département de Psychanalyse de Paris 8, fondé par le Docteur Lacan et dirigé par Jacques Alain Miller.

En ce moment nous nous sommes réunis, en proposant d'intégrer l'Association des troisièmes cycles et de la recherche en Psychologie. Il s'agit, dans cette association, de défendre notre discipline de l'évaluation par des critères développés au champ des sciences dures. L'orientation lacanienne se fera représenter par un Groupe de Travail qui développera le thème suivant: Innovations dans l'enseignement et dans la recherche en psychanalyse pure et appliquée. Nous souhaitons pouvoir inclure les signifiants lacaniens dans l'autre de l'évaluation de la psychologie au Brésil.

Paris 10/02/2008

Révue: 11/02/2008.

Approuvé: 18/04/2008.

A CAUSA DO CRIME**THE CRIME'S REASON****Maria José Gontijo Salum**

Psicanalista

Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica/Universidade
Federal do Rio de Janeiro
mgontijo.bhe@terra.com.br

Resenha do livro:

TENDLARZ, S.E.; GARCÍA, C.D. **A quién mata el asesino?** Buenos Aires:
Grama Ediciones. 2008, 203 p.

A ambigüidade presente na pergunta que intitula o livro de Silvia Tendlarz e Carlos Garcia pode escapar ao senso comum e ser respondida pelo discurso da obviedade. Nesta pergunta, os três eixos que direcionam o percurso dos autores ao longo da obra podem ser evocados: o ato de matar, quem o executa, e em direção à qual objeto. Cada um desses aspectos será extensamente trabalhado por eles.

O ato de matar - um homicídio - será relacionado a passagem ao ato, ato que deverá ter como consequência uma resposta jurídica, mas, também, uma resposta do sujeito. Contudo, a grande contribuição dos autores diz respeito à análise que eles fazem em relação a que se dirige o ato; isto é, considerar que o ato é orientado pelo objeto, além da vítima. Ao tomarem esta via, eles privilegiaram o trabalho na perspectiva do que conhecemos, com Jacques-Alain Miller, como o último ensino de Lacan.

Através de casos célebres da psicanálise e da literatura, a vertente do objeto é desenvolvida, considerando que, a partir dessa noção, está incluído o conceito lacaniano de gozo. Os autores lembram que o próprio Freud, ao dizer que o neurótico condensa crime e expiação, afirmava que alguns crimes são mais suicídios, embora envolvessem outra pessoa. Nesse mesmo sentido, Lacan, em sua tese de doutorado conhecida como o caso Aimée, apresentou o crime de autopunição, que consiste em matar através do outro o inimigo interior.

No encontro com aquele que cometeu um ato criminoso, o analista praticante não responde à pergunta que dá título ao livro pela obviedade, ele está advertido da complexidade que envolve esses atos.

Assim, a psicanálise tentará precisar para cada um, a incidência do crime e do encontro com a justiça. Ao interrogar o lugar que ocupa o criminoso em relação a seu crime o analista visa a responsabilidade, ou seja, a resposta de sua posição de sujeito, como nos ensinou Lacan.

Pode-se dizer que a psicanálise tem uma contribuição substancial a oferecer à Criminologia e seus impasses na contemporaneidade e, para desenvolver essa publicação, os autores fizeram um percurso em torno dos trabalhos de diversos psicanalistas em relação aos crimes e aqueles que os cometeram. Do sentimento de

culpa em Freud, aos trabalhos de Alexander e Staub, Aichhorn, Guiraud, Legendre, dentre outros, chegando à contribuição de Lacan.

As conseqüências que podemos tirar em nossa prática na conexão da Psicanálise com o Direito, a partir do texto de Criminologia de Lacan são extraídas, além do percurso lacaniano em torno dos fundamentos deste tema, desenvolvido ao longo do seu ensino. A partir de Jacques-Alain Miller e suas considerações sobre o último ensino de Lacan, a clínica contemporânea da violência é elucidada.

Como os próprios autores explicitam, o interesse do livro é elucidar as questões que envolvem os atos criminosos na perspectiva psicanalítica, à luz de fragmentos de casos de psicose e de *serial killers*. Essa escolha é justificada devido à distinção, lembrada por Miller entre os crimes do imaginário, os do estágio do espelho; os crimes do simbólico, os regicidas, os que matam um representante de autoridade; e os do real, mistura do simbólico e real. Os dois primeiros tipos de crimes já foram bem explorados por vários autores da psicanálise, mas, sobre os crimes do real, ainda pairava um silêncio.

Os *serial killers* seriam exemplos dos crimes do real, por isso a opção em debruçar sobre este tipo de crime. Constatamos que diante dos crimes em série, geralmente há uma oscilação entre o diagnóstico de perversão e psicose. Através de estudos de alguns casos, os autores tentam sustentar que se trata de crimes realizados a partir da estrutura psicótica e a referência é a psicose ordinária.

Para iniciar o estudo proposto, no primeiro capítulo, o livro contextualiza como a subjetividade de nossa época está afetada pelo fenômeno da violência. A violência é vista como um significante mestre que se impôs no discurso social. Walter Benjamin, Wolfgang Sofsky, Eric Hobsbawm, Zygmunt Bauman, são alguns dos autores citados para discutir o fenômeno da violência contemporânea.

Porém, para a psicanálise, mais além do fenômeno, interessa perguntar sobre a estrutura da violência e das subjetividades envolvidas. E os autores perguntam se haveria uma diferença na forma de apresentação da violência na contemporaneidade.

O livro apresenta todo um percurso histórico que permite traçar as raízes da equação violência, crime e anormalidade que vemos hoje. Leva, também, em consideração as conseqüências desta equivalência para os que cometeram crimes, como podemos ver através da designação do criminoso como um monstro, tal como ocorre nos casos dos *serial killers*. Canguilhem e Foucault são as grandes fontes para apresentar as hipóteses sobre esse tópico.

A partir do século XVIII, numa sociedade que começava a implantar as classificações para ordenar o mundo, o criminoso passou a ser localizado como aquele que foge a norma – ele é um monstro. O monstro sempre foi considerado, desde a idade média, como aquele que mistura características antagônicas – humano e animal, espécies, sexos, formas. O monstruoso é aquele que transgredir os limites das classificações e da lei. A partir do século XIX, começou a instaurar-se a crença de que a monstruosidade estaria presente em todo ato criminoso.

O direito concebe o homem como um indivíduo responsável e consciente, capaz de agir pela razão para governar seus atos. Quando esse homem idealizado comete um crime, a justiça tentará buscar os motivos que o levaram a cometer tal desatino. Agir fora dos limites da razão é concebido como algo que escapa ao que é próprio do ser humano. Dessa forma, a punição penal, cada vez mais, passou a recair sobre um indivíduo perigoso, inadaptado ou enfermo, sobre o qual se deve corrigir e normalizar. As perícias de sanidade mental surgiram nesse contexto. Elas teriam a função de estabelecer os limites da doença mental para determinar uma punição penal ou um tratamento médico.

A psicanálise não leva em consideração essas designações do criminoso monstro e perigoso; ao contrário, ela se orienta pelo ato. Por isso, Lacan desenvolveu os

conceitos de *acting out* e passagem ao ato. Para ele, o ato de matar marca um tempo, um antes e um depois. Depois do ato, supõe-se que a posição do sujeito não será mais a mesma.

Para os autores, em todos os casos deverá ser buscada uma implicação subjetiva em relação ao crime. O que não equivale a dizer que para todos os casos a psicanálise deverá ser indicada. Contudo, no acompanhamento desses casos, o psicanalista deverá procurar localizar se ocorreu uma mudança, e é nisso que consiste a responsabilidade, que é de um sujeito. Trata-se de verificar se há uma resposta subjetiva ao ato.

Assim como existem diversas respostas em relação ao ato, ocorrem distintas passagens ao ato relacionadas a cada uma das estruturas clínicas. A passagem ao ato acontece nas diferentes estruturas, mas sua função não é a mesma em cada uma delas. Considerando a temporalidade lógica, a passagem ao ato corresponde ao tempo de concluir. Por isso, em alguns casos, como em Aimée, o ato traz como consequência a retração do delírio. Sabemos que isso não ocorre em todos eles, e os autores lembram a diferença de uma passagem ao ato na esquizofrenia, que pode desencadear um delírio, da paranóia de autopunição, caso de Aimée, que estabiliza. De qualquer forma, nos dois casos vemos a presença de um antes e um depois do ato.

Isso é diferente das repetidas passagens ao ato presentes nos casos de *serial killers*, esses atos colocam um impasse. Nesses crimes em série não é possível dizer que concluíram algo com a passagem ao ato. Ao contrário, o que se apresenta é um deslocamento metonímico dos atos, o que leva os autores a sustentarem a noção de delírio em ato.

Diante desses crimes que têm aumentado nos últimos tempos, aqueles que os praticam são, atualmente, considerados os monstros, as novas bestas feras da humanidade. Quanto mais brutal e injustificado o crime, mais se usa os termos perverso, malvado e, principalmente, monstro. Nos Estados Unidos, o conceito de maldade tem sido explorado para justificá-los. Bollas, citado pelos autores, é um dos principais teóricos sobre esta temática, chegando a propor uma teoria do mal.

A psicanálise também possui uma teoria do mal. Segundo Lacan, o mal é *kakon*, o inimigo interior, que se tenta eliminar através do ato homicida. *Kakon* é o objeto, o ser golpeado no exterior que é o mais íntimo. Para Lacan, não se trata de uma projeção. Topologicamente não existe oposição entre dentro e fora, o exterior é o mais íntimo. Portanto, para respondermos a pergunta do título, é preciso que nos orientemos pelo objeto, o *kakon*.

O homicídio, como todo ato, tem consequências. Em resposta a ele as legislações determinam a culpa do acusado e o castigo a ser aplicado. É assim em todas as sociedades e, em todas elas, a relação entre crime e lei se manifesta através de castigo, conforme Lacan.

O juiz determina a responsabilidade penal levando em conta dois elementos: discernimento do bem e do mal e a livre vontade ou liberdade para que possa escolher um ou outro. Os psicóticos, assim como os menores de idade, são considerados exceções à imputação de uma pena, de um castigo.

Para os autores há um impasse na Argentina em relação aos adolescentes. Segundo eles, o código desse país ainda não encontrou uma punição diferente da internação. Então, os adolescentes são punidos como os adultos, apesar de serem considerados imputáveis. Neste sentido, o Brasil, com a experiência das medidas sócio-educativas previstas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA –, teria algo a transmitir sobre uma forma de responsabilização diferente do aprisionamento. Trata-se de levar em consideração que há outros modos de se responsabilizar, além da punição penal de aprisionamento e do castigo.

Contrapondo ao discurso jurídico, onde a responsabilidade é correlata ao castigo e a culpa, a psicanálise diferencia responsabilidade de culpa. A culpa não é o sentimento de culpa, ela é estrutural. Para a psicanálise de orientação lacaniana, a culpa é da ordem da causa, e a responsabilidade é o efeito. A responsabilidade é a resposta do sujeito diante da causa.

A psicanálise não se envereda na procura dos motivos dos crimes, ela se interessa pela causa. Nesse sentido, vale lembrar a definição de sujeito para Lacan: resposta do real. Diante do real do gozo, o sujeito responde. Portanto, a noção de gozo está envolvida na passagem ao ato homicida. Trata-se de uma satisfação que não remete a nenhuma razão, mas a um tratamento do gozo.

A partir dessa constatação, os autores trazem à tona os casos célebres de psicóticos que cometeram crimes, analisando-os na perspectiva de uma forma de tratamento do gozo pulsional. Passo a passo, serão questionados os argumentos da psiquiatria que classifica os *serial killers* no quadro das psicopatias.

Para a psicanálise, o conceito de psicopatia mantém a dubiedade diagnóstica entre perversão e psicose. Assim, os casos de *serial killers* descritos na literatura são discutidos à luz do tratamento do gozo pulsional e os autores recorrem ao empuxe à mulher para analisar alguns deles. Pode-se depreender desse livro que os *serial killers* podem ser considerados novas formas de apresentação das passagens ao ato nas psicoses no mundo.

O psicanalista, cada vez mais, tem sido convidado a operar na interface do Direito com a Psicanálise. A contribuição da Psicanálise neste campo, em termos epistêmicos, da prática e da política é hoje inquestionável. Silvia Tendlarz com seus trabalhos sobre passagem ao ato é, há muito, uma referência neste campo para a psicanálise de orientação lacaniana. Agora, junto com Carlos Dante Garcia, nos traz, novamente, pontos cruciais para seguirmos avançando em nosso trabalho.

Texto recebido em: 19/10/2007

Aprovado em: 14/11/2007

Normas para Publicação de Trabalhos

I. Objetivo

A Revista eletrônica **aSEPHallus** é uma publicação temática, semestral, do Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Ela tem por finalidade publicar artigos originais, nacionais ou estrangeiros, tais como: relatos de pesquisa em psicanálise pura e aplicada, ensaios sobre a formação do psicanalista e do pesquisador em psicanálise, relatos de casos clínicos aprovados pelo comitê de ética da instituição de origem do pesquisador, resenhas e textos relativos à atualidade da teoria, clínica e política de orientação lacaniana.

Todos os manuscritos enviados para publicação devem seguir as normas e critérios de publicação descritos abaixo.

II. Critérios para publicação de contribuições

Os artigos teóricos ou clínicos, bem como ensaios ou resenhas e textos sobre a atualidade deverão ser inéditos e serão apreciados pelo Conselho Editorial, segundo o rigor epistemológico, a pertinência clínica e a relevância política para o ensino da psicanálise na universidade e a formação de psicanalistas. O Conselho poderá fazer uso de consultores *ad hoc* a seu critério. Os autores serão notificados da aceitação ou recusa de seus artigos em um prazo médio de três meses.

Caso sejam recomendadas modificações no texto, o autor será notificado e encarregado de providenciá-las, devolvendo o trabalho reformulado no prazo máximo de quarenta e cinco dias.

III. Ineditismo do material e direitos autorais

A inclusão de um manuscrito na revista **aSEPHallus** implica a cessão imediata e sem ônus dos direitos de publicação nesta revista, a qual terá exclusividade de publicá-las em primeira mão. O autor continuará, no entanto, a deter os direitos autorais para publicá-lo posteriormente na íntegra ou reproduzi-lo parcialmente.

IV. Envio do material

O autor deverá enviar o trabalho preferencialmente pela Internet para o editor – Tania Coelho dos Santos – pelo seguinte endereço eletrônico: taniacs@openlink.com.br

Ou, ainda, pelo correio convencional, também aos cuidados do editor:

Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de psicologia, UFRJ.
Avenida Pasteur, 250 - Fundos, Urca, Rio de Janeiro-RJ.
CEP: 22.290-902.

No caso de envio pelo correio convencional, deverá vir acompanhado de uma cópia impressa e a mesma versão gravada em CD.

Todos os artigos deverão ser acompanhados de uma carta de encaminhamento, assinada por um dos autores, atestando que o artigo é inédito e que não fere as normas éticas da profissão. Os autores são inteiramente responsáveis pelo conteúdo dos seus artigos publicados.

Os autores serão imediatamente notificados, preferencialmente por e-mail, sobre o recebimento do manuscrito pelo Conselho Editorial.

Orientação para a organização do material:

Folha de rosto identificada – Título em português e título em inglês, compatível com o título em português. Nome do(s) autor(es), seguido de créditos acadêmicos e profissionais. Endereços postal e eletrônico do(s) autor (es), números de telefone/fax.

Folha de rosto sem identificação – Título em português e título em inglês, compatível com o título em português.

Folha de resumo - Resumo em português, com 100 a 150 palavras. Palavras-chave em português (no mínimo três e no máximo cinco palavras). *Abstract* em inglês, compatível com o texto do resumo. *Keywords* em inglês, traduções compatíveis com as palavras-chave usadas em português.

Texto – O texto deverá começar em nova página e o título do trabalho estar centrado no topo da mesma. As páginas deverão estar numeradas sequencialmente. Cada subtítulo deverá ser separado do período anterior por um parágrafo apenas. O texto integral poderá ter o tamanho entre 10 e 30 laudas com 25 linhas cada, em letra do tipo Verdana, tamanho 11.

Quando o artigo for um relato de pesquisa, além das páginas de Rosto e Resumos, o texto deverá apresentar ainda Introdução, Metodologia, Resultados, Discussão e Referências. Outros subtítulos poderão ser acrescentados, se necessário. Do mesmo modo, em alguns casos, resultados da pesquisa e a discussão sobre eles poderão ser apresentados juntos, embora não recomendemos esta estratégia como regra geral.

Informe, no texto, a inserção de figuras e tabelas que deverão ser apresentadas em anexo.

Resenhas - As resenhas não deverão ultrapassar o tamanho de 3 laudas de 25 linhas cada, em letra do tipo Verdana, tamanho 11. Não necessitam vir acompanhadas de resumo e palavras-chave. No entanto, seu título deverá ser traduzido para a língua inglesa. É importante mencionar o título, o autor e todas as referências do livro resenhado, inclusive o número de páginas. No caso de utilização de citações e referências bibliográficas, as normas serão as mesmas usadas para os artigos.

Padrão das notas – As notas poderão ser utilizadas em número mínimo, quando forem indispensáveis. Elas serão indicadas por algarismo arábicos no corpo do texto utilizando o modo "sobrescrito" do Word e listadas ao final do texto, antes das Referências Bibliográficas, sob o título "Notas".

Anexos – Figuras, grafos, desenhos, ilustrações, fórmulas, etc., poderão ser anexadas ao texto. Eles devem ser preparados de forma clara e precisa para a editoração, contendo todos os traços, sinais e barras devidamente dispostos.

V. Citações e referências no corpo do texto

Observe as normas de citação abaixo, dando crédito aos autores e às datas de publicação dos estudos referidos.

Citações

- Literais até 3 linhas: devem ser inseridas no parágrafo entre aspas duplas, sem alterações do tipo de letra, e acompanhadas do nome do autor, ano e página do trabalho de onde foi copiada.

Ex.:

Em 1892, Freud afirma que “transforma-se em trauma psíquico toda impressão que o sistema nervoso tem dificuldades em abolir por meio do pensar associativo ou da reação motora” (FREUD, 1892, p. 216).

- Com mais de três linhas: devem ser colocadas em parágrafo diferenciado, alinhadas à direita, com recuo de três centímetros à esquerda, entre aspas duplas, em Verdana, tamanho 10. Também deverão ser acompanhadas do nome do autor, ano e página do trabalho de onde foi copiada.

Ex.:

“O desenvolvimento do eu consiste num afastamento do narcisismo primário e dá margem a uma vigorosa tentativa de recuperação desse estado. Esse afastamento é ocasionado pelo deslocamento da libido em direção a um ideal do eu imposto de fora, sendo a satisfação provocada pela realização desse ideal” (FREUD, 1914, p. 117).

- Artigo de mais de um autor:

Artigo com dois autores: cite os dois nomes sempre que o artigo for referido;

Ex: (MILLER et LAURENT, 1997)

Artigo com três a cinco autores: cite todos na primeira vez em que mencioná-lo; daí em diante use o sobrenome do primeiro autor seguido de *et al.* e da data. No entanto, na seção Referências Bibliográficas, todos os nomes dos autores deverão ser relacionados.

Ex.: (SARTER, BERNSTON e CACIOPPO, 1996) e (SARTER et al, 1996).

Artigo com seis ou mais autores: cite apenas o sobrenome do primeiro autor, seguido de *et alli* e data. Porém, na seção Referências Bibliográficas, todos os nomes dos autores deverão ser relacionados.

- Referência a autor sem citação: deverá ser feita no corpo do texto, mencionando somente o sobrenome do autor, acrescido do ano da obra e da página, se houver.

Ex.: (FREUD, 1985), (FREUD, 1920, p. 56).

- No caso de textos ou obras cuja edição seja importante, colocar o ano do texto ou da obra seguido do ano da edição utilizada, acrescentando a página, se houver.

Ex.: (FREUD, 1914/2004), (FREUD, 1914/2004, p. 113).

- No caso de haver coincidência de datas de um texto ou obra, distinguir com letra (FREUD, S., 1895a, 1895b...), respeitando a ordem de entrada no artigo.
- No caso de compilação de textos de um mesmo autor em uma obra, colocar o ano do texto seguido do ano da edição da obra utilizada, bem como da página, se houver.

Ex.: (LACAN, [1965] 1996, p. 864).

- Citação secundária: trata-se da citação de um artigo mencionado em outra obra consultada, sem que o original tenha sido utilizado no texto.

Ex.: "Freud (1914, *apud* Eiguer, 1998)...". No entanto, na seção de Referências Bibliográficas, citar apenas a obra consultada (no caso, todas as informações sobre EIGUER, 1998).

VI. Referências Bibliográficas utilizadas

Devem ser colocadas ao final do texto e vir em ordem alfabética, começando pelo último nome do autor em maiúscula, seguido apenas das iniciais do nome ou do nome escrito somente com a primeira letra em maiúscula.

Ex.: FOUCAULT, M.

FREUD, Sigmund.

Referência a Livros – sobrenome do autor em caixa alta, iniciais do primeiro nome seguidas de ponto, ano em que foi escrito ou ano da edição entre parênteses, título em negrito. Cidade: editora, ano da edição (se não foi citado no início).

Ex.: LACAN, Jacques. (1969-70) **O Seminário. Livro XVII: O avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991.

CANGUILHEM, G. (1977). **Ideologia e racionalidade nas ciências da vida**. Lisboa: Edições 70.

Artigo de livro – sobrenome em caixa alta, iniciais do autor, ano da edição entre parênteses, título entre aspas, seguido de vírgula e da palavra In: (sem itálico) e o título do livro em negrito, nome do coordenador/organizador entre parênteses, cidade, editora, ano da edição.

Ex.: COTTET, S. "Efeitos terapêuticos na clínica psicanalítica hoje", in COELHO DOS SANTOS, T. (Org.) **Efeitos terapêuticos na psicanálise aplicada**, Rio de Janeiro: Contracapa, 2005, p.11-40.

No caso de um artigo cuja edição seja importante, colocar o ano do texto ou da obra seguido do ano da edição utilizada.

Ex.: FREUD, S. (1914/2004). "À guisa de introdução ao narcisismo", In: **Obras completas de Sigmund Freud**. Escritos sobre a psicologia do inconsciente – 1911-1915, Rio de Janeiro: Imago, vol. 1, p.97-131.

Artigo de revistas – sobrenome do autor em caixa alta, iniciais do autor, ano da edição entre parênteses, título entre aspas, nome da revista em negrito, cidade: editora, número, volume (se tiver), ano, páginas (usar "p." para o singular e o plural).

Ex.: LACAN, J. "Proposição de 9 de outubro de 1967 – primeira versão", **Opção Lacaniana**, São Paulo: Éólia, n. 16, 1996, p.5-12.

Se a revista for paginada por fascículo, incluir o número do fascículo, entre parênteses, sem sublinhar, após o número do volume.

Artigo de revista no prelo – sobrenome do autor em caixa alta, iniciais do autor. No lugar do ano, indicar que o artigo está no prelo. Incluir o nome do periódico em negrito, após o título do artigo. Não mencionar data e número do volume, fascículo ou páginas até que o artigo seja publicado.

Capítulo ou parte de livro – sobrenome em caixa alta, iniciais do nome do autor, ano da edição entre parênteses, título da parte entre aspas, inserir In: seguido do título do livro em negrito, cidade: editora.

Ex.: LACAN, J. (1946/1996) "Propos sur la causalité psychique", In: **Écrits**. Paris: Seuil.

Trabalho apresentado em congresso, mas não publicado:

Ex.: FERES-CARNEIRO, T. (1998, dezembro). **A transformação das relações familiares no mundo contemporâneo**. Trabalho apresentado no II Encontro sobre Direito de Família em Discussão, Rio de Janeiro, RJ.

Trabalho apresentado em congresso com resumo publicado em anais:

Ex.: RUDGE, A.M. (2000) Pressupostos da "nova" crítica à psicanálise. In: Sociedade Brasileira de Psicologia (Org.), **Psicologia no Brasil: diversidade e desafios, XXX Reunião de Psicologia** (p.27). Brasília: Universidade de Brasília.

Teses ou dissertações não publicadas:

Ex.: ANTUNES, M.C.C. (2002). **O discurso do analista e o campo da pulsão: da falta de gozo ao gozo com a falta**. Tese de doutorado. Curso de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. RJ.

Obras retiradas de meios eletrônicos (CD-ROM, disquetes, etc.) – sobrenome em caixa alta, iniciais do nome do autor, ano da edição entre

parênteses, título da obra em negrito, acrescidos das informações relativas à descrição física do meio eletrônico.

Ex.: KOOGAN, A.; HOUAISS, A. (ED.) **Enciclopédia e dicionário digital 98**.
Direção geral de André Koogan Breikmam. São Paulo: Delta: Estadão,
1998. 5 CD-ROM.

Obras consultadas on line – sobrenome em caixa alta, iniciais do nome do autor, ano da edição entre parênteses (se houver); título da obra em negrito, acrescidos das informações relativas ao endereço eletrônico apresentado entre os sinais <>, precedido da expressão Disponível em: e a data de acesso ao documento precedida da expressão Acesso em:

Ex.: ALVES, Castro. (2000) **Navio negreiro** [S.I]: Virtual Books. Disponível em
<http://www.terra.com.br/virtualbooks/freebook/port/Lport2/navionegreiro.htm>. Acesso em: 10 jan. 2002.

Comunicação pessoal - cite apenas no texto, dando o sobrenome e as iniciais do emissor e data. Não inclua nas referências.

Outros casos – deverão ser citados em conformidade com as normas da ABNT contidas na NBR 10520 e NBR 6023, de 29/09/2002.

VII. Procedimento referente à recepção de um manuscrito

A apreciação inicial estará a cargo do Conselho Editorial. Se estiver de acordo com as normas e for considerado como publicável pela revista **aSEPHallus**, será encaminhado para Consultores *ad hoc*. Estes recomendarão sua aceitação para publicação (eventualmente condicionada a modificações que visam melhorar a clareza e objetividade do texto) ou sua rejeição. Cabe ao Conselho Editorial a decisão final sobre a publicação de um artigo. Esta decisão será comunicada ao autor, bem como a data em que será publicado.

O Conselho Editorial reserva-se o direito de fazer pequenas modificações não substanciais no texto dos autores sempre que isso contribuir para agilizar o processo de submissão ou de publicação dos manuscritos. Os textos poderão sofrer correções gramaticais, adequações estilísticas e editoriais ou, ainda, inserção de notas - Notas de Redação (N.R.) ou Notas do tradutor (N.T.), no caso de textos traduzidos.

Os originais e o disquete e/ou CD enviados pelos autores não serão devolvidos.

VIII. Reformulação do manuscrito e processo para submissão final

Quando os manuscritos forem recomendados para aceitação com modificações, seus autores deverão enviá-lo reformulado para o editor, pela Internet, para o seguinte endereço eletrônico: taniacs@openlink.com.br, acompanhado de um informe sobre as alterações realizadas.

Caso o autor não queira realizar as modificações sugeridas, deve justificar sua decisão. Esta mensagem e o manuscrito reformulado serão encaminhados a um dos Conselheiros Editoriais, juntamente com os pareceres dos consultores *ad hoc* e a versão original do manuscrito para uma avaliação final.

IX. Roteiro para a emissão de parecer Ad Hoc

Título do trabalho _____

O título é pertinente?

☐ sim ☐ não sugestões _____

O resumo é adequado?

☐ sim ☐ não sugestões _____

As palavras chave são adequadas?

☐ sim ☐ não sugestões _____

A linguagem é clara e sem ambigüidades e jargões?

☐ sim ☐ não sugestões _____

As articulações teórico-clínicas são precisas?

☐ sim ☐ não sugestões _____

A revisão da literatura é suficiente e as referências corretas?

☐ sim ☐ não sugestões _____

A metodologia de investigação é adequada ao objeto?

☐ sim ☐ não sugestões _____

As conclusões são pertinentes e bem fundamentadas?

☐ sim ☐ não sugestões _____

O trabalho está de acordo com as normas da nossa publicação?

☐ sim ☐ não

O trabalho é original ou relevante?

☐ sim ☐ não justifique seu parecer _____

O trabalho deve ser:

☐ aceito ☐ aceito com reformulações ☐ recusado

Justificativa do parecer _____

- I** – A descrição dos procedimentos de tramitação e arbitragem, bem como as normas de publicação completas encontram-se no link “Instruções aos autores”.
- II** – A linha editorial e a *nominata* dos consultores *ad hoc* utilizados no ano pode ser consultada no link “Corpo editorial”.
- III** – O intervalo médio entre o recebimento, a aprovação e a publicação de um original é de quatro meses.
- IV** – Gestão dos artigos (ref.: Ano III, números 5 e 6):

ARTIGOS	QUANTIDADE
Submetidos	27
Rejeitados	3
Aceitos	24

V – Distribuição do periódico:

O periódico é gratuito e veiculado eletronicamente através de malas diretas dirigidas a um público específico (alunos de psicologia, psicólogos, psicanalistas e profissionais afins). Temos também uma mala direta especificamente dirigida às bibliotecas das universidades e das instituições psicanalíticas do Brasil.

O periódico não possui sistema de assinaturas ou permutas.